

A DEFESA NACIONAL

Fundação em 10 de Outubro de 1913

Ano XXI

Brasil - Rio de Janeiro, 10 de Abril de 1944

N.º 359

SUMÁRIO:

Editorial	551
As Bandeiras das Damas Paulistas — Ten.-Cel. Lima Figueiredo	561
Bandeira, alma de um povo	571
A Fortaleza Européia — Trad. — Ten.-Cel. Paulo Mac Cord	581
O Governo Militar encarado como órgão civilizador — Trad. — Major Newton Franklin do Nascimento	591
Alfabeto Morse — 1.º Ten. Luiz Gonzaga de Mello	601
Aspectos Táticos do Emprego da Artilharia — Trad. — Ten.-Cel. Armando Ferreira de Vasconcellos	611
Coordenadas e Lançamentos — Cap. Pedro Augusto Menna Barreto	643
O Emprego da Secção Extra no Combate — 1.º Ten. Eduardo Simões	649
Carar ou Morrer — Trad. — João B. Santiago Wagner	655
A Companhia de Fuzileiros no Exército dos E.E. U.U. — Trad. — Cap. Nelson R. Carvalho	659
Ponte Tarron — Trad. — 1.º Tenente Luiz Gonzaga de Mello (Continuação)	685
Defesa anti-aérea de uma cidade	699
Fundamentos do Tiro Anti-Carro — Trad. — Cap. Weir Durães Ribeiro	701
São Paulo, seu Governo e o Exército de Caxias	729
Revistas em Revista	733
Livros Novos	737
Noticiário & Legislação	743

ga estes conselhos



erifique os resultados

nos cuidar dos dentes não só para
impos e bonitos, o que é agradável
, mas principalmente para conservá-
los — o que é indispensável ao bem-
e todo o corpo.

Muitas molestias graves — úlceras no
go, affecções renaes, reumatismos,
le cabeça, cegueira, e mesmo a lou-
têm sido ocasionadas por dentes
onados ou cariados.

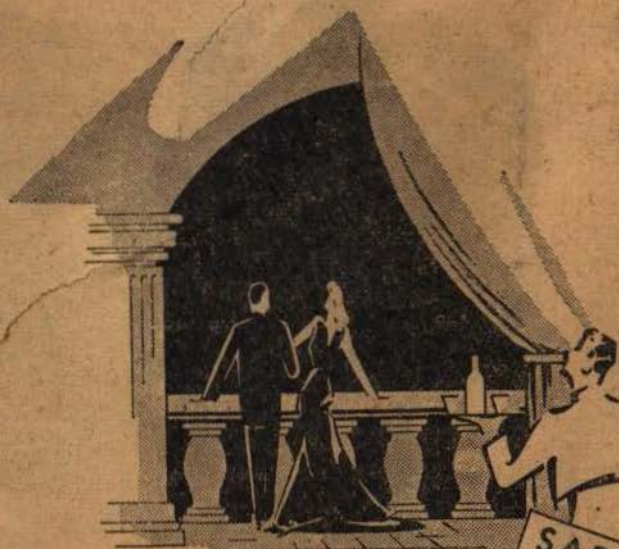
Evite isso, seguindo os conselhos ODC

- 1) Frequente seu dentista pelo menos du-
vezes ao anno.
- 2) Consulte seu medico e seu dentista sol-
o regimen alimentar mais adequado
saude de seus dentes.
- 3) Trez vezes ao dia use sobre uma
cova ODOL um centimetro de pa-
dentificia ODOL. Á noite, boche-
e gargareje com o liquido ODC



- PASTA
- LIQUIDO
- ESCOVA

Odol



SABOROSA
REFRESCANTE
APERITIVO

Água Tônica

DE QUININO



As mulheres elegantes e os homens de bom gosto não prescindem da Água Tônica de Quinino. Usada como aperitivo ou misturada com Gin extra seco Dubar, conserva sempre o seu sabor ligeiramente amargo que é uma delícia para o paladar.

É UM PRODUTO

ANTARCTICA

R. 101

CONTINENTAL



Sport factor de
SAÚDE

GYMNASIA



"Moinho de vento" Gymnastica dos musculos abdominaes 10 vezes



Gymnastica dos musculos das pernas 20 vezes



Extensão dos musculos dos braços 20 vezes



Flexão do tronco 10 vezes



Arqueamento do corpo 10 vezes



"Ponte" 10 vezes



Oscilação do arvore 10 vezes



FLEXÕES DE CABEÇA

De 5 a 15 vezes
cada exercicio



Para o pescoço, o
thorax e as costas.

O corpo humano tem necessidade de exercicio. A vida sedentaria, impedindo a acção normal dos musculos, affects a saúde e favorece o accumulo de reservas gordurosas. A gymnastica evita esses inconvenientes. Para maior efficiency, deve ser praticada como um habito diario, pela manhã, si possível ao ar livre. É um exercicio racional que não rouba tempo, pois requer apenas alguns minutos.

Para sair de casa disposto, com uma physionomia attrahente, deve o homem moderno fazer tres coisas, todas as manhãs: a gymnastica, o banho e a barba. São tres preceitos basicos de hygiene, indispensaveis para se adquirir boa apparencia, que tanto ajuda a vencer na vida. Com Gillette é facil, rapido e economico barbear-se em casa. Adquira uma Gillette e passe a fazer sua propria barba, com laminas Gillette Azul, as unicas rigorosamente assepticas.

Gillette

Caixa Postal 1797 - Rio de Janeiro



S/A Industrias Reunidas F. Matarazzo

FUNDADA EM 1881

A MAIOR ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL
DA AMERICA LATINA.



SOCIEDADES SUBSIDIARIAS

Industrias Matarazzo do Paraná
— Soc. Paulista de Navegação
Matarazzo Ltda. — Fazenda
Amalia-Conde Francisco Matarazzo — S/A Les Parfumes de
Chimène — S/A Industrias de
Seda Nacional — S/A Tecelagem
de Seda Italo-Brasileira

Moinhos de trigo, frigoríficos,
fábricas de óleos; de caroço de
algodão, gergelim, coco, linhaça,
ricino; refinarias de sal, banhas,
açúcar, composto Paulista; fabri-
cas de velas, sabões, sabonetes,
perfumes e cosméticos; giz, pre-
gos, produtos químicos, gasolina,
querosene e óleo cru, louça e
azulejos, amido e dextrina de
mandioca; conservas cítricas;
papel, papelão; fiação, tecela-
gem, tinturaria e estamparia de
seda, raion e algodão; oficina
mecânica e fundição.

POTENCIALIDADE

Area ocupada pelas fábricas	1 milhão de m ²
Operários	20.000
Funcionários	1.200
Técnicos	600
Força motriz	30.000 H. P.
Consumo mensal de energia	de 8 a 10.000.000 Kw. H.
Superfície caldeiras instaladas	12.000 m ²

Material Ferroviário	10 locomotivas e 146 vagões
Teares	5.000
Fusos	150.000
Produção de tecidos de seda, raion e algodão	50.000.000 de metros por ano
Mercadorias transportadas em caminhões próprios	300.000.000 de Kgs. por ano

Prédio Conde Matarazzo: Praça do Patriarcha - Fone 3-5151 - S. PAUL



EDITORIAL

Ha cincoenta anos passados, isto é, a 9 de fevereiro de 1894, consumava-se o sacrifício heróico do General Antônio Ernesto Gomes Carneiro.

O valente e puro soldado, que fez toda a campanha do Paraguai, onde a cada refrega, no dizer do Ten. Cel. Lima Figueiredo, “uma divisa vinha ornar-lhe o braço”, fôra enviado pelo Marechal Floriano para o Paraná, afim de barrar a progressão dos revolucionários federalistas para o Norte.

O que se passou a História regista em página de honra, que tanto lisongeia o nosso orgulho patriótico.

O General Gomes Carneiro, então coronel, durante 26 dias resistiu, com 500 homens, ao cerco e aos contínuos assaltos dos 3.000 federalistas sob as ordens de Gumercindo Saraiva.

Apezar da desproporcionada superioridade dos contrários Gomes Carneiro foi indomavel. Repeliu energicamente todas as propostas de capitulação oferecidas pelo inimigo e não cessava de animar

os seus comandados com o exemplo de uma serena bravidade e de uma inabalável tenacidade.

Morreu em consequência de um ferimento recebido, na manhã de 7 de fevereiro, na trincheira da rua Boa Vista, aonde fôra ter em virtude da crítica situação criada por um poderoso ataque dos federalistas. E' dessa fâse o episódio em que o Cel. Carneiro, está sendo examinado pelo médico e sai pela ferida um pedaço de matéria. Este tenta fazer crer que era um coagulo de sangue, mas Carneiro não se ilude e diz:

— “Qual! é figado: é rijo demais para ser um coagulo de sangue; mas seja qual fôr a gravidade do ferimento, o dr. dirá que o ferimento é leve ”

Dessa forma o indómito defensor da Lapa queria salvaguardar o animo dos seus comandados. E aos officiais que iam consultá-lo no leito de morte repetia:

“Ha uma ordem só: resistir a todo o transe.”

A resistencia não sobreviveu ao seu valoroso chefe senão dois dias.

* * *

A resistencia sustentada por Gomes Carneiro na Lapa, alem do seu alto conteudo heróico, tem um sentido muito importante na nossa História. Foi essa resistencia resoluta, teimosa, intransigente, que atraiu, immobilizou e desfalecou a poderosa colu-

na dos federalistas, a qual se destinava a marchar sobre S. Paulo. Tornou-se possível, destarte, apressar forças suficientes para guarnecer a passagem do Itararé, enquanto em Buenos Aires se concluíam os preparativos da nova esquadra encomendada por Floriano.

Sem Gomes Carneiro ninguém sabe até onde iria Gumercindo Saraiva. E o avanço profundo dos federalistas podia resultar no desmoronamento da difícil situação encarnada por Floriano. O obstáculo da Lapa foi, pois, decisivo. Os revolucionários tropeçaram nele fatalmente e não puderam ir além de Palmeiras. Daí por diante seriam constantemente recalcados para o Sul. O combate de Caroví, onde tombou Gumercindo, marcou o começo da debandada, mas o fracasso dos federalistas fôra decretado na Lapa. Assim, o império da autoridade firmemente restabelecido e a extirpação definitiva do sebastianismo monárquico e parlamentarista ligam-se ao feito extraordinário de Gomes Carneiro.

* * *

Não menor admirável é o aspecto puramente militar desse feito. Basta refletirmos sobre alguns elementos que caracterizaram a ação do General Gomes Carneiro:

I — Rapidez com que cumpriu a missão, pois se deslocou de Tatuí, no Estado de S. Paulo, até

a Lapa, no extremo Sul do Paraná, vencendo, a cavalo, 79 leguas em 6 dias.

II — Apego à missão recebida, o que se patenteia no fato de se ter deixado ficar na Lapa, quando nas circunvizinhanças havia terreno que lhe seria mais favorável.

III — Espirito militar, bem nitido, porque, apesar de estar com enfermidade grave na família, não titubeou em seguir; já na Lapa costumava dizer que se lhe notassem alguma lagrima indiscreta podiam estar certos de que não era por causa das durzas da luta, mas porque estava se lembrando dos seus.

IV — Confiança no chefe, e foi essa certamente uma das molas da conduta do valoroso chefe militar; Gomes Carneiro nunca desesperou de receber auxilio, nem acreditou em franquias por parte dos seus antigos companheiros da campanha do Paraguai.

* * *

É essa figura ímpar, cuja atuação militar num lance dramático teve tanta e tão alta importância no destino nacional, que agora recordamos, aos cinquenta anos do seu sacrifício heróico. Mas não só o bravo merece a nossa admiração; ha no General Gomes Carneiro, bem o vimos, um exemplo muito mais completo. A sua actualidade é, por isso mesmo, absoluta, e consubstancia-se nas virtudes militares que encarnou: rapidez no cumprimento do dever, espirito militar, apego à missão, confiança nos chefes.

17 DE JANEIRO

PEDRO CALMON

A cronologia do assédio lembra a gradação de um termómetro, na sua ascensão fatal. O sacrifício, iniciado frouxamente a 15 de janeiro, afagado a 16 pela esperança de um êxito absurdo, marcava, a 17 os seus traços inevitáveis. O inimigo não se comprazia em atacar um determinado trecho, conquistá-lo, manter-se aí: a sua tenacidade era diferente e bizarra, porque só o animava a velocidade. Tinha, por dizê-lo, uma formula absoluta, a que obedecesse: no menor espaço de tempo, em todos os pontos possíveis. Porisso mostrava-se, feria obliquamente, voluteiava, esgueirava-se, ressaltava além, caía de imprevisito, retirava em fuga, volvia em tropel, circundava, rastejava, sumia-se, e quando o homem entrincheirado se julgava em liberdade, e assomava à tranqueira num impeto curioso, o estrondo do tiro abalava a tropa repousada e recolhia-se o imprudente, livido como quem viu a morte. Era a onnipresença. O gaúcho não deixava o cavalo. O cavalo imprimia-lhe aos movimentos uma desordem apressada. Negaceava. Defensor e atacante resumiam as operações militares num episódio mortífero. A caçada ao inimigo. Os cercos demorados assumem tais aspectos. Não ha meios inteligentes ou brutais, que valham a algum dos lados para desalojar o contrário. A praça assediada é rochedo, o exército sitiante é agua que cavou o leito em torno dele. Não se alteram, na sua impassibilidade de elementos. Então, o general mergulha na contemplação a sua técnica inútil, e sai a campo a féra. Um homem que procura outro homem, desencova-o, foge-lhe ao golpe, derruba-o por seu turno, não importa ocasião, nem situação, nem processo empregado. O tiro

simples não basta. A caçada torna-se empolgante na sua trama de astúcia, agilidade e paciência. O tabaréu revive, habituado à longa espreita, ao passo do índio, à ouvida sutil, à vista milagrosa que descobre, na mais alta rama, o bugio espavorido. Ou então reaparece o sertanejo que briga com a onça, o caipira que entalisca na moita a lazarina encalçando a jaguatirica empoleirada, e adormece sobre a fecharia baleando com o olho de aço antes de dar com o gatilho. Das trincheiras, o jogo não era diverso. Poucos consentiam em mofar no ressalto de terra comendo a sua ceia, trazida nas marmitas pelo mulhierio, familiarizado com a parábola das granadas. O "sport", a graça, a proeza, capazes de fazerem lenda, que é a embriaguês do soldado, estavam além das trincheiras, no espaço "de ninguém", onde o mato fôra decotado pelas balas e o chão arado, revolvido pela metralha.

Por ali enroscava-se o homem-cobra, o homem-gato saltava, escondia-se o homem-toupeira, colando ao solo a orelha, por que os tiros lhe passassem sobre a cabeça descoberta. Conseguia aproximar-se, sem ser pressentido. Descia até junto do acampamento, à margem da linha férrea, onde as chuvas encharcavam as valadas e a terra, agadanhada de fresco, revelava os seus retalhos fôfos, de tamanhos iguais, sepulturas recentes.

De repente, num requinte de louca bravura, punha-se de pé. O bicho tornava a ser homem. A Comblain brilhava, despejava-se certa. Ouvia-se um grito, uma risada frouxa, clamorosa de ódio, e o temerário, como um veado, em carreira zigue-zagueante, para escapar às balas que lhe acentuavam o rastro, rugia às cabriolas. Era a sinistra diversão do cerco, que, dia a dia, roubava à Lapa vidas preciosas. Carneiro lembrava-se de ter visto cousa semelhante na "linha negra", quando o conde de Porto Alegre acampava em Tuiuti, nos seus saudosos dias, tormentados e enfermiços do Paraguai...

O cemitério polarizava as cargas, canhonadas e surpresas do flanco direito. O engenho de herva-mate de Lacerda, núcleo da retaguarda, com sua cerca de costaneiras, entre o cemi-

tério e as fraldas da serra, na rechã abaulada que a cidade domina, arrancando dali o duro contraforte esquerdo da sua ossatura geológica, era outra fortaleza externa que cobria as trincheiras. Corria, no plano que se interpõe entre o patamar da montanha e a colina da Lapa, área desabrigada, forrada de mato aspero e malvas calcinadas onde havia a aguada. Nem atacantes, nem sitiados fortificaram esse trecho de terra inculta, perfeitamente desmoitada e sulcada pela artilharia, que o comandante Fabio de Azambuja grimpara no alto do Monge, em posição de bombardeio. Os entrincheiramentos lineavam-se, transversais, nas três faces, do cemitério, da estação e da estrada do rio Negro. Aí, a perícia do engenheiro aliara-se à visão do tático, e o chefe da praça e o major Gonçalves fizeram prodígios.

Gonçalves, tanto que Carneiro se acolhera à Lapa, gizara em vasto mapa a topografia de região, num levantamento escurpuloso. Essa carta, grudada à parede do "quartel-general", era uma das preocupações invariáveis do coronel. Nela, traçavam ambos as suas linhas de defesa, que a técnica ditou de começo, a experiência e a necessidade corrigiram depois. Foram primeiro duas amplas trincheiras de terra e sacaria que fechavam, nas extremidades, as três ruas paralelas, do Cotovelo, da Boa Vista e das Tropas. O cemitério, o engenho e a estação, isolados, como guaritas adiantadas para o inimigo, formavam desenvolvimentos naturais da defesa. Tomados eles, as tranqueiras retraíram-se, como riscos na areia que a maré esboça: procuraram, convergindo para o centro urbano, as bocas dos arrua-los, numa constrição teimosa e gradual. À medida que as trincheiras recuavam, aumentava o seu campo de tiro! A Lapa deram-se por um anfiteatro, que se galga por lanços, como largos degraus, em cuja soleira, do lado de leste, se eleva o mural do cemitério. Vencido o patamar inferior, o de cima, seu padrao, o sobrepuja em toda a extensão.

O engenho de Lacerda, a estação ferroviária e o cemitério caíram em poder dos revolucionários depois do dia 18. Não foram conquistados propriamente, senão inundados de ferro, que as peças de Azambuja vomitavam com terrível precisão. A

artilharia da praça pudera distribuir-se pelas trincheiras de norte a de sul, e dois canhões Krupp defendiam o cemitério, enquanto outros metralhavam a campanha em volta. Mas ineficientemente. O alvo fixo e fácil tornava-se insustentável. As granadas, batendo os muros do cemitério, destroçando os muros soléos de tijolo, estilhaçando as lousas e as cruzes, dilaceraram aquele reduto, sem deixar palmo de alvenaria limpo de bala. Os portões de ferro foram arrancados dos gonzos, panos de muralha ruíam, rasgando bréchas, a capela central de grossa armação perdera o telhado, lascara-se em farrapos de cantaria, exhibia as informes feridas que abriam ao sol órbitas monstruosas. Nenhum homem lograva conservar-se no para-peito assim devastado, e na montureira dos escombros cadáveres confundiam com a calça e a lama membros estraçalhados. Carneiro havia de comparar ao cemitério de Eylau o do velho Virmond.

O engenho de Lacerda resistira bem nos dias 16 e 17. Comandava-lhe a guarnição o seu próprio dono, de pé firme à sombra dos telheiros e carijos, que o vento livre da cochila afaga.

O ataque geral de 17, repellido com pesados danos, fôra ali mais sangrento. Auxiliara o coronel Lacerda o major Dulcídio, com um contingente da força pública a enquadrar os paisanos do "Batalhão 15 de novembro". Assestara-se no cemitério um canhão; outro, confiado ao 2.º tenente Mario Tourinho, calmo e destemido oficial artilheiro, se lhe juntou. Cobertos de metralha, rechaçados por projectis de toda a sorte, os federalistas esbarravam na cerca de costaneiras, quebravam o ímpeto nas arestas do muro da necrópole, resvalavam, aturdidos, para o setor da estação, onde o fogo era dirigido pessoalmente por Gomes Carneiro, e retrocediam, para arrancar a cinco quilômetros à margem dos trilhos. Somavam uns oitocentos homens nessa frente. Entre 3 e 4 horas da tarde cessara o combate.

Lacerda fez arrecadar alguns cavalos, abandonados pelos retirantes, armas e cartucheiras. Dois ou três prisioneiros deram indicações proveitosas. Tramava-se um assalto à cidade

por meio de um trem, que, no dia imediato, a toda força, se arremessaria para a estação.

Urgia retirar-se novo trecho de trilhos, a partir de um pontilhão, a poucos passos da estação terminal. Era obra para a calada da noite. O engenheiro Gonçalves incumbiu-se dela, com uma escolta de gente decidida. Às 2 da madrugada, sem ruído, largou a expedição. Auscultou a tréva, apenas riscada, de espaço, pela luzerna de um faxineiro, e, tateando, desprendeu dois trilhos. Foram retirados dos dormentes e lançados à distancia. Com infelicidade, porém, que um caiu sobre outro, produzindo o som limpido de um sino a planger: as sentinelas gritaram o alarma, o acampamento despertou, e os sapadores voaram para as suas trincheiras. Gonçalves não podia alcançá-los sem dobrado esforço, tolhido por pesado capote e, na macêga, com os pés enleados nas toucheiras de relva. A cavalaria carregou, de lanças baixas. Então se atirou ao chão, puxou sobre a nuca o capote, e imobilizou-se, em espera angustiosa. Os gaúchos passaram, sem o ver, no seu galope, chocalhando metais. As lanças de vastas cruzetas lampejavam. Pipocaram tiros. O piquete refluiu, sem lóbrigar viv'alma. O engenheiro safou-se, contente da sua estrela.

Terminada a tarefa da construção das trincheiras, deu-se ao trabalho de minar, com cartuchos de dinamite, o sitio, ainda não defendido, entre o engenho e a fonte que desalterava a cidade. O "fornilho", semeado pelo aclave do terreno e pela baixada, de acordo com os melhores conselhos militares, levantava daquela banda uma barreira invisível. As duas peças foram retiradas para a trincheira da rua da Boa Vista, desocupando as ruínas do cemitério. A inquietação e o trabalho no quartel geral, na intendência de guerra e nas enfermarias culminaram, como às vesperras de um choque imenso, talvez definitivo.

Carneiro aparecia em toda parte, inalterável, na sua serenidade encorajada de bom humor, a capa de paisano escorrendo dos ombros como um sudário, as longas botas de polimento, a caixa do binóculo a tiracolo. Entre 18 e 25 de janeiro, a situação não variou, habituados à intermitência do tiro-

teio, que tinha exquisitos pretextos: uma rez que esmalhava, um galináceo perdido no seu cisqueiro entre as duas forças, um leitão desgarrado, que grunhia, hesitante, na terra revolvida pelos "shrapnels", ou um temerário que desafiava o inimigo descobrindo-se, aos gritos insultuosos. Carneiro recomendara prudência, exigira uma disciplina excessiva, prometia castigos, que jamais se verificavam. O coronel dormia pouco, comia sobriamente, não se permitia senão um raro, indispensavel repouso. Tinha, a cada propósito, uma frase de animação. Estimava, até ao exagero, as comparações eruditas. Dir-se-ia que o seu espírito alteava-se às proporções históricas, dando aos mínimos incidentes um equivalente dos livros de batalhas. Falava da campanha da Itália, da resistência de Saragoça, (o grande exemplo, eia!), da manhã de Austerlitz, dos episódios de 1814... Recordava a sua história militar, acadêmica, naquele ambiente estreito, fumoso dos tiros, que ao de leve rescendia à decomposição, das covas mal fechadas ao longo da praça. Sómente, quando o deixavam todos, Serra Martins, Dulcidio, Lacerda, Schmidt, o dr. João Candido, seu médico e o melhor amigo, abria o volume ilustrado de "D. Quixote" e sorria, deleitado. A sua preferência pelo D. Quixote era estranha, até corajosa. Quem o visse a ler, à humbreira do "Quartel-General", sentiria a tentação de comparar os dois guerreiros, assemelhados pela fina barbicha petulante, igualados no fatalismo calmo, e no fundo irmãos na sua desdita, sem remédio. A ironia dolorosa da sátira envolvia-o. Inebriava-o aquela criatura, que pressentia ser a sua também, novo "cavaleiro de triste figura" que se mandara justar ali, num sacrifício final, com os exércitos triunfantes...

Eram passageiros esses devaneios. Puxando sobre o celho indagador o chapéu, Carneiro percorria a pé as trincheiras, falava aos soldados, elogiava, aconselhava, e lhes dizia, infinitas vezes: Estamos vitoriosos! Essa demora é a salvação. Floriano aí vem. De São Paulo vinte mil homens marcham, com abundante material. Viva o Brasil!

Sonhava. Sonhou até o fim. A tropa, que descia de São Paulo, de medo a um envolvimento nas campinas, batera em

retirada para as margens do Itararé, onde se faria a concentração legalista. Constava no Rio de Janeiro que a Lapa desaparecera. A invasão era uma enchente: o próprio Floriano acreditou que a Lapa, derradeiro rochedo que a cheia abraçava e investia, fôra também submersa. Apenas o marechal, passeando nervosamente, as mãos atrás das costas e a cabeça inclinada, para diante, como quem media o abismo que tinha aos pés, jurava! A Lapa só teria caído depois de morto Gomes Carneiro....

Serviço de Intendencia no Exército dos Estados Unidos

O artigo, sob o titulo acima, de autoria do Cap. A. ALVARO DE SOUZA, programado para este número, por motivos de força maior sairá no próximo,

A Defesa Nacional



Todos os caminhos que levam ao Ministério
da Guerra, levam, também, à sede de

A Defesa Nacional

A Revista do Exército Brasileiro

Trabalhar para ela é trabalhar para o Exército

10.000 assinantes, representando 50.000 leitores,
disseminados por todas as guarnições militares do país.



Agente exclusivo de publicidade:

BUREAU INTERESTADUAL DE IMPRENSA

Edifício "A Noite", 13.º

—:—

Rio de Janeiro

CENTENÁRIO DE UM HERÓI

GENERAL JOÃO BATISTA DA SILVA TELES

Cap. DE PARANHOS ANTUNES

173

O General João Batista da Silva Teles nasceu a 9 de Fevereiro de 1844 na capital da então Província do Rio Grande do Sul, quando ainda espoucavam os últimos tiros da revolução dos farrapos, que, havia nove anos, vinha assolando o torrão gaúcho. Sentiu, assim, no berço, o hálito quente da luta, que seria, alguns anos depois, lembrada, ao calor do fogão dos pagos", nos lances mais emocionantes das loucas cargas de cavalaria.

Cresceu, pois, ouvindo os racontos das pelejas ásperas e, talvez, porisso, desde cedo começou a mostrar decidido pendor pela carreira militar, ingressando como praça na tarimba dos cavalarianos, exatamente no dia em que completavam 20 anos de idade (9 de Fevereiro de 1864).

Matriculando-se na Escola Militar de Porto Alegre como cadete, poucos meses após, era chamado a participar da luta contra o ditador do Paraguai, graduado no posto de 2.º sargento. E, em pleno acampamento de Tala-Corá, em Março de 1866, prestava exames práticos, de acôrdo com o regulamento de 31 de Março de 1851, na arma de cavalaria, sendo aprovado plenamente.

Servindo no piquete do General Osório, teve a honra de ser dos primeiros que, com o futuro Marquês do Herval, atravessou o Passo da Pátria, pisando o território inimigo. Era o dia 16 de Abril de 1866. Osório, em seu soberbo corcél, pisa firme a terra paraguaia. Seu pequeno piquete de 11 praças, o acompanha resolutos, sob o comando do Tenente Joaquim Pantaleão Teles de Queiroz. Lá está, o olhar brilhando, para o seu batismo de fogo, o 2.º sargento João Batista da Silva Teles. Vencem um forte banhado e, logo em seguida, deparam com uma guarda de 20 praças de cavalaria paraguaia com a qual travam forte guerrilha até serem socorridos pelas primeiras linhas do

2.^o Batalhão de Infantaria. O jovem cadete recebêra ali o banho lustral da guerra e, por isso, foi citado, na ordem do dia de Osório, número 152 de 25 de Abril, que fez transcrever nela a parte dada pelo comandante de seu piquete.

A 9 de Junho de 1866, era João Batista da Silva Teles, comissionado no posto de Alféres para o 3.^o Regimento de Cavalaria, pôsto em que foi confirmado por decreto do Governo Imperial de 18 de Janeiro de 1868.

Continuando a se destacar nas fileiras do 3.^o Regimento de Cavalaria, foi comissionado no posto de Tenente, pela ordem do dia de Caxias, número 125 de 21 de Fevereiro de 1868, publicada em Tuyu-Cuê.

Pouco depois, dava-se a passagem de Humaitá, pela esquadra brasileira, e, por terra, um ataque áquele famoso reduto, sendo, ao mesmo tempo, tomado o forte do Estabelecimento. Em todas essas ações o Tenente Silva Teles muito auxiliou a Caxias, na qualidade de oficial de seu Estado-Maior, ao qual passára a pertencer dias antes.

Durante a famosa Dezembrada, efetuada por Caxias, em 1868, teve parte saliente o Tenente Silva Teles como ajudante de ordens do Comandante em Chefe, e de tal modo se portou que foi citado com destaque na ordem do dia, número 272 de 14 de Janeiro de 1869, do grande chefe militar brasileiro. Viuse, por este motivo, confirmado no posto de Tenente por atos de bravura e, ao mesmo tempo, comissionado no pôsto de Capitão, merecendo ainda a medalha do mérito militar por decreto Imperial de 20 de Fevereiro. Ao findar a guerra do Paraguai era confirmado no posto de Capitão, ainda por atos de bravura, a 17 de Novembro de 1869, contando antiguidade de 18 de Agôsto desse ano.

Escreveu, um redator de "O País", por ocasião do falecimento do General Silva Teles: "Vitoriosa a nossa pátria em terra estranha, nem por isso o general Teles veio buscar no descanso, em meio da família querida, o prêmio dos feitos gloriosos. Nas fileiras do Exército, na paz, êle continuou a trabalhar, exemplificando pela disciplina, preparando soldados e camaradas para futuras lutas possíveis."

Disciplinado e disciplinador, austero e magnânimo.

na paz, várias comissões importantes e conquista os dois postos seguintes por merecimento: Major, a 8 de Novembro de 1884, e Tenente-Coronel, em 18 de Agosto de 1888.

A madrugada de 15 de Novembro de 1889 veio encontrar o Tenente-Coronel Silva Teles como comandante do 1.º Regimento de Cavalaria. Assim que soube, em sua residência, que o seu Regimento estava revoltado seguiu para o quartel á paisana, a-fim-de tomar conhecimento do que ali se passava.

“Era Silva Teles, escreveu Luiz Edmundo, um militar austero, escravo de sua disciplina, detestando, por princípio, as especulações da política. Assim, quando deixou a sua residência, ia disposto a dominar, por qualquer forma, até com mão de ferro, o desvario dos que, esquecidos dos sagrados deveres, dispunham-se a quebrar as boas tradições do Regimento ha muito pôsto sob seu comando. Não recebera a nova com surpresa, lá isso é uma verdade, pois que, do nervosismo e mal estar da tropa sua, como de outras unidades da guarnição, sabia ha muito, embora sem acreditar nas consequências que viriam ter”.

Ô que é fato é que, depois de informado pelos seus camaradas de caserna da extensão do movimento, foi visto “luminosamente aureolado pela grande glória que lhe coube na proclamação da República, qual a de comandante da imorredoura Brigada que desfilou dos quarteis de S. Cristovão, trazendo á frente o vulto sereno de Benjamin Constant e desenvolvendo-se em frente ao Quartel General, onde se refugiára o último governo da monarquia”, segundo depoimento de Servílio Gonçalves, seu contemporâneo.

Devido ao papel saliente que tomou nos acontecimentos de 15 de Novembro, foi promovido a Coronel, a 9 de Abril de 1890, por serviços relevantes, alcançando, dois anos mais tarde, a 9 de Abril de 1892, o posto de General de Brigada.

Em Setembro de 1893, explodia a revolta da armada. O Rio vivia então horas de intensa agitação. Soára o momento das definições claras e positivas. Floriano convoca os serviços do bravo General. E ele se põe desde logo ao serviço da ordem, seguindo, no dia 14 de Dezembro desse ano, á frente d uma força legal a-fim-de ocupar a ilha do Governador.

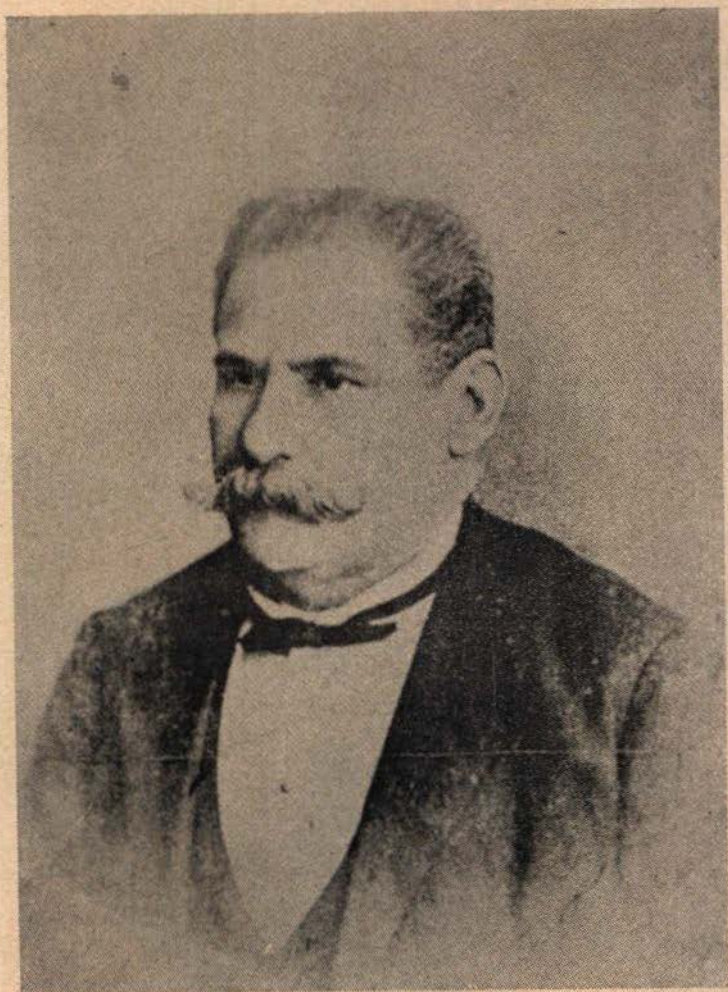
Ao saltar na ilha, mandou imediatamente uma Companhia e uma Bateria com a missão de reconhecerem Santa Cruz, onde constava haver um grupo de revoltosos. Extranhando a demora desse reconhecimento, elle mesmo, acompanhado pelos alferes Floriano Florambel e Frederico Teles, procurou averiguar o que se passava, alcançando a artilharia comandada pelo então Tenente-Coronel Torres Homem com o qual se entendeu sobre a posição occupada. Dali continuou para a frente, a-fim-de estabelecer contato com a Companhia do 23. Foi nesse trajeto que o General Silva Teles recebeu forte descarga da gente emboscada na mata, tendo sua perna direita atravessada por uma bala e a esquerda perfurada por outro projétil. Sofrendo dores imensas, foi o herói transportado a cavalo até o Asilo S. Bento, onde recebeu ligeiro curativo provisório, depois de já haver perdido muito sangue. Dali seguiu numa carreta até a Ponta do Galeão e desse logar foi transportado num escalér até o pórtico da Penha, de onde um "trolley" o levou á estação da Penha. Em trem especial foi conduzido até S. Francisco, de onde seguiu para sua residência transportado em uma cama, por mãos de amigos.

Infelizmente, por não ter sido socorrido a tempo, e por ter perdido muito sangue no longo e cruciante trajeto, teve de soffrer a amputação da perna direita, a 22 de Dezembro, ás 10 horas. Seu estado, porem, peiorou, apezar de todos os recursos médicos empregados para o salvar, expirando, como um bravo, a 24 de Dezembro de 1893, entre meia-noite e uma hora da madrugada.

Assim morreu o valente General. Floriano acompanhou-lhe o enterro segurando uma das alças do caixão, tendo-o promovido, na véspera, 23 de dezembro, a General de Divisão, por atos de bravura.

O General João Batista da Silva Teles possuia, além da medalha do mérito militar, ganha por atos de bravura no Paraguai, as medalhas concedidas pelos governos da Argentina e do Uruguai aos officiaes brasileiros que tomaram parte na sangrenta luta e a cruz da mesma campanha, com passador número 5, comemorativa dos cinco anos de guerra.

178



General João Batista da Silva Telles



General Gomes Carneiro


O Primeiro Vôo Humano



★ Conta lenda helênica que os deuses haviam emaldiçoado os homens e as mulheres de uma aldeia, condenando-os a nunca mais terem filhos. Um dia, o pastor Etana, que residia nessa aldeia, remontou aos céus montado em uma águia, para implorar a Ishtar, deusa dos nascimentos, a revogação da sentença divina, mas a deusa encolerizou-se e precipitou Etana sobre a Terra, matando-o sem piedade.

Sonho outrora, realidade hoje . . . quando os aparelhos da "Navegação Aérea Brasileira" (N.A.B.), tanto em vôo como em terra, usam do apoio técnico que a estrutura terrestre da companhia lhes presta através da principal base na capital da República e das bases secundárias pelas rotas do interior. ★ Com hangar, oficinas, escola de treinamento de pilotos-comandantes e co-pilotos, curso de meteorologia, serviços rádio-telegráficos e rádio-telefônicos com conexão à distância, que se desdobram por todos os aeroportos das linhas, a N.A.B. transporta com regularidade, rapidez e segurança, passageiros, malas postais, encomendas e bagagens. ★ Fundada exclusivamente com capitais nacionais, dispõe de pessoal disciplinado, eficiente e cortês para atender ao público e zelar pelo conforto dos passageiros, e cooperando intensivamente para que os interesses de todos os quadrantes estreitem entre si os laços econômicos e sociais que geram a grandeza material e espiritual do Brasil, a N.A.B. é uma engrenagem de alta precisão posta inteiramente a serviço da Pátria.



 **NAVEGAÇÃO AÉREA BRASILEIRA S. A. N.A.B.**

Agência Central: Av. Nilo Peçanha e Graça Aranha - Rio de Janeiro

IA-NAB-I



ESPONJA ARTIFICIAL

Espuma



à base de celulose nacional

TRÊS TIPOS: Para banho

Para copa e cozinha

Para limpeza de veículos e vidraças

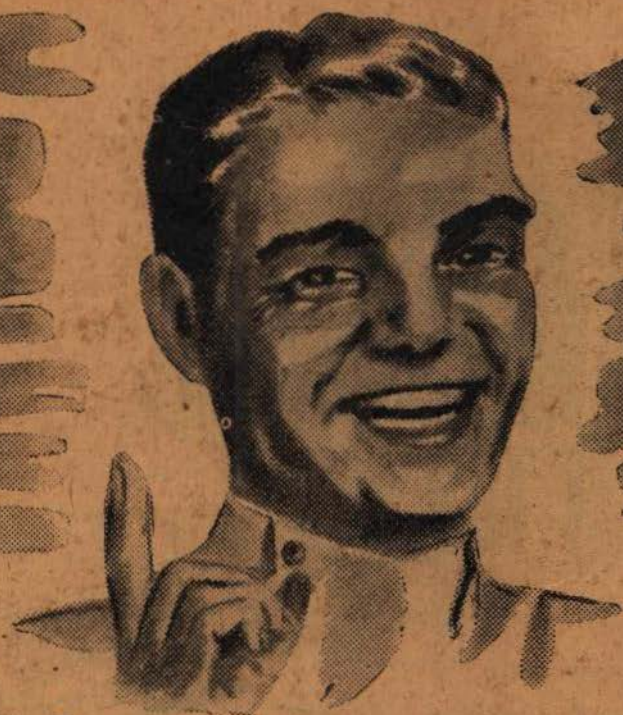
Creação da

S/A Industrias Reunidas F. Matarazzo

Prédio CONDE MATARAZZO

Praça do Patriarca — São Paulo — Telefone 3-5151

ga estes conselhos



erifique os resultados

mos cuidar dos dentes não só para
limpos e bonitos, o que é agradável
a, mas principalmente para conservá-
los — o que é indispensável ao bem-
estar de todo o corpo.

Muitas molestias graves — úlceras no
bico, affecções renaes, reumatismos,
de cabeça, cegueira, e mesmo a lou-
cura — têm sido ocasionadas por dentes
podridos ou cariados.

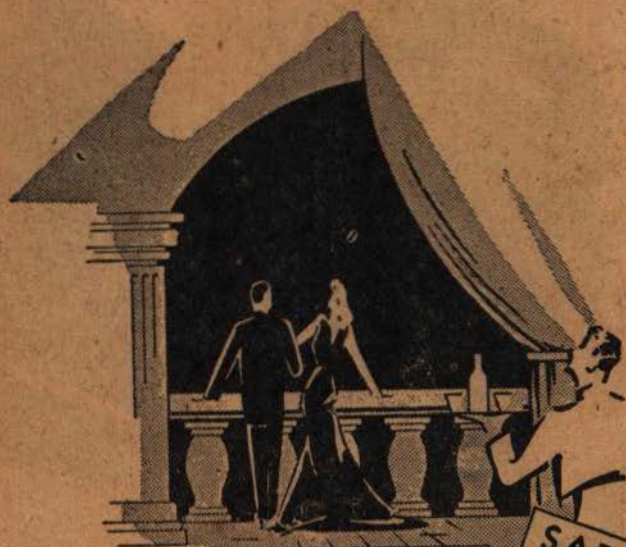
Evite isso, seguindo os conselhos ODOL

- 1) Frequente seu dentista pelo menos duas vezes ao anno.
- 2) Consulte seu medico e seu dentista sobre o regimen alimentar mais adequado a saude de seus dentes.
- 3) Trez vezes ao dia use sobre uma escova ODOL um centimetro de pasta dentifricia ODOL. Á noite, bocheche e gargareje com o liquido ODOL



- PASTA
- LIQUIDO
- ESCOVA

Odol



SABOROSA
REFRESCANTE
APERITIVO

Agua Tônica

DE QUININO



As mulheres elegantes e os homens de bom gosto não prescindem da Agua Tônica de Quinino Usada como aperitivo ou misturada com Gin extra seco Dubar, conserva sempre o seu sabor ligeiramente amargo que é uma delícia para o paladar.

É UM PRODUTO

ANTARCTICA

n. 202

CONTINENTAL

EDITORIAL

As tradições militares do Estado de S. Paulo são das mais brilhantes e significativas no quadro das tradições militares nacionais. Bastaria, aliás, para ter uma medida da vocação guerreira dos paulistas, refletir sobre o bandeirismo, porque as bandeiras foram empresas nitidamente guerreiras. Os seus chefes eram verdadeiros capitães — fortes, destemidos, audaciosos, combativos, disciplinados — a gente que as compunha eram lutadores da melhor têmpera, como exigiam aquelas arrojadas penetrações pela terra virgem. Nas bandeiras a luta era contra a natureza, contra o tempo, contra o selvagem, contra as ambições exacerbadas ou desiludidas, contra tudo. Não havia paz para o espírito nem para o corpo nos itinerários bandeirantes. Avançava-se sustentando todas as lutas possíveis e experimentando as mais asperas provações.

Foi assim que os paulistas muito cedo, no alvorecer da nacionalidade, revelaram o seu valor guerreiro. E o fruto dos seus feitos históricos são as fronteiras dilatadas que hoje dão o contorno do nosso Brasil.

—:—

Depois, em todos lances da historia militar brasileira, S. Paulo esteve presente com a contribuição do sangue, da intelligencia e do patriotismo dos seus filhos.

Nos nossos dias é em S. Paulo, nas suas indústrias vanguardieras, nas suas fábricas cada dia mais numerosas e aperfeiçoadas que o Exército tem obtido os melhores, os elementos essenciaes ao seu desenvolvimento.

E ainda agora, face às graves difficuldades, de toda ordem, impostas pela guerra, enquanto de outro lado se apresentam imperiosas necessidades novas, decorrentes da nossa posição no conflito mundial, é ainda em S. Paulo que as forças armadas nacionais vão encontrar uma grande parte dos elementos com que deverão prover-se.

E' pois, enorme e substancial o papel do Estado de S. Paulo no esforço de guerra brasileiro.

Como nos tempos da expansão geográfica, cabe-lhe hoje a dianteira na expansão industrial. E' não resta duvida que a cruzada industrial das terras de Piratininga conduzirá o Brasil a conquistas das mesmas proporções daquelas que resultaram do bandeirismo.

—:—

Mas não é só isso. A vocação guerreira de São Paulo não se afirma apenas na sua formação, na sua conduta historica, nos seus empreendimentos vinculados aos problemas de defesa nacional, mas ainda na vibração civica dos seus filhos. Essa vibração sabe mostrar-se plena e empolgante em oportunidades, como a que viveu o povo paulista ha poucos dias, quando, em cerimonia realizada no vale do Anhangabaú, foram entregues solenemente aos soldados paulistas, que integrarão as Forças Expeditionárias do Brasil, dois pavilhões nacionais feitos pelas mãos das mulheres de S. Paulo.

Foi um espetáculo de uma grande e pura beleza, que espalhou reflexos em todos os recantos da alma brasileira. Definiu-o muito bem o Exmo. Senhor Ministro General Eurico Gaspar Dutra, presente à cerimonia, com palavras que encerram

tambem uma justa definição do esforço militar de S. Paulo:

“Sente-se, em S. Paulo, — disse S. Excia. — cada vez mais completa, a magia da fé cívica que aglutina os esforços, sintoniza os sentimentos e vitaliza a ação coordenada da alta administração do Estado com os órgãos militares aqui sediados, visando uma só e única resultante — a unidade, a força e eficiencia do poder combativo do Brasil. Porém, muito mais completa e perfeita é essa conjugação de energias, porque, ultrapassando o ambiente oficial da administração pública, invade, domina e satura todos os demais setores de cultura e de trabalho em que se multdivide a forte e febril atividade do seu povo.”

As Bandeiras das Damas Paulistas

Ten-Cel. LIMA FIGUEIREDO

O Brasil é pequeno para o coração da mulher patricia, quando uma idéia mirifica lhe povoa o pensamento. Plena de atos de heroísmo é a nossa história, e cada página que se volva repassando os nossos dias de glória, o celso fulcro de quase todos os nossos grandiosos feitos é obra direta ou indireta da mulher. Aqui surgem as Soror Angélica, as Maria Quitéria, as Rosa da Fonseca, as Anita Garibaldi, as Ludovina Portocarrero, as Ana Nery, além de muitas outras, atuando nos cenários, despeadamente, como personagens destacadas dos grandes dramas da vida nacional. Ali aparecem de mil maneiras e formas, num retrato, numa visão, num pensamento, com ilapso divino que dá sinergia aos que, desesperançados, se sentem sem ânimo para emolir sofrimentos, sopitar canceiras e vencer obstáculos. E quantos, sonhado com a mulher que amam, imaginando a tristeza de um lar que deixaram longe, não revigoram ao sentir perto a bandeira, para as lutas mais titânicas, esquecendo dôres e desditas e conquistando glórias.

Não pode haver quem se não sinta feliz, vendo a bandeira de sua pátria flaflar ao vento, tremulando, num nervoso sedutor, como se nas dobras do seu pano corresse sangue, como se fosse dotada duma alma pulcra e duma vontade incontida. Lições sobram na História, exprimindo a força magnética que o lábaro sagrado exerce sobre as multidões.

Em todos os recantos da terra, nos continentes ou nos mares, quantos fastos grandiosos, quantas vitórias não foram ganhas pela força irradiada do vexillo que representa a honra e a dignidade de um povo ? !

Teria sido o pavilhão tricolor que deu energias a Bona-

parte em Arcole? Teria Caxias se embebido de arrojo e valor na arrancada amovel da ponte de Itororó, ao contemplar a nossa bandeira desfraldada? Não sabemos responder cabalmente, mas, se de fato fitaram seus estandartes, neles, certamente, toparam um polo de energia inconsumptível capaz de os conduzir ao bom êxito.

A bandeira é força porque nela se esmalta o solo, a raça, a crença, a língua e as tradições dum povo. A bandeira é a própria pátria transformada em símbolo, é o pano rútilo como paleou Daltro Santos — “que tem alma porque fala, que tem vontade porque efetua, que tem força porque edifica, que tem sensibilidade porque entenece, que tem crença porque abençoa, que tem amor porque nos envolve a todos sob a fulguração da sua grandeza”.

No campo de batalha a bandeira indica o caminho da honra, balizando o itinerário da vitória. Vários comandantes se consideraram deshonrados ao sentir que os pavilhões de suas unidades haviam caído nas mãos do inimigo e tudo fizeram para reavê-los. Há, na nossa História, o fato de um major enlouquecer abraçado à bandeira, rindo de alegria, depois de reconquistá-la a ferro e fogo às hostes adversas.

Na bandeira que as damas paulistas teceram para duas unidades da Força Expedicionária Brasileira, terão os nossos soldados, nela, representados dois elementos de encorajamento: a lembrança da pátria distante e mais particularmente, a saudade da mãe, da esposa, da filha, da noiva e da irmã que por eles oram, porque não lhes falte coragem em nenhum transe da luta.

Para mostrar que a mulher paulista é sempre a brasileira de fibra rija, decidida, carovel e ltiva, do tempo afastado e glorioso dos bandeirantes, basta analisar o gesto sublime que vêm de praticar.

Assim que souberam terem sido escalados dois corpos de tropa aquartelados em plagas paulistas, para irem combater em terras de além mar, não se retardaram em ofertar-lhes as bandeiras feitas por suas mãos mesmas, ponto por ponto, como

se nos bordados executados formassem contas de rosários, nos quais a pátria resaria preces ao nosso Deus, afim de que pou-
passse lágrimas à família brasileira, protegendo os bravos que
se vão bater por uma melhor compreensão humana no mundo
que vai raiar após a aleluia da vitória.

Uma grande legião foi formada — legião que tem por
armas a bondade, o sacrifício e a humanidade. As combatentes
dessa cruzada do bem sentiram a necessidade de ofertar uma
bandeira aos jovens que em breve irão partir. Sua estóica e
denodada comandante — senhora Anita Costa mobilizou sua
gente e, em pouco, a idéia foi consubstanciada numa realidade
sublime.

Outro grupo, tendo por presidente de honra, a veneranda
e boníssima Condessa do Pinhal, não quis que partisse gente
da terra bandeirante sem dar-lhes a bandeira, que deveria re-
fletir a imagem de todos os entes queridos que no Brasil vão
ficar. E, na execução desse propósito a faina começou. O tra-
balho de todas as brasileiras era aceito, fosse qual fosse sua
origem étnica e sua posição social.

No tear onde ia ser urdida a obra majestosa qualquer co-
laboradora era aceita.

Na casa onde o trabalho estava sendo realizado, de quan-
do em quando se ouviam palmas. Eram patricias que vinham
para dar ao menos um ponto, contribuindo com seu carinho,
com sua solicitude naquela grandiosa empreza. Algumas não
sabiam bordar e, primeiramente, tinham que aprender, para
em seguida, tremulamente, enfiar a agulha e deixar num ponto
de ouro toda a esperança nutrida pela felicidade dum ente ama-
do que vai desafrontar o Brasil no campo de honra.

Vi a bandeira pronta. E nela rutilava a pujança de nossa
terra esplendente de vigor. Senti-me um celícola; o ambiente
onde o pavilhão fôra tecido para mim era um céu e das estrelas
prateadas do pano pareceu-me emergirem arcanjos e serafins
rindo de alegria, e entoando hosanas em louvor àquelas que
souberam alçar tão alto, com um gesto simples, o patriotismo
da mulher brasileira.

Cerâmica São Caetano S/A

ESCRITÓRIO CENTRAL

Viaduto Boa Vista, 68 — 6.º andar

Fones : { Secção de Refratários — 3.4952
 { Secção Interior — 2.4229
 { Gerência e Compras — 2.7636

LOJA :

Rua Boa Vista, 25

Fones : { Chefia — 2.4329
 { Vendas — 2.3429
 { Caixa — 3.2047

Caixa Postal 278 — Telegramas "ACIMAREC" — São Paulo — BRASIL

Fábrica em São Caetano (S.P.R.) — Rua Casemiro de Abreu, 4 —

Fone 1124 — Linha 140

TELHAS "BRILHANTES" — TIJOLOS PRENSADOS

para degraus — pingadeiras — pisos — colunas e outros fins.

LADRILHOS — Vermelhos — Amarelos — Marrons e Pretos

MATERIAL REFRACTÁRIO

de alta classe, para todos os fins industriais, destacando-se os seguintes tipos :

"SILEXIL" — classe de 95 % de sílica (SiO_2), fabricados de quartzitos escolhidos segundo os processos industriais mais modernos.

"MAGNIL" — tijolos de magnesita comparáveis aos melhores fabricados no estrangeiro e que constituem produtos indispensáveis à indústria do aço.

"ALUMIL" — classe de 80 % de alumina (Al_2O_3). Altamente aluminosos.

"MULIL" — classe de 70 % de alumina (Al_2O_3). Altamente aluminosos.

"BAUXIL" — classe de 60 % de alumina (Al_2O_3). Altamente aluminosos.

"DUTIL" — tijolos anti-ácidos.

"TERMIL" — tijolos para isolamento do calor.

"AAA" — classe de 45 % de alumina (Al_2O_3). Alta refratariedade e grande resistência à abrasão e escórias.

"AA" — classe de 40 % de alumina (Al_2O_3). Alta refratariedade, grande resistência mecânica e pequena sensibilidade às variações bruscas de temperatura.

"X e A" — classe de 30 % de alumina (Al_2O_3).

Fornecedora das principais indústrias do País —

Fabrica peças especiais de qualquer formato

Os materiais refratários

"São Caetano"



se caracterizam pela sua qualidade e esmerada fabricação

Bandeira, alma de um povo

I — DIA DA BANDEIRA

De todas as datas que enriquecem nosso calendário cívico, com um entuado relevo e raro esplendor, destaca-se o Dia da Bandeira que tem um elevado significado.

Se todos os povos têm seus fatos históricos intimamente ligados a seus símbolos que representam seu valor, que não diremos do nosso, que evolue à sombra de uma Bandeira gloriosa, tão rica de matizes, clara e bela, como uma dádiva esplendida da mão de Deus, para a gente Brasil.

Se voltarmos ao passado, vemos-a a drapejar no monte Pascoal, ampanhando no horizonte a cruz de Cristo, na alvura do seu pano. O passar vertiginoso das épocas impôs ciclos admiráveis de nossa formação:

Bandeira do Brasil Colonia,
Bandeira do Brasil Reino,
Bandeira do Brasil Império,
Bandeira do Brasil República.

As jornadas cívicas que realizamos de 1938 a 1940, nos vales dos rios Itajaí, Iguaçu, nos planaltos paranaense, catarinense e gaúcho, foram o prólogo da grande campanha de nacionalização que empolgou o Brasil Meridional. Não podia ter sido mais feliz, agitada como pelas ensinamentos históricos. Os núcleos de população alemã, italiana, japonesa, russa que se enquistaram criminosamente fugindo à exigência, foram observados e palmilhados em todos os sentidos pelas caravanas cívicas que conduziam todas as Bandeiras da Pátria, desde o ano de 1500 até o atual, que drapeja no topo dos nossos mastros. A nossa história está escrita nas nossas Bandeiras que enchiam de orgulho a juventude que ali habitava, acostumada a ouvir e ver a exaltação de que não era nosso, como uma ofensa a nossa existência de povo que vai conquistando aos poucos uma posição definida no meio das nações fortes. Por toda vida, sentimos a emoção que nos levava ao ouvirmos a descrição de cada Bandeira, relicário de glórias,

resumo de cada ciclo da vida de um povo. Era como olhar o firmamento rendado de estrelas e vêr de perto o serpentear da via látea, como uma estrada celeste, onde galopavam corcéis ricamente ajaezados, cavalgados por todos nossos heróis, dignos do que há de mais expressivo na mitologia, empunhando as nossas Bandeiras.

A primeira era a da Ordem de Cristo, a mesma que Cabral plantou no monte Pascoal, que inspirou a construção da Cruz para a primeira missa, a mesma Bandeira que assistiu nossas primeiras desditas: a tragédia das Capitanias hereditárias e as invasões de nosso território pelos franceses, holandeses e ingleses.

A última, ofuscava pelo seu brilho, aureolada de glórias, era a Bandeira da República, síntese admirável do passado, do presente e de um radioso porvir.

II — A MÍSTICA

Para nós brasileiros, a palavra Bandeira tem uma significação que faz recordar arrancadas heróicas dos nossos bravos que modelaram nossas fronteiras.

Empunhada pelos nossos antepassados, ela guiava, protegia e jamais nos fez recuar e conhecer o travo da derrota.

Quantas vezes, seu drapejar falava como uma ordem, e, comunicava sua alma aos nossos que multiplicavam suas forças, concedendo-nos verdadeiros milagres.

Na testa das colunas expedicionárias, em busca do reino das esmeraldas, nos mastros dos nossos navios que sulcavam nossos rios e nossos oceanos, no coração dos nossos heróis, ela foi sempre o nome da nacionalidade.

O respeito, o amor, a veneração que tributo ao lábaro sagrado são valiosos que me embaraço para dizer o que me vai na alma. Francisco Dias Pais Leme, que se imortalizou na épopeia bandeirante, Marcílio Dias que viverá eternamente no bronze da História, dizem por todos os séculos do poder que tem a Bandeira da Pátria.

Lembro-me muito bem de uma cena, passada em Porto Alegre, em Janeiro de 1942. A Confederação Brasileira dos Escoteiros de Terra, chefiada pelo Major Inácio de Freitas Rolim, organizou uma excursão até as fronteiras da Pátria, às barrancas uruguaias e argentinas. Ao tornar ao Guaíba, à linda cidade enamorada da lagôa, a representação escoteira obteve permissão do Arcebispo D. João Becker para conduzir, da Catedral de Porto Alegre para a sede da Confederação do Rio, uma das Bandeiras Imperiais que tomaram parte na guerra do Lopez e assistiu centenas de bravos tombarem nos campos ensanguentados do Paraguai. Prêmio valiosíssimo, não haveria melhor, para ser concedida aos escoteiros, verdadeiros representantes da Juventude Brasileira.

A cerimonia foi preparada para marcar época nos anais cívicos da Capital gaucha.

O povo do Rio Grande, prima pelos seus sentimentos patrióticos.

Rio Grande do Sul é a verdadeira sentinela da Pátria, sempre disposto a resistir aos primeiros embates do inimigo.

Manadeiro de bravos, sua gente foi caldejada através de muitos anos de luta, cresceu na perene reação ao invasor. Terra fecunda, fertilizada com o sangue dos nossos gênios, solo onde ressoam os brados dos guerreiros, dos nossos maiores, de dobra em dobra do terreno, multiplicando-se pelos pampas intermináveis...

Exemplo de uma fronteira viva, onde prosperou e prospéra um povo que não teme os mais arriscados confrontos.

O Gaúcho, é o brasileiro sempre apto para guerra, nasce e morre em cima do cavalo.

Esse, era o povo que se comprimia na praça, em torno do monumento a OSÓRIO.

Viam-se em todas as fisionomias, a satisfação, a alegria pelo ato que ia reviver o passado.

Frente à estátua, estava o palanque oficial e o isolamento que circundava os escoteiros do Rio, Espírito Santo, Minas, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Em atitude impecável, mostravam-se os descendentes de Caxias, dignos de admiração do povo que os aplaudia. De súbito, há um sussurro na praça.

Ouvem os tambores rufarem. E' o pelotão dos alunos da Escola Preparatória, os sucessores do legendário Centauro dos Pampas, na sua cadência forte, marcial, conduzindo a Bandeira veterana, reminiscência do Império que consolidou nossa unidade Nacional.

Os tambores rufam mais alto, aproximam-se. A tropa toda se agita e o povo vibra. Os cadetes, envergando seu uniforme de gala, o azul do céu estampado no azul marinho dos nossos oceanos, realçava o pedestral que conduzia o lábaro sagrado. Ao lado da Bandeira da República, a velha Imperial rejuvenescida parecia moça, drapejava com o mesmo entusiasmo para mostrar suas manchas de sangue, como um herói que aponta, em suas cicatrizes, o hino de uma vitória.

Sob as salvas dos nossos canhões e das palmas da multidão que endoideceu de entusiasmo, os cadetes fizeram alto frente a OSÓRIO.

Com todo o garbo, a juventude se perfilou, alinhou-se, ergueu a cabeça. O povo exultou ao presenciar a guarda escoteira receber dos cadetes o auriverde pendão Imperial. Espetáculo de uma beleza, sem par, digno dos templos ricos de mística.

Os jovens militares tornaram a marchar ao som cadenciado dos tambores.

Os escoteiros cariocas, orgulhosos empunharam as duas Bandeiras: a Imperial e a Republicana.

O ritual culminara. Os visitantes formaram em coluna por um. Um dobrado guerreiro animou e contagiou a multidão. Os jovens compatriotas de calças curtas marcharam garbosos, dignos de menção.

Um por um, fez alto, em continência, frente à velha Bandeira, trapo sagrado, todo manchado de sangue e com todo o respeito, beijou aquele pano que já cobrira muitos heróis nacionais.

O povo fremio, não se conteve, e, muitos foram os homens que enxugaram as lágrimas que lhes inundavam os olhos.

E, faltam-me as palavras para dizer o que senti ao olhar o palanque, vê-lo vazio, e, assistir todas as altas autoridades, generais, interventor, arcebispo, secretários de estado, oficiais superiores, sucessivamente, postarem-se frente à imagem da Pátria e com um respeito religioso, saudarem e beijarem a Bandeira com todo o fervor. Quanta beleza reunida nesse instante!

À luz meridiana, o futuro, o presente e o passado reuniram-se para afirmar o nosso glorioso destino. O povo uivou como um leão frente à presa, não se conteve, quebrou os cordões de isolamento arrebatado pela cena imortal.

O povo queria beijar a sua Bandeira!

III — A EXPRESSÃO DA SOBERANIA

O exame de consciência a que somos compelidos fazer antes de nos entregarmos às doçuras de um grande repouso, à meditação imposta pelas necessidades da vida hodierna, levam-nos a descobrir o manto misterioso que oculta e que há muito cubiçamos.

Todos nós que tivemos a felicidade de aquecer os bancos das escolas superiores, de ter o contacto espiritual com valores selecionados. mestres, professores, educadores, criminosos seríamos, se não atinassemos com as soluções dos muitos problemas que nos afligem.

Parece-nos interessante as ligações a que chegamos sobre a política, sociologia, história e economia.

Que valor tem a Bandeira, de modo a levar nossas idéias a essa ordem de cousas tão complexas?

E' incontestável a afirmação de que os aglomeradores humanos, desde tempos imemoriais, jamais venceram sem as suas insígnias, sem os seus estandartes.

Afonso Celso, com muito acerto, justifica o valor das Bandeiras Nacionais: representativas de sua soberania e independência, as mais elevadas idéias de honra, dignidade melindram as idéias que o sacerdote ligou as imagens de sua religião.

Se rememorarmos os clicos de nossa formação, descortinamos em primeiro plano, todas nossas reivindicações escritas nos portulados dos nossos símbolos nacionais, desde o "libertas que será tamem", até o "Ordem e Progresso".

A política encontra o seu mais sólido fundamento na sociologia e a economia. Falar em soberania, é tratar da política dos fortes, do valor social do povo representado na sua Bandeira Nacional.

O Estado Novo, pela voz fluente de seu Ministro da Fazenda, afirmou categoricamente, que a Bandeira e a Moeda integram-se como expressão da Soberania Nacional.

Não podia ser mais feliz o mui ilustre e douto Ministro, quando expôs sua idéia, entretanto, a visão ministerial teria sido mais profunda e concluísse desta maneira: a Bandeira, a Moeda e a Língua integram-se como expressão da Soberania Nacional.

Se a Bandeira reflete a grandeza da nação, a Moeda exprime a riqueza nacional, a Língua é, como dizia Bilac, a própria Pátria.

IV — ORDEM E PROGRESSO

Teixeira Mendes, o apóstolo da Humanidade, como é conhecido pelos filósofos positivistas, descrevendo a Bandeira do Brasil Republicana, em um dos seus magníficos trechos, afirmou com muita clareza:

“O povo brasileiro como todos os povos ocidentais, acha-se vivamente solicitado por duas necessidades ambas imperiosas, que se resumem nas palavras — Ordem e Progresso. Todos sentem, por um lado, que é imprescindível manter as bases da sociedade, mas todos percebem, também, que as instituições humanas são suscetíveis de aperfeiçoamento. Ora, acontecendo que o tipo da Ordem só foi até hoje fornecida pelo regime teológico e guerreiro passado, e que o Progresso tem exigido a eliminação, por vezes violenta, de certas instituições, o espírito público foi levado empiricamente a supor que as duas necessidades eram irreconciliáveis.

“No entanto, a dinâmica Social, fundada por Augusto Comte, para completar e desenvolver a Estatística Social fundada por Aristoteles, demonstra que as duas necessidades de Ordem e Progresso, longe de serem irreconciliáveis, por toda parte se harmonizam.

E, ainda mais o mesmo egregio Pensador demonstrou que essa harmonia se dá na Política e na Moral em consequência da preponderância do Amor. Na frase do fundador da religião da humanidade: — O Progresso é o desenvolvimento da Ordem, como a Ordem é a consolidação do Progresso”.

Os republicanos inspirados nas lições do passado, mergulharam nos arcanos da história, perquiriram outros conhecimentos científicos da sociedade, para criar os postulados que estão escritos na nossa Bandeira.

São passados 53 anos e a lealdade para a República, impõe um resumo da nossa evolução política, social e econômica sob a proteção da nossa Bandeira.

A República de 89, com pequenas alterações de ordem adminis-

trativa, procurou continuar a política exterior do Império. O ilustre chanceler Barão do Rio Branco, aguiar da diplomacia americana, com sua visão penetrante de estadista, resolveu todos nossos casos de fronteiras com os vizinhos e iniciou um panamericanismo construtor.

Nos últimos anos o Estado Nacional "sentiu que o problema internacional do Brasil não era mais como no Império, até Rio Branco, eminentemente político".

Além dos fatores históricos passaram a influir outros de ordem geográfica e econômica. E, essa política objetiva, levou-nos a guerra de 1914 e de 1942 duas fases que tivemos de arcar com nossos compromissos Continentais. Acompanhamos nossos aliados, depois de recebermos golpes profundos da nossa Soberania. E hoje a República, está estruturada, para atravessarmos esta situação crítica do mundo em que os povos lutam para subsistir.

E, o Brasil, cresceu em meio século, de 14 milhões de habitantes, passou a 43 milhões, e, outra seria a densidade demográfica, se não fosse carente de cultura, como afirmou Austregésilo.

Quanto à produção, podemos declarar: a) que em 1940, montava 32 bilhões de cruzeiros ou enquanto em 1920, era calculada em 12 bilhões;

b) que a indústria nacional ultrapassou o valor da produção agrícola, em mais de 10 bilhões de cruzeiros;

c) que as fábricas de algodão têm uma produção maior de 4 milhões de contos;

d) que consumimos apenas 20% dos produtos oriundos de outras nações, em relação aos que são produzidos em nosso país;

e) que a nossa produção de carvão subiu a um milhão e duzentas mil toneladas, 50% do que consumimos anualmente;

f) que o ferro gusa em 1930 era de 35.305 toneladas passou em 1940 para 160.016, o ferro laminado era de 25.895 passou para 100.996 toneladas, o aço de 20.985 para 114.095, o cimento de 87.160 alcançou 697.793 tns.

Quanto às finanças, a República amealha suas reservas ouro por um processo útil e prático. O Tesouro já conta com reserva no valor de mais de 1/3 da emissão fiduciária, isto é, o caminho seguro para garantir o fortalecimento de nossa moeda. E seguimos esse rosário de números para provar a verdade do lema Ordem e Progresso.

V — BANDEIRA GLORIOSA

Bilac, cantor das nossas maravilhas, o condor da poesia brasileira, no píncaro da glória, terminou assim a sua formosa oração: a BANDEIRA DA PÁTRIA: Bendita sejas, pelo teu influxo e pelo teu carinho que inflamarão todas as almas, condensarão numa só força, todas

as forças dispersas no território imenso, abafarão as invejas e as rivalidades no seio da família brasileira, e darão coragem aos fracos, tolerância aos fortes, firmeza aos crentes e estímulo aos desanimados!

Bendita sejas! e, para todo o sempre, expondo-te, desfaldando-te, alpitua e resplandece como uma grande asa, sôbre a definitiva Pátria que queremos criar forte e livre pacífica, mas armada; modesta, mas digna, dadivosa para os estranhos mas antes de tudo maternal para os filhos; liberal, misericordiosa, suave, lírica, mas excedida de energia de prudência, de instrução e de civismo, de disciplina e de coesão de exército dextro e de Marinha aparelhada para assegurar e defender a nossa honra, a nossa inteligência; o nosso trabalho, a nossa justiça e a nossa paz”.

“BENDITA SEJAS BANDEIRA DO BRASIL!”

Já se vão muitos anos que o vate cantou. Sua poesia ao serviço da Pátria inspirou nossos corações, encheu de aroma nossas florestas, ainda ecoa de quebrada em quebrada, derramando a melodia por toda natureza.

SALVE BANDEIRA DO BRASIL, lábaro imaculado e puro, redimiste gerações passadas e as de redimir gerações futuras. Se estás no alto, guias e conquistas, se estás em baixo aconselhas e confortas. Na paz enobreces e estimulas, na guerra vences e exaltas! SALVE BANDEIRA dos fortes, dos bravos e destemidos que jamais servistes a causa injusta, orgulho de um povo que ama a paz, e a guerra e combate o luxo e a ociosidade.

“SALVE SÍMBOLO AUGUSTO DA PAZ E DA ESPERANÇA”, nos lares ilumina as mesas do trabalho e vives no colo das mães, ensinando a amar o BRASIL!

SALVE BANDEIRA, que estás no topo dos mastros das guarinções do Oiapoque, Chui, Tabatinga, que tremulas nas jangadas que desce o Amazonas, que dominas a casa do caboclo, que és beijada pelos ventos que passam pelos açudes Nordestinos.

SALVE BANDEIRA, que levas as misteriosas jangadas pelo oceano afora, vãos com as naves tripuladas pelos descendentes de Santos Dumont, proteges nossos navios tripulados pelos descendentes de Tamandaré, que abrem com suas quilhas pesadas os mares sempre virgens.

BANDEIRA DO BRASIL, és o orgulho das Américas, viverás com o povo por todos os séculos, mas se um dia tua soberania fôr ultrada, serás a mortalha sagrada de um povo e do último herói que morreu altivamente na defesa do território patrio!

BENDITA SEJAS, BANDEIRA DO BRASIL!

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Anuario Militar do Brasil, 1935	22,00
Anuario Militar do Brasil, 1936	22,00
Anuario Militar do Brasil, 1937	22,00
Anuario Militar do Brasil, 1940	27,00
Anuario Militar do Brasil, 1941	37,00
Anuario Militar do Brasil, 1942	42,00
A Campanha da África Oriental — Gen. Waldomiro Lima	31,00
A Campanha da África Oriental — Gen. Waldomiro Lima (D. Oficial)	21,00
A Revolução de 1842 — Martins de Andrade	26,00
A Compreensão da Guerra — J. B. Magalhães	30,00
Andrade Neves o Vanguardeiro — Cap. De Paranhos Antunes	7,00
Aplicações Militares — Cap. Marcio de Menezes	16,00
Aspêto Geográfico Sul-Americano — Cel. Mario Tra- vassos	6,00
As Condições Geográficas e o P. M. Brasileiro — Coro- nel M. Travassos (*)	6,00
Bandeira do Brasil — Cap. Janary Jentil Nunes	11,00
Boletim n.º 3 — Cel. Araripe e Lima Figueiredo	11,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".

A Fortaleza Européia

As linhas de comunicação do interior da Alemanha, que constituíam a trama estrutural desse fantástico edifício, já se contorcem e retorcem, nas âncias do iminente estrangulamento.

Traduzido da revista FORTUNE e adaptado pelo
Ten. Cei. PAULO MAC CORD

A Fortaleza Européia não passa de uma força de expressão dos germânicos. Na verdade, o perímetro costeiro da Europa acha-se fortificado em numerosos locais e qualquer desembarque será ali, sempre, uma operação temerária. Mas, sob o ponto de vista tático, o papel de uma fortaleza culmina, para o defensor, em impedir que o atacante penetre na zona defendida, e termina, diante do inimigo, pela rutura dos próprios dispositivos, por êle provocada. Ora, no caso da Europa até mesmo a propaganda alemã assevera que é impossível impedir desembarques aliados, enquanto que, para os estrategistas das Nações Unidas, a operação não termina, antes começa pela abertura de brechas nas defesas do litoral. E' que, para êles, o objetivo consiste, não em vencer rígidas linhas fortificadas, senão em obter, atrás das mesmas, campos de batalha onde bater o exército alemão.

QUANDO A RETIRADA NÃO É MAIS POSSÍVEL...

Longe de ser uma unidade estratégica, o continente europeu abre-se, logo tenham as forças das Nações Unidas transpassado o seu contorno, dividido nas zonas estratégicas que lhe são próprias: as orlas meridionais da Itália e dos Balkãs, os complicados terrenos de manobras da França e dos Países Baixos, as regiões cruciais do mar do Norte e do Báltico, as caprichosas formações da Escandinávia, e, finalmente, o próprio Reich, por si mesmo estrategicamente complexo, nas suas planícies setentrionais e orientais, na sua conglomeração de cidades a oeste, na região montanhosa do sul da Alemanha, nos vales da Áustria, nos passos difíceis pela crista dos Alpes.

Hitler, pelo menos durante o período das suas investidas espetaculares, parecia compreender perfeitamente que a ofensiva não visa a conquista do território, mas o aniquilamento do adversário, que a profundidade é a dimensão essencial na guerra e que a perda da faculdade de bater em retirada significa derrota para o combatente. Mesmo antes que os russos mostrassem como é possível barganhar espaço, ganhando tempo e vidas, já haviam os alemães tirado proveito da inabilidade de outras nações em retirar. Esmagaram a Polónia na tenaz russo-germânica e lançaram o exército francês no dilema — rendição ou afogamento no mar. Na realidade, os generais nazistas são bastante argutos para perceber que é viciosa a concepção da Fortaleza Européia, que o problema estratégico que têm a enfrentar é justamente oposto ao inspirado pelo carácter sedentário das fortificações, visto que necessitam de mobilidade. Para eles, a Europa não é uma Fortaleza e sim uma cadeia.

Em suma, os alemães estão sendo levados a se ajustar a um ambiente de guerra perfeitamente novo para eles. A luta volta-se para dentro da Europa e só lhes resta o recurso de provarem que a *defensiva pode ganhar a guerra*.

Terão de criar tipos de defesa ativa em espaços relativamente estreitos, de guarnecer uma orla de mais de doze mil quilômetros com defesas estratégicas no centro, de assegurar máxima produção a despeito da ofensiva aérea aliada e, finalmente, de realizar o escoamento ininterrupto de suprimentos para as várias frentes em volta do círculo. Tudo se reduz, como é evidente, a simples problemas de logística. Pouca oportunidade haverá para a espécie de surpresas estratégicas de que Hitler tanto gosta. Poderá ele, no entanto, como reputado mágico, fazer ainda sair alguns coelhos da sua cartola: tentar pela terceira vez o que um exército alemão mais forte não conseguiu nas duas primeiras — a destruição do exército vermelho, procurar inverter o sentido da invasão do continente europeu — irrompendo nas Ilhas Britânicas, forçar uma saída pela Turquia para o Oriente Médio afim de escapar às forças que se fecham sobre ele, simular uma investida através da Espanha para intimidar os aliados no norte da África ou, ainda, sonhar com incursões aéreas gigantescas capazes de abater, além do Atlântico, o ânimo forte dos Estados Unidos. Mas nenhum desses atos por si, nem todos combinadamente, poderão modificar o carácter fundamental da nova fase da guerra: estar a Alemanha, para o resto da campanha, definitivamente relegada à defensiva, da qual só lhe resta tirar máximo proveito. Dora em diante, os dias dessa nação pertencem aos seus sisudos táticos e enfatuados mestres de logística.

O exame que se segue da posição dos alemães não permite prever como, quando e por onde se dará a invasão aliada. Nem tão pouco pode prevê-lo o alto comando alemão. Mas, para serem eficientes em

qualquer ponto onde se der a invasão, os germânicos devem pressupor no seu plano de defesa continental o desencadeamento de um ataque múltiplo e simultâneo aos pontos da periferia. Fica, assim, muito reduzida a vantagem da linha interior, porque, conquanto um diâmetro seja menor que o perímetro, a soma de quatro ou mais diâmetros seguramente não o será. Além disso, o plano alemão não pode admitir com certeza se o front russo estará liquidado ao tempo da invasão aliada, e o requisito primordial para o êxito dessa invasão, a ser empreendida em larga escala, é justamente a coexistência desse front em franca ebulição. Finalmente, o alto comando alemão não pode deixar de sentir que a invasão aliada, para todos os efeitos, já está na sua primeira fase, qual seja a antêmica barreira que desde março de 1943 vem martelando o continente, sob a forma de bombardeio sistemático.

A RIBALTA E O ELENCO

Para enfrentar a invasão multívia pela roda viva em que se encontra, o alto comando alemão dispõe de forças navais limitadas, com 500 ou mais submarinos, de fortificações costeiras em quantidade pouco conhecida e de qualidade duvidosa, de 400 a 450 divisões de diversas nacionalidades, da capacidade produtiva do império do Eixo na Europa e da rede continental de estradas de ferro e rios navegáveis.

Teoricamente, a invasão pode ser frustrada quer nos portos de embarque, quer em pleno oceano, quer nas praias de desembarque. Desde que a Luftwaffe não tem probabilidade de readquirir a superioridade aérea e a esquadra alemã não se pode atrever a realizar ação ofensiva contra os portos aliados, fica afastada a hipótese de uma interferência séria por ocasião do embarque. Durante a travessia, parece dever caber à experimentada frota submarina alemã a maior soma de responsabilidade na tática contra a invasão. Mas, até agora no meio do Atlântico, sua eficiência só foi mantida enquanto não se fez sentir a eficácia dos novos métodos aliados de proteção aos comboios e a violência dos bombardeios sucessivos dos centros de produção de submarinos. Nas águas do litoral europeu, para onde certamente refluíram ou têm de refluir, os elementos dessa frota ainda mais improficuos se mostrarão, por ficarem expostos à atividade da aviação combinada com superiores forças ligeiras navais, suas implacáveis inimigas. Resta, assim, aos alemães a contingência de concentrar todos os seus esforços na tentativa de deter a invasão nas praias de desembarque.

Suas fortificações de costa, erigidas pela fabulosa organização Todt, pouca semelhança parecem ter com a linha Maginot. Não apresentam maravilhas de obras subterrâneas, mas apenas algumas cons-

truções de concreto e aço encadeadas e de longo desenvolvimento. Há abundância de meios concentrados de potência de fogo. Casamatas de concreto ou de tanques obsoletos semi-enterrados e abrigos cavernas são localizados em pontos estratégicos, afim de proteger os homens contra a ação do bombardeiro aéreo de artilharia. Canhões de quinze polegadas guarnecem os pontos vitais; os de oito polegadas são destinados à defesa das praias. Por trás dos pontos de invasão provável, artilharia está pronta a bater a praia com fogos de concentração. Qualquer trecho do litoral, desde a Bretanha até os Países Baixos, dizem os alemaes, pode ser varrido pelo fogo. As estradas que vão ter à costa acham-se minadas em profusão.

Semelhante trabalho de fortificação, particularmente acelerado nas últimas semanas, foi desenvolvido ao máximo na Mancha e muito pouco ao longo das linhas costeiras da Itália. Em junho último, a imprensa alemã vangloriava-se da existência de 1.430.000 homens trabalhando em fortificações para a organização Todt; em abril, esse número oscilava em torno de 500.000, segundo o tenente-general Diettmar, autoridade militar de então na propaganda nazista pelo rádio.

Conquanto tais defesas sejam destinadas a proteger toda a linha de costas da Europa controlada pelo Eixo, desde a Noruega até a Grécia, a propaganda germânica começou nos últimos meses a preparar o espírito do povo para defrontar a verdade: as fortificações podem tornar os desembarques aliados grandemente penosos, mas são impotentes para detê-los. Protegidas por superioridade aérea e naval, as forças de invasão das Nações Unidas estabelecerão inevitavelmente contacto terrestre com os exércitos europeus do Eixo. O número de homens desses exércitos é grandemente discutível em face da discordância existente quanto às perdas que sofreram na Rússia. Pelo exame dos relatos soviéticos, mais de um terço dos efetivos inimigos já foram aniquilados.

As estimativas americanas são menos otimistas. O Secretário da Guerra, Sr. Stimson, admitiu em março último que os alemães possuíam 300 divisões em armas, os italianos oitenta, e os satélites do Eixo outras oitenta. As estimativas britânicas ainda são menores. Mas, considerando as perdas das potências adversárias desde março, particularmente no Norte da África, é razoável afirmar com segurança que o alto comando alemão pode dispor de 400 a 450 divisões para a defesa da Europa sob o seu jugo.

Dessa força, pelo menos 150 divisões devem permanecer no front russo de 3.000 quilômetros de extensão, sem o que a Alemanha correria o risco de ficar à mercê do Exército Vermelho. Uma reserva estratégica de 100 a 150 divisões tem de ser prevista, dentro das mais elementares regras militares. As 100 ou 200 divisões restantes seriam destinadas à defesa do norte, oeste e sul da Europa — admitindo, naturalmente, que nem a Itália nem nenhum outro prosélito da Alemanha realiza em

empo a própria defeecção do malfadado pacto e que, ainda, o Eixo não tenha a sofrer maiores perdas de sangue na frente russa até o momento da invasão aliada.

Problema crucial de logistica para os nazistas é dispor convenientemente, bem a frente dos invasores, as tropas disponíveis e os armazéns de reabastecimento, porque o transporte de forças modernamente equipadas apresenta proporções algo gigantescas. Para levar o Primeiro Exército Britânico (185.000 homens) dos seus acantonamentos na Inglaterra aos pontos de embarque para o Norte da África, as estradas de ferro britânicas tiveram de fornecer 440 composições especiais de tropas e 680 de carga. Transportes de tamanho vulto, sob o fogo concentrado das forças aéreas aliadas, em condições de superioridade, seria jôgo arriscado. Por isso, prefere o alto comando alemão lançar outra cartada: adivinhar desde já onde e com que forças os aliados atacarão.

De acôrdo com as informações que escaparam à censura nazista, os elementos germânicos parecem estar disseminados da maneira seguinte. Onze divisões, das quais cinco destinadas a operar em fortificações fixas, estacionam na Noruega, duas na Dinamarca, três no Países Baixos, sete na costa de Antuérpia ao Havre, seis mais ao sul em direção a Brest, cinco dêsse ponto à fronteira hespanhola. À rearguarda das divisões costeiras alemães acham-se seis divisões blindadas, localizadas de maneira a poderem alcançar o litoral em dez horas. Oito ou dez divisões, seis das quais italianas, estão distribuídas ao longo da costa meridional da França. Todas, somadas, oscilam em tórno de cinqüenta divisões, da Noruega até a Itália. A Itália, em si, tem uma guarnição presumível de quarenta e sessenta divisões, quase todas italianas, certamente. Supõe-se que nos Balkans existam de quarenta a cinqüenta divisões, metade de alemães. Em outras palavras, as forças do Eixo destinadas à defesa da Europa acham-se divididas em três grupos aparentemente iguais, o primeiro guardando as costas do Atlântico e do Mediterrâneo francês, o segundo a Itália, o terceiro os Balkans. Essa igualdade, rigorosamente falando, é puramente numérica: o valor combativo das excepcionais divisões constituídas exclusivamente de alemães estacionadas a oeste equivale ao dos outros dois grupos reunidos.

Antes da luta, êsses podem contar, até certo ponto, com os abastecimentos requisitados no local e com os estoques militares organizados com antecedência. Dentro da dura realidade, o comando alemão terá de enfrentar um descorçoante problema de transportes. Provavelmente, o programa aliado de invasão não é agradar os adivinhos alemães, orçando-os, em consequência, a um reagrupamento completo de suas forças em várias direções, simultaneamente, e por mais de uma vez. Enormes quantidades de munição, suprimentos e reforços terão de rolar

incessantemente para os fronts. "A única probabilidade de sucesso", diz o Coronel Theobald von Schaefer, do Instituto de Pesquisas Militares do Reich, "reside na máxima velocidade em concentrar tropas e material, i.e., na existência de boas estradas de ferro e de rodagem". Os alemães atribuem ao esgotamento do seu organismo de transporte a causa principal de derrota de 1918. Terão motivos para esperar que, desta vez, o seu sistema de transporte lhes traga a vitória?

Todas as artérias de comunicação da Europa, exceto a Rússia, estão hoje controladas pelas necessidades militares alemães. O Eixo administra diretamente 250.000 quilômetros de linha (inclusive 25.000 quilômetros na Rússia ocupada), ou sejam mais de 60 por cento da quilometragem de ferrovias dos Estados Unidos, e interfere com a política de transporte da Suécia, Suíça, Espanha e Portugal. Controla também as linhas de navegação interiores que, antes da guerra, representavam um quinto das possibilidades de transporte da região. Para tempos normais, o desenvolvimento do sistema circulatório europeu não é apenas adequado, mas excelente.

Mas os tempos que correm são anormais. Dantes, os grandes transportes de mercadorias do comércio interno europeu eram realizados por mar, cada país enviando a outro, anualmente, cerca de 200 milhões de toneladas. Agora, o tráfego marítimo foi reduzido de maneira notável no Atlântico, parte do mar do Norte e do Mediterrâneo. Para realizar inteiramente sobre trilhos o volume de transporte desviado do mar, mais de 30.000 vagões de carga adicionais teriam de ser postos diariamente em serviço. Mesmo levando em conta o aproveitamento das linhas fluviais de navegação pelo bloqueio ao alongado sistema continental ferroviário. Cada vaso do Eixo afundado no mar do Norte, Báltico ou Egeu aumenta aquela sobrecarga: um navio cargueiro de 6.000 toneladas de capacidade leva em cada viagem a lotação de 400 vagões, e a R.A.F., em 1942, empreendeu 4.000 ataques à navegação do Eixo.

Não somente na Alemanha, mas em toda a Europa (e mesmo nos Estados Unidos) a conservação e o melhoramento das estradas de ferro têm sido relegadas, desde a guerra passada, a um plano inferior. Mesmo assim, a negligência da Alemanha no assunto foi menos acentuada, porque, então, era ela a única nação do continente que visava deliberadamente a guerra. Ficou, contudo, muito abaixo dos padrões de perfeição preconizados pela teoria militar alemã.

Dupla razão explica essa imprevidência. Primeiramente, porque o regime hitlerista estava desde o começo impregnado da idéia de *auto-estradas*, capazes de substituir as "arcaicas" ferrovias por transportes automotores. Em segundo lugar, porque cada quilo de aço produzido era destinado à fabricação de armamento. Fôra esquecido o postulado

de Moltke, Schlieffen e Ludendorff sôbre a importância crucial do transporte ferroviário ! Mas não estava previsto que esta guerra ia ser curta, da duração de um relâmpago ? E não poderia, sob tão eficiente regime, a contribuição de guerra das estradas de ferro ser obtida pela simples restrição do tráfego de passageiros e de artigos não essenciais ?

FERROVIAS: ENCARGOS E DIFICULDADES

Mas assim não sucedeu. A guerra prolongou-se pelo tempo, a escassez de combustível reduziu o transporte motorizado a proporções desprezíveis, a economia no tráfego de civis foi anulada pelo aumento do transporte militar e pela necessidade de substituir a cabotagem. Em 1941, o número de toneladas-quilômetros tinha na Alemanha excedido de 30% o nível perigosamente alto de 1940. A carga máxima puxada por uma locomotiva germânica havia pulado de 641 toneladas em 1938, que foi um ano de máxima produção industrial, a 709 em 1940 e a 715 em 1941, cargas essas a serem levadas a distâncias mais longas do que nunca. Esboçava-se uma séria crise de transportes, mesmo antes do início do bombardeio estratégico.

Materialmente, o crescimento do potencial ferroviário alemão operou-se de maneira idêntica ao de todas as outras organizações alemães do primeiro ciclo de guerra. O Ministério do Transporte da Alemanha, que iniciara o ano de 1938 com 65.000 quilômetros de trilhos (dos quais 30.000 em vias singelas), 26.000 locomotivas, 69.000 carros de passageiros e 675.000 vagões de carga, superintende hoje um verdadeiro gigante ferroviário: 250.000 quilômetros de linhas, 71.000 locomotivas de bitola padrão, 164.000 carros de passageiros e 1.800.000 vagões de carga. O exército dos seus empregados subiu de 700.000 em 1937 a quase dois milhões em 1943.

Juntamente com essa quilometragem cresceram as dificuldades. O elemento humano, para começar, pode ser citado como um dos maiores perturbadores da ação dos fatores alemães. O maior mal não é tanto o trabalho excessivo nem tão pouco a irrespirável atmosfera criada inutilmente pela Gestapo. As estradas de ferro fora do território alemão propriamente dito precisam, mesmo agora, funcionar com pessoal da região a que pertencem e conhecedor das linhas. Afastar do serviço os homens não simpáticos à Alemanha equivale a praticar ato de sabotagem, por não ser possível substituí-los por outros possuidores da necessária prática, afim de evitar prejuízos irreparáveis. Vê-se, assim, a Alemanha na contingência de *vigiar* seus escravos ferroviários, empregando nesse ingrata missão em terras estranhas o seu já escasso pessoal.

Mas a dificuldades trazida pelo pessoal é apenas o reflexo de

ameaça mais séria à integridade do império ferroviário alemão. Antes da conquista, quaisquer facilidades concedidas pelas estradas de ferro da França, Polônia ou Iugoslávia representavam disposições favoráveis à máquina de guerra alemã. Mas, desde que as artérias dêsses inimigos foram ligadas ao sistema circulatório alemão, todo o organismo ficou exposto a infecção. Nenhuma ferrovia tem valor maior que o seu mais fraco setor. É possível abandonar trechos que não interessem aos dominadores, deixando morrer de fome províncias ocupadas, mas as condições de tração, de conservação e do material rodante na parte mais afastada da Europa subjugada podem afetar a Alemanha. Em um sistema ferroviário unificado, uma congestão na periferia pode causar congestões nos pontos centrais, as mais das vezes numa progressão geométrica.

Com o equipamento ferroviário deteriorado durante a depressão do decênio passado, o sistema de estradas controlado pelos alemães tornou-se um segmento do círculo vicioso em que todo o Eixo Europeu movimenta sua economia: vive de remendos feitos a custa do material tirado da própria peça a remendar...

REMENDOS QUE SERVEM

Contudo, a singularidade mais conspícua acerca do sistema de transporte controlado pelos alemães é que ele ainda *não falhou*. Esta notável resistência é principalmente devida a três fatores. Primeiro, a densidade é principalmente devida a três fatores. Primeiro, a densidade considerável das linhas de comunicação do Continente e a bem desenvolvida rede de linhas de navegação interna. Segundo, o programa implacável de medidas de emergência ordenado por uma administração alemã prenhe de recursos. Terceiro, relativa tranquilidade de tráfego para a linha de frente, antes dos reveses da Rússia e do início do bombardeio estratégico dos aliados.

O Departamento Central de Linhas de Navegação, de Berlim, está realizando importante esforço para aliviar a sobrecarga das ferrovias germânicas: a utilização integral dos rios e canais europeus — com resultados significativos. Fontes competentes estimam que, atualmente, quase um terço do volume total de transporte da Alemanha é feito sobre barcas (em 1941: 20 por cento). Mesmo em tempo de paz os sistemas de navegação do Danúbio, Oder, Elba e Reno eram apenas ligeiramente menos vitais para o transporte de cargas norte-sul do que a rede ferroviária, mais profundamente empenhada na importante direção este-oeste. Em média, faziam escoar cerca de 100 milhões de toneladas anualmente, embarcando principalmente carvão, material de construção, ferro, óleo, madeira, adubos e sementes. Atiraram-se os nazistas a uma vasta construção de canais interiores anexaram, com

as conquistas ocidentais, as excelentes artérias líquidas dos Países Baixos, Bélgica e norte da França ao sistema próprio existente. A leste receberam as linhas de Odessa ao mar Báltico e as águas navegáveis do Dniester, Dnieper, Prut, Pripet e Vístula.

No presente momento, os alemães superintendem muitos milhares de quilômetros de canais estratégicos. O canal Necker-Danúbio, recentemente concluído, liga o Danúbio e o mar Negro com o Reno e o mar do Norte. O canal Elba-Danúbio, quando concluído, se conseguir sê-lo, assegurará o caminho mais curto do mar Negro ao mar do Norte. O sistema do canal Mittelland, o mais longo e o mais importante de todos, está sendo agora prolongado afim de levar o carvão transportado por água do Ruhr para a região industrial do centro da Alemanha (Leipzig-Halle). Estão construindo atualmente o canal Oder-Danúbio, que comunicará o Báltico com a rede central de canais europeus e o sistema polonês Warthe-Vístula com o Danúbio.

Foi aumentada a capacidade de construção de barcas no Danúbio, Elba, Oder e Reno, com métodos de produção em massa. Gasogênios foram instalados nos rebocadores e em algumas barcas, as quais passaram a funcionar sete dias na semana e a ser carregadas e descarregadas dia e noite. Com estas e outras providências de caráter técnico, o Departamento Central de Linhas de Navegação, que confiou a administração de todas as linhas particulares de navios, conseguiu adaptar à presente emergência o enorme potencial de transporte por água da Europa. Todavia, uma coisa a eficiência germânica não conseguiu mudar: o mau hábito que têm os rios de se congelarem no inverno.

O Inspetor Geral de Transportes da Alemanha, Jakob Werlin, desenvolveu, em relação às estradas de ferro, programa igualmente ambicioso, mas de menores conseqüências práticas. Um regime rigoroso de prioridade para os transportes foi posto em vigor, atingindo particularmente os materiais de construção, cujos embarques eram de proporções vultosas. O tráfego de passageiros foi reduzido ao mínimo. No ramo *artigos de consumo*, ficou estabelecido que cada região deveria bastar-se a si própria. No ano passado, a lotação máxima dos vagões foi aumentada de dois toneladas — medida drástica, considerando-se o estado do material rodante, já sobrecarregado. Recentemente, foi anunciada a suspensão dessa medida, "visto ter a situação melhorado". A verdade, porém, é que o espaço para cargo obtido com o excesso de lotação foi ultrapassado pelo espaço perdido em conseqüência dos acidentes.

A dificuldade crucial das ferrovias alemãs é, contudo, não a deficiência de vagões, mas a de locomotivas. Em 1939, foi previsto o fornecimento de 6.000 locomotivas, e serem construídas num período de

quatro anos. Mas, durante os três primeiros anos, somente 3.000 unidades foram realmente entregues, conquanto a Alemanha, se não fallam os cálculos dos técnicos suíços, bem informados, precise efetivamente de 20.000 locomotivas novas para ter o seu serviço ferroviário em condições normais de eficiência. O fracasso do programa quadrienal foi ameaçador que deu origem a uma revisão da lista de prioridades do aço, com o objetivo de tornar possível a aquisição de locomotivas, cuja quota de distribuição de aço foi então elevada, excedendo agora a da artilharia anti-aérea e a dos carros de combate, só ficando inferior à dos submarinos. O novo programa de construção previa 3.600 locomotivas em 1942, 7.500 em 1943. Mas a produção esperada para 1942 ficou muito longe de ser atingida, daí resultando ser reduzido o programa de 1943 para 6.000 locomotivas. As encomendas foram distribuídas por toda a Europa: Henschel em Kassel, Krupp em Essen, Kraus Maffel em Munich; varias firmas em Berlim, Viena e Linz; Schneider em Le Creusot; Cocúerill em Seraing, na Bélgica, etc. Nos tempos que correm, todas essas fábricas têm sido visitadas pelas forças aéreas aliadas. A produção elevou-se a 4.200 locomotivas por ano, número assaz considerável, em comparação com o de 620 unidades fabricadas em 1941 pelos Estados Unidos, mas ainda pequeno para satisfazer à revisão do programa. Contudo, o número de tipos foi reduzido de 150 para 15, concentrando-se no *Kriegslokomotive Klasse 52*, que parece economizar, por máquina, nada menos de 6.000 horas de trabalho. Se esse regime de racionalização pudesse ser mantido e os raids aliados não estivessem crescendo em número e violência, a taxa de produção poderia ser ainda aumentada.

Mesmo assim, não é provável que seja vencida a crise de material rodante alemão para a guerra. As locomotivas são construídas para especificadas condições climatéricas. Em geral, as máquinas alemães são equipadas para uma temperatura exterior mais baixa que as francesas, as polonesas para uma temperatura mais baixa que as alemães, e as locomotivas russas para máximo frio. A prática nazista tem consistido em utilizar, no inverno, as máquinas francesas na Alemanha, as máquinas alemães na Polónia, e as polonesas na Rússia. E' uma boa fórmula escrita, mas as surpresas de inverno dos russos forçaram os alemães a empenhar ali o seu próprio estoque. Tais operações prejudicam a vida provável das locomotivas. As modernas máquinas alemães estão sendo construídas para o severo frio da Rússia.

Mas tudo isso são paliativos de aflitos. Enquanto os alemães remendam aqui e acolá, a verdadeira arma contra as comunicações do Eixo está sendo forjada, aguçada e experimentada a oeste, e já começou a ferir: o bombardeio estratégico.

TREMOR DE AR SÔBRE O RUHR

Começou em abril de 1942. Estando a R. A. F. desde o princípio da guerra empenhada na idéia da destruição científica dos centros industriais e de comunicações alemães, a caça às locomotivas envolvem-se de maneira quase espontânea. Em primeiro lugar, os ataques se apresentavam repetidas vezes, nas composições que trafegavam na direção da periferia, dia e noite, sempre pelos mesmos itinerários. Depois, os aviões britânicos, no seu regresso, mal podiam resistir à tentação de mergulhar e atacar um alvo impossibilitado de deixar o caminho ou de receber proteção anti-aérea. Para agravar os seus efeitos, a locomotiva traz no seu bojo o próprio explosivo: a alta pressão do vapor faz a caldeira explodir quando perfurada. O prosseguimento do estudo de tais experiências aperfeiçoou os métodos e o equipamento de ataque a locomotivas em movimento; uma das especializações atuais da R. A. F.

Entre abril de 1942 e março de 1943, um total de 1.500 locomotivas do Eixo foi posto fora de serviço pelos ataques aéreos. Desde então, a tarefa tem sido substancialmente melhorada. Além disso, o bombardeio acha-se agora engenhosamente aperfeiçoado e estendido a pátios ferroviários judiciosamente escolhidos, oficinas de reparações e entroncamentos. Até junho de 1943, a R. A. F. tinha empreendido 974 ataques especiais a esses pontos, não incluindo os grandes raids gerais na Colônia e Krefeld. Enquanto os aviões de combate ainda se concentram nas locomotivas móveis, os Mosquitos, os Venturas e os Bombardeiros especializam-se nos centros ferroviários, depósitos de máquinas e oficinas de reparações na França, Bélgica e Holanda; as Fortalezas Aéreas e os Liberators nos grandes pátios ferroviários. Com a intensidade que tem atualmente, o bombardeio aliado das estradas de ferro, agora levado ao interior da própria Alemanha, impede a esta de manter uma reserva para substituições.

O bombardeio sistemático de entroncamentos de linhas navegáveis e represas redundará na superposição de dois efeitos de grande poder letal: paralisação do sistema navegável dentro de um grande rio e interferência direta na produção industrial, não sómente pela redução do potencial hidráulico, mas, também, pela inundação das fábricas que, na Alemanha ocidental, são levantadas muito junto aos cursos dos rios. Conquanto um dos maiores feitos da R. A. F., o ataque sobre as barragens do Möhne e do Eder, pareça ter tido consequências de gravidade inferior à proclamada pelos informantes alemães no primeiro instante, é de esperar que, nos meses secos do próximo verão, a falta de regularidade no fluxo do reservatório do rio poderá ainda prejudicar o canal Mittelland, de importância es-

tratégica. Também, outra operação da R. A. F., de menor publicidade, promete resultados substanciais: o cuidadoso lançamento de minas nos trechos principais das linhas de navegação. Na primavera passada, em poucas semanas, a R. A. F. colocou mais de 1.000 de tais minas, cujo efeito acumulado porém ainda desconhecido, promete ser muito sério.

Mas o bombardeio das comunicações, afinal de contas, é apenas um capítulo de titânica aventura que as forças aéreas aliadas se impuseram — a fratura cientificamente preparada e executada da espinha dorsal alemã.

A idéia é simples e presntemente por todos conhecida, de modo particular pelos alemães. Pouco tem a ver com a disputa pela vitória por meio do poderio aéreo. É uma adaptação especial à situação peculiar da Alemanha. O parque industrial altamente variado da Alemanha não pode subsistir desde que certos centros de produção sejam reduzidos a uma eficiência abaixo de valores previstos. Os números correspondentes às variáveis e parâmetros dessa fórmula algébrica constituem rigoroso segredo do alto comando aliado.

A seleção dos objetivos e dos processos táticos variáveis de ataque é cientificamente preparada pelo Ministério da Economia de Guerra britânico (British Ministry of Economic Warfare), que coopera nessa pesquisa com as forças aéreas aliadas e com as organizações norte-americanas, como a Secretaria de Serviços Estratégicos (Office of Strategic Services) e a Junta de Economia de Guerra (Board of Economic Warfare). Os resultados das observações são cuidadosamente guardados e, como a maioria dos alvos alemães gozam da propriedade de serem prontamente restabelecidos, as experiências são continuamente repetidas.

Essa ofensiva aérea não substitue a invasão, mas a prepara. “O poderio aéreo”, declara o brigadeiro Edgar P. Sorensen, Chefe do Serviço Secreto do Estado Maior do Exército Aéreo dos Estados Unidos, “permite agora realizar o sítio de uma nação que vive relativamente sobre si, sítio interior que impede o fluxo dos abastecimentos do centro para a periferia. As conseqüências desse bloqueio envolvente, não são menos reais e visíveis do que as de um bloqueio envolvente, que pode enfraquecer um inimigo a ponto de impedir à sua circunferência de defesa oferecer resistência eficaz contra o assalto frontal”.

Uma primeira apreciação ligeira desse “bloqueio interno” é agora possível. Lord Selborne, Ministro de Economia de Guerra britânico, estima o declínio da produção industrial da Alemanha, nos primeiros cinco meses de 1943, em 15 a 20 por cento, em comparação com o mesmo período de 1942. O tremor de ar sobre o vale do Ruhr é o

principal responsável por essa diminuição, porque exatamente antes de junho, quando o ataque da R. A. F. assumiu ali proporções nunca vistas anteriormente, a produção nessa região decrescera de 35 por cento, enquanto que, no resto da Alemanha, estimadamente, de 10 por cento. Mas a área do Ruhr contribue aproximadamente com dois terços da produção vital alemã (67 por cento do carvão bruto, 80 por cento do coque, 60 por cento do ferro gusa, 59 por cento do aço em lingotes e artigos de fundição, 60 por cento dos aços especiais). A produção do vale do Ruhr referente a esses artigos básicos equivale a um terço da dos países europeus controlados pelo Eixo.

O Ministro da Economia de Guerra britânico e o Ministro da Propaganda do Reich estão agora de perfeito acôrdo quanto ao fato de que, na segunda quinzena de junho, a destruição da área do Ruhr havia alcançado as proporções de um cataclisma. Porta-vozes alemães, que não aliados, começam a falar da necessidade iminente de evacuar três milhões de almas daquele vale, o que, naturalmente, implica em reconhecer a impossibilidade de vida em uma zona que produz um terço dos artigos básicos da Europa e dois terços da Alemanha.

A SIBÉRIA DE GÖERING

Assim como a velocidade e a concentração esmagadora de potência de fogo são os principais requisitos para o sucesso do ataque, também, a profundidade e a descentralização das indústrias são condições indispensáveis a uma resistência prolongada. Os chefes germânicos haviam concebido inicialmente a conquista do mundo com um simples golpe de audácia, e por êste simples engano pagarão com a própria vida. Mas, logo perceberam a revira-volta da guerra, toda a sua habilidade administrativa e precisa crueldade foram orientadas no sentido de reorganizar a Europa sob o ponto de vista da mobilidade e disseminação do parque industrial.

Em 1941, começou a Alemanha a construir sua própria Sibéria — a grande área industrial da Alta Silésia-Galícia-Morávia. Ironicamente, a “super-raça”, que a princípio pretendia perpetuar seu domínio sobre os povos não germânicos, escravizando-os pela industrialização definitiva, viu-se forçada a industrializar as terras dos slavs. Assim como arquitetara primitivamente a “organização” da Europa por completa absorção, assim também, Herman Göring tornou-se o patrono dessa segunda fase. Seu ajudante, General von Hanneken, elaborou o plano de industrialização para o “Território do Plano Quadrienal” — vasto laboratório da organização do “Plano Quadrienal”, de Göring.

O núcleo da área delimitada (cêrca de 25.000 quilômetros quadrados, com uma população normal de cinco milhões de habitantes, em média) foi erigido em província separada do Reich. Mas esta unidade

administrativa é apenas o cunhal nordestino de uma zona de alto potencial econômico, que se estende para além do Território. De fato, ela compreende (fig. 1) as regiões industriais da Húngria (Budapest-Miskolc), as partes da Iugoslávia sloveniana e croaciana (Zagreb-Ljubljana), a metade oriental da Austria, toda a Morávia, o sudoeste da Slovaquia "independente", toda a Silésia alemã e polonesa, e, finalmente, a riqueza industrial da Polônia. Levantada em volta do triângulo Breslau-Lwów-Villach (Alemanha-Polônia-Austria), a Sibéria de Göring proclama ter ultrapassado em alguns aspectos importantes a atual produção do Ruhr.

Foi, na verdade, a nítida compreensão do destino do vale do Ruhr, exposto aos ataques inimigos, que levou os alemães a empreenderem a sua mais ambiciosa aventura em magia econômica. A idéia dominante foi, indubitavelmente, a criação de um centro abastecedor acessível ao Eixo, mas fora do alcance do bombardeio estratégico. Sob tal ponto de vista, a área escolhida parecia ser ideal. Seu setor ocidental está a cerca de 1.600 quilômetros do ponto mais próximo da Grã Bretanha; seus flancos extremos do sul e do leste a igual distância, aproximadamente, das bases aéreas africanas e russas, respectivamente. Mesmo assim, alguns segmentos do triângulo de Göring ficam dentro do alcance da Fortaleza Voadoras e cedo, também, poderão ser visitadas pelas demais frotas aéreas aliadas, cujo raio de ação rapidamente se expande.

As fontes de matérias primas são aí consideráveis: carvão e coque na Alta Silésia, em volta de Moravska Ostrava e Bohumin; minério de ferro ao redor de Czystochowa, também obtido das minas de Krivov Rog na Ucrânia, exploradas nos últimos vinte anos pela firma alemã de Otto Wolff; petróleo na Húngria e arredores de Boryslaw; usinas de petróleo sintético na Saxônia e Czechoslovak, e reservas de madeira praticamente ilimitadas através de toda a região. O equipamento e a mão de obra das indústrias metálicas na Austria, Morávia e Silésia são as primeiras do mundo. O minério importado da Suécia não exige maiores transportes que para o Ruhr. A produção de gêneros dentro do triângulo é mais ampla que em qualquer outra região industrial semelhante do Continente. Suas vias de comunicação combinam, pelo menos potencialmente, as vantagens da estrada de ferro com as do transporte fluvial. Para exame das possibilidades de transporte, ver o trecho do mapa constante da figura 1.

Se o plano, parte do qual inclui a idéia de transferir gradualmente as indústrias transportáveis do oeste para esse vasto triângulo, pudesse ser integralmente realizado, o alto comando alemão teria com efeito conseguido obter uma profundidade considerável de defesa. Um centro oriental relativamente inexpugnável irradiaria linhas de abastecimentos



A SIBÉRIA SINTÉTICA — Afim de bem aprofundar a retirada industrial, o Plano Quadrienal de Göring está organizando febrilmente as regiões orientais do império nazista. O mapa acima mostra sua rede de comunicações. A partir do núcleo (triângulo mais escuro) e através dos segmentos exteriores suplementares (porção mais clara do triângulo), a considerável produção industrial da Sibéria de Göring pode alcançar a periferia continental em todas as direções. Os nós ferroviário de Viena, Ebenfurth e Leobersdorf (Austria), Breslau e Moravska Ostrava (Tchecoslováquia) e Katowice e Sosnowiec (Polónia) são articulados com excelentes portos fluviais. Acham-se em construção três audaciosos projetos: o canal de Klodnitz (prolongamento do canal Adolf Hitler até o Vístula), o canal Oder-Danúbio e a dragagem do Vístula. Previsão germânica para com lusos dfeses empreendimentos: 1944. Pessoas menos imaginativas transportam tal previsão para 1946, se Hitler até lá ainda estiver vivo.

em todas as direções, podendo aos poucos ser abandonados os segmentos exteriores. A idéia estratégica é claramente ceder espaço periferal, em troca de vidas, fazendo os invasores pagarem tão caro cada quilômetro de avanço que se vejam forçados a aceitar um acôrdo, logo seja atingido o ponto de saturação do desgaste recíproco. Pela primeira vez na história da Alemanha, uma retirada, mesmo para trás, do Reno, não importaria forçadamente no imediato colapso industrial.

Há, contudo, várias razões, para não prejudicar com otimismo as possibilidades de Göring. Uma vez que a tática de invasão aliada no oeste forçou o Reich a deslocar para o oriente o grosso da sua indústria, terá êle também de separá-lo das fontes ocidentais de matérias primas e da mão de obra arraigada ao local, sem as quais a indústria de guerra artificialmente constituída, daí resultante, jamais poderá competir. Além disso, cada quilômetro de avanço aliado para o coração da Europa colocará a Sibéria de Göring cada vez mais irremediavelmente enlaçada pelo amplexo asfíxiante do bombardeio aliado. Nenhum ponto estratégico daquele fabuloso triângulo está à distância maior de 800 quilômetros das bases aéreas do norte da Itália (os centros industriais da Áustria e da Húngria estão apenas a 500 quilômetros). As refinarias de petróleo de Ploesti, nas quais a indústria e os transportes da zona se apoiarão, distam apenas 500 quilômetros das bases da Iugoslávia. Em resumo, e como de costume, o esquema alemão é brilhante nas suas minúcias, exceto na proverbial e congênita falácia. Não mostra perceber que a cada centímetro de retirada alemã em direção núcleo do Território do Plano Quadrienal corresponde exatamente um centímetro de avanço aliado na mesma direção.

O DESTINO DAS LINHAS INTERIORES

Para ter significação no terreno, a conversão da ofensiva alemã em defensiva teve de ser consistentemente prolongada no espaço. O

E, com efeito, tentam os alemães, por êsse motivo, reproduzir sobre a Europa, em 1943, o que a R.A.F., realizou sobre a Inglaterra em 1940. Sua produção de aviões de combate está sendo levada ao limite, ao mesmo tempo em que ensaiam novos métodos táticos de defesa aérea. Nutrem a esperança de poder infligir aos invasores tantas perdas em bombardeiros e tripulações que o plano de invasão terá de ser reconsiderado.

Mas a posição estratégica da passiva Luftwaffe de 1943 tem apenas uma semelhança superficial com a R.A.F. em 1940. Então, a umbela a sustentar abrangerá uma área pouco maior do que a região da Westphália Renana sózinha. Agora, precisam os alemães de assegurar proteção para todo o continente. Durante sua blitzkrieg, exauriram-se os germânicos, tentando brutalmente arrazar a Inglaterra pelo bombar-

deio. A ofensiva aérea aliada, mais modesta no seu objetivo, porém mais incisiva, é uma operação cientificamente caracterizada e integralmente planejada.

Recapitulando, tudo o que a Alemanha reservou para a defesa da Europa resume-se no seguinte: a linha interior, um excelente exército, a notável eficiência do sistema econômico e circulatório do Continente e a certeza de que a invasão causará perdas cruéis aos aliados.

Mas é preciso considerar o reverso da medalha. Em primeiro lugar, a apregoada "vantagem da linha interior" está se evaporando a olhos vistos, porque só subsiste realmente para quem está na ofensiva. Devido à superioridade aérea, os aliados, de posse das linhas exteriores, têm possibilidade de convergir o ataque, ao passo que os ocupantes do círculo são obrigados a disseminar suas forças em réplica divergente. Além disso, dentro do círculo acham-se no momento não apenas as linhas mais curtas de abastecimentos, mas, também, as fontes vulneráveis d'estes. Nossas linhas exteriores, cerca de 6.500 quilômetros entre o arsenal americano e o front europeu, custam-nos vidas e material, mas significam para Hitler a perda da guerra, porque são indestrutíveis e deixam os nossos centros abastecedores a coberto do ataque. Finalmente, se o assalto múltiplo, a se desencadear pelo sul, oeste e norte, for concertado com a ação da Rússia a leste, a Alemanha não se encontrará operando ao longo de uma linha interior, mas remoinhando numa roda viva. Na última guerra, quando as linhas do interior daquele país mediam 500 quilômetros de raio e se estendiam apenas em apenas em duas direções, seu sistema de transporte mal pôde suportar a tarefa. Desta vez, terá de operar em quatro ou mais direções simultaneamente, com um raio de 1.500 quilômetros, do centro à enorme periferia, e sob a pressão adicional de ataque pelo ar.

A eficiência do sistema econômico e circulatório do Eixo europeu baseou-se até agora na ausência de ação militar decisiva. As crises sucessivas puderam ser debeladas, se bem que com dificuldades cada vez mais crescentes, porque o inimigo se antepunha apenas de modo indireto, como por exemplo, pelo efeito negativo do bloqueio marítimo. Circunstâncias especiais ofereceu-nos o ensejo de utilizar até 1941 apenas o remanescente do nosso potencial econômico, ao passo que os recursos da Europa se reduziam, pelo esgotamento das grandes reservas. No momento, esses recursos, as únicas disponibilidades alemães, enfrentam com vantagem a situação continental. Mas, logo que começarmos a empregar na Europa a totalidade dos nossos esforços, o que significa o advento de máxima violência militar, as cousas mudarão completamente.

Resta ainda considerar o excelente exército alemão e a certeza das enormes perdas aliadas. Não podemos avaliar o poderio completo

das forças militares alemães antes de alcançarmos o continente europeu; a ocupação de algumas, senão de todas as linhas do Mediterrâneo, será exatamente um prelúdio de invasão. Contudo, já aprendemos que os germânicos não têm pacto secreto com o demônio. O seu exército foi derrotado na Rússia e na Tunísia — quando se lhe defrontarem soldados capazes, bem equipados e convenientemente comandados. A superioridade aliada em material está assegurada; a superioridade na excelência dos seus quadros está sendo atingida. Prejulgar de que maneira as Nações Unidas darão o seu tributo de sangue é cousa que escapa ao âmbito de um simples exame de fatos materiais. É uma questão de honra nacional, de confiança no Poder Divino.

Indústrias "CAMA PATENTE L. LISCIO" S./A.

A maior fábrica de camas da América do Sul

Legítima só com a faixa azul!

Grande
fornecedora
dos Exércitos
Nacional
e Americano



Matriz: Rua Rodolfo Miranda, 97 - S. Paulo

Filiais: RIO DE JANEIRO - Rua Figueira de Melo, 307 — Loja:

— Rua 7 de Setembro, 177.

— BELO HORIZONTE, RECIFE, BAÍA, PORTO ALEGRE e

— PELOTAS.

Agências: MANÁUS, BELÉM DO PARÁ, FORTALEZA, NATAL e

— MACEIÓ.

O Governo Militar encarado como órgão civilizador

Pelo Major General ALLEN W. GULLION

Extraído do COAST ARTILLERY JOURNAL, pelo Major
NEWTON FRANKLIN DO NASCIMENTO

— Definição

Chama-se *governo militar*, ao Órgão que um beligerante estabelece e mantém pela força das armas sôbre o território ocupado ao inimigo e sôbre todos os habitantes desse território. A ocupação militar do território conquistado suspende o exercício de todo o governo inimigo que nêle se exercia, tanto civil como militar. Surge, assim, para o exército ocupante, a necessidade de desempenhar as funções de governo civil, quer para a proteção de seus interesses militares, quer para a manutenção da ordem pública. Essa dupla necessidade é satisfeita, então, pelo governo militar

— Objetivos

O govêrno tem *dois objetivos*: primeiro, facilitar o desenvolvimento da guerra até seu êxito final; em seguida e inteiramente subordinado à primeira consideração, o de melhorar o bem estar do povo do território ocupado.

Em todos os tempos, vencendo a guerra ou tendo-a aparentemente ganho, conservar a vitória é o principal objetivo. A questão que precisa ser ventilada, com referência a cada uma das tarefas do governo militar, é assentar com precisão se as medidas a serem tomadas, virão prejudicar ou auxiliar esse objetivo.

A administração do govêrno militar, é subordinada a várias necessidades primordiais, envolvendo operações, segurança, abastecimentos, transportes e alojamento das tropas ocupantes. Se as hostilidades foram suspensas por um armistício ou outro ato qualquer, devem ser logo estabelecidos os planos e demais disposições, afim de que as tropas possam reiniciar as operações sob condições as mais favoráveis, para levar a guerra ao completo êxito. Para isso, o govêrno militar precisa ser enérgico, pois, qualquer fraqueza de sua parte, encoraja a população hostil a desobedecer às ordens e demais medidas tomadas para manter a segurança das tropas ocupantes.

Sujeito ao primeiro objetivo — vencer a guerra e conservar a vitória — o bem estar dos governados deve constituir sempre uma preocupação dos governantes. O chefe investido dessa função precisa ser justo, humano e generoso tanto quanto possível, baseando seus atos na consideração de que administrar é ser guiado pelos princípios de justiça, honra e humanidade, virtudes essas que adornam mais o militar do que nenhum outro homem, pois, ele possui o poder de suas armas sobre os que estão despojados da força. A ocupação militar, guiada pela aspereza, injustiça ou opressão, gera ressentimentos contra o poder ocupante e faz nascer os germens de uma guerra futura, ao contrário de um tratamento justo, que transforma inimigos em amigos.

— Exercício do governo Militar

O exercício do governo militar abrange o conjunto de responsabilidades legislativas, judiciárias e executivas de que pode ser investido um chefe no comando de um teatro de operações. Para isso, o comandante geral do teatro de operações é, *ipso facto*, o governador militar do território ocupado. Sua autoridade é suprema, limitada apenas pelas leis e costumes da guerra e demais instruções recebidas da autoridade superior de que depende. Não é difícil perceber que o comando e o governo civil se confundam numa única entidade — o comandante geral do teatro de operações. Isso tem por fim evitar as operações militares sofram as consequências da divisão de autoridade, na zona de batalha, entre o chefe militar e a direção dos negócios civis. Conquanto se procure apontar, às vezes, a possibilidade de cooperação recíproca dessas funções em outros setores, tal cooperação não tem lugar no teatro de operações militares, propriamente dito. Aí, as funções de um e de outro são puramente militares. Aqueles que auxiliam o funcionamento do governo, assim como o povo governado, devem corresponder sem delongas aos desejos manifestados pelo General Comandante.

Só assim é possível manter a idéia de que a vitória deve vir antes de tudo, e que devem ser orientados todos os planos de operações no sentido de obtê-la, donde é forçoso concluir, que o governo de uma zona ocupada seja atribuída, logo após a vitória, ao chefe que planejou e conduziu as operações.

O comandante geral do teatro de operações é ajudado, na sua função de governador militar, por um órgão chamado "Secção dos Negócios Cívics", órgão esse chefiado por um oficial designado sob o título de "Oficial Encarregado dos Negócios Cívics". Adiante mostraremos como se processa o treinamento dos oficiais destinados ao exercício dessa função.

O essencial não reside em não lançar o poder militar contra o governo civil. Desculpem-me os leitores, se repito esta afirmativa até

chegar ao ponto de aborrecê-los. Seja como fôr, é preciso que o comando geral de uma zona de operações tenha, tanto quanto possível, o contrôlo de todos os elementos que entram no cálculo de suas decisões. Como se sabe, a administração dos encargos civis é um elemento vital. Desordens civis, ou desobediências, distúrbios provocados pela fome, resistência passiva, lutas raciais entre a população civil, especulações, sabotagem ou boatos falsos, podem, em qualquer momento, desarticular o movimento das tropas e abastecimentos, ou, prejudicar a marcha prevista das operações militares. Esta é a razão pela qual todos os exércitos modernos, inclusive os americanos do norte, dão suma importância aos órgãos encarregados dos negócios civis e os olham como uma parte integrante e essencial dos Serviços. Um corpo civil e uma polícia de ocupação bem treinados, aliviam as forças de combate dos encargos civis, permitindo-lhes dedicar inteiramente sua atenção aos assuntos de guerra.

— Origens do governo militar

O governo militar não é nenhuma novidade, nem muito menos, peculiaridade dos nazi-facistas, como muitos pensam. Há muitas centenas de anos, todos os exércitos vitoriosos o empregaram nos territórios conquistados. Os americanos não fazem exceção a isso, pois tiveram governo militar em Flórida e Luiziania, durante as guerras que aí se desenrolaram. Governos militares também foram estabelecidos pelos Estados Unidos no México, Cuba, Porto Rico, Panamá, China e Filipinas. O último de que temos notícia, foi estabelecido na Renânia, após o armistício da passada primeira Guerra Mundial.

Apesar de todo o critério e cuidado postos em prática nesses operações, todos os governos militares estabelecidos pelo Exército Americano têm sido acusados de imperialistas e contrários ao gênio liberal das Américas. Quando o General Winfiel Scott erigiu seu firme e justo governo militar no México, o ato chocou o Secretário da Guerra, William L. Marcy, homem que normalmente se conduzia com calma e habilidade, dando margem a que seus adversários transformassem o caso numa questão política, durante a campanha eleitoral.

No entanto, Justin Smith e outras autoridades defenderam a ação do General Scott.

— Fases do governo militar

O governo militar é dividido, geralmente, em duas fases. Há a fase em que o Exército permanece temporariamente com o contrôlo da situação. Essa fase é depois substituída por outra, em que um governo civil toma as rédeas do poder e, depois da qual, a zona é comumente devolvida à nação derrotada, observados os termos do tratado de paz. Quando o inimigo é derrotado e seu território invadido

pelo exército vitorioso, o espetáculo que se oferece é caótico: cidades abandonadas, casas destruídas, indústria e comércio paralizados, suprimentos inexistentes, fome e peste iminentes. O governo local acha-se refugiado ou já perdeu todo seu poder. Enquanto prevalecer tal situação, resultante, em tempo de paz, de um terremoto ou outro desastre qualquer e, em tempo de guerra, da expulsão do inimigo, a lei marcial, que não é outra coisa senão o governo militar doméstico, tem de ser adotada. Diante de tais circunstâncias, cabe ao exército assumir o controle de tudo, para restaurar a ordem e a estabilidade. Esta solução impõe-se, porque a população civil do território ocupado pode entregar-se à anarquia.

Porém, se apenas se trata de uma crise econômica ou de uma dificuldade passageira, o governo civil pode, não há dúvida, satisfazer. Mas, acima de tudo isso, as linhas de comunicações do exército precisam ser garantidas e a situação militar deve ser mantida. As forças do exército derrotado podem achar-se numa região próxima, preparando o reinício da luta. A população civil pode estar planejando a prática de toda a sorte de sabotagens, ou, estar esperando uma oportunidade para auxiliar as forças derrotadas que nas proximidades se preparam.

As necessidades militares exigem, que o exército vencedor tenha todo o controle. Esse controle é o que se chama de *governo militar*.

E' um desses incidentes impostos pela própria guerra, completamente sancionados pelo direito internacional e do qual nenhum exército pode prescindir que aconteça.

Resumindo, seus propósitos visam, primeiramente, resguardar o exército e manter uma situação militar favorável e, em seguida, preservar a lei e a ordem entre a população civil. Além disso, existe a tarefa de restaurar a região e, ao mesmo tempo, prestar assistência médica, sanitária, etc., exigida por tal emergência.

Durante quanto tempo permanecerá esse estado? A menos que a tropa dê lugar ao aparecimento de um perigo, esse estado de coisas continuará tanto tempo quanto continuarem as necessidades militares. Nenhum domínio de força pode limitar seu tempo de duração.

No passado, principalmente nas Filipinas, após a guerra Hispano-Americana, os americanos pagaram bem caro, por concluírem prematuramente que as necessidades militares estavam terminadas. Conforme o Embaixador Grew afirmou ultimamente, a natureza traiçoeira dos atuais inimigos da América, torna muito importante uma solução adequada desse assunto. O Presidente, como Comandante-Chefe, terá de escolher a solução, baseando-se, certamente, nos casos particulares que, em tempo, surgirão em cada teatro de guerra.

Tão logo deixem de subsistir as necessidades militares, o exército

entrega as rédeas ao governo civil que, então, governará até que seja concluído o tratado de paz. Por exemplo, na passada Guerra Mundial, a ocupação da parte que nos coube da Renânia, por um governo militar, durou de dezembro de 1918 a janeiro de 1920, quando o exército entregou o governo da região à Alta Comissão Inter-Aliada, que exerceu sua autoridade até a entrega definitiva da área ocupada ao governo alemão. Mas, quando o exército abre mão de seu controle temporário, os deveres a serem assumidos pelo órgão civil que o substitue, são em escala muito maior, e provavelmente, de duração bem mais longa. De fato, é precisamente nessa ocasião que a autoridade civil toma a seu cargo a árdua tarefa de socorrer os povos esmagados e despojados pela guerra, auxiliando-os a reconstruir seu mundo, ou, esperamos, um mundo melhor.

— Preparo de ocupação

O preparo da ocupação, quer seja para o controle temporário do exército, quer para o regime mais permanente do órgão civil que o substitue, deve ser substancialmente o mesmo.

O dever da autoridade ocupante, seja militar, seja civil, é manter intactos, tanto quanto possível, as instituições locais, as leis e os costumes da região ocupada. O governo militar e o governo civil que o suceder, são aí colocados para manter as exigências militares e políticas da ocupação. Assim, a tarefa exige, para ser bem cumprida, um conhecimento perfeito das instituições, costumes, economia e psicologia da zona ocupada e ainda mais, noções de administração pública. Trata-se de um complexo mecanismo, exercido por um grande número de habéis profissionais. Dentre estes, destacam-se os seguintes elementos: engenheiros de diversas especialidades para restabelecimento das obras públicas e demais utilidades; sanitaristas para restaurar e proteger a saúde pública; órgãos de socorros urgentes para fornecer alimentação, vestuário e casas para os desabrigados. Além disso, é preciso reorganizar o regime tributário e econômico da região ocupada. Os especialistas para exercerem estas diversas missões devem ser instruídos sobre o ambiente local das regiões particulares em que vão operar.

Está próximo o tempo em que as forças americanas terão de ocupar extensos e importantes territórios em longínquas e afastadas regiões. Quando esta ocasião chegar, eles deverão estar plenamente preparados para cumprir todas as tarefas de governo que hão de surgir para seus exércitos vitoriosos. Ao mesmo tempo, cumpre-lhe preparar os programas necessários para permitir da melhor maneira a transição do controle temporário do governo militar, para o controle mais permanente do governo civil.

— Creação da Escola de Governo Militar

O exército Americano estabeleceu na Universidade de Virginia, uma Escola de Governo Militar, onde está sendo preparado o pessoal da alta administração destinado a participar dos futuros governos militares, não como governantes, mas como assistentes administrativos dos governos a serem creados. Essa Escola possui autorização para admitir um corpo discente de 150 oficiais. Noventa e nove por cento dos matriculados receberão, primariamente, noções de tratamento civil. Eles são oriundos, na maior parte, da Guarda Nacional e do Corpo de Oficiais da Reserva. Sómente três pertencerão ao Exército Regular. Presume-se que quasi todos já possuam ampla experiência dos problemas administrativos.

Nessa escola, muito pouco tempo é destinado a ideologias ou méras teorias. Enquanto noções de direito internacional e dos princípios da administração pública são ministrados em poucas horas, setenta por cento do tempo de estudos é dedicado à prática de problemas relacionados com as futuras zonas de ocupação principal.

Estes problemas constam não sómente do estudo das leis, costumes, economia e psicologia de regiões agora em poder do adversário, mas, também, compreendem, especialmente, a preparação definitiva dos planos para ocupação dessas áreas. Por exemplo, se a ocupação de Hamburgo estiver prevista, o general comandante desta região, que, de resto, será o próprio governador militar, orientará sua ação por um plano e será auxiliado por oficiais formados nessa Escola, e que foram os próprios a preparar o referido plano. Além disso, não sómente o pessoal da alta administração estará especialmente preparado e de posse dos dados para o general comandante exercer seu governo em Hamburgo, como ainda o pessoal técnico e demais auxiliares também o estarão, na parte que lhes competir. Não se deve receiar que o exército interprete a necessidade militar de forma por demais ampla ou liberal, opondo-se, em consequência, à transição oportuna do controle militar ao civil.

O perigo, se realmente existe, está em seguir a direção oposta. O exército é um órgão constituído de elementos oriundos do meio civil. Há, por parte das forças armadas, um escrúpulo natural em não permanecer nessas funções, tanto mais quanto desejam regressar ao lar, o mais depressa possível.

O exército terá de se guardar contra um otimismo indevido, referente às condições do território inimigo, assim como contra uma ansiedade não recomendável, em afrouxar suas responsabilidades.

O exército é formado pelo povo e o povo confia nêle. Se um exército democrático não é digno de confiança, então a democracia pode considerar-se falida, pois uma democracia, tanto como uma autocracia, depende também do exército, neste mundo de guerras tão frequentes.

Alfabeto Morse

1.º Ten. LUIZ GONZAGA DE MELLO

Como complemento ao aparelho telegráfico de sua invenção, o sábio norteamericano Samuel B. Morse idealizou o sistema de sinais a ser utilizado com aquele aparelho. Ambos, sistema de sinais e aparelho, têm o nome de seu inventor.

São chamados “sinais Morse” os sinais representativos :

- das letras;
- dos números;
- dos sinais de pontuação;
- dos sinais de serviço.

E assim, temos :

1.º — Letras simples :

a . —	f .. — .	k — . —	p . — — .	v .. —
b — ...	g — — .	l . — ..	q — — . —	v ... —
c — . — .	h	m — —	r . — .	w . — —
d — ..	i ..	n — .	s ...	x — .. —
e .	j . — — —	o — — — —	t —	y — . — —
				z — — ..

2.º — Letras compostas :

ä . — . —	ões — — — — .
à . — — . —	ú .. — —
ç — . — ..	ch — — — —
é .. — ..	

3.º — Números :

1	. — — — —	6	—
2	. — — — —	7	— — — . .
3	. . . — —	8	— — — — .
4 —	9	— — — — —
5	0	— — — — —

4.º — Pontuação :

(.)	Ponto	(três <i>i</i> ligados)
(,)	Vírgula	. — . — . —	(três <i>a</i> ligados)
(;)	Ponto e vírgula	— . — . — .	(<i>k</i> e <i>r</i> ligados)
(:)	Dois pontos	— — — . . .	(<i>o</i> e <i>s</i> ligados)
(!)	Ponto de exclamação	— — — . — —	(<i>g</i> e <i>w</i> ligados)
(?)	Ponto de interrogação	. — — — . .	(<i>u</i> e <i>d</i> ligados)
(')	Apóstrofe	. — — — .	(<i>w</i> e <i>g</i> ligados)
(—)	Traço de união ou hifen	— —	(<i>d</i> e <i>u</i> ligados)
(/)	Traço de fração	— . . — .	(<i>d</i> e <i>n</i> ligados)
Sublinhado		. — — — . —	(<i>u</i> e <i>k</i> ligados)
(" ")	Aspas	. — . . — .	(<i>a</i> e <i>f</i> ligados)
()	Parêntesis	— . — — . —	(<i>k</i> e <i>k</i> ligados)
Sinal de algarismos		. — . — . . .	(<i>r</i> e <i>b</i> ligados)

Nota : Os quatro últimos sinais devem ser feitos antes e depois das palavras a que se referem.

5.º — Sinais de serviço :

Convite para transmitir		(<i>k</i>)
Fim de comunicação	. — . — .	(<i>a</i> e <i>r</i> ligados)
Entendido	. . . — .	(<i>s</i> e <i>n</i> ligados)
Espera	. — . . .	(<i>a</i> e <i>s</i> ligados)
Repita	. . — — . .	(interrogação)
Erro	(série de pontos em cadência rápida)
Fim de serviço	. . . — . —	(<i>v</i> e <i>a</i> ligados)

Foram apresentados apenas os sinais previstos pelo Regulamento n.º 98 (Regulamento Técnico para a Exploração dos Meios de Transmissões).

PROCESSOS PARA A APRENDIZAGEM DO MORSE

Dentre os vários processos podem ser apresentados quatro deles, diferentes um dos outros para a aprendizagem do Alfabeto Morse. São os seguintes :

- processo de substituição;
- processo dos quadros de decifração;
- processo mneumônico;
- processo dos grupos.

1.º) — *Processo de substituição*

Neste processo, para obter um sinal Morse correspondente a uma letra, faz-se a substituição em palavras :

- das vogais por ponto;
- das consoantes por traço.

Exemplo :

A — as (.—)	D — duo (—..)
B — boia (—...)	E — e (.)
C — cabo (—.—.)	etc.

O aprendizado é feito geralmente escrevendo as letras e sinais em quadro negro ou papel, e cada instruendo escolhe as que preferir.

E' um processo difficil, pois nem sempre é possível conseguir as palavras para a substituição.

2.º) — *Processo dos quadros de decifração*

Quer um sinal seja ouvido, quer seja visto, aquele que aprende o Morse segue o sinal sobre os Quadros de Decifração A, B ou C e D conforme o mesmo comece por um traço ou por um ponto.

Nos quadros A e B os traços foram traçados para a direita e os pontos para a esquerda, partindo do traço ou do ponto precedentes.

Nos quadros C e D basta seguir a flecha.

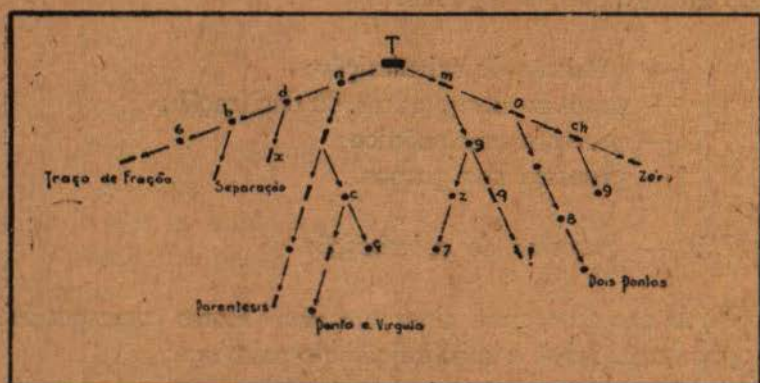


Fig. 1 — Quadro A.

Este processo é muito facil, mas extremamente moroso.

3.º) — *Processo mneumônico*

A) — Quanto aos sinais representativos das letras, observa-se que :

- Certas letras são idênticas a outras, mediante inversão ou transposição dos elementos que se representam: A e N; U e D; V e B; F e L etc.;
- As letras E, I, S e H são formadas unicamente por pontos;

— As letras T, M, O e CH são formadas unicamente por traços.

B) — Para os sinais dos números :

- Todos contêm 5 elementos, pontos ou traços;
- de 1 a 5 há 1 ponto para o 1, 2 pontos para o 2, 3 para o 3, etc., o resto sendo constituído por traços;
- De 6 a 9 o sinal começa por um traço: há tantos traços quantas unidades no excedente do número sobre 5. Por exemplo: para o 7, há 2 traços ($7-5=2$).

Este processo, muito simples, serve apenas para um certo e determinado número de sinais, como facilmente se verifica.

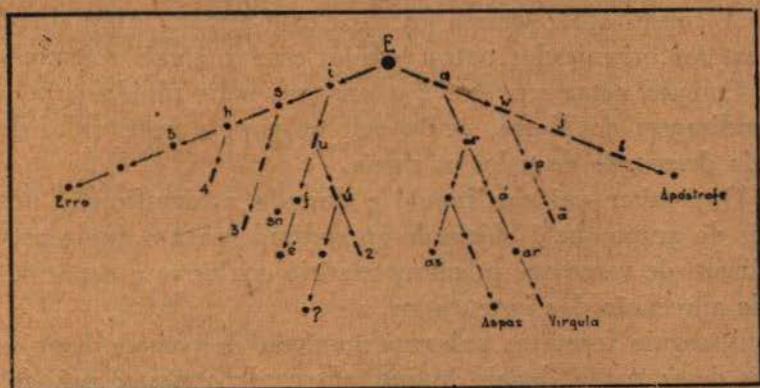


Fig. 2 — Quadro B.

4.º) — Processo dos grupos

Neste processo de aprendizagem os sinais são grupados segundo a regularidade que se observa no tocante à espécie ou à disposição dos elementos que os representam.

1.º grupo :	2.º grupo:	3.º grupo:	4.º grupo:
e .	t -	a ..	n ..
i ..	m --	u ...	d ...
s ...	o ---	v	b
h	ch ----	4	6
5	zero (0)		

5.º grupo:	6.º grupo:	7.º grupo:	8.º grupo:
z ---.	w ...	r ...	f
ões ---.	j	p	l
9 	l 	apóstro - fe 	
9.º grupo:	10.º grupo:	11.º grupo:	12.º grupo:
z	c	é 	k ...
q	á	ão 	x
y		ç 	separa- ção hifen

A constituição desses grupos não é rígida. Além disso, podem ser organizados outros grupos com os sinais restantes.

Cumprir notar que este é o processo mais rápido para a aprendizagem do Morse, sem o esforço para o instruendo, da prévia decoração de todos os sinais.

O monitor vai sinalizando e dizendo a significação dos sinais do grupo que é objeto do aprendizado para o que repete o número de vezes que julgar necessário conforme a capacidade de apreensão dos instruendos.

A seguir forma as palavras possíveis de compor com os sinais desse grupo, depois do que, *observado o mesmo método*, vão sendo considerados, paulatinamente, os demais grupos, e então elaboradas frases com as palavras cuja significação já lhes ficou conhecida.

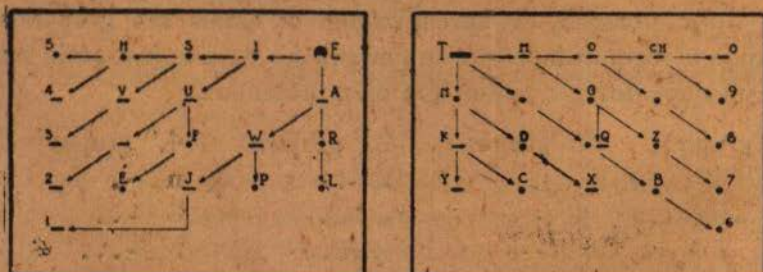


Fig. 3 — Quadro C.

Nota.

Graficamente, as letras do alfabeto comum, os números, etc., são representados pelos sinais Morse por meio de *ponto*, *traço*, ou combinações deles.

Em via de regra, os aparelhos transmitem os sinais Morse, quer produzindo um som, breve ou longo, quer emitindo um feixe luminoso intermitente, breve ou longo. Há ainda os que grafam aqueles sinais, e é de notar, que também eles podem ser transmitidos por meio dos movimentos dos braços dos sinaleiros, realçados ou não por meio de bandeirolas especiais.

Assim sendo, e considerando que o meio mais fácil para que o instruendo aprenda os sinais é fazê-lo ouvi-los e depois identificá-los, emprestemos aos *pontos* e *traços* do Morse o som produzido pelas palavras *di* e *da*.

Se fizermos essa substituição no conjunto dos sinais Morse, teremos:

A d i d a

B d a d i d i d i

C d a d i d a d i

etc.

Observações:

a) — o instruendo perceberá que a aprendizagem do Morse apresentar-se-á assim como a de uma nova língua, que em pouco tempo será capaz de utilizar sem dificuldade;

b) — deve procurar grafar um sinal logo que o tenha ouvido por completo. Imediatamente após reconhecer um sinal desistir de pensar nele como um som: pensar nele como sendo, no momento, uma letra, um número, etc., para logo grafá-lo no papel. Isso faz com que a atenção fique livre para apreender o sinal seguinte, enquanto escreve o anterior;

c) — pensar sempre em um sinal como sendo um som. Por exemplo: dida — A, da di di di — B, etc., jámais contar número de *di* ou *da* componentes do sinal. Pensar apenas no som;

d) — quando perder um sinal, não mais se preocupar com ele; seguir adiante procurando apreender os outros;

e) — *jámais* grafar um sinal por antecipação: esperar que ele seja transmitido por completo, para depois escrevê-lo no papel.

PALAVRAS

Como subsídio para o aprendizado apresentamos a seguir algumas palavras formadas com os sinais dos diversos grupos:

1.º GRUPO — eis — ise — isis — esi — eshi — sei — esses — seis — ieis.

2.º GRUPO — tom — tomo — moto — momo — choto — chocho — mocho — mochocho — toto — chomo.

3.º GRUPO — uva — vau — avu — vua — vava — vuvu — vauva — vuava.

1.º e 2.º GRUPOS — este — eito — motes — sim — tosses — tios — sitios — soes — teimei — chim — chistes — tossi — teimo — somei — messe — chimo — mesmo — hostes.

1.º e 3.º GRUPOS — sha — sauva — siva — seiva — avisei — visa — saes — sevas — vasias — vivas — veias — sievas — vievas — viaveis — aves — viu — hostis.

2.º e 3.º GRUPOS — votos — chamou — chova — chuva — chata — toma — tomava — tacho — tacha — tocha — achava — chutava — macho — matou — matava — atomo.

3 PRIMEIROS — tomates — houvesse — tivessemos — movias — miavam — miasmas — visto — muchacho — matuto — viuva — suavam — mais — misto — missa — messias — soma — hematite.

1.º e 4.º GRUPOS — ensinei — nesse — dissesse — disse — nise — eni — sebe — desses — ebes — sede.

2.º e 4.º GRUPOS — bobo — tonto — tombo — modo — monto — doto — dom — domo.

3.º e 4.º GRUPOS — dava — nua baba — banana — anda
— nadava duna — bau.

4 PRIMEIROS — nabo — nababo — diabo — nata — ma-
tando — bento — bandido — chamando — veado
— dotado — baia — bonde — bonus — banho —
suando — medo — sitiante — vasto — mento —
mentias — mente — montanha — montante — te-
nente — dando — ema — chuchando — chaves —
chaveta sino — sina — santa — assinante — auto
— anta — estado — duvida — diabete — dose —
monte — tinta — tina — amassando — dente —
sentido — sova — sabado — sebento — sabido
— sabinas — samba — sambista — sambando —
tabu — taboada — abobada — sentimento — en-
chento — cheio — enchido — donde — motivo —
ventania — vento — bendito — beneditos — bando
— andante — andantino — suino — denso — den-
sidade — antena — antanho — estanho — teto —
tato — medonho — ametista — atinente — vestido
— vestimenta — amisade — baton — bastonete
— baiano — distante — sonata — bustamante —
mantinha — tendo — mantendo — sonante — dis-
sonante — batata — ateista — ateu — besta — so-
mente — chiante — adido — mote — motete —
abano — viandante — homonimo — antonino —
adido — tumba — mateus — matias — navio —
mediante — mediana — noventa — dissidio — ano
— medida — desdemonia — divida — metana —
butana — dentina — dentista — diastase — abade
— abadia — abadessa — semente — demente —
nenen — tambem — vasio — vasante — vasos —
asa — asinos — asimo — veu — hesitante — enti-
dade — enteado — sabzonete — batente — bastan-
te — enseada — subida — bichano — chineses —
mancha — ene — sintema.

1.º e 5.º GRUPOS — gis — gege — sessões.

2.^o e 5.^o GRUPOS — goto — togo — gomo — tohões.

3.^o e 5.^o GRUPOS — água — vagões — vaga.

5 PRIMEIROS GRUPOS — senões — chimango — avoengos — aviões — vagabundos — bagagem — sinagoga — gaita — gatunagem — gaviões — gaviete — gaivota — gatos — ganhos — gancho — guincho — magotes — magua — navegante — notivago — vigamento — vigia — huguenotes — vagidos — mamões — agente — anões — deões — toga — tanga — timões — simões — geada — engenho — monge — maganões — chavões — vestões — tostões — gesso — avessas — transmissões — vesga.

6 PRIMEIROS GRUPOS — joia — jovem — anjo — jejum — wanda — jota — banjo — beijo — benjoim — judia — wadi — estojo — nojo — joa — josende — sujo — justo.

7 PRIMEIROS GRUPOS — ira — aro — ena — pera — pimo — prata — proa — roer — reis — resina — raro — rasante — ratoeira — regatear — rarear — peste — parada — tóurada — poncho — tesoura — ratejar — rajada — revista — rutura — regimen — jardineiro — videira — regente — jaguar — revigorar — rogar — prorrogar — programar — projeto — pestanejar — rodar — rapapé — rosnar — parreira — jaspe — pejar — regiões — agriões — rasgões.

8 PRIMEIROS GRUPOS — fa — fala — fase — fato — fossil — lata — lar — luar — falua — falsa — falsete — telefone — telegrafo — telepatia — falange — livro — luto — livraria — tela — enlevo — envolver — nujol — preliminar — fulminar — fulgir — fulgurante — afofar — refletor — satellite — filante — fila — lufalufa — tolete — bolonha — balofo — rabula — bufarinheiro — bajulador

— fabula — relógio — religioso — lugar — rega-
to — figado — aflito — refletir — feijões — lei-
lões — afinal — mamelões — legiões — foliões —
folguedos — sílaba — salada — fossa — wha-
lhalla.

9 PRIMEIROS GRUPOS — zelo — zelador — zeferino —
zenito — zeze — zebra — queijo — quilombo —
paraquedas — fazenda — zilda — falaz — quizer
— requesitos — framboeza — luz — franzido —
trazer — ver — rez — aprender — nez perdiz —
nariz — juiz — vez — azul — talvez — arnez.

10 PRIMEIROS GRUPOS — cada — casa — cessar — taco
— toca — calor — sabiá — há — mágoa — cas-
sange — escafandro — colocar — zeca — casaca
— caneco — casquilho — cascadura — cafageste
— califa — cacho — sofá — cajá — rajá — cruz
— encruzilhada — jaca — jacá — capataz — ca-
trapuz.

11 PRIMEIROS GRUPOS — açafrão — fé — café — cane-
ção — canção — benção — coração — sansão —
facão — são — separação — até — embarcação
— tripulação — trepanação — admissão — inje-
ção — rapé — bagé — cristão — beliscão — cação
— mosquetão — antecipação — sinalização — ja-
caré — canapé — cáspite.

12 — PRIMEIROS — GRUPOS — xarope — xilografura —
xilofone — xenofante — exame — praxe — óxido
— axila — xadrez — baixo — próximo — oxida-
ção — xuxu — maximo — maximiliano — feixe —
reflexão — queijada — queixume — fixo — exa-
gero — exercito — enxame — enro — caixo — en-
vovia — anexo — complexo — complexão — am-
plexo — fluxo.

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Breviário do Recruta — Cap. Frederico Trota	5,00
Cartilha da Mocidade — Cap. Micaldas Corrêa (*) ...	6,00
Caderneta de Ordens e Partes	11,00
Caderneta de Ordens e Partes (blocos)	3,00
Caderneta de Campanha do Cap. — Cap. Nelson Boiteux	13,00
Comandar — Major Niso Viana Montezuma	7,00
Concepção do Vitória entre os Q. Generais — Capitão F. Mindelo	21,00
Coletânea de Leis e Decretos 1544 a 1938 — Major Ben- to Lisboa	13,00
Contribuição da Guerra Brasil B. Ayres — Gen. Bertol- do Klinger (*)	13,00
Código de Justiça Militar — Ten. Cel. José Faustino da Silva	27,00
Dispersão do Tiro — Ten. Cel. Arnaldo Morgado da Hora	12,00
Do Brasil à Itália — Gen. Newton Braga	8,00
Educação Física Militar — Maj. Gutemberg Ayres de Miranda	10,00
Educação Física Feminina — Cap. Jair Jordão Ramos	3,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".

Aspectos Táticos do Emprêgo da Artilharia

*Traduzido pelo Ten. Cel ARMANDO PEREIRA
DE VASCONCELOS (The Field Artillery Jour-
nal — Agosto 1943).*

I — O EMPRÊGO DA ARTILHARIA DE CORPO.

1 — Organização :

(a) — Os elementos da Artilharia orgânica compõe-se de um Quartel General, a Bateria do Q. G. e um Batalhão de observação de A. de Campanha.

O Comando da Artilharia de Corpo é exercido por um General de Brigada.

Não há organicamente unidades de canhões ou de obuzes da Artilharia de Corpo. Estes lhe são atribuídos pelos escalões superiores de Comando quando disponíveis e necessários.

(b) — Os métodos de emprêgo da Artilharia atribuída ao Corpo de Exército são flexíveis e dependem necessariamente da situação particular. O reforço de Artilharia posto à disposição do Corpo pelo comando superior pôde ser:

- inteiramente posto à disposição das Divisões
- uma parte conservada com a A. C. Ex. e o restante repartido pelas Divisões
- ou todo êle se mantém sob o controle imediato do C. Ex.

Em nenhum momento o controle da artilharia de reforço deve centralizar-se no C. Ex. a não ser quando as frentes das

Divisões forem tão estreitas que tornem praticável o apoio mutuo.

Qualquer reforço de artilharia atribuído a um Corpo e mantido sob seu controle, passa a constituir a Artilharia do Corpo de Exército.

2 — *Principios de emprêgo :*

(a) — *E' essencial que a Artilharia de Corpo de Exército seja empregada para intervir oportunamente na ação.* A repartição de toda, ou parte, da A. C. Ex. às Divisões torna-se, portanto, prática corrente. Essa repartição de meios pelas Divisões, incluye tambem elementos do Batalhão (Grupo) de Observação (observação, localização pelo clarão e pelo som), e do Quartel General na proporção das unidades de canhões e de obuzes.

A Artilharia de Corpo, ou partes dela, será posta à disposição das Divisões quando:

- 1.º) — O Comandante do Corpo, por intermédio do Cmt da A. C. Ex., não puder controlar devidamente sua artilharia por falta de meios efficientes de transmissões;
- 2.º) — Os elementos da A. C. Ex. ficarem alem da distância de apoio mutuo, impedindo que seus tiros possam ser concentrados sob a mesma área;
- 3.º) — Particularmente, a missão de uma Divisão (ões) impuzer reforços em artilharia e estiver em melhores condições para controlá-los.

b) — *O poder do fogo atinge sua máxima efficácia quando empregado por surpresa e em massa.* Para isso, o controle da potência de fogo da Artilharia deverá ficar constantemente assegurado e centralizado nas mãos do comando imediatamente superior para ser bem conduzido.

Isto posto, o controle do poder de fogo da Artilharia deve ser centralizado quando:

- Entre duas ou mais unidades de artilharia foram estabelecidos meios de comunicações seguros.
- duas ou mais unidades de artilharia estiverem fóra da distância de apoio reciproco.
- o comando subordinado não estiver em condições de controlar o poder de fogo de modo mais eficiente do que o do escalão superior.

Este constitui o processo mais em voga para o emprêgo de duas ou mais baterias, batalhões (grupos) e A. D. sob as ordens do Corpo de Exército. Reciprocamente, o controle do fogo deve ser descentralizado imediatamente, desde que as condições acima não possam ser mais satisfeitas.

Destarte, às tropas apoiadas poder-se-á sempre fornecer o máximo de potência do fogo de Artilharia, à disposição do comando, conforme a situação particular que se apresente.

A Artilharia de Campanha normalmente é descentralizada para a marcha, para o apoio e a instrução, como, por exemplo, na constituição dos grupamentos de combate (combat teams). Não obstante, o efeito decisivo que se procura, e a eficiência do poder do fogo da artilharia serão mais eficientemente obtidos desde que sob controle centralizado.

c) — *Na montagem do dispositivo da A. C. Ex. para o ataque com várias Divisões, devem ser levados em conta os seguintes fatores :*

- 1.º) — a oposição anteposta pelo inimigo
- 2.º) — o emprêgo ulterior da Divisão
- 3.º) — a rede de estradas disponíveis e a progressão das formações das divisões (escalões de ataque)
- 4.º) — a característica do terreno nas zonas de combate.

3 — *Emprêgo do Batalhão (grupo) de observação da Artilharia de Campanha e de seus elementos :*

a) — O Batalhão (grupo) de observação da Artilharia de Campanha, ou seus elementos, podem ser também reparti-

dos pelas divisões em linha, ou conservados sob o controle do Corpo.

b) — O Batalhão (grupo) de observação pode em geral fornecer dois destacamentos de observação. Cada um dos destacamentos compõe-se de duas equipes de localização pelo clarão e uma secção de localização pelo som. Postos à disposição das Divisões, poderão variar, conforme a situação encerrada.

O exemplo seguinte corresponde a maneira usual por que o comando da A. D. poderá empregar os destacamentos de observação.

As equipes de localização pelo clarão são repartidas pelos grupos de A. leve que integram 2 grupamentos de combate (combat team) da Divisão para auxilia-los na justagem e observação do tiro bem como concorrer ao serviço de Informações do Comandante da Divisão em combate (S. I. A.).

A Secção de localização pelo som é utilizada junto da Artilharia Média (155) para auxiliar a contra bateria.

c) — O destacamento de observação acima indicado, considerado como o mínimo necessário ao trabalho eficiente da A. D. Em certas ocasiões faz-se recomendável reforçar esse destacamento com meios de observação, comandos auxiliares com pessoal de transmissões.

4 — *Estado Maior de ligação:*

Em complemento ao que foi dito acima, o comandante da A. C. Ex. deve ligar-se às Secções de Informações e de Operações, destacando o pessoal correspondente de seu E. M. junto aos E. Maiores das Divisões para assisti-los na organização e condução da contra-bateria. O perfeito funcionamento do E. M. da A. C. Ex. permitirá ainda o comandante da A. C. Ex. enfrentar as situações e realizar rapidamente a centralização do controle quando se fizer necessário.

5 — *Proposições para repartição da A. de C. Ex:*

Os reforços da A. de Corpo facultam ao comandante da Divisão os meios suficientes e poderosos para adquirir superioridade.

ade sobre a Artilharia diversa e permite-lhe antecipar às fa-
do engajamento sem dispersar as unidades orgânicas mais
as as missões de apoio.

A artilharia de apoio direto pois, não deve ser desviada
ra outras missões, quando a unidade apoiada estiver estreita-
nte em contato com o inimigo. Consequentemente surge a
essidade de atribuir-se as A. D. um forte reforço em arti-
ria.

6 — Missões :

a) — As unidades de reforço de artilharia atribuídas às
issões encorporam-se às A. D. e passam a ser empregadas
no tais.

b) — A artilharia de reforço, quando empregada sob o
trole da A. C. Ex., executa três missões gerais:

- contra-bateria
- ações longinquas
- reforço de fogo das A. D.

A contrabateria é a missão principal. A observação aérea
uasi sempre essencial. Em complemento a observação for-
da pela Aviação Orgânica da Artilharia de Campanha,
ela observação (grupo entre nós) das Unidades Aéreas por-
os aviões orgânicos da Artilharia só podem operar à reta-
rda das linhas amigas. Até que os Destacamentos do Bata-
o de Observação entrem em funcionamento, a observação
ea constitue praticamente o único meio utilizavel para a lo-
zação das baterias inimigas.

As missões primordiais da observação aérea, graças a
“performance” dos seus aviões serão:

- ajustagem e controle do tiro da artilharia de longo al-
cance.
- reconhecimento das regiões fora do alcance do Bata-
lhão de Observação (grupo).
- verificação das informações obtidas pelo Batalhão de
Observação.
- controle de tiros.

7 — *Posições :*

a) — *Ataque.* No ataque a artilharia de Corpo, em comum com outras unidades da Artilharia de Campanha, ocupam posições bem avançadas em condições de poder usualmente cobrir os deslocamentos para a frente da artilharia divisionária.

b) — *Defesa* — A artilharia de Corpo é escalonada em profundidade para adquirir flexibilidade de tiro e permitir a continuidade de apoio no caso da artilharia das posições avançadas ser forçada a retrair-se por efeito de sucessos locais do inimigo.

8 — *Emprego da potencia do fogo :*

Há 3 métodos gerais pelos quais o emprego em massa do poder de fogo da Artilharia de Corpo pode tornar-se útil em determinadas áreas e momentos críticos. Normalmente, empregam-se estes métodos combinados.

Os métodos consistem no seguinte :

a) Unidades atacantes da Artilharia de Corpo são adaptadas às Divisões, como por exemplo, à zona de ação da divisão de esforço principal.

b) — designam-se às unidades especiais de artilharia de Corpo missões de apoio conjunto e de reforço de fogo da artilharia divisionária de apoio ao esforço principal ou do setor crítico.

c) — Realiza-se a coordenação lateral (zonas de ação) unidades de A. C. Exp. de modo que se possa localizar a massa da potência (fogo) (e quando pedido) na zona de ação do esforço principal ou em outras áreas críticas. O cumprimento destas condições requer que se sacrifique em alguma forma o alcance, para se conseguir o controle lateral.

9 — *Localização:* Os elementos apropriados do Batalhão de Observação serão incluídos como partes dos Destacamentos referidos no item 3 acima, ou serão puxados bem à frente e independentemente para atender ou coordenar a localização a cargo da Artilharia Divisionária interessada e estabelecida ain-

um controle comum de localização para o total ou alguma parte da artilharia subordinada ao Corpo. O tipo comum de controle da localização estabelecido ordinariamente dependerá montante dos elementos de localização utilizáveis na área a controlar conjugados com o tipo de cartas de tiro que se dispõem. Cada Batalhão executa sua própria localização em condições de facilitar o rápido emassamento (concentração) dos tiros das suas baterias.

10 — *Observação:*

As unidades de Artilharia de Corpo, especialmente quando reforçam os fogos das unidades da artilharia divisionária, têm necessidade de dispor de observação na proximidade dos principais elementos apoiados. Esta necessidade é particularmente reclamada em terreno que oferece observação limitada. As unidades da Artilharia de Corpo, portanto, devem expedir observadores avançados. O trabalho e as transmissões dos observadores avançados das unidades da A. C. Ex., que estão incumbidos da missão de reforço devem ser coordenados com os observadores avançados da artilharia divisionária que atua na mesma zona.

Quando o Corpo exercer o controle centralizado da A. C. o comandante da A. C. Ex. deve coordenar a observação terrestre, aérea e localização pelo clarão e pelo som na frente onde for atribuída.

11 — *Ligações:*

Os princípios normais de ligação são aplicáveis às unidades da Artilharia de Corpo. Uma unidade da A. C. Ex., que reforça o fogo de outra unidade, fica obrigada a enviar um oficial de ligação para junto do comando (headquarters) da unidade.

12 — *Missões da A. C. Ex. durante a preparação da artilharia precedendo uma ação coordenada:*

a) — Uma preparação de artilharia é um sistema inten-

sivo de tiros que deve ser desencadeado imediatamente antes do ataque.

Os tiros são previamente combinados tanto na localização como no momento de desencadearem-se.

b) — As preparações de artilharia são correntemente divididos em fases para permitir que os tiros sejam concentrados sobre objetivos particulares em momentos críticos. As preparações não são estereotipadas. O número de fases, sua duração e as missões de tiro são variáveis conforme a situação particular.

c) — A A. C. Ex., sendo reforçada em quantidade necessária pela A. dos outros escalões, adquire superioridade sobre a artilharia adversa, notadamente na preparação.

A neutralização das baterias ativas deve ser mantida durante as últimas fases.

d) — A missão das unidades da A. C. Ex. durante todas as fases da Preparação, desde que não sejam solicitadas pelas missões de contrabateria, consiste em reforçar o fogo das A. D. neutralizando os comandos e os sistemas de comunicação, as áreas defensivas e a observação inimiga.

13 — *Fogo de apoio produzido pela A. C. Ex. no ataque :*

A A. C. Ex. continua a executar a contrabateria, reforça as concentrações das A. D., neutraliza as áreas defensivas já conhecidas além das que são neutralizadas pelas A. D. e cega os observatórios inimigos.

14 — *Missões da Artilharia de Corpo na defensiva :*

a) — *Fogos desencadeados antes que o inimigo se concentra para o ataque.*

São eles: a contrabateria, o apoio das forças de cobertura e P. A.; neutralização de reservas inimigas, interdição e inquietação.

b) — *Contrapreparação.*

Preliminarmente organiza-se a contrabateria incluindo certas unidades incumbidas da missão adicional de atacar as baterias inimigas reveladas no último momento, para serem incluídas nos tiros preparados.

A A. C. Ex. tem ainda outras missões: neutralização das áreas de reunião dos carros, das áreas de reunião e de reserva da infantaria e do sistema inimigo de Comando, reforço de fogo a artilharia divisionária.

c) — *Fogos de deter depois do ataque desencadeado.*

Contrabateria; neutralização dos elementos mecanizados hostis e das reservas; reforçar os fogos da artilharia divisionária e cegar a observação inimiga.

15 — *Missões da Artilharia de Corpo nos movimentos retrogados.*

Execução dos tiros de interdição longinqua com especial atenção sobre os movimentos procurando os flancos e a retaguarda; neutralização de objetivos longinquos; reforço dos fogos da A. de Apoio Direto de acôrdo com a situação.

16 — *Direção de tiro da A. C. Ex.*

Os Batalhões (grupos) da A. C. Ex. transportam e concentram seus tiros pelos mesmos métodos utilizados pela Artilharia divisionária. A técnica de manobra da A. C. E. é quasi idêntica a da Artilharia divisionária. Em vista de suas extensas zonas de tiro, os Batalhões da Artilharia de Corpo podem frequentemente manter 2 cartas de tiro.

Os Batalhões (grupos) da A. C. Ex. postos à disposição das Divisões têm o controle de localização assegurado pelo oficial de informações da Artilharia Divisionária da Divisão junto a qual vai trabalhar.

ARTILHARIA DE REFORÇO EMPREGADA EM MASSA

(Ataque a uma posição organizada).

17 — *Generalidades.*

a) — A expressão *artilharia de reforço* aplica-se a qual-
artilharia complementar que pode ser destacada de uma unida-
de superior para um escalão inferior.

Exemplos :

- 1) — Unidades de Artilharia distribuídas pelo C. Ex.
às Divisões como no parágrafo 2b acima;
- 2) — Grandes quantidades de artilharia atribuídas a um
comando de acôrdo com as necessidades para uma
operação particular. Tais reforços são especialmen-
te indicados para o ataque a uma forte posição de-
fensiva. Os parágrafos séguientes referem-se exclu-
sivamente a esta modalidade de situação.

b) — Os comandantes das unidades de reforço devem ser
agressivos na expedição dos reconhecimento e na utilização de
seus próprios meios para as missões de segurança e busca de
informações em combate. Tanto mais rápida a ação, tanto me-
nor o auxílio que se pode esperar das unidades já empenhadas.

18 — *Considerações interessando a repartição de meios
poderosos dados em reforço à artilharia.*

Quando numerosos reforços de artilharia devem ser atri-
buídas a um comando, varios problemas complexos surgem.
Dentre eles destacam-se :

a) — os pedidos de armas, de reforços em pessoal de co-
mando e munições.

b) — o tempo e o espaço como fatores para o controle
do movimento das unidades e das munições para as suas res-
pectivas áreas de emprêgo.

c) — tentativas de créditos para os escalões subordinados baseadas nos cálculos dados.

d) — crédito final para os escalões subordinados, baseado na artilharia dado em reforço e nas munições existentes no momento, e a ser concedido pelo comando mais elevado.

e) — determinação das prioridades de chegada e ocupação das posições pelas unidades de reforço.

f) — trabalho preparatório a ser feito pelas unidades em posição auxiliando as unidades de reforço a aprontarem-se para o tiro.

g) — pormenores para regular o recebimento e a manobra das unidades de reforço desde sua chegada na zona de combate.

h) — coordenação dos meios de observação de toda a artilharia de campanha.

i) — recuperação das unidades de reforço em um momento designado pelo comando superior (Ell.).

Estes assuntos serão discutidos separadamente nos parágrafos que se seguem.

19 — *Pedidos de armas, pessoal de comando e munições.*

A determinação correta dos pedidos de armas, de pessoal de comando em reforço e das munições para o apoio de uma operação particular é obtida mediante cálculos feitos pelo comandante e Estado Maior do mais elevado escalão presente.

O comando considera em 1.º lugar o plano de ataque e em segundo lugar as missões geral e particulares que devem ser realizadas. As missões especiais incluem as missões específicas determinadas pelo comando, como a contrabateria e as missões que reclamam o super poder da artilharia.

Os cálculos das munições necessárias deve ser feito concurrentemente com as das armas e elementos adicionais do pessoal de comando.

20 — *Considerações sobre o momento e o espaço.*

Quando o computo das necessidades está terminado, o comando da artilharia, em cooperação com o Estado Maior geral, determina, de acôrdo com o tempo útil e quaisquer que sejam as redes rodo e ferroviárias, e chegada das unidades de reforço e de suas munições na área designada para permitir a execução dos movimentos. Um cuidadoso estudo do transporte de munições poderá ser utilizado pelas unidades já presentes e constitue uma consideração de grande relevância.

21 — *Tentativas de créditos para os escalões subordinados.*

Os calculos estando completos, o comando da artilharia faz uma tentativa de organização para o combate, baseado sobre seus cálculos, afim de poder determinar os créditos aos escalões subordinados. Seu cálculo prevê a retenção, sob seu immediato controle, de um mínimo julgado necessário para cumprir as missões visadas. O remanecente da artilharia de reforço pedida é experimentalmente atribuido aos vários escalões subordinados.

Para fazer-se esta repartição aos escalões subordinados devem ser considerados os seguintes fatores: O poder do fogo necessita destas unidades para cumprir suas missões; as unidades particulares que devem receber o reforço do comando da Artilharia, as zonas de posições utilizáveis e as estradas de acesso.

22 — *Crédito final aos escalões subordinados.*

Quando o quartel general do escalão superior anuncia o montante da artilharia de reforço e das munições que atualmente poderão ser tornadas disponíveis, o comando da artilharia e seu E. M. reveem a estimativa das "necessidades" e planejam, com o E. M. Geral, o movimento das unidades de reforço para a zona de combate.

23 — *Ordem de chegada.*

A ordem de chegada das unidades de reforço é basicamente dependente da cobertura e desenfiamento utilizáveis na zona das posições ou próximo delas. Pode também ser afetada pela perspectiva do emprego de certas unidades.

A ordem de chegada é normalmente escalonada por horários de acordo com as seguintes prioridades :

a) — As baterias ou batalhões que podem ir diretamente às suas posições de combate, dependem da circunstância das cobertas e dos desenfiamentos poderem ser utilizados.

b) — As baterias ou batalhões que podem ir às áreas ocultando-se na vizinhança de sua posição de combate ou em posições alternadas.

c) — As baterias ou batalhões que podem ser trazidos tão tarde quanto possível, devido a falta de cobertas e desenfiamento, cada um às suas posições ou na vizinhança delas. Este agrupamento deve ser reduzido ao mínimo. Um plano cuidadoso e a cooperação de todos os comandos e Estados Maiores tornam-se essenciais para o êxito da execução.

24 — *Assistência prestada pelas unidades em posição*

As unidades específicas já em posição são incumbidas de preparar a preparação do tiro ao máximo, em proveito das unidades de reforço. Esta assistência pode englobar a escolha de posições e de postos de observação; o estabelecimento da rede de transmissões e a vigilância; a preparação dos elementos de tiro, quando praticável, o transporte das munições. Tal trabalho preparatório deve ser feito com inteligência e de modo completo para o que requer um responsável na sua direção.

Os comandantes das unidades recém-chegadas, por si ou seus representantes chegados ao terreno da ação o mais cedo possível, tornam-se os responsáveis e assumem a direção dos trabalhos.

25 — *Medidas para a recepção das unidades.*

Essas medidas são adotadas tendo em vista receber as unidades na sua chegada. Estas providências devem ser completas e pormenorizadas. Dentre os assuntos a regular citam-se os seguintes :

a) — Preparo de aquartelamento e de alimentação por destacamentos avançados. (precursores).

b) — Escolha das zonas de instalação.

c) — Designação das estradas de acesso às posições finais.

d) — Determinação dos dados e movimentos para a ocupação das posições. (entrada em ação).

e) — Informações para as unidades que chegam, inclusive a localização das posições dos canhões, postos de observação e de comando, nomes dos comandos locais com quem se entenderão, códigos a serem utilizados, frequências de rádio a serem empregadas, redes de transmissões já estabelecidas, rede de fios a serem estabelecidos pelas unidades na chegada, localização dos depósitos de munições, quantidades e espécies de munições disponíveis em cada unidade (estes dados incluirão o número do lote) cartas de preparação de tiro e ordens locais interessando a requisição e o recebimento de toda espécie de suprimentos.

26 — *Coordenação dos meios de observação de toda a A. de Campanha.*

A presença de algumas unidades da A. de Campanha em determinada área requer que os meios de observação de toda a Artilharia sejam coordenados pelo comando superior da artilharia. Os pontos de observação terrestre utilizáveis deverão ser repartidos (allocated); os meios de observação aérea deverão ser limitados a missões apropriadas e as unidades de localização pelo clarão e pelo som coordenados com a discriminação das zonas de responsabilidade primária que lhes deverão ser atribuídos.

27 — *Recuperação das unidades de reforço.*

O comandante da artilharia toma providências, para assegurar a recuperação das unidades de reforço em um número determinado pelo quartel general da autoridade superior. Tais providências envolvem *instruções* prescrevendo a data e hora da liberação das unidades, *disposições* para esta artilharia em concordância com as diretivas do comando superior, o momento em que se devem deslocar e as estradas a serem utilizadas.

28 — *Reforços para a defesa.*

De modo geral, as considerações referidas nos parágrafos 17-27 serão aplicadas quando forem determinadas as necessidades da artilharia para conduzir a defesa da posição.

29 — *Generalidades.**Estimativas da Artilharia de Campanha.*

Todas as operações militares deverão ter um objetivo definido.

Todas as missões subordinadas a uma determinada operação contribuem pois, para este fim. A missão do comando, devendo ser definida em ordens ou instruções pela autoridade superior, deverá reclamar a adoção de uma direção definitiva para a ação em concordância com a situação com que se defronta este comando.

O rumo adotado para a ação deverá resultar de uma decisão firme.

Uma decisão bem fundamentada deve resultar de uma oportuna e adequada *impressão* sobre a situação (F. M. — 101-S) presente.

— *Proposições*

A proposição sobre o computo de artilharia tem por objeto garantir que o comando tomará na devida consideração todos os fatores relacionados com a situação e as possibilidades

do inimigo (linhas de ação que podem prejudicar o cumprimento da missão) com o fim de adotar uma linha de ação que:

a) — favoreça o cumprimento de sua missão.

b) — ofereça as melhores perspectivas de sucesso.

Si nestas propostas forem indicadas, com a mesma importância, mais de uma linha de ação, deverá ser adotada a que mais favoreça a ação futura (F. M. 101-5).

31 — *O papel da Arma apoiada (infantaria)*

A artilharia de campanha contribue na ação com sua força integral, mediante o fogo de apoio que fornece às outras armas (F. M. 100-5).

33 — *Considerações básicas sobre o apoio a prestar e os comandantes do apoio.*

A natureza das missões da arma apoiada e da arma de apoio demonstra que o comando da infantaria preocupa-se, primordialmente, com as condições da manobra (o fator manobra); ao passo que o comando da artilharia preocupa-se especialmente, com as condições do poder de fogo (fator-potência de fogo)

34 — *Impressão sobre a situação.*

Uma impressão perfeita sobre a situação pode ser obtida apenas por uma judiciosa consideração sobre ambos fatores — *poder do fogo e de manobra*. Ainda que ambos os fatores sejam sempre coexistentes, sua relativa importância variará com as condições gerais de emprego da tropa, em dado momento e espaço, e com a situação particular.

35 — *Responsabilidade do oficial da artilharia.*

O oficial de artilharia em cada escalão de comando tem uma dupla tarefa. Ele comanda a artilharia de escalão consi-

derado e, complementarmente, constitue um membro do Estado Maior especial dêsse comando. No último caso, deve estar sempre preparado para submeter ao comando seu parecer técnico e tático relativo ao emprêgo de artilharia. Esta função obriga o oficial da artilharia a fazer contínuos computos sobre as possibilidades da arma. Sua impressão não pode ser exclusivamente pessoal, restrita puramente as linhas da artilharia; a impressão sobre a situação deve ser fornecida pelo comando. Nestas condições, suas conclusões podem coincidir e complementar as deste último. O oficial de Estado Maior da Artilharia, pois, deve manter constante contato com as Seções do Estado Maior Geral para conhecer as linhas de ação que o comando prescreveu bem como as que êle considera abertas ao inimigo.

36 — *Computo da Artilharia de Campanha*

a) — Em geral, o oficial de artilharia deve fazer estimativas sobre os meios de Artilharia necessários a cada fase de uma operação.

Durante uma situação ofensiva o cálculo pode basear-se :

- 1 — estimativa, a priori, da artilharia para a decisão básica (fase do reconhecimento).
- 2 — cálculo das necessidades em artilharia de campanha depois da decisão básica ter sido tomada, mais ou menos ao aproximar-se a decisão completa (fase do contato).
- 3 — o cálculo dos meios de artilharia de campanha depois da decisão completa ter sido anunciada (fase do plano).

b) — A principal consideração que deve orientar o oficial de artilharia essas varias estimativas, basea-se na seguinte pergunta :

— quais serão as missões da artilharia ?

Despresando as fases da operação, ele constantemente procura responder os seguintes quesitos:

- 1 — que especie de objetivos (e n.º de cada um) comporta a situação apresentada ?
- 2 — quais as linhas de ação abertas ao comando ?
- 3 — Como pode o “poder do fogo” ser aplicado para reduzir os objetivos apresentados ?
- 4 — Pode o número de objetivos (atuais ou futuros) ser tratado suficientemente pelos meios de artilharia disponíveis ? Caso contrário, que reforços se fazem necessários ?

c) — O cálculo, para as fases de reconhecimento e de contato é feito sobre a extensão geral das linhas e a direção da posição que se procura atingir; para a fase do plano ele tem em vista o *como* fazer.

37 — *Aplicação dos princípios.*

a) — *Situação geral* — Dois partidos, um vermelho e outro azul estão em guerra.

b) — *Situação particular.*

- 1 — Os vermelhos invadiram o território azul com forças que se podem avaliar em um Corpo de Exército.
- 2 — O I. C., Ex. azul, reforçado, está progredindo para combater o invasor, tendo por missão reconquistar o terreno indicado. (carta).
- 3 — A organização das forças contrárias é similar a nossa, salvo a força da infantaria orgânica dos azuis que é 4 a 3 vezes superior a Vermelha.
- 4 — Antes do contato, o oficial de artilharia e seu E.M., estão empenhados em constantes estudos sobre o terreno na direção do inimigo, tendo particular atenção

com as áreas em que os fatores tempo e espaço evidenciam um provável contato, e com as linhas de ação consideradas pelo comando. (linhas a atingir).

c — *Cálculo da A. de Campanha — fase de reconhecimento.*

1 — O oficial de artilharia e seu E. M. examinam, de modo geral, cada linha de ação aberta ao comando e as linhas que se lhe opõem, abertas a ação do inimigo. Esse exame se refere:

a) — às missões que a A. terá que cumprir.

b) — o apoio de artilharia reclamado.

c) — o montante dos meios de artilharia disponível.

Desde que no balanço se tornem insuficientes, encaram-se os reforços necessários.

d) — o aspeto geral em que se apresenta o terreno, em cujas considerações devem ser encarados: o desenfiamiento, as estradas, areas favoráveis para posições, a direção e a profundidade da observação proporcionada, o tempo e o espaço como fatores impostos pelo terreno.

e) — Idênticas considerações quanto a eventualidade de deslocamentos.

f) — a situação dos suprimentos em munições; pontos de remuniçiamientos (entrega dos suprimentos).

Qual é o elemento tempo para um circúito:

a rede de estradas é ampla, restrita ou impraticável?

2 — O cálculo da artilharia de campanha necessaria tendo sido completado para cada linha de ação considerada, e, para cada caso, pesadas as vantagens e desvantagens em relação as outras, o oficial de artilharia fica habilitado a apresentar suas proposições sobre melhor emprêgo para os meios de artilharia e do poder de fogo utilizavel. Varios outros novos aspectos das in-

formações recebidas devem ser cuidadosamente examinadas para verificar se determinam ou não qualquer mudança das conclusões tiradas.

d) — Situação particular — (continuação).

1 — O contato foi estabelecido; a situação é particularmente desenvolvida.

2 — O comando, depois de considerar sua missão, relata a informação de combate e dá a impressão sobre a situação, incluindo os fatores de manobra e do poder de fogo, para difundir sua decisão básica.

3 — *Decisão*: “atacar desde que a situação esteja esclarecida”.

4 — *Diretivas*:

“Elementos essenciais de informação:

“Preparar os planos na seguinte prioridade:

“a — envolvimento do flanco direito adversário

“b — envolvimento do flanco esquerdo adversário

“c — penetração”.

As linhas de ação a) e b) são fundamentalmente dependentes do *fator manobra*; a linha de ação c), por sua vez, depende basicamente do *fator potência de fogo*.

e) — *O computo de A. para a fase de contato*

1 — O oficial de artilharia e seu E. M. devem agora realizar seus cálculos, tendo em vista assistir o comando durante a sua decisão completa. Para chegar a uma conclusão lógica, o comandante da artilharia e seu E. M. deve constantemente colocar o fator potência de fogo em íntima relação com o fator manobra para cada linha de ação considerada.

2 — Os assuntos seguintes são apropriados para serem tomados em consideração:

- a) — que missões específicas se apresentarão à artilharia?
 - b) — a situação pode exigir uma preparação de artilharia com o fim de neutralizar tendo como característico o fator potência de fogo; ou a preparação será utilizada como um fator de diversão para auxiliar o fator manobra ou ainda a preparação é dispensável?
 - c) — a informação colhida sobre a posição adversária, as armas utilizáveis, os suprimentos de munição, a duração prevista para a preparação em vista dos objetivos a serem atacados, a velocidade de tiro das armas, e o tempo necessário entre as missões serão os indícios bastante para que a preparação prevista seja desencadeada?
 - d) — que percentagem de artilharia necessária deverá ser disposta a retaguarda dos esforços principal e secundário?
 - e) — será exequível apoiar efetivamente o esforço principal colocando a massa da artilharia na retaguarda do esforço secundário e deste modo beneficiar toda a operação?
 - f) — que elemento de tempo está previsto para realizar o desdobramento das unidades e para o ataque, depois do desdobramento? Estes fatores de tempo são suficientes tanto para assegurar o desdobramento da artilharia como a entrega das munições necessárias ao apoio do ataque?
 - g) — satisfarão os observadores terrestres aos pedidos de observação? Qual o reforço de observação aérea, além dos elementos orgânicos da artilharia de campanha, que pode ser utilizado? Como será posto a disposição?
 - h) — que métodos serão empregados para levantar o tiro?
 - i) — as estimativas feitas revelam que o artilheiro recomenda uma linha de ação ainda não considerada?
- 3 — Os vários cálculos sobre a artilharia tendo sido completados, o oficial de artilharia estaria preparado

para fornecer a seu comandante proposições de ordem tática e técnicas que indicarão claramente o grau em que a artilharia de campanha pode apoiar cada uma das linhas de ação contempladas ?

Dest'arte ao comando é permitido aplicar os fatores potência de fogo e de manobra considerados e adotar a decisão tática que deve ser tomada.

f) — *Situação especial* — (Continuação).

Decisão: "Envolver o flanco direito do inimigo na vizinhança de X, em....., para apossar-se do terreno Y".

g) — *Cálculo da Artilharia de Campanha* — fase do plano.

- 1 — O Comando da artilharia tem expressamente a função de repartir seus meios para realizar o apoio conforme a decisão do comando. Suas decisões incluem considerações técnicas e táticas. Para a proposta a ser discutida adota uma classificação arbitrária entre as posições da artilharia no domínio tático. As considerações seguintes comportam os fatores que o comando da artilharia deve considerar ao formular seu plano.

Um comando inexperiente pode empregar este método como um memento para cumprir sucessivamente, enquanto que o artilheiro de campanha experimentado combinaria alguns dos fatores simultaneamente considerados, adotando-se as circunstâncias.

2 — *Considerações táticas.*

a) — *Organização para o combate.*

Comando: A organização da artilharia para o combate planejada sob 3 considerações básicas, a saber :

- as missões a serem executadas;
- a manutenção do Q. G. da artilharia no comando de suas unidades orgânicas na maior extensão possível;
- e, quando necessário, formar agrupamentos especialmente encarregados da execução das missões de apoio direto.
- instalar o comando da artilharia orgânica antes do comando de uma unidade de refôrço.

A última condição permite assegurar a essencial continuidade na ligação do comando entre a Infantaria e a Artilharia.

A organização de agrupamentos pode frequentemente evi-
de-se ter que atribuir às unidades de refôrço (especialmente
ultrapassam um batalhão) a missão geral de apoio e de re-
go de fogos da unidade orgânica.

Os pormenores a serem considerados são os seguintes:

- repartição
- ligações
- agrupamentos.

Missões: — Que missões foram exparsamente impostas à
Artilharia, tais como Preparação, Concentração de fo-
gos (massa) sobre certas áreas, impedimento da ob-
servação, etc. ?

- Que missões gerais a artilharia tem treinado comprova-
damente seus artilheiros, tais como a linha de alcance
mínimo; as linhas de alcance que os diversos tipos de
artilharia estão aptas a atingir ?
- Que percentagem de meios serão utilizados para apoiar
o esforço principal ?
- Pode o restante dos meios apoiar eficazmente o refôrço
secundário ?
- As unidades que executam em geral o apoio, podem
receber missões de refôrço ?
- Onde se localizam, na zona de ação de cada ataque, as
áreas críticas de terreno ?

- Podem as zonas de obstáculos ser de modo que o apêlo adicional de fogo possa ser prontamente fornecido?
- Que percentagem de poder de fogo disponível será atribuída a cada uma destas armas?
- Qual a importância relativa das forças de artilharia inimiga?
- Qual é pois o problema contra-bateria proposto?
- A situação indica a conveniência de suplementar o poder de fogo da artilharia pela aviação de combate?

b) — *Posições*

- Pode o ataque ser apoiado das atuais posições?
- As posições escolhidas permitem bater em boas condições as zonas de obstáculos?
- São favoráveis as posições quanto :
 - às estradas desenhadas?
 - ao desenhamento e a cobertura das posições de tiro?
 - à observação?
 - às transmissões?
 - à defesa anti-carro?
 - os suprimentos de munições?
- O tempo disponível permite a ocupação das posições
- As estradas favorecem os deslocamentos necessários

3 — *Considerações técnicas*

- Que carta ou cartas utilizáveis estão disponíveis?
- Qual o plano de observação?
- Restrições para a regulação, se houver?
- Minúcias da preparação da artilharia; sua duração fases?
- A situação exige restrições ao fogo, lateralmente ou em profundidade, para proteção da força envolvente?

- Qual é a situação de observação:
 - aérea — designada em planos utilizáveis ?
 - terrestre — coordenação necessária para discriminar os deveres dos postos de observação sobre as áreas quando adequados; designação das zonas de observação; emprego do Batalhão de observação da artilharia de campanha ?
- Que coordenação é pedida nos planos para o emprego das unidades blindadas ou tropas paraquedistas (air-borne troops) .
- Fogo de apoio: emprego do E. M. para visitar as unidades e coordenar seus defeitos? (Plano de fogos)
- Provisões de munições e remuniamento: g randeza do tempo para a entrega; os transportes se sintonizam ?
- Não está padronizada a proteção ante-carro ou anti-aérea ou a defeza contra as infiltrações táticas ?

38 — *Conclusão :*

- O resultado obtido — a decisão tática completa de um comandante é para o comando tudo — pode ser decisivo e surpreendente.

Ele começa quando o comando designa, para acompanhá-lo desde seus indícios, um agente qualquer, e sua decisão não é outra coisa sinão o ter posto em destaque o relevo os fatores manobra e potência de fogo, assim como sua respectiva importância e debilidade em cada situação, pelo que deve claramente apreciar-los. A decisão, pode-se dizer, chegará por fôrça das leis da sorte.

E' curiosa a leitura desse trabalho bem estudado porque ele se enquadra nos nossos metodos de raciocinio tatico e discussão dos problemas de emprego da Artilharia.

Chamamos a atenção para o papel que é atribuído ao Comandante da Artilharia na sua dupla função de Conselheiro técnico e Comandante de Arma.

Doutrinariamente, estamos trabalhando dentro dos mesmos princípios, mas não devemos nos esquecer que, na execução, os processos de combate evoluíram interessando a natureza e o numero dos objetivos como consequencia logica da combinação estreita das armas a serem apoiadas e da interferencia do motor nos meios de combate modernos. Dai a conveniencia de serem estudadas mais meticulosamente as reações produzidas por esses meios nos processos de combater. Somente com a pratica de estudos de problemas especiaes poderão ser bem compreendidas e assimiladas as questões que suscitarem, sem o que a decisão ficaria exposta aos caprichos do azar e a Artilharia perderia sua importancia como Arma de Apoio e detentora do Poder de Fogo, argumento essencial do fator manobra.

BÔA APPARENCIA

NÃO a tem somente quem se veste com apuro. Ella depende, sobretudo, da barba bem escanhoadá, o que só se consegue com a insuperável lamina Gillette Azul.

Gillette
BLUE
BLADES

King Gillette
Gillette

Lamina GILLETTE AZUL

Coordenadas e Lançamentos

Cap. Pedro Augusto Menna Barreto

Lendo o programa de concurso à matrícula na E.E.M., deparei, em uma de suas partes, o título: "Problemas correntes de Topografia".

Recordei-me de que, em meu arquivo de notas, havia um problema interessante, cuja solução poderia ser útil aos camaradas, candidatos ao concurso acima referido.

No 1.º trabalho de Topografia, efetuado em sala, no Curso de Cavalaria da Escola das armas, ano de 1941, foram propostas 3 questões, de uma dividida em vários itens, interessou-me, sobretudo, o item da 3.ª questão, o qual transcreverei abaixo, com a respectiva solução, dada por mim.

B) — Carta: região Z (quadriculagem idêntica a da Vila Militar Esc. 1/20.000).

— Declinação 5.º E.

— O 8.º R.C.D. está em posição face ao N., tendo dois Esqs. Fuz. em 1.º escalão.

— Os observatórios dos Esqs. em 1.º escalão, têm as seguintes características:

$$\text{I ESQ.} \left| \begin{array}{l} x=1.735 \\ y=4.350 \\ z=50 \end{array} \right. \quad \text{coordenadas retangulares métricas.}$$

— Distância ao Observatório do 8.º R.C.D. = 1.140 m.

— Lançamento do Observatório do 8.º R.C.D. = 116°30'

$$\text{II ESQ.} \left| \begin{array}{l} y=437 \\ x=310 \\ z=? \end{array} \right. \quad \text{coordenadas retangulares decimétricas.}$$

— Sítio do Observatório do 8.º R.C.D. = +25'''

— O Observatório do R.C.D. está instalado em uma elevação cuja altura é 80 m.

P É D E - S E :

1) — Coordenadas retangulares métricas do Observatório do R. C. D.

2) — Setor de observação, em graus, dado ao Observatório do R.C.D. para que possa observar, nos limites de seu setor, os Observatórios dos Esqs. de Fuz., em 1.º escalão.

3) — Altitude (?) do Observatório do II Esquadrão.

4) — Ângulo de marcha que seria dado à um estafeta, para ir do Observatório do R.C.D., ao Observatório do II Esquadrão.

NOTA: — Para a solução da questão será empregada a Tabela de Declives e Redução ao Horizonte, fornecida pelo Curso de Cav. da Escola das Armas.

S O L U Ç Ã O :

1) — Trata-se, inicialmente, de determinar as coordenadas de um ponto *B* (observatório do R.C.D.), sendo conhecidas as coordenadas de um ponto *A* (observatório do I ESQ.), a distância *D* entre esses dois pontos, bem como, o Lançamento da direção *AB*.

Com os dados fornecidos pelo enunciado, construímos, na escala 1/20.000, a figura correspondente, à qual chamaremos: *fig. 5*.

Sendo a quadriculagem da carta idêntica a da Vila Militar — esc. 1/20.000, desde logo, ficamos sabendo de como variam as coordenadas dos diferentes pontos, visto como, o sistema de projeção adotado é o PLANO RETANGULAR, o que significa, em outras palavras, as coordenadas crescem de Oeste para Leste e do Sul para o Norte. Podemos, desde já, estabelecer um quadro-resumo (*fig. 1*), de todos os casos possíveis, sobre a situação de um lançamento qualquer, quanto aos sinais de $(x - x')$ e $(y - y')$ que, substituiremos por Δx e Δy , respectivamente, (*fig. 2*).

E' preciso notar que o presente quadro, (*fig. 1*), se refere ao caso presente, isto é, coordenadas que crescem de *O.* para *L.* e do *S.* para o *N.* ou seja sistema de projeção Plano Retangular.

Pelo Lançamento conhecido ($116^{\circ}30' = 90^{\circ} + 26^{\circ}30'$), constatamos que o ponto *B* se encontra no 2.º quadrante e, de acôrdo com a quadriculagem, chegamos às seguintes conclusões:

$(x - x')$ é negativo

$(y - y')$ é positivo

ou ainda

$(x - x') = -\Delta x$

$(y - y') = +\Delta y$

	$+\Delta x$	$-\Delta x$	
$-\Delta y$	4.º	1.º	$-\Delta y$
$+\Delta y$	3.º	2.º	$+\Delta y$
	$+\Delta x$	$-\Delta x$	

mas, queremos x' e y' , logo...

fig. 1

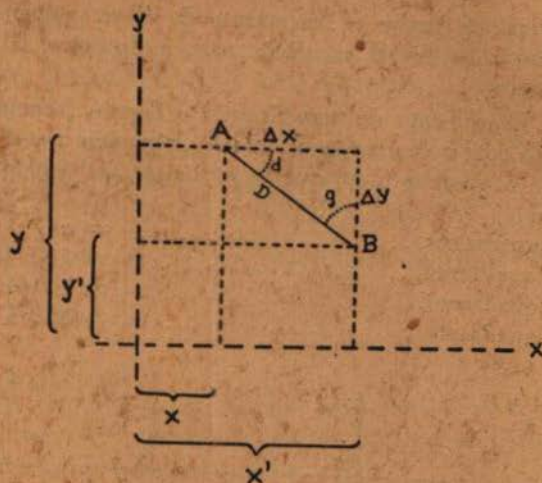


fig. 2

$= x + \Delta x$ | substituindo-se os segundos termos dessas igualdades
 $= y - \Delta y$ | pelas suas relações trigonométricas (fig. 2), teremos...

$= x + D \cos \alpha$ | o ângulo α é a diferença entre $116^{\circ}30'$ e $90^{\circ} = 26^{\circ}30'$
 $= y - D \cos g$ | o ângulo g é o que falta a $26^{\circ}30'$ para completar 90° , ou seja $63^{\circ}30'$ (fig. 2 e 5).

Como vemos, os segundos membros dessas igualdades, são conhecidos; façamos as substituições:

Conhecidos	$x = 1735$	$x' = 1735 + 1140 \times 0,895 = 1735 + 1020$ ou ainda... $y' = 4350 - 1140 \times 0,446 = 4350 - 508$
	$y = 4350$	
	$D = 1140$	
	$\alpha = 26^{\circ}30'$	
	$g = 63^{\circ}30'$	
	$\cos \alpha = 0,895$	
	$\cos g = 0,446$	<div style="border: 1px solid black; padding: 2px; display: inline-block;">$x' = 2.755$</div> <div style="border: 1px solid black; padding: 2px; display: inline-block; margin-left: 20px;">$y' = 3.842$</div>

Os valores encontrados para x' e y' representam as coordenadas angulares métricas do ponto B, ou sejam, do Observatório do 8.º C.D.

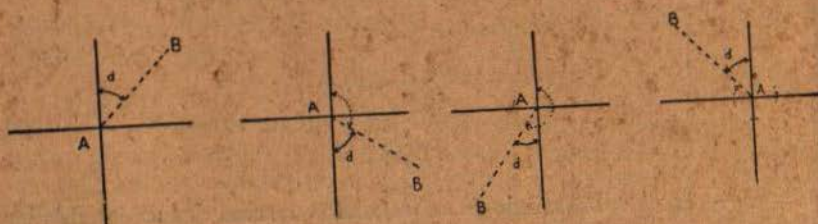
—o—

Passemos à segunda parte da questão.

2) — Vejamos, agora o lançamento do Observatório do II Esq. tirado do Observ. do R.C.D. e, ainda mais, a distância D que separa esses dois pontos.

Sendo o Lançamento de uma direção o ângulo formado por essa mesma direção com o $N.$ da Quadricula e, chamando α esse ângulo, ele terá conforme o quadrante em que se encontrar, os seguintes valores

1.º quadrante.....	$= \alpha$
2.º quadrante.....	$= 180 - \alpha$
3.º quadrante.....	$= 180 + \alpha$
4.º quadrante.....	$= 360 - \alpha$



Conhecidas as coordenadas dos pontos extremos, isto é, dos Observatórios e, sabendo-se, como no caso anterior, como variam os sinais de Δx e Δy ; pelo simples exame da Fig. 1, simultaneamente com os valores de $(x-x')$ e $(y-y')$ ou sejam Δx e Δy , vemos que o primeiro é negativo e o segundo, também. Dessa forma (Fig. 1), o Lançamento se encontra na

1.º Quadrante. A formula que resolve a questão é: $\text{tg. } L = \frac{\Delta x}{\Delta y}$
 $= \frac{(x-x')}{(y-y')}$ fazendo-se as substituições necessárias, sem levar em conta

no momento, os sinais de Δx e Δy , teremos: $\text{Tg. } L = \frac{2755 - 3100}{2755 - 4370}$
 $= \frac{-345}{-1615} = 0,653$; se procurarmos a tg. natural, correspondente a esse

valor, na taboa dos declives, encontraremos: $\text{tg. } L = 0,653$ donde

$L = 33^\circ 10'$ (fazendo-se a necessária interpolação).

Terceira parte:

3) — A distancia D, entre dois pontos (R. C. D. e II Esq.), pôde ser calculada geometricamente, pela formula:

$$D = \sqrt{\frac{2-2}{\Delta x + \Delta y}}$$

mula esta que não é suscetivel de verificação.

Fazendo-se as necessárias substituições:

$$D = \sqrt{(x-x')^2 + (y-y')^2} = \sqrt{(2755 - 3100)^2 + (3842 - 4370)^2} = \sqrt{397809} = D = \boxed{630 \text{ m.}}, \text{ que representa a distancia entre os Obs. do R. C. D. e II Esq.}$$

—o—

Quarta parte:

4) — A figura 5 deve ser feita pari-passu à solução do problema. A proporção que formos resolvendo as diversas partes do mesmo, remos efetuando a solução gráfica.

Para sabermos o setor de Observação do R. C. D., capaz de conter em seus limites os Observatórios dos Esqs., basta observarmos as figuras 2 e 5:

R. C. D. para o II Esq. $33^{\circ}10'$ = lançamento calculado anteriormente.

R. C. D. para o I Esq. $63^{\circ}30'$ = angulo g. ou seja, o complemento de α .

A soma $33^{\circ}10' + 63^{\circ}30' = \boxed{96^{\circ}40'}$, representa o setor de Obs. medido.

—o—

Passemos, finalmente, à última parte da questão proposta, ou seja a determinação da cota do Observatorio do II Esq.

5) — Achando-se o Observatorio do R. C. D. instalado em uma cota 80 e, a uma distancia de 630 m. do Observatório do II Esq., sendo visto, deste, sob um angulo de $+25''$, facil será calcular a cota em metros, correspondente a diferença de nivel entre os dois pontos.

Encontramos, applicando a formula do milésimo, $F = \frac{nD}{1000}$,

o resultado = 16m. entre as alturas das duas cotas (fig. 4).

Então: a cota do Observatorio do R. C. D. (80m.), menos a diferença de altura 16m. nos dará a cota do Observatorio do II Esq.

Cota do Obs. do II Esq. = $\boxed{64\text{m.}}$

$$\frac{nD}{1000} = \frac{25 \times 630}{1000} = 15,750 \text{ ou, arredondando...} = 16\text{m.}$$

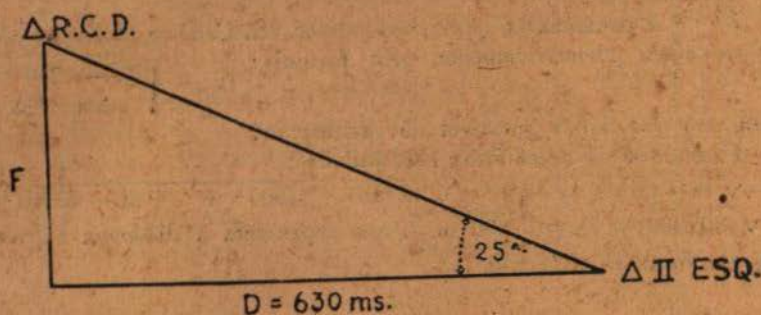


fig. 4

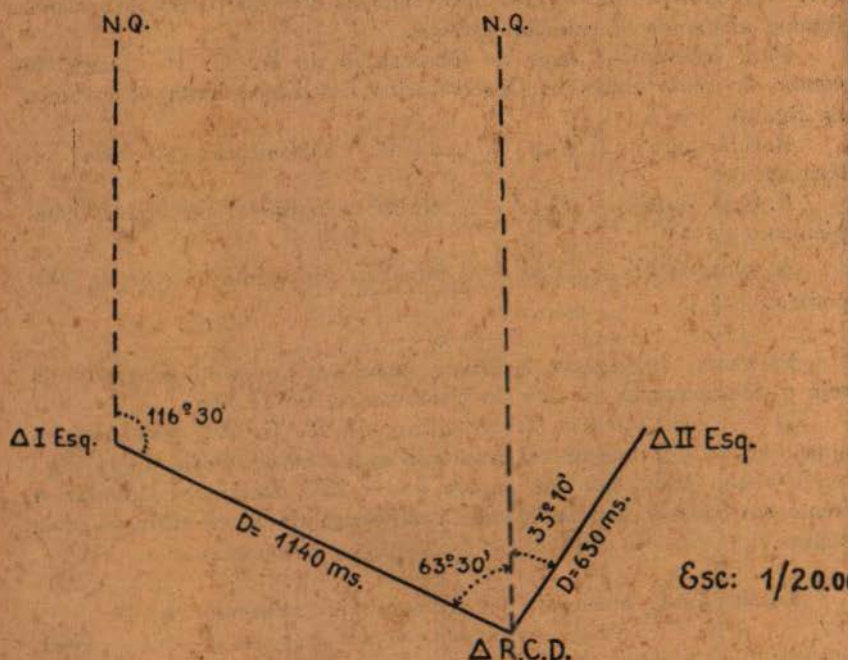


fig. 5

NOTA — Por certo a presente questão poderia ser resolvida com maior rapidez e com menos trabalho, bastando, para isso, o emprego de logaritmos, outras formulas, etc., etc., entretanto, apenas me limitei a reproduzir, acrescida de alguns detalhes, a solução dada por mim, em uma tormentosa sabatina de Topografia, efetuada no Curso de Cavalaria da Escola das Armas.

EMPREGO DA SECÇÃO EXTRA NO COMBATE

1.º Tenente **EDUARDO SIMÕES**

A preparação para a guerra é o principal objetivo da instrução. Uma tropa só se prepara mediante uma série de exercícios táticos onde o homem vive um ambiente semelhante ao teatro de operações. Nos exercícios de combate, no âmbito da Cia. ha necessidade de empregar todos os meios disponíveis, creando situações mais ou menos reais, onde o inimigo se representa em seu provavel modo de agir. Ao Cap. cabe dirigir o exercicio tático variando sempre os quatro fatores da decisão: o inimigo, o terreno a missão e os meios.

No combate o Cmt. da sub-unidade deve:

- 1) — Dar ordens claras e precisas;
- 2) — Obter a continuidade da observação e das transmissões;
- 3) — Manter-se em perfeita ligação com os Pels., Cias. vizinhas e o Btl.
- 4) — Dirigir pessoalmente as operações de sua tropa, providenciando nos reaprovisionamentos necessários.

Para que o Cap. possa cumprir estes quatro itens deve ter o P. C. (lugar onde funciona o comando e o grupo de comando) cuja instalação obedece a uma razão tática variavel no terreno, necessitando:

- 1.º) — Amoldar-se ao terreno;
- 2.º) — Ser disfarçado e protegido;

- 3.º) — Ficar no centro de gravitação da Cia., a retguarda dos Pels. de 1.º escalão;
- 4.º — Ter em suas imediações um P. O. com bôa vista

O P.C. é indicado pelo Cmt. do Btl. Ao Cap. incumbir a fôrma e dispositivo de sua instalação. O trabalho é executado pelos sapadores da Cia. e fiscalizado pelo Sub-tenente.

A) — OFENSIVA

A S. Extra articula-se no terreno sob as ordens do Sub-tenente num dispositivo que facilite o funcionamento de todos os elementos, sem prejudicar as condições de disfarce obrigatória e de tal modo que não denuncie a observação inimiga a existência do P. C.

Na progressão da S. Extra o grupo de Comando desloca-se de acôrdo com as regras de aproveitamento do terreno avançando por lanços regulados pelo Sub-tenente. O Cap. determina aproximadamente o local do novo P. C. — P. O. cabo e um Sin-obs. precedem-no e se encaminham para o novo P.O. Segue-se o Cap. com um Sin-Obs. e com os agentes de transmissão; e por fim, a uns 30 mts. aproximadamente, vem o Sub-tenente, com os 2 sapadores. Um observador fica no antigo P.O. até que se instale o novo, afim de assegurar a continuidade da observação. Todos os elementos devem progredir num dispositivo que dificulte as vistas e fôgos do inimigo. O pessoal do posto de Refugio e Posto de remuniamento (se estiver instalado) desloca-se logo após o grupo de Comando. Não se deve esquecer que a S. Extra, no combate progride com formações táticas que cada caso exige. Deve adotar uma formação o menos vulneravel possível das vistas e fôgos do inimigo. O T.C. progride por itinerário previamente determinado pelo 1.º Sgt.º que deve também, fracioná-lo em dois escalões: — 1.º escalão constitue a viatura munição e bagagem e arquivo; 2.º escalão — viatura viveres e forragem e cozinha rodante. O Sd. ordenança deve acompanhar o Cap.,

caso o terreno ou a ação inimiga não mais permita o seu deslocamento a cavalo, o animal será conduzido pelo ordenança á retaguarda do 1.º escalão do T. C. Na marcha de aproximação, a S. Extra marcha como foi dito acima: dispositivo de aproximação. As viaturas seguem o mais de perto a Cia., aproveitando as estradas e os caminhos carroçaveis devendo estar disfarçada na medida do possível, afim de evitar os tiros da Av. inimiga. Na tomada de contáto o P. C. se instala imediatamente e o P. O. tem então uma missão de destaque. Um sistema completo de transmissão deve funcionar no decorrer desta fase do combate. No ataque, a atividade da S. Extra atinge ao máximo. O P. C. é movel, segundo um plano de deslocamento cuidadosamente fixado pelo Cap. A progressão é feita sempre por lanços de frações bem diluídas no terreno e de acôrdo com o principio: deixar uma permanência no antigo P. O. pelo tempo suficiente para que se instale o novo."

B) — DEFENSIVA

Na defensiva a S. Extra, apresenta facilidades de funcionamento e de instalação. A perfeita organização da observação e das transmissões, dos serviços etc., caracteriza-se por uma relativa segurança e bôa execução de todas as taréfas.

FUNÇÕES DO PESSOAL DA S. EXTRA

Sub-ten. — Cmt. da Secção Extra. E' o auxiliar directo do Cap., cabendo-lhe acionar no terreno a S. Extra e, especialmente, o grupo do Comando. Dirige o serviço de reabastecimento da Cia. Suas atribuições são iguais as do Cmt. de pel.: — instruindo e disciplinando a S. Extra. Dirige os trabalhos de montagem do P. C. — P. O. e Posto de Refúgio da Cia. Escreve (caderno multicopista) as ordens e partes dadas pelo Cap. Colecciona-as providenciando na sua remessa aos destinatários (Cmt. Btl., Pels., arquivo etc.).

GRUPO DE COMANDO

Agentes de transmissão: — Componentes: 3 soldados tamboreiros-corneteiros. Aos agentes de transmissão incumbe: — Executar as transmissões de ordens e partes do âmbito da Cia. e com os elementos enquadrantes. Mantêm a ligação entre os Pels., não devendo ignorar a direção e situação dos mesmos.

Sinaleiros-Observadores: — 1 Cabo, 3 Sds. — São os olhos ativos da S. Extra. Incumbe-lhes: Observar constantemente a zona de ação da Cia., afim de informar ao Cap. todo o movimento da Cia. (parada, retomada de marcha, etc.) das sub-unidades vizinhas e do inimigo. Devem se colocar em bons pontos de observação existentes nas proximidades do P.C. Os Sinaleiros-Observadores, sob a chefia do cabo, são guardas do Cap. (sentinêlas, quando parados, ou esclarecedores quando em marcha) em todas as ocasiões de combate.

Sapadores: — Os 2 sapadores destinam-se a organizar um abrigo para o P. C. do Cap., do P. O. e do P. de Refúgio. Nas marchas são utilizados nas aberturas de picadas e outros trabalhos necessários.

GRUPO DO T. C.

1.^o *Sgt.^o arquivistas* — Cmt. do T. C. Chêfe do serviço de viaturas é o responsável pelo funcionamento do T. C. Cabe-lhe a direção, execução e guarda dos serviços da Cia. Guia o T. C. nos itinerários e seu emprego em todas as situações do combate. Prepara os documentos que lhe são afetos normalmente. Arquiva os demais papéis.

3.^o *Sgt.^o furriel* — É o auxiliar do 1.^o Sgt.^o. Exerce a função normal de acôrdo com o Regulamento, confeccionando os papéis relativos á vencimentos, fardamento e material, escrevendo a carga da Cia. Em algumas ocasiões pode ser destacado para homem de ligação da Cia. junto ao Btl. Nos estacionamentos é o chêfe da turma de estacionadores.

Cabo armeiro — Chêfe do remuniciamento da Cia. Verifica o descarregamento da viatura-munição no Posto de remu-

ciamento. Chefia o trabalho dos remuniadores da Secção (dois Sds. armeiros). Assegura a continuidade de munições da retaguarda para a frente. Mantem-se em contáto com o C. R. do Btl. Tem a seu cargo a relação do armamento e da munição da Cia.

2 Sds. do Rancho — Preparam a alimentação da Cia., quér no estacionamento quér em marcha.

Condutores — 4 Sds. — Atrelem, desatrelam e guiam as viaturas. São responsáveis pelos animais de tração da Cia., na condução, forrageamento, limpeza e guarda.

Ordenança: — E' o encarregado da montaria do Cap. Póde ser empregado como Agente de transmissão e cabe-lhe buscar ou levar as informações ao P. C. do Btl. ou outra Cia., Ainda póde ser empregado como esclarecedor montado, afim de esclarecer determinados accidentes do terreno ou para balistar itinerários e passagens desenfiadas.

Armeiros — 2 Sds. — Auxilires do cabo armeiro. São os remuniadores da S. Extra.

Normalmente em combate o Btl., destaca para cada Cia. o *personal de saúde* — um cabo e 4 Sds. padioleiros. Pessoal que se encarrega do transpôrte de feridos para o posto de Refugio da Cia. (organização fixada pelo Cap. e executada pelos sapadores). Fazem os primeiros socorros.

MATERIAL REGULAMENTAR (INDIVIDUAL) PARA O COMBATE

Sub-ten.: — Revolver, espada, passometro e mascara.

1.º Sgt.º: — Revolver, espadim, trena de 20 mts., lanterna elétrica, painel de balisamento e mascara.

3.º Sgt. furriél: — mosquetão, painel e mascara.

Cabo armeiro: — mosquetão, painel, alicate e mascara.

Cabo Sin-Obs.: — mosquetão, facão de mato, binoculo, pistola de sinalização, painel e mascara.

Sds. Sin-Obs.: — mosquetão, dois com pá e um com picareta, cartuchos para pistola sinalizadora (n.º total: coleções), painel e mpascara.

Sds. armeiros: — mosquetão, facão de mato, painél e máscara.

Tambores-corneteiros: — mosquetão, facão de mato, painél e máscara.

Sapadores: — mosquetão, um léva pá e outro picareta, painél e máscara.

Condutores: — mosquetão, dois levam facão de mato e dois levam alicate, painél e máscara.

Sds. do Rancho: — mosquetão, não conduzem ferramenta (a viatura cozinha é equipada com uma pá, uma picareta e um machado da ferramenta de parque), painél e máscara.

Pessoal de Saúde: — Do Btl. — Revolver, painél e máscara.

Na viatura bagagem e arquivo é transportado o seguinte material: — Aparelho ótico de 10 (a cargo do cabo Sin-Obs.); 2 coleções de bandeirólas, cada coleção compreende: 4 bandeirólas, sendo uma de cada côr, (a cargo dos Sin.-Obs.). Duas lanternas de campanha (a cargo dos sds.-armeiros) 6 sacos Habert, um cabo fino de 100 mts. e cabo guia de aço com 100 mts. (a cargo dos sapadores).

MATERIAL DE ESCRITURAÇÃO

Sub-ten.: — Caderneta multicopista, lapis com borracha, caneta-tinteiro, coleção de lapís de côr, papél milimetrado, papel calco e comum.

1.º Sgt.º — Papél almáço e liso, caneta-tinteiro, lapis com borracha e documentos de escrituração da Cia.

3.º Sgt.º furriél: — Caneta-tinteiro, lapís com borracha. Papél almáço e liso. Documentos de escrituração da Cia. na parte que se refére: — vencimentos, fardamento e material.

Cabo Sin-Obs.: — Papél millimetrado, papél calco e liso, caneta-tinteiro e lapis com borracha.

Todos os demais homens dévem levar papél e lapís, executando os Sds. sapadores, condutores e Sds. do Rancho.

CAVAR OU MORRER

Pelo Ten. Cel. **WILLIAM C. HALL**

Traduzido do "Infantry Journal", de junho de 1943, pelo 1º Tenente

JOÃO B. SANTIAGO WAGNER

Quando começou o ataque alemão contra a França e Países Baixos, pequeno grupo de oficiais do Estado Maior Britânico desembarca na Holanda, afim de preparar os planos de assistência aos holandeses. Entretanto, o ataque alemão desenvolveu-se com tanta rapidez, nada pôde ser feito e nenhum reforço foi desembarcado. Desde poucos dias o grupo do E. M. encontrava-se em um pequeno ponto de desembarque chamado, "O Anzol da Holanda", esperando ansiosamente por um navio inglês que os conduzisse à Inglaterra. Cava-se trincheiras estreitas e não demasiado cêdo, pois os bombardeiros de mergulho em breve iniciaram o seu ataque. O primeiro ataque ficou edifícios na praia, mas com surpresa geral não houve baixas.

Os ataques seguintes foram recebidos pelo fogo de todos os fuzis que se podia lançar mão e depois de três aviões terem sido abatidos os Stukas foram embora, segundo parece à procura de alvos mais fáceis. O valor das trincheiras estreitas impressionou os ingleses não somente nessa ocasião, como também durante a batalha de Flandres e Dunquerque. Nossos aliados aprenderam a resposta para o bombardeio de mergulho — enterrar-se e atirar.

O nosso exército na Nova Guiné e os fuzileiros navais em Guadalcanal rapidamente tornaram-se peritos em enterrar-se. O abrigo individual dá mais proteção do que a trincheira estreita e, em pouco tempo, nós o usamos quase que exclusivamente. Os fuzileiros navais afirmam que a pá japonesa, ainda que um pouco mais pesada que a nossa ferramenta de sapa, era uma ferramenta mais forte e as capturas foram muitas vezes carregadas, em lugar do produto distribuído. A pá japonesa assemelha-se a uma pá de virar terra, de um aço de qualidade, com um cabo bastante resistente e afiada nas bordas, para cortar.

Nossa doutrina de fortificação de campanha é baseada em uma longa experiência, naquela árdua escola de rudes golpes — a Primeira

Guerra Mundial — e, exceto modificações de menor importância, vou ser boa no presente conflito. Os principais progressos que afetam as fortificações são: o aumento do volume e precisão dos canhões em grandes ângulos de tiro e do bombardeio aéreo e, ainda, o aumento de massas de tanques mecânicamente merecedores de confiança com boas características para agir em qualquer terreno. Enquanto a maior parte de baixas na última guerra foi devida às armas de artilharia, fuzis e metralhadoras, e ao fogo da artilharia, têm havido mudanças nesta guerra em que outras armas — blindadas, auto-transmitidas, armas com grande velocidade de tiro, morteiros indo desde o pequeno lança-granadas japonês ("knee mortar") até o temível bombardeio de sítio alemão, melhores lança-chamas e o aperfeiçoamento do equipamento e técnica das destruições e fumaças — demonstram maior eficiência no ataque. Estas facilidades deram ao ataque o poder de arrasar qualquer obra de aço ou de concreto. Mesmo em Sebastopol, onde foram organizadas obras extremamente fortes, em profundidade, a resistência das estruturas não impediu que fossem destruídas uma por uma. Em Stalingrado, por outro lado, onde massas caóticas de ruínas e entulhos produzidos por bombardeios anteriores, indicavam a localização e a designação exata dos pontos de importância tática dos russos, as armas de assalto não puderam ser empregadas com eficiência. É evidente que a camuflagem das posições é muito mais importante do que a resistência das obras de fortificação. Uma vez coberta, qualquer obra pode ser reduzida à impotência.

No que diz respeito ao infante individualmente, o aumento da precisão e do volume do bombardeio e do tiro com grande ângulo eliminou praticamente a trincheira rasa como um abrigo eficaz. Abrigos individuais cavados por ambos os lados em Guadalcanal eram suícos, no nível do solo, dimensões iguais às dos ombros dos ocupantes. A profundidade máxima ia até o ponto em que permitia atirar sem esforço. Sempre que possível, a escavação era aprofundada no fundo, afim de permitir que os homens pudessem sentar-se. Quando construídos de maneira adequada, estes abrigos oferecem proteção suficiente, a não ser que caia exatamente sobre ele uma bomba ou uma granada. Agachando-se no fundo, o soldado livra-se de ser esmagado por tanques; cerca de dois pés de terra acima da cabeça do homem são suficientes na maior parte dos casos. Os alemães dizem aos seus homens que os tanques não podem combater efetivamente com fuzileiros se estes estiverem bem enterrados e camuflados.

Se o abrigo individual for feito para ser utilizado por um longo tempo, é geralmente preferível provê-lo de uma cobertura ou com um abrigo em suas paredes. Isto é somente para conforto; na verdade diminui a capacidade de proteção da estrutura. Em Gua-

durante a estação sêca, algumas tropas cavaram posições estreitas de pouca profundidade perto de seus abrigos individuais, afim de terem descansar em períodos de calma.

O abrigo individual duplo oferece sensivelmente menos proteção um pouco mais difícil de se ocultar do que o abrigo simples, mas a muitas vantagens. Os fuzileiros navais chegaram à conclusão de que as tropas frescas lutam muito melhor quando os homens ficam dois a dois. O exército alemão tem o abrigo individual duplo como padrão. Ele é um fôssco estreito com cêrca de cinco pés de comprimento, assuindo lugares para o atirador pôr os cotovelos e nichos para munição. Os alemães ensinaram a prática de arredondar os ângulos dos abrigos afim de evitar sombras escuras. A observação e a defesa para os lados é invariavelmente mais fácil se os homens estiverem juntos. Um soldado isolado está sempre sob uma tensão nervosa. Normalmente os barulhos noturnos das árvores ou florestas agem de modo favorável sobre seus nervos. Ele pode atirar em objetivos imaginários e dar alarmes falsos. Há um fator moral bem conhecido e definido para colocar os homens aos pares.

As armas devem ser colocadas de maneira que os homens possam manejá-las de seus abrigos. Se possível, também, poderão ser construídos abrigos em galeria ou fôsscos camuflados com a parte superior coberta, afim de ocultar as armas e suas guarnições, quando não estiverem atirando.

As trincheiras estreitas são contudo amplamente usadas. Nos Posições de Comando ou nos aeródromos, as trincheiras estreitas são preparadas afim de proteger, não só dos ataques aéreos, como também das munições pesadas.

A localização dos abrigos deve, naturalmente, ser escolhida no terreno pelo comandante da tropa. Depois de levar em consideração o campo de tiro e outros elementos de organização do terreno e localizar a posição, o comandante deve decidir em seguida se a terra real deve ser aproveitada para construção de parapeitos ou se deve ser transportada para outro lugar. A tendência atual é para a eliminação do parapeito, se ele materialmente aumentar as dificuldades de camuflagem. A Camuflagem precede a construção. Em alguns casos a terra pode ser espalhada nas proximidades do local, sem revelar a posição. Em outros, pode tornar-se necessário colocá-la em falsas posições e carregá-la para locais préviamente designados para uma eventual utilização.

Outras posições devem ser preparadas logo que a posição de defesa normal estiver pronta. Devem ser construídas com o mesmo método com que se constroem posições que se vão ocupar em primeiro lugar.

As falsas posições são importantes e devem ser preparadas assim que fôr possível. São cavadas somente até a profundidade do joelho. Em muitas ocasiões devem ser ocupadas, particularmente durante o início da observação inimiga.

Normalmente os alemães fazem as falsas posições mais visíveis do que as verdadeiras, construindo-as com as arestas bem acentuadas criando sombras e colocando folhagem escura no seu interior. Canhões bem visíveis podem ser construídos, afim de desviar a atenção das posições verdadeiras, que estejam nas proximidades.

Um oficial alemão certa vez afirmou que a defesa da infantaria é devida sessenta por cento à pá, trinta por cento ao binóculo e somente dez por cento ao fuzil. Sua declaração não pretendia negar a importância do campo de tiro (que é sempre a primeira consideração ao escolher uma posição) mas antes para acentuar a importância do local apropriado e, em menor proporção, a necessidade de uma boa observação, depois do local da posição ter sido escolhido.

Qualquer opinião que preconize que os homens não necessitam cavar em exercícios ou em manobras, porque "eles aprenderão a cavar mais tarde, quando começar o combate", é falso otimismo e custosa. Um homem cavará vigorosamente debaixo do impetuoso fogo do inimigo, mas a não ser que tenha sido ensinado, ele não o fará eficientemente ou em lugar adequado. Isso exige não só habilidade, coragem e energia.

O hábito de se enterrar deve tornar-se automático em qualquer parada prolongada. Se o local não permite cavar (por exemplo, devido às condições de empréstimo do terreno de manobras), os homens devem ser capazes de escolher e localizar uma posição conveniente. Comandantes, até mesmo sargentos e cabos, têm muitos outros afazeres para ajudar cada soldado a escolher e preparar posições durante o combate. Isto deve ser feito em exercícios, pois quanto mais cedo se aprende é melhor.

O soldado deve logo verificar que, depois do fuzil, um abrigue individual é o seu melhor amigo. Seu treinamento deve incluir a escolha da posição e a maneira de se abrigar de dia e de noite. O terreno duro ou rochoso e arenoso deve ser trabalhado como o normal. O objetivo deve ser um abrigo e uma posição com bom campo de visão e proteção adequada. Em condições favoráveis, não deve ser descoberta por um observador colocado a uma distância além de cinquenta jardas.

659

A Companhia de Fuzileiros no Exército dos EE. UU.

(*"The Rifle Company" in INFANTRY JOURNAL — Condensed from F. M. 710*).

Trad. e adapt. dedicada às F. E. B. pelo
Cap. NELSON R. CARVALHO (Do Re-
gimento Sampaio).

PRIMEIRA PARTE : O COMBATE OFENSIVO

GENERALIDADES E ORGANIZAÇÃO SUMÁRIA — A Companhia de Fuzileiros é a unidade básica de Infantaria, com funções administrativo-aprovisionadoras próprias. Ela compreende 1 Secção de Comando, 3 Pelotões de Fuzileiros e 1 Pelotão de Petrechos (1) :



Sec. Cmd.



3 Pels. de Fzts



1 Pel. de Ptr.

A Sec. Cmd. comporta todo o pessoal necessário ao Cap. da Cia. para auxiliá-lo no desempenho de suas funções

(1) — Uma figura vale mais que mil palavras (provérbio chinês...) Quando estes e outros símbolos a serem empregados, figuram aqui a título de sugestão — sempre que possível serão aproveitados os regulamentares. No caso, o logotipo é indicativo do Pel. ou correspondente; os 3 pontos lembram os galões do mte. e pois sua organização de cmd; o F. M. indica fuzileiro e o antigo indicativo de Mtr L com a porta em seta, os Ptr. (o símbolo participa da Mtr L e do mte, onde a seta representa as pernas do mte). Todos os mais que surgirão neste trabalho, obedecerão à preocupação de simplicidade e identificação imediata, não forem os do próprio R.

administrativas, suprimmentares e táticas. Divide-se ela em 2 partes — 1 Grupo de Comando e 1 Grupo de Administração. No primeiro deles está incluído o Cap., o Sub-Cmt, o 1.º Sgt, o Sgt. das Trns, o Corneteiro, o Ordenança (2) e os Msg:

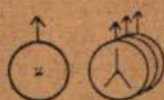


Do Grupo de Administração fazem parte o Sgt. Aprovis. o Armeiro-artífice, o Sgt. do Rancho, os Cozinheiros e Ajudantes de Cozinheiro e o Escrevente da Companhia:



O Pelotão de Fuzileiros dispõe de 1 Grupo de Comando e de 3 Grupos de Combate.

No Pelotão de Petrechos se encontram o Grupo de Comando, 1 Secção de Morteiros de 60 mm e 1 Secção de Metralhadoras Leves.



Pel Fz

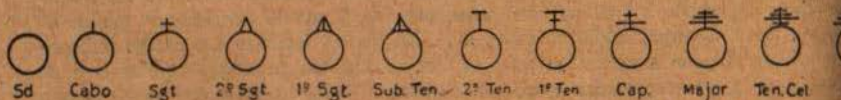


Pel Pz

O ARMAMENTO E O SEU EMPREGO: A Companhia utiliza-se no combate armas individuais e coletivas. As primeiras são o fuzil, a baioneta, a carabina, a pistola, a granada de

(2) — Nas Cias. do Tipo Americano não há mais ordenança (informação de camaradas recém-vindos dos EE. UU.)

(3) — Símbolos dos diferentes postos e graduações (sugestão e R.).



Nota: O espaço vazio será preenchido com o símbolo da função.

ão e a granada anti-tanque de fuzil. As armas coletivas são Metralhadora Leve, o Morteiro de 60 mm e o Fuzil Auto-ático.

O Fuzil M é a principal arma individual da Companhia. Seu longo alcance, facilidade de manejo e pequeno peso dão-



pôr bem indicado em qualquer combate em que a infantaria tenha que tomar parte. Devido às suas características, os homens com ele armados, isoladamente ou agrupados, podem encadear, rapidamente, preciso e massivo fogo sobre qualquer objetivo terrestre ou aéreo que se apresente dentro de seu alcance.

Há, ainda, um fuzil M 1903 em cada G. C., destinado a disparar a granada de fuzil A T (anti-tanque), e que pode também atirar com munição 30 contra objetivos em terra e no ar.

A baioneta é a arma do combate corpo a corpo. O adexento no seu uso confere ao soldado de infantaria maior eficiência em suas possibilidades contra o Jap e o Nazi no combate a arma branca.



A Carabina permite maior volume de fogo e mais precisão de tiro do que a pistola e seu alcance eficaz é de 300 jardas (quase 300 ms). É a arma das equipes das armas coletivas para sua proteção imediata e constitui ainda o armamen-

to individual do pessoal a que estiver distribuido. (Presentemente são armados com ela todos os oficiais da Cia.).

A Pistola Automática é uma arma para fins de defesa immediata e individual, podendo alcançar até 50 jardas. São armadas com ela todos os homens que não conduzem o fuzil, a carabina ou o fuzil automático.

A Granada de mão é principalmente usada em situações defensivas — seu raio de ação é de 30 jardas, com eficácia. Há ainda uma granada de mão ofensiva, de emprego em situações ofensivas. O sopro desta granada é eficaz num raio de 7 jardas.

A Granada A. T. de Fuzil é atirada com o Fuzil M. 1903, calibre .30, conduzido no G. C. pelo Granadeiro A. T. (certas Cia. Fz do Tipo Americano atribuem este fuzil ao Cabo Auxiliar — N. T.). A Granada A. T. pode ser atirada de bruços, de pé, de joelhos ou mesmo sentado e ainda dum abrigo individual ou dum elemento de trincheira. Esta granada, dotada de alto poder explosivo, é satisfatoriamente eficaz, dentro de seu alcance, contra todos os tipos até agora conhecidos de tanques médios e leves.



A Metralhadora Leve

O fogo da Metralhadora Leve constitue um reforço ao fogo dos fuzis pela sua possibilidade de aplicação em rajadas curtas, às pequenas e médias distâncias: sobre agrupamentos de pessoal, sendo empregada também na proteção dos flancos dos pelotões; no reforço do fogo das metralhadoras pesadas e contra veículos blindados ligeiros.

O Morteiro de 60 mm é utilizado contra objetivos até distância de 1935 jardas, sendo porem sua eficácia da ordem de 1.000 jardas. Sua margem de segurança é 100 jardas, para as tropas amigas. A observação de seu tiro, para efeito controle de fogo,, deverá ser realizada a distância de voz de transmissão por gestos (mãos e braços) da posição de



Uma peça de 60 mm em ação

São objetivos para o morteiro todos os objetivos desenhados às trajetórias das armas de tiro tenso, como pequenas áreas ocupadas pelo inimigo, pontos suspeitos, abrigos de tropas e guarnições de armas coletivas.

O Fuzil Automático confere ao Cmt. do G. G. uma arma de fácil manejo, capaz de um grande débito de fogo de controle de fogo. E' empregado contra objetivos terrestres da natureza já assinalados para a M. L., podendo também atirar con-



O Fuzil Automático

tra objetivos aéreos. Seu pequeno peso permite ao atirador acompanhar os lanços dos demais homens do G. C., bem como atirar de qualquer posição.

A Companhia dispõe ainda de um certo número de viaturas de armas (4) armadas com um Fuzil Automático de reparo fixo, destinadas à proteção das demais viaturas de armas da companhia contra os aviões do eixo e suas forças de terra.

Mesmo sob o fogo das armas leves do inimigo, as metralhadoras leve, os morteiros e a munição são deslocadas a braço. Desde que o terreno seja praticável porém e o fogo do inimigo o permita, armas e munições são transportadas nas viaturas de armas. Convém notar que o armamento individual e os fuzis automáticos (excepto, naturalmente, os das viaturas de armas) são sempre conduzidos pelos seus próprios portadores.

DAS POSIÇÕES DE TIRO: As posições de tiro das quais as M. L. e os Mrt possam ser chamados a cumprir suas missões de fogo ou serem postos em vigilância, podem ser classificadas em principais, previstas e secundárias.

A posição principal é, como o nome indica, uma posição selecionada, isto é, aquela que permite realizar a missão nas melhores condições. A posição prevista é também uma posição da qual as armas assinaladas podem cumprir suas missões, como na posição principal, desde que seja necessário abandonar a estas, quer porque estejam referidas pelo fogo inimigo, quer por outras razões. E o itinerário da posição principal para a posição prevista, naturalmente, deverá ser desenhado das vistas e dos fogos do inimigo, além de permitir o deslocamento a braços da armas em apreço. A posição prevista deverá também ficar fora do raio de ação do fogo que incidir sobre a posição principal. A posição secundária, finalmente, é aquela ou aquelas das quais as armas podem cumprir missões outras que não aquelas assinaladas às posições principais, necessariamente missões secundárias, como é fácil de ver.

(4) — A Cia. só dispõe de 1 Viatura de Armas, hoje (informação de camarada vindo dos EE. UU.).

As tropas do eixo procurarão sempre localizar nossas armas, principalmente metralhadoras, fáceis de assinalar pelos vapores d'água (5) desprendidos do cano da arma durante o tiro pela própria chama. Quase sempre, aliás, é possível conseguir desenfiamento a vistas e fogos, exceto, é claro, na própria direção do tiro. Tais posições desenfiadas se encontram ao lado de barrancos e ondulações, atrás de espaldões, dentro ou atrás de edificações, de moitas e outros obstáculos que tais.

A trajetória curva do morteiro permite-lhe atirar sempre de posições desenfiadas. Seu pequeno porte dissimula-o nas pequenas depressões de terreno (excavações de granada, valetas, burundús) e sua guarnição pode utilizar-se da vegetação para ocultar-se à observação inimiga.

Toda a vez que ocorrer um alto, uma parada, no decorrer de uma progressão em zona de combate, os homens devem procurar e melhorar os abrigos naturais, ou preparar abrigos individuais para si e para o seu armamento. Do mesmo modo, recorrerão às posições de tiro de toda a natureza, bem como a pontos abrigados do terreno para os homens e o armamento, durante os lanços do ataque.

Sempre que possível, os chefes das unidades elementares devem procurar que homens e armas não direta e imediatamente comprometidos estejam abrigados, temporariamente embora. Assim é que, no ataque, tais posições desenfiadas devem ficar logo a retaguarda das posições de tiro do G. G. ou das Seç. Na defensiva as posições de abrigo são localizadas próximo das de tiro e ocupadas logo depois de preparadas (preferentemente sob cobertas naturais do terreno). Sentinelas são postadas nas posições de combate e darão o alarme à aproximação do inimigo.

A posição de descarregamento é o local onde as armas do Pel. de Ptr, uma reserva inicial de munição e os acessórios indispensáveis, são descarregadas das viaturas de armas e transportados, a partir daí, a braços, para as posições de abrigo e posição de tiro. A posição de descarregamento deve ser de-

(5) — Estas armas são de refrigeração pela água (algumas delas).

senfiada das vistas e dos tiros, tanto para os homens como para as viaturas.

TRANSPORTE ORGÂNICO DAS CIAS FZ: As Companhias de Fuzileiros são dotadas, para as suas necessidades de transporte, de viaturas armas, as quais asseguram o transporte do armamento e da munição do Pel Ptr; quanto à cozinha e seu equipamento, às rações, água, peças de uniforme do pessoal, munição da dotação de combate e demais pessoal, tudo isto é transportado pelas viaturas do batalhão. (6).



Transportes do tipo "viatura armas" numa posição de descarregamento

EMPREGO TÁTICO DA COMPANHIA: Papel do Capitão — A Companhia de Fuzileiros é empregada segundo o plano do comandante do batalhão. O capitão, de posse dele, delinea o seu próprio de acordo com a missão que lhe foi determinada, coordena a ação de seus pelotões e o fogo de todas as suas armas. A companhia pode fazer parte do escalão de fogo ou do escalão reserva do batalhão. É dever do comandante da companhia manter o comandante do batalhão inteiramente ao par da situação na frente da companhia — os primeiros contatos e as identificações mais recentes são sempre notificados pelo meio mais rápido disponível. Todas as pausas do combate são aproveitadas pelo capitão para enviar ao seu tenente coronel cmt de batalhão toda e qualquer alteração da si-

(6) — A Cozinha é transportada num caminhão de 1½ To. com Reboque de 1 To., pertencente ao Regimento (Cia. de Serviços) — Inf. de camarada.

ção. Além disso, participa toda a linha atingida ou objeti-
e sempre que lançar os seus elementos de apôio em ação.

Sempre que a Companhia for destacada, recebe missão da
toridad sob as ordens de quem foi posta. Por outro lado, seu
mandante terá então necessidade de desenvolver a sua ini-
tativa num gráo muito maior do que quando se achava sob as
dens de seu comandante de batalhão. De qualquer forma,
as decisões mais importantes bem como frequentes partici-
ções de posição e deslocamento, devem ser rápidamente sub-
tidas a aprovação do comandante imediato.

Na zona atribuída à sua Companhia, o Capitão responde
nda pela sua segurança, devendo realizar os necessários re-
nhecimentos.

COMO O CAPITÃO TOMA A SUA DECISÃO: O pro-
so mais racional capaz de conduzir o chefe a uma decisão
ndizente com a missão que lhe foi atribuída, é a análise dos
tores da decisão. Assim, sempre norteado pela missão rece-
da, o Capitão analisa — o terreno, a sdisposições das tropas
nigas e a das do Eixo, os seus e os efetivos do inimigo e o
oio que rasoavelmente pode esperar das armas de apôio e
s forças vizinhas. Consequência desta análise, ele escolhe
ntre os planos viáveis aquele em que o inimigo tenha as me-
res possibilidades de interferir, comparando cada um de
us planos com cada uma das possibilidades do adversário a
u respeito. Terá assim o plano que reúne mais probabilidad-
s de sucesso, apesar da reação que Japs ou Nazis possam lhe
ôr. Para unidades menores, como é o caso da Cia Fz.^o, esse
ame pode ser feito com rapidez e simplicidade. E' baseado
s informações conhecidas às quais acrescentará as que obti-
r através de seu pessoal de reconhecimento, as fornecidas
los seus cmts de pels e pelas patrulhas. O exame dos fato-
s de decisão culminará, assim, numa decisão e esta decisão
verá exprimir, de maneira concisa, o que o Capitão preten-
fazer com sua Companhia.

PREPARO DA AÇÃO: O Comandante da Companhia é
sponsavel pela instrução, disciplina, abastecimento, emprego

tático e controle geral de sua companhia. O Capitão responde pela eficiência de sua companhia nas tarefas que lhe possam caber em campanha, para o que deve tê-la sempre bem treinada, treino pelo qual é responsável: a companhia deve desempenhar sempre com proveito o seu papel no conjunto militar de que faz parte. Deve ainda prever e agir de maneira a ter a companhia preparada para as missões possíveis bem como cuidará sem descanso de manter os seus subordinados em condições de cumprirem suas tarefas de maneira convincente, em prol da companhia. Quanto as decisões a tomar no transcurso das ações são de sua responsabilidade e iniciativa, dentro do quadro da missão e das ordens recebidas. Muito embora possa ele receber sugestões e trocar ideias com seus subalternos, é sempre o único responsável pelo que sua unidade fizer ou deixar de fazer.

ORDENS: Tendo-se enfim decidido pelo plano de ação que melhores possibilidades lhe confere para cumprir a missão recebida, o Capitão vai agora repartí-la com os elementos subordinados. As ordens da Companhia são normalmente verbais, diretamente aos cmts. de pel. ou, ainda, escritas. Sempre que necessário, um esboço ou croquis acompanha a ordem. Antes do combate, os subordinados podem ser reunidos para receberem suas ordens. Tal prática é aconselhável, de vez que permite orientar pessoalmente os subalternos sobre suas missões particulares, com a vantagem de assegurar-se o capitão que suas ordens foram bem compreendidas.

Sempre que praticável, tais reuniões devem se processar de pontos escolhidos, dos quais possa o capitão assinalar as partes mais importantes do terreno a percorrer. Na fase do ataque, porém, tal coisa será as mais das vezes impraticável, já que é preciso contar com os fogos e a observação do Eixo. Se o tempo urge e os Cmts de Pel estão separados, o Cmt da Cia. expedirá suas ordens, desdobradamente, a cada um deles. O que não se deve fazer é afastar do comando os Cmts. de Pels engajados, mesmo a pretexto de receber ordens.

DEVERES DO CAPITÃO DURANTE O COMBATE:

1.º) Saber bem onde o inimigo se encontra e o que é capaz de fazer;

2.º) Manter-se informado acerca da situação na frente e nos flancos de sua sub-unidade;

3.º) Antecipar-se às necessidades de seus pelotões quanto ao apoio de fogos, lançando à ação as armas do Pelotão de trechos capazes de fornecerem os fogos praticáveis e, mesmo, apelando para o Cmt do Btl., em reforço de apoio de fogos, sempre que isto fôr necessário. Neste caso, indicará não somente os objetivos como também quando e por quanto tempo aqueles fogos deverão ser desencadeados;

4.º) Assegurar o apoio recíproco e a cooperação estreita das frações subordinadas de sua companhia;

5.º) Auxiliar as Companhias vizinhas sempre que isto possa ser feito sem detrimento de sua própria missão;

6.º Assegurar, permanentemente, a proteção de sua companhia;

7.º) Controlar os elementos de apoio da Cia antes de seu emprego e depois empenhá-los no cumprimento da missão para explorar situação favorável criada pelo seus próprios elementos das Cias. vizinhas;

8.º) Assegurar a execução de suas próprias ordens, procurando acompanhar sua execução, e intervindo rapidamente, sempre que preciso;

9.º) Controlar o emprego dos transportes da Companhia dentro da Zona atribuída à sua sub-unidade, providenciando imediato reabastecimento da dotação da munição;

10.º) Manter o Cmt. do Btl. permanentemente informado da situação, através de frequentes partes sobre a atuação da sua sub-unidade e sobre as atividades do inimigo.

A SECCÃO DO COMANDO DO CAPITÃO NO COMBATE:
O Comandante da Companhia utiliza seus órgãos de comando principalmente durante os preparativos do combate e através da ação.

O 1.º Tenente Sub-Comandante mantém-se inteiramente identificado com a situação tática no que se refere a Companhia e substitue seu Capitão em sobrevivendo o seu impedimento em ação. Responde também pelo cumprimento de qualquer tarefa que o seu comandante lhe venha a confiar. Durante o combate compete-lhe o comando direto do P. C., posto que se abandonará no caso de tê-lo de assumir o comando da Cia. ou de um de seus Pels. Mantém-se ali em constante ligação com os Comandantes de Cia. e de Btl. Ele notificará sempre o Cmde Btl. dos deslocamentos ou mudanças do P. C., utilizando normalmente para isso um novo mensageiro, o qual substituirá no P. C. do Btl. o mensageiro para lá remetido anteriormente. Frequentemente o sub-cmt é posto no controle dos movimentos das viaturas de armas dentro da zona atribuída à Cia. bem como no do remuniciamento dos pelotões.

O 1.º Sargento auxilia o Capitão cumprindo qualquer tarefa que este lhe distribua. Durante o combate sua função varia desde sua utilização na administração e no abastecimento até o comando do pelotão. Normalmente é ele um auxiliar imediato do Sub-Cmt, encarregando-se do P. C., na ausência de qualquer oficial, e assumindo aí as funções do Sub-Cmt, principalmente quanto à manutenção das ligações e transmissões, sempre que este tenha que deixar o P. C.

O Sargento das Transmissões: é um auxiliar especialmente treinado no uso do telefone e emprego de artifícios óticos, na preparação de esboços e croquis, estando apto ainda para as funções de observador especializado. É o auxiliar do Capitão na observação da Cia. Ele dirige e fiscaliza a sinalização ótica, organiza e realiza a observação na zona de ação de sua companhia, fiscaliza a instalação e o funcionamento do equipamento telefônico da Sub-unidade bem como está apto para proceder do mesmo modo com qualquer outro equipamento técnico de transmissão que possa vir a ser distribuído. Recebe e despacha os mensageiros e agentes que trabalham com o comandante da Cia. e ainda pode ser por ele incumbido

bido de outros deveres. É habilitado ainda na confecção de esboços e calcos.

O Corneteiro: É treinado também como observador e como tal auxilia o Capitão na observação da Cia. e controle dos sinais óticos.

Os Mensageiros são todos treinados também como observadores. Um deles acompanha o Cmt da Cia. e o auxilia na observação e controle, encarregando-se do envió de mensagens ao P. C. e aos Pels. Um outro é enviado diretamente ao P. C. do Btl. tão logo esta unidade se desenvolva para o combate. Os demais permanecem no R. C. da Cia., onde serão encarregados das mensagens a expedir.

O Ordenança é também treinado como mensageiro e como observador. Ele acompanha o Cap. a toda a parte, servindo-lhe de guarda-costas, e o auxilia na observação e controle.

Quando a companhia se desenvolve para o combate, cada pelotão envia ao P. C. um mensageiro, sendo que, no caso do Pel Ptr empregar suas seções destacadas, este Pel enviará dois mensageiros. Em muitos casos, um Cabo da Companhia de Petrechos Pesados do Btl (equivalente a atual C. M. B.) é enviado ao Capitão, ao qual se apresenta. Igual conduta devem ter os homens que realizam a observação avançada das Seq. de Art. (Obuzes 105, orgânicos do R. I. — Companhia de Comando) de Apôio, por ventura operando na zona de ação da Cia. Fz.: apresentam-se ao Cap. e lhe dão conta dos observatórios escolhidos, onde se encontram. Idem quanto aos da A. D.

SERVIÇO EM CAMPANHA — MARCHAS E ESTACIONAMENTOS: A Companhia de Fuzileiros marcha normalmente como parte do Batalhão, em coluna de estrada, até o desenvolvimento deste para o combate. A Seção de Comando



(correspondente à Seq. Extra) forma usualmente como os G. C. e marcha na testa da Cia. O Pel Ptr, as viaturas de armas de menor porte e os serventes, deslocam-se normalmente à retaguarda do último Pel Fz. As viaturas de armas, normalmente, se deslocam com as demais na retaguarda do Btl ou da coluna do Regimento.

Nas marchas diurnas, a menos que seja determinado outra formação, a Cia. marcha em coluna por dois, uma fila de cada lado da estrada. Frequentemente o Cap. estuda o terreno em torno, de maneira a poder desenvolver a sua sub-unidade, rapidamente, e em situação favorável. Exige de seus sargentos e oficiais toda a atenção à disciplina de marcha, principalmente quanto aos retardatários. Mantém a velocidade de marcha prescrita pelo comandante do Btl, sempre que fôr a sua a Cia. testa da coluna; as demais, terão apenas que regular a própria posição. Quanto ao local em que se deve postar, será à testa de sua sub-unidade, podendo, entretanto, marchar onde se fizer necessário.

SEGURANÇA EM MARCHA: Um alarme em tempo útil é vital na redução das perdas por ataques mecanizados e aéreos. Conforme a situação, postos aéro-anti-tanque são escalados para a proteção da Cia. ou dos pelotões separados. Estes postos recebem setores de observação e vigilância.

Para alertar a coluna da aproximação de aviões ou blindados inimigos, tais postos ou qualquer pessoal encarregado de missão de segurança, utilizar-se-á dos seguintes sinais:

- três silvos longos de apito, de busina sirene ou claxon, repetido seguidamente;
- séries de três disparos, espaçadas, de fuzil, fuzil-automático, carabina, pistola, ou
- três rajadas curtas de metralhadoras ou sub-metralhadora.

Durante o dia, o alarme será dado na direção do perigo iminente. À noite, tais sinais são completados a voz, para indicar a direção do perigo.

Todos os meios de transmissão ao alcance da mão são

utilizados para fazer chegar o sinal de alarme a todos os homens da Cia. ou dos Pels separados.

Dado que seja o alarme, as tropas a pé dispersam-se imediatamente e buscam cobrir-se, limpando a estrada. Todos os carros e valetas das proximidades podem ser utilizados para isso, aproveitando sempre todo o obstáculo que possa oferecer apêndice ao movimento dos tanques. As viaturas de armas, caso estejam com a Cia., devem abandonar logo toda área passível de ataque aéreo, procurando prosseguir pelas proximidades da estrada onde aproveitará também os obstáculos anti-tanque naturais.

Na falta de ordens expressas, o Comandante da Companhia decide se deverá ou não atirar sobre os aviões inimigos. Quando não houver interesse em manter a tropa ignorada do avião — ou, é óbvio, não fôr possível subtraí-la às vistas aéreas — todos os homens armados de fuzil, fuzil-automáticos e carabinas, abrem fogo tão logo as máquinas do Eixo entram dentro do alcance de suas respectivas armas. Pelo contrário, quando fôr essencial mantê-la ignorada do observador aéreo e se acredite ter conseguido escondê-la às suas vistas, ninguém atira sobre ele.

Num caso de ataque de tanques ou veículos blindados leves, empregam-se os fuzis de granadas anti-tanque (um por Cia.) dentro de seu alcance. (7) Os objetivos mais próprios para os Ml (Garand, de que são armados a maioria dos homens do G. C.) carabinas (arma individual de alguns gradados e oficiais) e metralhadoras leves (Pel. Petr da Cia.) são as tropas a pé do Eixo. Estas armas, ordinariamente, não entram à aproximação dos tanques mas devem fazê-lo sobre os veículos blindados ligeiros, visando sua guarnição (transporte pessoal e carros de reconhecimento), desde que entrem no raio de suas armas. Logo que os tanques tenham desaparecido ou se afastado, homens e armas retomam suas posições de tiro, abandonando assim os cobertas em que se tinham pro-

(7) — A Cia. Fz^o. é dotada já com Lança foguetes anti tanques, o A.T.M.1 grande eficácia desde os 200 ms contra tanques leves e médios.

tegido; o mesmo será feito com relação às tropas a pé que se aproximarem.

À noite, o comandante da companhia tomará especiais cuidados com a disciplina de marcha, manutenção do contrato e reaprovisionamento. Uma atenção particular será dispensada a evitação e luzes e ruídos. Cerram-se distâncias entre os elementos e entre os homens. No caso de avião inimigo que lance foguete iluminativo, a companhia faz alto e todos os homens abaixam a cabeça e se conservam imóveis até que a luz se extinga. A não sêr que a coluna seja alvejada pelo avião, ninguém atira sobre ele.

ESTACIONAMENTOS: Normalmente, a Cia. de Fz^o. bivaca como parte integrante do batalhão ou de unidade maior e recebe uma área de bivaque no âmbito daquelas unidades. O Cmt da Cia. ou seu representante divide essa área entre os pels e sec cmd, reserva um local para o P. C., para os transportes (a menos que outra cousa esteja determinada para estes), para a cosinha e para as latrinas. Do mesmo modo, deverá escolher um local de reunião, onde a Cia. formará quando tiver que prosseguir no movimento.

Uma vez o bivaque estabelecido, uma guarda interna e um sistema de alarme aéreo-anti-tanque são providenciados pelo Cmt de Btl ou R. Em cada Pel, um oficial e sargentos estão sempre de serviço. Sua atenção se voltará particularmente para os indícios de ataque pelo gaz, veículos mecanizados e aviões. Todos os homens cavam elementos de trincheira para uma proteção eventual, todos eles disfarçados à observação aérea (do mesmo modo que as barracas abrigos que tiverem sido armadas). Postos de granadeiros anti-tanque são montados em pontos escolhidos, dos quais possam assegurar a melhor proteção a toda a Cia. em caso de ataque por tanques.

A MARCHA DE APROXIMAÇÃO

A Marcha de Aproximação conduz a Cia. ao encontro imediato do inimigo inteiramente preparada para o combate

e com um mínimo de perdas. Ela começa quando a Cia. abandona a marcha de estrada e se desenvolve no terreno, de acôrdo com as ordens do Cmt do Btl; ou ainda quando este desenvolvimento fôr tomado por iniciativa do Cap., numa emergência qualquer por sua iniciativa pessoal. Termina quando a Cia. atinge uma linha além da qual só pode progredir pelo emprego de seu fogo, precisando combater para avançar.

Quanto à formação de marcha na aproximação, é ela determinada pela natureza do terreno e pela força dos elementos de cobertura.

A ordem de aproximação do comandante do batalhão prescreve ao capitão o lugar da Cia. na formação do Btl, deixando, habitualmente, ao Cap. as medidas complementares que se fizerem necessárias. Costuma ainda o Cmt do Btl assinalar à Cia. uma zona ou uma direção de marcha, com uma frente bem definida, ou regula ainda a marcha por uma Cia.-Base. Linhas sucessivas a atingir podem sêr também assinaladas.

ORDEM DE APROXIMAÇÃO DO CAPITÃO: Tendo recebido a ordem de aproximação do Btl, o Cmt da Cia. vai redigir a sua própria ordem, geralmente de forma parcelada. Tal ordem deve incluir:

- 1) As informações necessárias sôbre o inimigo e as tropas amigas;
- 2) A missão e a linha primeira a atingir pela Cia.;
- 3) A distribuição dos pelotões e seq de cômnd pelos escalões da Cia., para a marcha de aproximação; a distribuição e a missão dos elementos do Pel Ptr; as distâncias entre os elementos ou escalões; e a designação de um Pelotão Base;
- 4) A direção (ângulo de marcha ou ponto de direção afastado) ou itinerário a ser seguido;
- 5) As linhas a atingir e a frente para o pelotão (ões) de primeiro escalão (nas marchas diurnas);
- 6) O reconhecimento e as medidas de segurança, inclusive postos aéro-anti-tanques;

"A 7000", o A.C.M.1 dos
americanos, de que veio de
ser detestado as dias 200
(E.T.)



7) A conduta a seguir nos casos de ataques terrestres e aéreos (os ataques terrestres mecanizados são em geral protegidos pelo Btl — normalmente através de um roteiro. (S. O. P. do americano).

8) O dispositivo das viaturnas de armas, caso estejam sob controle da Cia.;

9) O lugar inicial do Cmt da Cia. e seus prováveis deslocamentos.

O Cmt da Cia é responsável pela segurança de sua Cia desde o momento em que deixa a coluna de btl. Quando a sua marcha não fôr coberta por outros elementos a vista, ele despacha algumas patrulhas para preceder a Cia. elementos que além de cobertura contra patrulhas inimigas devem assinalar as localidades ocupadas. Quanto aos flancos expostos, são eles coberto por flanco-patrulhas e quanto às ligações com as Cias. vizinhas, o Cap. as assegura por meio de elementos de ligação, tirados dos Pel de 2.^o escalão.

LOGAR DO CAPITÃO: O Cmt. da Cia. marcha com ou adiantado dos Pels. de 1.^o escalão. Se outra é a Cia. Base, seu Pel. Base guiar-se-á em seu movimento pelos movimentos daquela Cia. — fora daí caber-lhe-á assegurar a direção de marcha e sua velocidade para a sua Cia.

Conforme as variações do terreno e da situação tática, das necessidades de segurança ou de reconhecimento, da visibilidade, o Cap. pode determinar alterações de direção de marcha, de formação ou nas medidas de segurança e de reconhecimento requeridas por qualquer dessas mutações. Do mesmo modo, pode acrescentar linhas intermediárias às fixadas pelo Btl. se o lugar acertado fazê-lo.

EXECUÇÃO DA MARCHA, DE DIA: Os Pels. fazem apresentar ao P. C. da Cia. tão logo tenham tomado seu lugar no dispositivo de marcha, os respectivos mensageiros.

De dia, a marcha de aproximação deve ser realizada em formações que assegurem uma proteção efetiva contra os fogos de artilharia, ataques terrestres e aéreos. Além disso, tais formações devem permitir um máximo de aproveitamento do ter-

reno no sentido da invisibilidade, da cobertura e da proteção contra ataques por forças mecanizadas, sem todavia dificultar ao Cmt. da Cia. o contróle do movimento. Consequentemente, os Pels. devem guardar entre si distancias e intervalos, ou só uma dessas medidas. Em terreno limpo, as distâncias e intervalos podem ir até as 300 jardas. Já em bosques, aquelas medidas devem sêr bem diminuídas e até o ponto em que a ligação a vista seja possível, sendo mesmo que, se as árvores forem muito cerradas, ter-se-á que apelar para as filas e elementos de ligação entre os Pels. Quanto às formações dos Pels. o Cmt. da Cia. não deve prescrever nada neste sentido, embora seja do seu dever intervir prontamente para corrigir qualquer erro eventual, de formação.

Auxiliado de perto pelos elementos de sua Sec. de Cmd., o Cmt. da Cia. reconhece frequentemente o terreno a percorrer, procurando sempre os trechos desafiados. As áreas gizadas ou bombardeadas, as expostas ao fogo das armas ligadas e os pontos suspeitos de servirem de reparo a artilharia inimiga, (aldeias, gargantas, entroncamentos de estrada, árvores e pequenos bosques) devem sêr evitados sempre que possível. No caso das zonas batidas não puderem ser evitadas, serão elas atravessadas por lanços individuais ou de pequenos grupos, sob direção de graduados. O Cmt. da Cia. pode, por precaução, resolver atravessar áreas suspeitas (estradas, cristas, aterros) não submetidas ao fogo do inimigo no momento, por lanço de toda a Cia., ou por lanços de Pels., de cada vez.

Independentemente da posição da Cia. no dispositivo do Btl., deverá ela manter seus próprios postos de alarme de ataque aéreo ou mecanizado. Estes postos recebem na ordem inicial do Cap., por Pels., setores de observação, os quais são distribuídos de maneira assegurar à Cia. uma contínua e completa observação.

Quer a marcha de aproximação do Btl. seja ou não coberta, cabe-lhe e à Cia. a própria proteção e segurança, bem como o reconhecimento da frente e dos flancos. Ela se realiza com uma ou mais companhias em 1.º escalão, as quais

recebem por isso uma zona de marcha e missões bem determinadas de reconhecimento e segurança.

O Cmt. da Cia. fornece aos Pels. de 1.^o Escalão a frente e uma ou mais linhas a atingir. Entre elas se include a primeira linha do Btl., assinalada por este em sua ordem, e outras posições intermediárias do terreno, (preferentemente espaçadas de 500 a 600 jardas) julgadas necessárias para garantir o escoamento do restante do Btl. ou assegurar a preparação do ataque, eventualmente.

Os Pels. de 1.^o escalão são frequentemente reforçados por seções de morteiros. O Pel. de Ptr. menos as seções assim destacadas, desloca-se por itinerários e para áreas donde melhor possa prestar aos Pels. de 1.^o escalão um apôio eficaz. Os Pels. de Fz. de 2.^o escalão, por sua vez, deslocam-se por lanços, de maneira a desfrutar ao máximo das vantagens da invisibilidade e do desenfiamiento e de modo a poder sempre proteger o flanco mais vulneravel da Cia.

O deslocamento se faz por lanços. Cada uma das linhas a atingir deve estar de posse dos Pels. de 1.^o escalão antes que o escalão da retaguarda deixe a cobertura precedente. Um ligeiro alto pode sêr feito em cada linha sucessiva atingida afim de sêr examinada a direção e feitas as mudanças de formação e adotadas as medidas de segurança aconselhadas.

Uma Companhia em escalão de retaguarda do Btl. mantém ligação estreita com a (s) de 1.^o escalão (8) por meio de uma dupla fila de ligação. Se houver pequena ameaça de um ataque de flanco, a coluna de pelotões (intervalados de 50 jardas, no mínimo) facilitará bem o controle do movimento e permitirá que a Cia. se utilize de itinerários desenfiamientos, ao máximo, e bem protegidos nos flancos.

Se o ataque de flanco ou flancos fôr agora razoavelmente possível, os Pels Fz.^o devem sêr escalonados sôbre o flanco ameaçado ou sôbre ambos, e o Pel. Ptr., por sua vez, acompanhará de perto os Pels. de 1.^o escalão, marchando a altura do Pel. da retaguarda, aproximadamente.

(8) — Escalões de Reconhecimento, de Combate e Reservado, entre nós.

Se não houver nenhuma ameaça de ataque de flanco mas se tenha que atravessar áreas perigosas, a linha de Pels. (tendo os Pels. intervalados de modo tal que possam desenvolver seus G. C. sem se perturbarem) tornará possível aquelas travessias no mais curto prazo.

No mais, o Cmt. da Cia. designa as linhas sucessivas a atingir, desloca-se por lanços e reduz os altos ao mínimo, tudo como as Cias. de 1.^o escalão o fazem.

EXECUÇÃO À NOITE: Em tal caso, torna-se muito mais difícil mantêr a direção, o controle e a ligação entre os elementos do que de dia. Por isso mesmo, sendo possível e sempre que o fôr, a marcha à noite se fará ao longo de itinerários reconhecidos de dia. E no caso da marcha têr que sêr feita através do campo, o itinerário a seguir nele será balizado e a marcha efetuada com o auxílio da bússola. Um itinerário mais longo que acompanhe acidentes de terreno facilmente assinaláveis é sempre preferível a um outro mais curto porém menos reconhecível à noite.

O Cmt. do Btl. prescreve o itinerário ou a direção de marcha (ângulo de marcha) a sêr seguida pela Cia. testa. Seu cmt. é responsável pelo inteiro reconhecimento e balizamento, até onde fôr praticável, do itinerário a seguir, antes da caída da noite. Igualmente procedem os demais Cmts. de Cia. com respeito aos itinerários que os conduzirão, depois de abandonada a coluna de marcha, aos locais que lhes foram designados na zona de reunião do Btl. ou às posições de ataque lhes forem determinadas.

A Cia. testa é encarregada da regulação da marcha por forma a assegurar a bôa ordem de marcha dentro do Btl. E à sua rtg., cabe as Cias. manterem ligação entre si por meio de filas de ligação.

ACESSO E CONDUTA À ZONA DE REUNIÃO DO BATALHÃO: A Companhia pode ter que ocupar uma área na zona de reunião do btl. Em geral, o Cmt. do Btl. designa um Oficial do Btl. e um Sargento de cada Cia. para antecederem

o Btl. na sua zona de reunião, em transporte por ele fornecido. Cabe-lhes reconhecer as áreas que forem designadas para suas Cias. e reunirem-se aos seus Cmts. de Cia. em tempo de guiá-los para lá (comumente estes detalhes são previstos num roteiro. (9).

Afim de melhor assegurar o escoamento ininterrupto das Cias. para dentro da Zona de Reunião, o movimento dentro dela é feito sem altos. O Ctm. da Cia. facilitará tal movimento aplicando estas regras:

1) Determinar que o estacionador da Cia. divida a área da Cia. pelos Pels. e logo que a Cia. se aproxime dela, enviar um guia, a pé, por Pel. afim de tomar conhecimento da área de seu Pel. e retornar e mtempo de guiá-lo para lá.

2) Ao aproximar-se da área de reunião da Cia., o Cap. poderá preceder a Cia. de algumas centenas de jardas, levando consigo da Cia. e alguns homens de sua Seção de Comando, fazendo com eles um balizamento a homem do percurso que conduz à área da Cia. Em seguida, reconhece rapidamente a área da Cia., divide-a pelos Pels. e encaminha-os aos seus respectivos logares, para o que aguardará sua chegada à entrada da área da Cia.

As viaturas de armas, no caso de se encontrarem sob controle do Btl. até aqui, reverterem ao da Cia., ao ser atingida a Zona de Reunião do Batalhão. Atingida a área da Cia., dois viaturas são enviados à entrada da Zona da Reunião para orientar a viatura de munições do Btl. e as viaturas de armas da Cia. para os locais que lhes foram distribuídos.

DEVERES DO CAPITÃO NA AREA DA CIA.: O Cmt. da Cia. é responsável pelas seguintes providências:

1) Imediatamente após a chegada à área de reunião, viaturas e pessoal deverão sêr largamente dispersados, segundo as possibilidades da referida área;

2) Todos os acidentes naturais do terreno, bem como todos os abrigos existentes, serão largamente aproveitados no

(9) — S. O. P. no original americano: Standing Operations Procedure.

no sentido de furtar à observação aérea ou terrestre o pessoal e as viaturas, visando ainda localizar os efeitos de possíveis bombardeios de artilharia;

3) O máximo partido deverá ser tirado dos obstáculos naturais anti-tanques, tais como correntes d'água, troncos dispostos adequadamente, grandes pedaços de pedra, grandes árvores.

4) Os homens que não tiverem conseguido abrigos naturais, terão que cavar seu abrigo individual, enterrado (a prova de estilhaços).

5) Uma guarda disciplinar deverá ser prontamente disposta de maneira a manter o pessoal ao abrigo das vistas de terra e do ar e sempre convenientemente dispersado.

6) As ações de surpresa de patrulhas inimigas serão prevenidas por elementos de vigilância especialmente dispostos para este fim.

7) Postos de granadeiros anti-tanque serão localizados convenientemente afim de proteger a Cia. contra a irrupção de veículos blindados.

8) Postos aéro-anti-tanques serão postados de acordo com o S. O. P. do Btl. (roteiro).

9) Os apanhados de mochilas, se não tiverem sido já desfeitos, são empilhados e dissimulados em um local acessível, conforme as ordens do Cmt. do Batalhão.

10) Se o tempo permitir, as condições físicas dos homens e o estado de seus equipamentos serão inspecionados pelos graduados.

11) Aos homens será assegurado o máximo de repouso possível.

OUTRAS MEDIDAS NAS ZONAS DE REUNIÃO : A munição de reserva só é distribuída mediante ordem do Cmt. do Btl. Quando a viatura de munição que a transporta chega, ela é acomodada no local mais bem abrigado de que se disponha. A distribuição da munição, quando ordenada, deverá ser feita por forma a que somente uns quantos homens de cada vez se aglomerem nos pontos em que fôr feita.

Se Cia. deve permanecer na área de reunião durante a noite, um local de reunião de emergência deverá ser designado previamente.

Em certos casos, especialmente quanto faz parte de um tl. reservado, a Cia. Fz.^o pode ocupar área de reunião inteiramente separada das demais unidades. Caberá então ao seu mt., além das medidas acima, cuidar de sua própria defesa ferro-anti-tanque.

Se a partida da Zona de Reunião tiver que ser feita durante o dia e não houver desenfiamiento suficiente, a Cia. deslocar-se-á diretamente para a linha de partida.

Fora daí, a Cia. se desloca da zona para a área de reunião, onde poderá abrigar-se e cobrir-se do fogo das armas ligeiras. A ocupação da área de reunião favorece grandemente aos Cmts. de Pels. para orientar seus Sgts. e para despachar suas ordens, permitindo ainda aos Cmts. de G. fazerem as suas próprias com mais facilidade. Afim de tornar mínimos os riscos de ferimentos, esta área de reunião última deverá normalmente ser ocupada pelo menor tempo possível antes da partida para o ataque. Quando a sua ocupação é feita de dia, todas as precauções devem ser tomadas para furtá-la à observação terrestre e aérea.

(Continúa no próximo número)

CASA NICKEL

(Agência CHEVROLET Autorizada)

COMPLETO SORTIMENTO EM PEÇAS E ACESSÓRIOS PARA AUTOMOVEIS. *

IMPORTADORES DE ARTIGOS DENTARIOS

SORTIMENTO COMPLETO EM DENTES, MEDICAMENTOS E INSTRUMENTOS

POSTO DE SERVIÇO CHEVROLET

AGÊNCIA (LOJA) Rua Barão do Rio

OFICINA

Branco, 285 a 305 - Fone, 695

★ Rua Pedro Ivo, 330 a 348 - Fone, 244

OURITIBA **III** End. Tel. <NICKEL> - Caixa Postal, 55 **III** PARANÁ



IMPERMEAVEL

Celsul

O PAPEL TRANSPARENTE QUE VESTE UM PRODUTO
 ————— **FABRICAÇÃO NACIONAL** —————

PARA PRODUTOS ALIMENTICIOS EM GERAL
DE 30 - 45 E 60 GRAMAS POR M²
BRANCO - DE CÔR - IMPRESSO
 EM FOLHAS PLANAS: DE 90 x 100 cm OU DE QUALQUER
 OUTRO FORMATO — EM BOBINAS DE QUALQUER LARGURA

S/A INDUSTRIAS REUNIDAS F. MATARAZZO
 PRÉDIO CONDE MATARAZZO - PR. DO PATRIARCA - TEL. 3-5151 - TELEGR. "MATARAZZO" - C. P. 66 - S. PAULO
 FILIAIS E AGENTES NAS PRINCIPAIS PRAÇAS DO BRASIL

PONTE TARRON

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DO
1.º Ten. LUIZ GONZAGA DE MELLO

(Continuação)

CAPÍTULO SEGUNDO

descrição detalhada dos elementos da ponte e da disposição de uns em relação aos outros

DESCRIÇÃO DETALHADA DOS ELEMENTOS DA PONTE

20. — Foi visto no n. 10 que uma ponte Tarron compreendia:
- uma armação superior;
 - uma armação inferior;
 - tirantes metálicos, reunindo as duas armações.

ARMAÇÃO SUPERIOR

21. — A armação superior é formada:
- 1.º — de quadros;
 - 2.º — de chapéus.

PRIMEIRO QUADRO

22. — Segundo se apoiam sobre uma peça de encontro ou exclusivamente sobre os chapéus, os quadros lenominam-se: *quadros de encontro* ou *quadros ordinários*.

Os quadros das armações secundárias que se apôiam sobre a peça de ponte central, denominam-se: *quadros secundários de encontro*.

Descrição de um quadro — Um quadro compõe-se das peças seguintes:

- a) Dois montantes paralelos, formados de páus roliços entalha-

dos em suas extremidades como indica a Fig. 10. Estes entalhes des-
tinam-se a encaixar as peças transversais, encontros ou chapéus, em
que os montantes se devem apoiar.



Fig. 10. — Vista perspectiva de extremidade de um montante

b) Quatro talas, ajustadas e fixadas por meio de ligações de
arame sobre as extremidades dos montantes, ultrapassam-nas, de modo
a assentar sobre as peças transversais (encontros ou chapéus) que
servem de apoio a estes montantes. (Fig. 11).

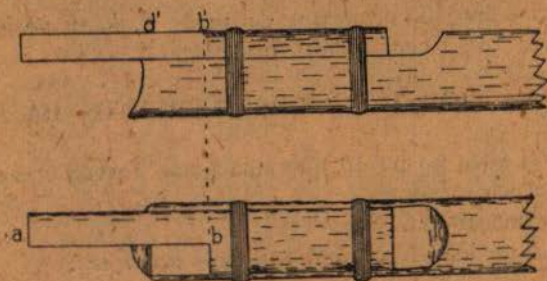


Fig. 11. — Extremidade de um montante ordinário com sua tala

c) Um contraventamento.

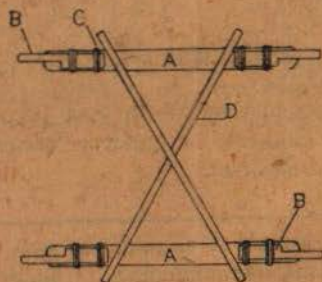


Fig. 12. — Quadro ordinário (com talas exteriores)

Legenda: A, montante; B, tala; C, ligação das talas; D, contraventamento

A Fig. 12 representa, no plano, um quadro ordinário.

23. — Nem todos os quadros de uma ponte são semelhantes, e podem diferir:

- pelas talas;
- pelo contraventamento;
- pela largura (n. 36).

Talas — Segundo a peça: chapéu, encontro, peça de ponte central, sobre a qual assentam, as talas podem ser:

- talas ordinárias;
- talas de encontro;
- talas secundárias de encontro.

Uma tala ordinária é formada de um páu roliço, aplainado sobre a face, e entalhado à meia-madeira perpendicularmente a esta face, aproximadamente sobre metade de seu comprimento. (Fig. 13).



Fig. 13

Talas ordinárias

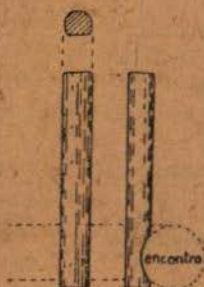


Fig. 14

Talas de encontro



Fig. 15

Talas secundárias de encontro

A parte entalhada pode estar de um ou de outro lado do eixo páu roliço; são obtidas assim duas formas simétricas. (Fig. 13).

Uma tala de encontro é formada de um páu roliço, que tem uma das faces aplainada e excavada numa das extremidades, de maneira que esta face sendo aplicada sobre o montante de encontro, sua excavação tome bem a forma da peça de encontro. (Fig. 14).

Uma tala secundária de encontro participa das duas formas precedentes: é uma tala de encontro cuja extremidade é também entalhada à meia-madeira, como uma tala ordinária. (Fig. 15).

Contraventamento de um quadro — Um quadro ordinário recebe o contraventamento em Cruz de Santo André, formado de duas varas fixadas sobre os montantes. (Fig. 12).

O contraventamento de um quadro de encontro deve ser estabelecido de forma a deixar livre a passagem às mais altas viaturas dos combóios das tropas de campanha.

Segundo o comprimento do quadro de encontro que depende do vão da ponte, é empregado um dos três modos de contraventamento seguintes:

a) O comprimento do quadro é superior a 6,5m: — O contraventamento em Cruz de Santo André é fixado a 4 metros do pé do montante. (Fig. 16);

b) O comprimento do quadro está compreendido entre 5,50m e 6,50m: — O contraventamento é fixado a 4 metros do pé do montante; é completado, quando a ponte está montada, por escoras exteriores ao quadro, fixadas às extremidades da peça de encontro, que deve ser, neste caso, suficientemente longa. (Fig. 17).

CONTRAVENTAMENTO DOS QUADROS DE ENCONTRO



Fig. 16 - Quadro superior a 6,50m.

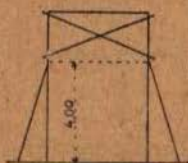


Fig. 17 - Quadro de 6,50m. a 5,50m.



Fig. 18 - Quadro inferior a 5,50m.

c) O comprimento do quadro é inferior a 5,50m.: — O quadro recebe um contraventamento provisório em Cruz de Santo André que, uma vez o quadro esteja no lugar, é substituído por escoras exteriores fixadas como precedentemente às extremidades da peça de encontro. (Fig. 18).

Os quadros secundários de encontro recebem um contraventamento idêntico ao dos quadros de encontro.

2.º — CHAPÉUS

24. — Chapéu é um páu roliço de comprimento maior que a largura dos quadros, ultrapassando exteriormente os montantes de cerca de 0,30m.

ARMAÇÃO INFERIOR

25. — A armação inferior é formada:

- 1.º — De tirantes horizontais, em madeira;
- 2.º — De peças de encontro e de ponte;
- 3.º — De um contraventamento.

1.º — Tirantes horizontais

26. — Um tirante horizontal vai de um encontro ao outro; em virtude de seu grande comprimento, é composto de várias varas, reunidas entre si por ligações de arame, e de cavilhas de madeira, que evitam qualquer deslizamento das varas umas sobre as outras. (Fig. 19).

ELEVAÇÃO

Plano



Fig. 19. — Tirante horizontal

Um tirante possui a um metro de cada uma das extremidades (às quais se tem o cuidado de colocar a ponta mais grossa das varas) um entalhe à meia-madeira, destinado a abraçar a peça de encontro correspondente: um tirante horizontal é portanto uma longa vigota de barras.

Um tirante é completado por pedaços de madeira roliça, denominados *tacos*, e em número de dois para cada peça de ponte. — Estes são ligados por baixo do tirante afim de abraçar cada peça de ponte e mantê-la entre elles.

Para as pontes de vão superior a 30 metros, a armação inferior compreende, de cada lado da ponte, dois tirantes superpostos, passando, um acima, e outro abaixo, das peças de encontro e de ponte.

2.º — Peças de encontro e de ponte

27. — As peças de encontro • de ponte são troncos de árvores quadrados apenas nas extremidades, nos pontos de apóio dos tirantes horizontais.

3.º — Contraventamento

28. — A armação inferior comporta, em cada lance, um contraventamento em Cruz de Santo André, fixado sobre as peças de encontro e de ponte.

O contraventamento pode ser conseguido com varas, arame ou com cabos metálicos, sendo de notar que este último é o mais eficaz está descrito no n. 38.

Tirantes metálicos

29. — Os tirantes metálicos das pontes dos tipos n.º 1 e n.º 2 são confeccionados em arame de ferro galvanizado; cada tirante compõe-se de vários fios enrolados em forma de colar.

As diferentes disposições dos tirantes em *V* ou em *Y* são realizadas por meio de vários colares.

A disposição em *V* que se encontra nos tipos n.º 1 e n.º 2 utiliza dois colares volteando cada qual um chapéu e a peça de ponte (Fig. 20).

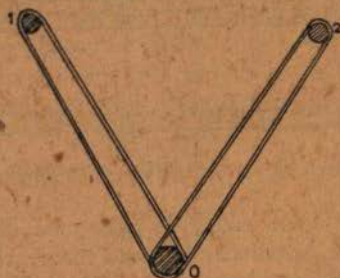


Fig. 20. — Disposição dos tirantes em *V*.
Legenda — 1, 2, chapéus; 0, peça de ponte.

A disposição em *Y*, encontrada no tipo n.º 2, utiliza igualmente dois colares; um, porém, vai de um chapéu ao outro formando o *V* do *Y*, enquanto que o segundo forma o ramo inferior do *Y* e vai da gola do primeiro à peça de ponte.

Esta disposição é completada pela adição, quando a ponte está montada, de um colar de arame que reforça o ramo mais curto do *V* do *Y*, e que, passando no ramo inferior, impede o deslocamento deste sobre o *V* (Fig. 21).

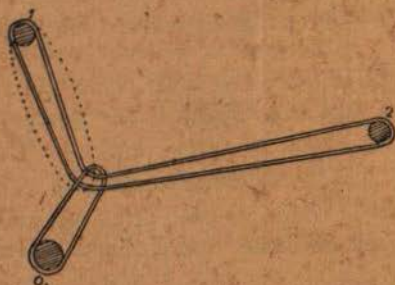


Fig. 21. — Disposição de tirantes em *Y*.
Nota — O colar suplementar está indicado em pontilhado.
Legenda — 1, 2, chapéus; 0, peça de ponte.

A disposição de tirantes em Y só deve ser completada como foi dito acima, quando se trata dos tirantes secundários, para o tipo n.º 4.

30. — *Tirantes mistos.* — As pontes dos tipos n.ºs. 3, 4 e 5, comportam o emprêgo de tirantes mistos.

Um tirante misto compõe-se de dois colares, um de cabo metálico, e o outro de arame, passados um no outro como élos de uma cadeia (Fig. 22).

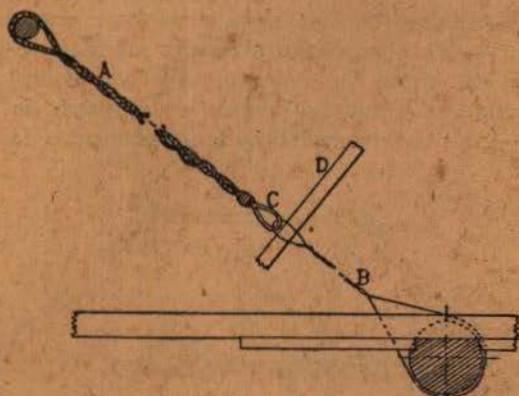


Fig. 22. — *Tirante misto.*

Legenda — A, cabo metálico; B, arame; C, casquilho de ferro; D, pau de arrocho.

O colar de arame, que tem um comprimento de 1,50m. a 2 metros, apoia-se sobre o colar de cabo metálico por intermédio de um casquilho de ferro (Fig. 42 bis) destinado a impedir que os fios do cabo formem um ângulo agudo, e em consequência se deteriorem.

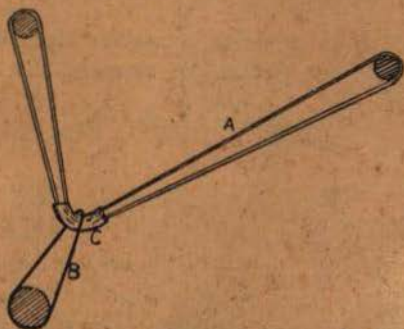


Fig. 23. — *Tirante misto em Y.*

Legenda — A, cabo metálico; B, arame; C, casquilho.

Se a disposição do tirante é em Y, a parte formando V é em cabo metálico, e a parte inferior, em arame (Fig. 23).

31. — *Emprêgo dos tirantes mistos.* — Nos tipos n.ºs. 3, 4 e 5, os tirantes principais são mistos, qualquer que seja o vão; os tirantes secundários são mistos a partir do vão de 25 metros.

DISPOSIÇÃO DOS ELEMENTOS DE UMA PONTE UNS EM RELAÇÃO AOS OUTROS.

32. — Os detalhes de disposição expostos a seguir referem-se à conjugação: 1.º — dos quadros das armações superiores e de suas peças de apoio (chapéus, peças de encontro, peças de ponte); 2.º — dos tirantes horizontais da armação inferior e das peças de ponte ou de encontro; 3.º — dos tirantes metálicos e dos elementos das armações.

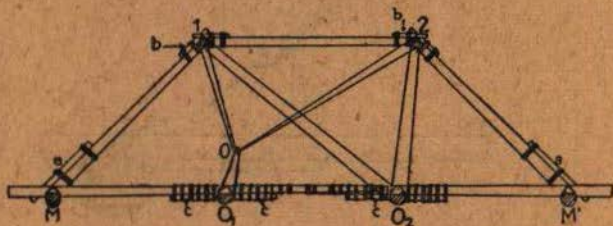


Fig. 34. — Ponte n.º 2.

Nota — O contraventamento não está representado.

Legenda — M-1, M'-2, quadros de encontro; 1-2, quadro ordinário; a, talas de encontro; b, talas ordinárias; M, M', encontros; O₁, O₂, peças de ponte; M O₁, O₂ M', tirantes horizontais; c, tacos; 1-0-2, 0-0₁, 1-0₂, 2-0₂, tirantes metálicos.

As figuras 24 e 25 mostram o aspecto de conjunto dos diversos elementos conjugados nas pontes dos tipos n.º 2 e n.º 3.

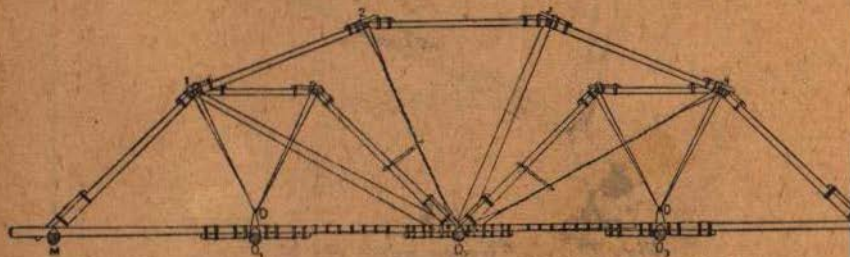


Fig. 25. — Ponte n.º 3.

Nota — O contraventamento dos quadros e as ligações das talas nos encontros e chapéus não estão figurados. Dois tirantes são representados torcidos pelos páus de arrocho que servem para os esticar.

LEGENDA

Armação principal	M-1	{ Quadros de encontro	M, 0 ₁ , 0 ₂ , 0 ₃ , M', tirantes horizontais em madeira.		
	M'-4				
	1-2	{ Quadros ordinários.			
	2-3				
3-4					
			1-0 ₂	{ Tirantes metálicos principais.	
			2-0 ₂		
			3-0 ₂		
			4-0 ₂		
Armações secundárias	5-0 ₂	{ Quadros secundários de encontro.	1-0-5	{ Tirantes metálicos secundários.	
	6-0 ₂				
	1-5	{ Quadros secundários.			6-0-4
	6-4				
			0-0 ₁		
			0-0 ₃		

ARMAÇÃO SUPERIOR

Conjugação dos quadros com as peças transversais (chapéus, encontros e peça de ponte central).

33. — Foi visto no n.º 11, que a conjugação dos quadros com as peças transversais consistia, teoricamente pelo menos, no simples apoio das extremidades dos montantes contra estas peças.

Na previsão de choques acidentais, e para facilitar a montagem, a conjugação é consolidada por talas que, preliminarmente fixadas entre os montantes, o são, após a montagem, sobre os encontros ou sobre os chapéus, por meio de cavilhas metálicas ou de ligações.

34. — *Conjugação dos quadros com os chapéus.* — Cada chapéu de rótula a dois quadros. Visando evitar, no ponto de apoio dos montantes, um esforço de cisalhamento sobre o chapéu, os montantes a dois quadros são exatamente opostos. E' para tornar possível esta disposição que as talas ordinárias, cruzandam-se sobre os chapéus são enfiadas à meia-madeira (Fig. 13).

Nas pontes com armações secundárias, esta disposição não é rigorosamente realizavel para o primeiro chapéu, que serve de rótula a três quadros, a saber: de um lado, um quadro de encontro, do outro lado, dois quadros ordinários, dos quais um principal e o outro secundário.

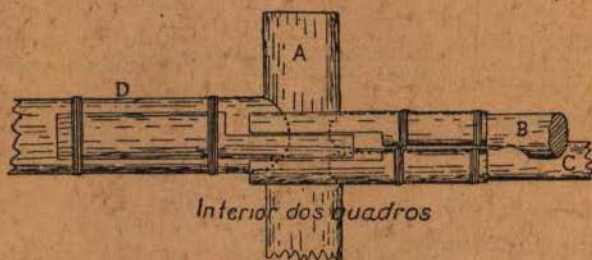


Fig. 26. — Disposição dos montantes dos quadros principais e secundários, sobre o 1.º chapéu.

Legenda — A, chapéu; B, quadro principal; C, quadro secundário; D, quadro de encontro.

Neste caso é empregada a disposição seguinte (Fig. 26): de cada lado da ponte, a tala do montante do quadro de encontro e a do montante do quadro secundário estão no interior da tala do montante do quadro principal, a primeira entre as duas outras; além disso uma face plana é talhada lateralmente sobre cada um dos dois montantes vizinhos dos quadros ordinários; pondo em contacto as faces planas assim arranjadas, diminue-se então, a largura total do apoio dos dois montantes sobre o chapéu e consegue-se deste modo suprir quase que totalmente o esforço de cisalhamento; é facil compreender pelo exame da figura.

35. — *Cunjugação dos quadros com os encontros e com peça de ponte central.* — A conjugação dos quadros com os encontros nada tem de particular e é feita como indica o n.º 23.

A disposição dos quadros secundários de encontro sobre a peça de ponte central é a seguinte: um dos quadros é alargado do lado da peça de ponte, afim de permitir a passagem de suas talas por fora dos montantes do outro quadro; por consequente, as superfícies de apoio dos dois quadros sobre a peça de ponte são afastadas uma da outra de meia espessura de montante (Fig. 25 e 27).



Fig. — 27. — Disposição dos montantes de encontro secundários sobre a peça de ponte central.

Legenda — A, montantes, B, talas; C, peça de ponte.

O quadro alargado toma a forma de um trapézio, e o outro permanece retangular.

36. — *Largura dos quadros* — Das disposições que acabaram de ser indicadas resulta que a largura dos quadros principais é uniforme. Ela é ordinariamente de 4 metros contando de eixo a eixo dos montantes

Esta largura é de 4,50m para a armação principal, a partir do vão de 30 metros.

A largura dos quadros secundários varia com a sua posição. Os que se apoiam sobre o primeiro chapéu têm largura inferior de 20 ou 25 cm da dos quadros principais; ela é portanto igual a 3,80 m ou 4,25 m, segundo o vão. Um dos quadros secundários de encontro tem esta mesma largura em suas duas extremidades; o outro a possui igualmente na parte superior, mas pela razão indicada no parágrafo precedente, a largura na parte inferior é acrescida da espessura de um montante.

ARMAÇÃO INFERIOR

37. — *Disposição dos tirantes horizontais sobre as peças de encontro e de ponte:*

1.º — *Sobre as peças de encontro* — Os tirantes horizontais passam por fora dos montantes dos quadros e neles se apoiam. Por suas talas abraçam as peças de encontro e a elas se ligam por uma cavilha metálica e por uma ligação cruzada de arame. (Fig. 24 e 25).

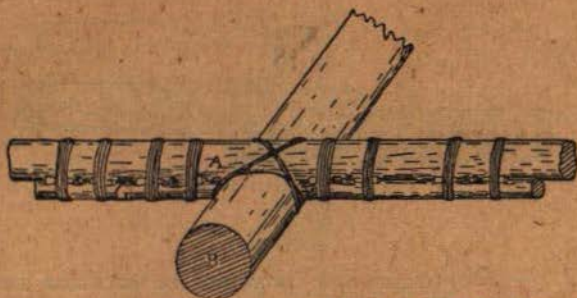


Fig. 28. — Tacos mantendo uma peça de ponte.

Legenda — A, tirante horizontal; B, peça de ponte; C, taco.

2.º — *Sôbre as peças de ponte* — Os tirantes horizontais abraçam as peças de ponte pelos tacos ligados por baixo deles (n.º 26) e são mantidos solidários a estas peças por ligações cruzadas de arame (Fig. 24, 25 e 28).

38. — *Contraventamento em cabo metálico da armação inferior.* O contraventamento em cabo metálico, disposto em Cruz de Santo André em cada lance, reúne as extremidades das peças de encontro e das peças de ponte. Cada ramo é composto de dois elementos passando um por cima e outro por baixo das peças.

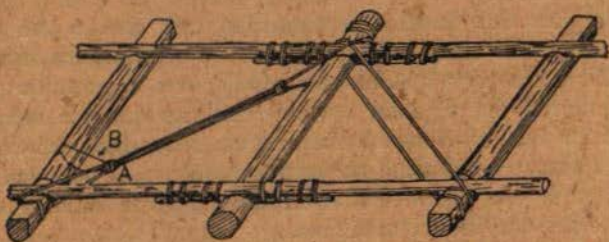


Fig. 29. — Contraventamento em cabo metálico da armação inferior.

Nota — Do contraventamento apenas a metade foi colocada e sómente um ramo foi figurado esticado.

Legenda — A, ligação de arame; B, amarração desta ligação.

Para evitar serem cortados os cabos, o contraventamento é estabelecido da maneira seguinte (Fig. 29): um cabo é amarrado à extremidade de uma peça de encontro, por fora do tirante horizontal; passa por cima deste tirante, e dirige-se em diagonal para a extremidade oposta da peça de ponte seguinte, ao redor da qual dá uma volta seca, depois de ter passado sôbre o tirante horizontal.

Em seguida, dirige-se da mesma maneira para as peças seguintes, passando sempre por cima dos tirantes horizontais; chegando à segunda peça de encontro, dá uma volta seca, e segue em sentido inverso o mesmo caminho, mas desta vez passando por baixo das peças de encontro e de ponte.

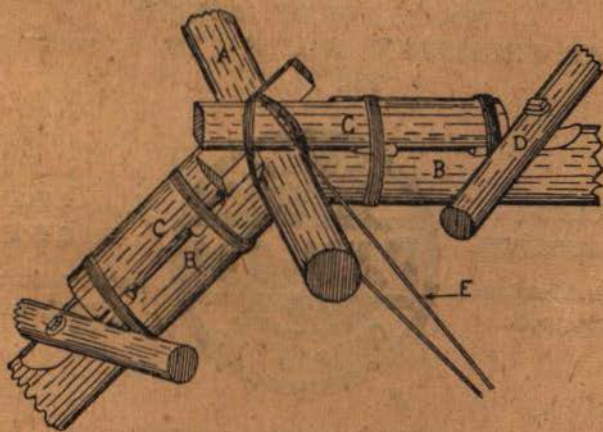
A mesma operação é feita em seguida, partindo da outra extremidade da primeira peça de encontro, com um novo cabo metálico.

Uma forte tensão dos elementos do cabo é obtida, apertando um contra o outro os dois de cada ramo, tão próximos quanto possível as extremidades; e mantendo-os assim por uma ligação de arame grosso (Fig. 29).

Para evitar que esta ligação, ao deslizar, afaste-se da extremidade, é amarrada à peça vizinha.

TIRANTES METÁLICOS

39. — *Conjugação dos tirantes metálicos e das armações da ponte.*
O tirante reúne dois a dois: seja um chapéu e uma peça de ponte, ou, se se trata de um tirante em Y, dois chapéus ou ainda o V do entre e uma peça de ponta.



30. — *Disposição de um tirante metálico sobre a armação superior.*

Legenda — A, chapéu; B, montante; C, tala; D, contraventamento; E, tirante.

Em todos os casos o modo de conjugação consiste em esticar o colar que constitue o tirante sobre os dois elementos a reunir, de maneira a colocá-los no interior do colar, cada um em uma extremidade. Os tirantes passam portanto sobre os chapéus e por baixo das peças de ponte.

Afim de consolidar a conjugação, um tirante passa, não diretamente sobre o chapéu, mas sobre as talas dos montantes que nele apoiam; cruza-os em diagonal, no sentido que mais o afasta de sua extremidade (Fig. 30).

Para que um tirante metálico esteja em um plano normal à peça de ponte que envolve, ele deve passar sob esta peça por dentro dos tirantes horizontais.

(Continúa)

THE CALORIC COMPANY

Matriz: RIO DE JANEIRO

AV. PRESIDENTE WILSON, 118, 4.º andar

Tel. 22-5133

ÓLEO
COMBUSTÍVEL

para indústrias e
navegação



ÓLEO
DIESEL

para motores e
tratores

ÓLEOS LUBRIFICANTES
DEPOSITOS:

Rio - S. Paulo - Santos - Cde. do Salvador - Recife e Belém

Representantes em todas as cidades do país

Defesa anti-aerea de uma cidade

A maioria dos ataques aéreos são dirigidos contra objetos que influem na capacidade combativa do inimigo, isto geralmente são bombardeadas as capitais e cidades importantes, assim como as regiões industriais.

Entre os elementos mais importantes normalmente existentes na zona da retaguarda encontramos os arsenais, gares, estradas de ferro, entroncamentos ferroviários, aeródromos, fábricas em geral, sistemas de comunicações e estabelecimentos essenciais aos abastecimentos da população civil, e constituirão justamente os objetivos militares e civis da ação adversária.

Foi percebendo o desenvolvimento espantoso que tomou a arma aérea, com o aperfeiçoamento crescente das suas técnicas de combate, e prevendo o quanto de terrível e destruidor seria um bombardeio em massa sobre os objetivos da retaguarda que, os técnicos militares foram obrigados a encontrar um meio de defesa eficiente afim de opor uma resistência enérgica à aviação atacante, onde apareceu além dos aparelhos de caça, a artilharia anti-aérea.

A artilharia anti-aérea, que nos princípios naturalmente possuía pouca eficiência, acha-se atualmente colocada em plano superior, em consequência dos aperfeiçoamentos introduzidos durante os anos de modernização por qual passando, assim, o seu emprego em grande escala como proteção das partes vitais de uma nação.

Como um exemplo característico do emprego dêsse meio de defesa, vemos o desenho acima no qual está demonstrado o plano adotado em Moscou, afim de defender aquela cidade contra os ataques aéreos alemães.

O plano em questão, consiste em colocar as baterias anti-aéreas e os projetores em forma de anéis concêntricos

401.

FUNDAMENTOS DO TIRO ANTI-CARRO

Apontamentos da Escola de Artilharia
Anti-Aérea dos EE. UU. Tradução adaptada
pelo Capitão Welt Durães Ribeiro, instrutor
do C. I. D. A. Aê.

CAPÍTULO I

Generalidades

— CARROS DE COMBATE :

- 1 — *Classificação* — Sob esta denominação genérica podem ser classificados todos os veículos de combate, quer sejam apenas de transporte e parcialmente blindados, quer sejam inteiramente couraçados e sobre rodas ou lagartas.

Podem ser :

- leves — com menos de 18 toneladas
- médios — de 18 a 35 toneladas
- pesados — de 50 a 75 toneladas.

- a) — *Carros leves* — são fracamente couraçados e considerados como alvos para todo o armamento anti-aéreo, desde a metralhadora a. aê., de 12,7 — mm (.50").

b) — *Carros médios* — são vulneráveis a partir do canhão automático a. aé., de 37 — mm.

c) — *Carros pesados* — só poderão ser postos fora de combate pelos canhões a. aé., de calibre 76 — mm (3") ou superiores.

2 — *Vulnerabilidade* — As suas partes mais vulneráveis são :

- os flancos
- a base
- os trens de rolamento (lagartas ou rodas).

Não é necessário destruir um carro para deixá-lo fóra de ação. Estilhaços de granada e projetis de pequeno calibre podem penetrar pelas janelas de visada e atingir a guarnição ou alguns dos mecanismos essenciais.

B — CARACTERISTICAS PRINCIPAIS DO MATERIAL ANTI-CARRO:

- 1 — grande velocidade inicial
- 2 — cadencia de tiro rápida
- 3 — grande campo de tiro
- 4 — grande mobilidade.

A única característica que o material anti-aereo não possui é a mobilidade.

A grande velocidade inicial acarreta um alto poder de penetração e trajetórias de tiro muito tensas.

O poder de penetração é acrescido com a utilização de projetis especiais perfurantes (por todo material an

aereo). A A. A. Aé. deverá empregá-los de preferência, mas obterá, também, bons resultados com a sua própria munição anti-aérea, graduada para percussão.

Será de grande auxilio o uso de projectis traçantes (até o calibre de 76 — mm, inclusive).

C — EMPREGO TÁTICO DA A. A. AÉ. EM MISSÃO ANTI-CARRO :

- 1 — *Generalidades* — Em principio o emprego da A.A.Aé. contra carros de combate, é identico ao das unidades especializadas, embora não disponha da mesma mobilidade tática.

Uma boa posição para o tiro anti-aéreo, nem sempre convem ao tiro anti-carro.

O tempo para passar da posição de tiro para a de marcha é demorado, variando de 3 minutos para o 37 — mm até 20 minutos para o 76 — mm, o que dificulta o emprego da A.A. Aé. nas primeiras linhas, como os canhões anti-carros, o exemplo, que são lançados até 700 metros à frente da posição principal de resistencia.

Entretanto, a A.A.Aé. poderá ser empregada em profundidade, para cobrir possiveis brechas nos dispositivos de defesa.

A experiencia da presente guerra demonstrou plenamente, que a A.A.Aé. é eficaz quando empregada contra-carros.

Pode ser-lhe attribuida esta missão como principal ou ser chamada para concorrer na defesa geral terrestre, quando estiver engajada na sua missão normal de anti-aérea.

Sua eficacia não será a mesma nos dois casos, pois que existem diferenças fundamentais na conduta do tiro, impedindo a passagem imediata do tiro anti-aéreo para o terrestre.

Quando a ameaça em terra for maior que a do ar ou quando a aviação amiga possuir o domínio do espaço aéreo, o comando poderá determinar que a A.A.Aé. concorra na defesa geral terrestre.

Não se pode esperar, porem, que a A.A.Aé. empregada na defesa contra carros possa, ao mesmo tempo, cumprir a sua missão normal, anti-aérea.

Por este motivo, o seu emprego na defesa terrestre é da responsabilidade do Comando Supremo.

- 2 — *Defesa aproximada* — Na Europa a maioria dos ataques realizados, por engenhos moto-mecanizados, teve um poderoso apoio da aviação.

Suponhamos uma bateria anti-aérea da zona da frente. A sua missão principal será, naturalmente, a de cobrir os ataques aéreos inimigos que visam neutralizar os esforços da defesa contra o ataque blindado.

Estará provavelmente bem próxima da frente, geralmente na região de posições para a artilharia de campanha.

Tem sido aceito, como um axioma, que cada arma combatente é responsável pela sua própria defesa aproximada.

Para esta defesa local, a bateria a.aé. dispõe do seguinte armamento :

- pistolas
- fuzis
- metralhadoras
- canhões.

Façamos a pior hipótese. A bateria está inteiramente empenhada no cumprimento de sua missão principal anti-aérea, no mesmo momento em que é surpreendida por uma incursão de carros de combate.

Se a bateria romper o fogo anti-carro muito cedo perderá por um lado a ação de surpresa, diminuindo suas probailidades de acerto e, ainda ti-aerea.

mais, abandonará, prematuramente, a missão an-

Deixando que as forças mecanizadas ultrapassem a posição, certamente não terá cooperado na resistencia comum, desvanecendo a expectativa geral, que confiava na anti-aerea como um dos mais potentes engenhos anti-carro.

Com as considerações acima bem presentes, acreditamos que o Cmt. de Bia. procederá de acordo com os seguintes princípios :

- Desmascarar a posição o mais tarde possível;
- Não mudar de posição durante o ataque;
- Quanto menor for a distancia de tiro, maior será a probabilidade de impactes;
- Determinar o início do fogo se o material for de 76 — mm ou de 90 — mm e atribuir esta faculdade aos Cmts. de secção para o caso dos materiais de 3 — mm ou 40 — mm;
- Atacar o maior numero possível de carros;
- Ordenar o tiro de mais de uma peça sobre um mesmo alvo, somente quando não houver outro objetivo disponível;
- Se os carros contornarem a posição, abrir o fogo contra o último e finalmente sobre o mais avançado, tendo em vista a pouca visibilidade dos carros para a retaguarda;
- Se os carros convergirem sobre a posição, abrir o fogo contra o mais próximo ou mais ameaçador;
- Todo carro imobilizado deve receber mais um tiro;

- Não continuar atirando sobre o mesmo veículo inutilizado, havendo outro à vista dentro do alcance eficaz, a menos que o carro imobilizado continue a atirar sobre as tropas amigas;
- O tiro de flanco é preferível ao frontal;
- Desencadear tiro por tiro com a máxima precisão.

Agindo por tal forma, terá toda probabilidade de êxito, não se descuidará da missão principal anti-aérea e terá encarado a surpresa como um dos fatores mais importantes do sucesso.

3 — *Tática provável das unidades mecanizadas*
Suponhamos que a bateria pressinta os veículos de combate, quando se acharem a cerca de 3.000 metros.

Se for aberto o fogo a esta distancia, as unidades inimigas terão provavelmente três soluções :

- a) — retroceder
- b) — contornar a posição da bateria
- c) — continuar a sua aproximação.

Qualquer que seja a solução, ter-se-á perdido um dos elementos principais de êxito, o imprevisível do ataque, pois as forças blindadas provavelmente desconheciam a posição da bateria.

No primeiro caso, em que a força inimiga retira, a distancia de tiro aumenta e a probabilidade de de um impacto direto vai gradativamente diminuindo. Além do mais, ela se afastará para tomar posição por traz de qualquer máscara, donde recobrirá o fogo com os seus canhões, ou então pedirá apoio da artilharia de campanha inimiga, que se encarregará da destruição da bateria anti-aérea.

Se a segunda solução fôr a preferida, a distancia de tiro conservar-se-á a mesma e as probabilidades de atingir o alvo não serão muitas.

Continuando a sua aproximação, convergirá seus fogos sobre os canhões prematuramente desmascarados, com toda probabilidade de neutralizá-los.

De qualquer maneira que se encare a questão, o Cmt. de Bia. que não se aproveitar da surpresa para a destruição dos carros de combate inimigos, provavelmente não será bem sucedido.

- 4 — *Escolha de posição* — Geralmente uma boa posição anti-carro, será atraz e bem abaixo da crista, de maneira que as peças fiquem desenfiadas dos carros e da artilharia inimiga e possam, repentinamente, atacar os veículos que ultrapassem a crista ou procurem contorna-la.

Numa região plana os canhões são colocados em depressões do terreno ou enterrados para que não sejam facilmente percebidos pelo inimigo. Em tal terreno o campo de tiro é maior de várias centenas de metros que a distancia máxima para o tiro anti-carro, permitindo que o alvo seja acompanhado durante alguns segundos antes da abertura do fogo.

- 5 — *Ocupação de posição* — Deve ser ocupada rapidamente, por itinerários desenfiados e se possível ao escurecer.
- 6 — *Organização da posição* — Quando o desenfiamento permitir a organização da posição precederá a sua ocupação. De qualquer forma, a posição deve ser preparada rapidamente, de acôrdo com o material disponível.

- 7 — *Croquis da posição* — Deve ser feito um ligeiro boço do campo de tiro, assinalando as principais vias de ataques à posição e as distâncias de tiro “pontos críticos” do terreno. Certas distancias guardadas de memória pelo chefe de peça e atiradores.
- 8 — *Sistema de alerta* — Numa frente estabilizada um sistema geral de alerta será suficiente. Nas outras circunstâncias o Cmt. de Bta. lançará vigias para pontos elevados, afim de observar as várias rotas inimigas de aproximação.

CAPITULO II

TIRO

A — ESTUDO DO TIRO:

- 1 — *Problema do tiro anti-carro* — E' o problema do tiro contra alvo movel terrestre. Podemos enunciarlo como se segue :

“Uma luneta de pontaria ligada a uma peça acompanha um alvo continuamente. A peça é sempre decalada em cada instante, em relação à luneta com uma direção e inclinação tais, que permitam a chegada do projétil e do alvo, simultaneamente ao mesmo ponto”.

A decalagem da peça em relação à luneta em direção e altura, necessária em cada instante para atingir o alvo, denominamos respectivamente *correção horizontal* e *correção vertical*.

Estas correções variam a cada instante e dependem da velocidade do objetivo e da distância de tiro.

2 — Hipóteses fundamentais :

- a) — o alvo está no mesmo plano horizontal da peça;
 b) — o alvo se desloca em linha reta e com uma velocidade constante.

Estas hipóteses são feitas para simplificação dos quadros de correções, cuja construção veremos adiante.

- 3 — Definições — O esquema da Fig 1, é a projeção horizontal dos elementos de tiro, contra um alvo que se desloca da esquerda para a direita.

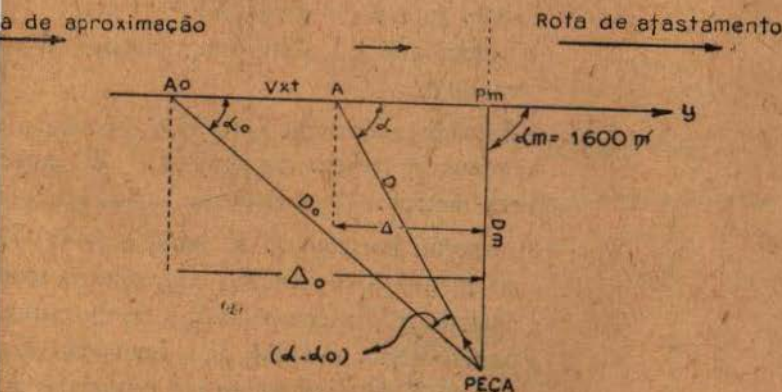


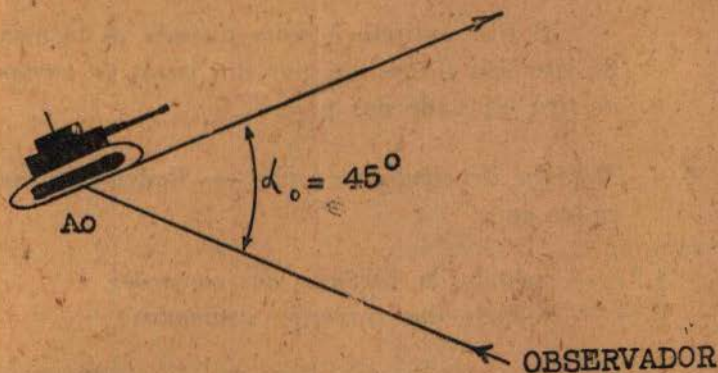
Fig. 1 — Elementos de tiro.

- A_0 — Posição presente do alvo no instante do tiro.
 A — Posição futura do alvo.
 P_m — Ponto médio da rota x — y.
 D_0 — Distancia horizontal presente.
 D — Distancia horizontal futura.
 D_m — Distância horizontal mínima.
 α_0 — Ângulo de orientação na posição presente, ou seja o ângulo agudo formado pelos pla-

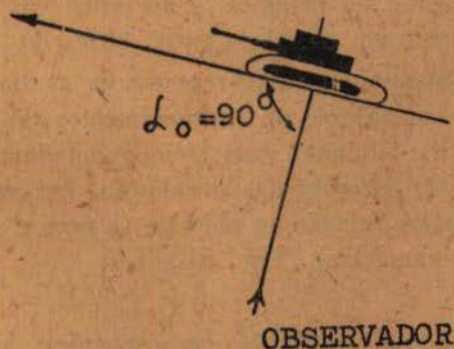
- nos verticais que contêm a linha de sight de (Ao) e a rota seguida pelo alvo. (nunca maior do que 1600 milésimos).
- α — Ângulo de orientação na posição futura (nunca maior do que 1600 milésimos).
- α_m — Ângulo de orientação no ponto médio (sempre igual a 1600 milésimos).
- Δ_o — Distancia medida paralelamente à rota, a partir do ponto médio (P_m) até a posição presente (Ao).
- Δ — Distancia medida paralelamente à rota, a partir do ponto médio (P_m) até a posição futura do alvo (A).
- t — Duração de trajeto em segundos, para a posição futura do alvo (A).
- V — Velocidade do alvo (em metros por segundo).
- VXt — Espaço percorrido pelo alvo durante a duração de trajeto do projétil. É expresso em metros.
- δ — Correção horizontal. É igual a $(\alpha - \alpha_o)$ mais ou menos a derivação, conforme o sentido em que se desloca o alvo. Se da esquerda para direita, o valor da derivação é positivo e da direita para a esquerda, negativo (canhões raiados à direita). É expressa em milésimos. Na rota de afastamento $\delta = (\alpha_o - \alpha) \pm$ derivação.
- T — Correção vertical — como o ângulo de tiro (S) é suposto nulo, a correção vertical será o próprio ângulo de tiro (β). O deslocamento do objetivo é introduzido, mecanicamente, pela pontaria direta da luneta e, por este motivo, é suposto nulo para o cálculo das correções. Certas lunetas permitem a introdução mecânica do ângulo de tiro

e nesse caso, não haverá correção vertical a comandar.

- 4 — *Orientação* — Quando o ângulo de orientação, na posição presente (α_0), for diferente de zero dizemos que o objetivo *desfila* (Fig. 2 e 3) do valor deste ângulo.



2 — Carro de combate desfilando a 45° , da esquerda para a direita.



3 — Carro de combate desfilando a 90° , da direita para a esquerda.

Quando o ângulo de orientação na posição presente (α_0) for igual a zero, dizemos que o objetivo *vai* ou *vem* a zero.

5 — *Modos de tiro* — Podem ser:

- a) — direto e
- b) — indireto.

O tiro direto é feito quando nas peças são d terminados todos os elementos necessários ao tiro e é o modo de tiro preconizado para o tiro ant carro.

O tiro indireto é feito quando os elementos de tiro são fornecidos por um *posto de comando de tiro*, afastado das peças.

6 — *Métodos de conduta do tiro* — Podemos classifica-los em:

- 1.^o) — método da *variação das correções*.
- 2.^o) — método das *correções estimadas*.

O primeiro método baseia-se no conhecimento prévio da variação das correções angulares ao longo da rota seguida pelo alvo, as quais são introduzidas continuamente, de maneira a declarar, em cada instante, a luneta em relação a peça. (Fig. 4).

O segundo método repousa na avaliação das correções, em valores de “comprimentos de alvo” (comprimento da silhueta, vista pelo apontador da luneta) as quais são introduzidas decalando, em cada instante, a luneta em relação ao objetivo (a peça e a luneta continuam paralelas). Fig. 5).

7 — *Método da variação das correções*:

- a) — *Correções verticais*:

Para o cálculo das correções, fizemos a hipótese de que é nulo o sítio do objetivo. Portanto, só precisamos conhecer o ângulo de tiro (β).

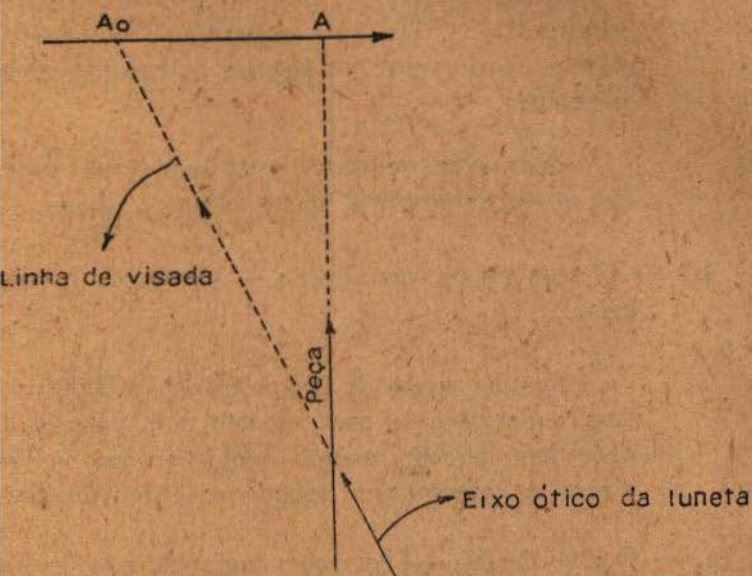


Fig. 4 — Luneta decaída em relação à peça. — O eixo ótico coincide com a linha de visada.

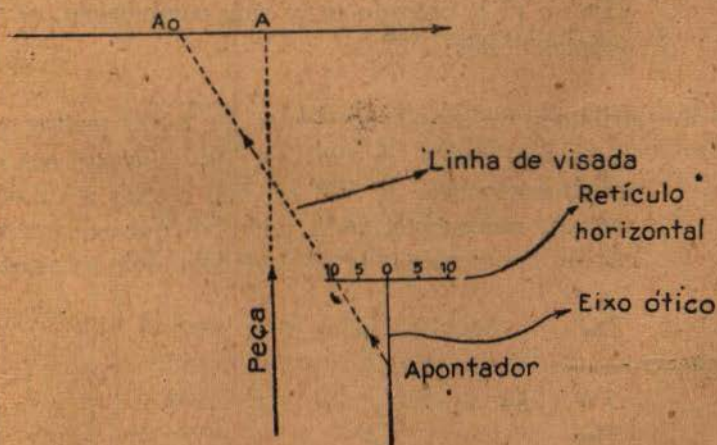


Fig. 5 — Luneta paralela à peça. O eixo ótico não coincide com a linha de visada.

Atribuindo vários valores para a distância futura (D), (Fig. 1), encontramos nas tabelas para o tiro terrestre, os ângulos de tiro (θ) correspondentes.

Com estes valores construiremos um *quadro de correções verticais*, como veremos adiante.

- b) — O alvo vai ou vem a zero — Correções horizontais. ,

Nas distancias de tiro inferiores a 3.000 metros, a derivação é praticamente nula para os canhões anti-aereos; quando o objetivo vai ou vem a zero, as correções horizontais serão de valor nulo.

- c) — O alvo desfila — correções horizontais (vide Fig. 1).

Os valores de (θ) variam para cada combinação (D_m) e (V).

Torna-se necessário então, atribuir valores a (D_m) e (V), obtendo para cada combinação, os seguintes dados:

- Δ — atribue-se valores decrescentes de 2.500 metros até zero, geralmente, de 500 em 500 metros e em seguida crescentes, de 500 em 500 metros até 2.500 metros, novamente, para um alvo que se aproxima do ponto médio (P_m) e, depois, dêle se afasta.

$$\operatorname{tg} \alpha = \frac{D_m}{\Delta} \quad \text{e}$$

$$D = \frac{D_m}{\operatorname{sen} \alpha} \quad \text{ou} \quad D = \frac{\Delta}{\operatorname{cos} \alpha}$$

t — fornecido pelas tabelas de tiro, usando (D) como argumento (aproximação de 1/100 de segundo).

$V \times t = V$ (arbitrário e geralmente de zero a vinte metros por segundo) $\times t$ (das tabelas de tiro).

$\Delta_o = \Delta \pm V \times t$; (+) na aproximação e (—) quando o alvo se afasta do ponto médio (P_m).

$$\operatorname{tg} \alpha_o = \frac{D_m}{\Delta_o}$$

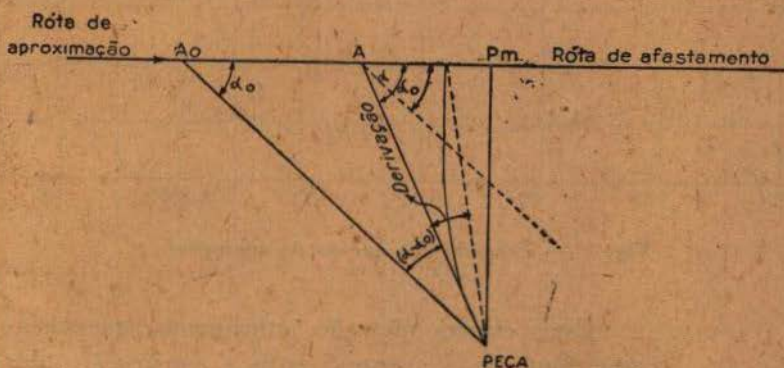


Fig. 6 — Determinação da correção horizontal (δ)

$\delta = (\alpha - \alpha_o) \pm$ derivação (das tabelas de tiro); (—) para um objetivo se deslocando da esquerda para a direita e (+) no caso contrário (Fig. 6). Na róta de afastamento, $\delta = (\alpha_o - \alpha) \pm$ derivação (das tabelas de tiro).

d) — Modelo para folha de cálculo.

Apresentamos uma folha de cálculo completa, para o material a. aé. de 76 — mm (3''), como adiante se vê.

e) — Traçado das curvas de correções (Fig. 7).

De posse dos valores das correções horizontais e verticais, constroem-se as curvas de correções, tomando para *ordenada* o valor das correções (δ e δ_v) e para *abscissa* os valores de (Δ_0) correspondentes. Destas curvas tiramos os elementos para a construção dos *quadros de correções* que vamos empregar na execução do tiro.

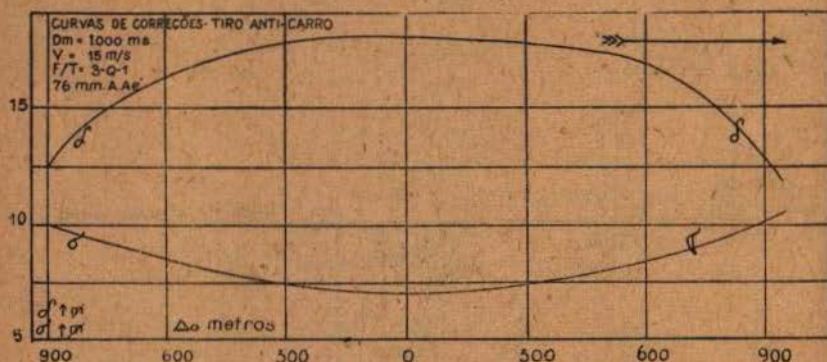


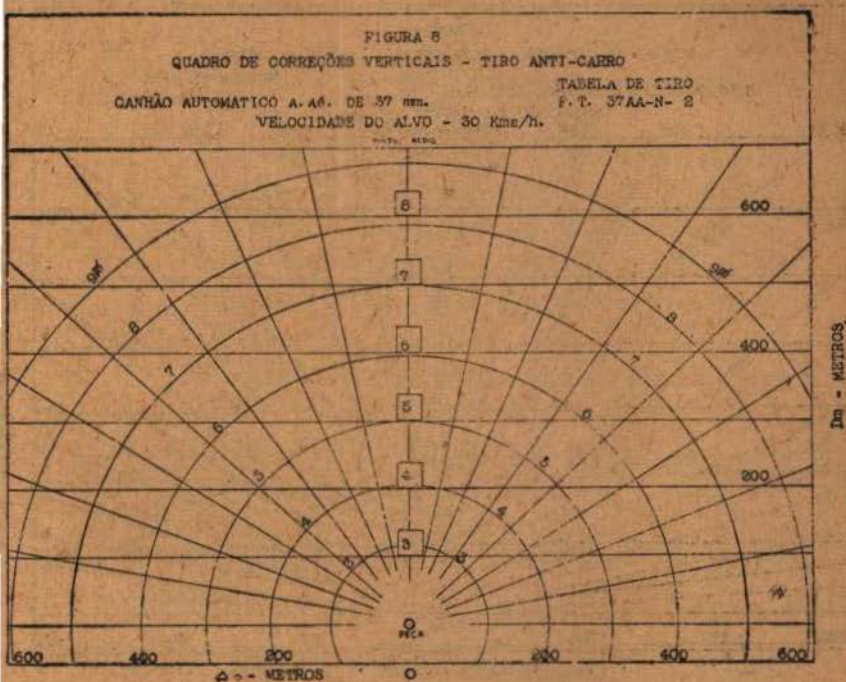
Fig. 7 — Traçado das curvas de correções

Estas curvas não são unicamente necessárias como fonte de elementos para a construção dos *quadros de correções*. Elas nos permitem analisar as variações sofridas pelas correções de acordo com as velocidades atribuídas aos alvos e também, para cada material anti-aéreo. Por exemplo: verifica-se que podemos traçar as curvas de correções para uma certa velocidade do alvo, pela simples interpolação entre duas curvas já calculadas para duas outras velocidades diferentes.

Verifica-se mais, que a curva de correções verticais (δ_v) passa por um mínimo para $\Delta_0 = 0$ e que a curva de correções horizontais passa por um máximo neste mesmo ponto.

As curvas de correções são, portanto, uma fonte de estudos onde poderemos apreciar as varia-

ções consequentes a um decréscimo na velocidade inicial, a influência da densidade do ar, do vento etc..



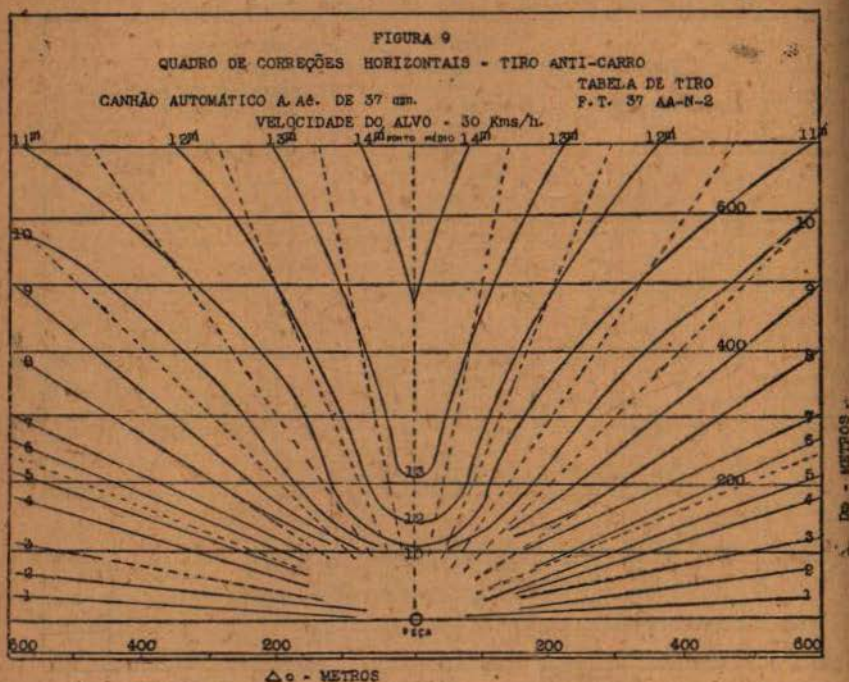
f) — Quadro de correções verticais — construção. (Fig. 8).

Como a velocidade do alvo influe pouco sobre o valor destas correções, o quadro é construído para uma velocidade média.

Ordem de operações :

- Tomar (Δ_0 — metros) para abscissa, pondo ($\Delta_0 = 0$) próximo ao centro do quadro;
- Tomar (D_m — metros) como ordenada, com ($D_m = 0$) na linha horizontal que passa pela peça;

- A escala deve ser a mesma para ordenadas e abscisas.
- Para cada valor de (D_m), traçar uma linha horizontal, cortando transversalmente o quadro;



- Sobre estas linhas, marcar os valores das correções verticais em números redondos de milésimos, para cada valor correspondente de (Δ_0);
 - Estes valores são obtidos nas *curvas de correções*;
 - Traçar raios de 200 em 200 milésimos, a partir da peça e para cada lado.
- g) — Quadro de correções horizontais — Construção (Fig. 9).
- E' construido para cada combinação de (D_m) e (V).

Ordem de operações:

- Tomar (Δ_0 — metros) para abscissa, pondo ($\Delta_0 = 0$) próximo ao centro do quadro;
- Tomar (D_m — metros) como ordenada, com ($D_m = 0$) na linha horizontal que passa pela peça;
- A escala deve ser a mesma para ordenadas e abscissas;
- Para cada valor de (D_m), traçar uma linha horizontal, cortando transversalmente o quadro;
- Sobre estas linhas, marcar os valores das correções horizontais em números redondos de milésimos, para cada valor correspondente de (Δ_0);
- Estes valores são obtidos nas curvas de correções;
- Traçar raios de 200 em 200 milésimos, a partir da peça e para cada lado.

h) — Emprego dos quadros de correções — Execução do tiro.

Os quadros de correções são destinados ao comando das correções *iniciais* para a execução do tiro.

Ordem de operações :

- Estimar a direção provável da rota do alvo;
- Estimar (D_m), lançando mão de pontos de referência no terreno.
- Estimar (V), de acôrdo com as características do objetivo;
- Orientar o *quadro de correções* (geralmente se constroee um único quadro contendo as correções horizontais e verticais;
- Enquadrar o objetivo entre dois raios (traçados no *quadro*, de 200 em 200 milésimos) e

ler o valor das *correções iniciais*, sobre a linha horizontal que representa a rota estimada.

- Notar qual a *mínima* correção vertical e qual *máxima* correção horizontal, para o ponto médio (P_m) da rota.
- As *correções iniciais* são *variadas* para o seu máximo ou mínimo, até o alvo atingir o ponto médio (P_m), quando mudam de sentido até o seu valor inicial.

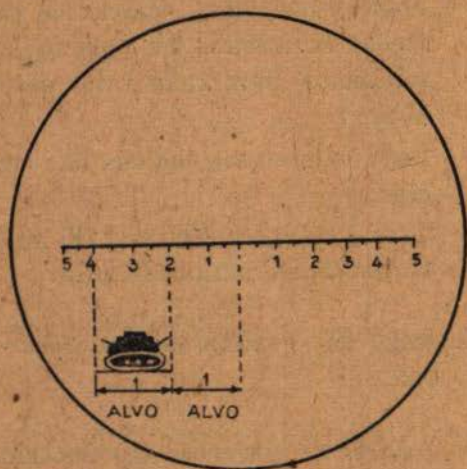


Fig. 10 — Pontaria correta em direção, mostrando a correção do comprimento de alvo, estimada pelo apontador, a partir da parte mais avançada do alvo.

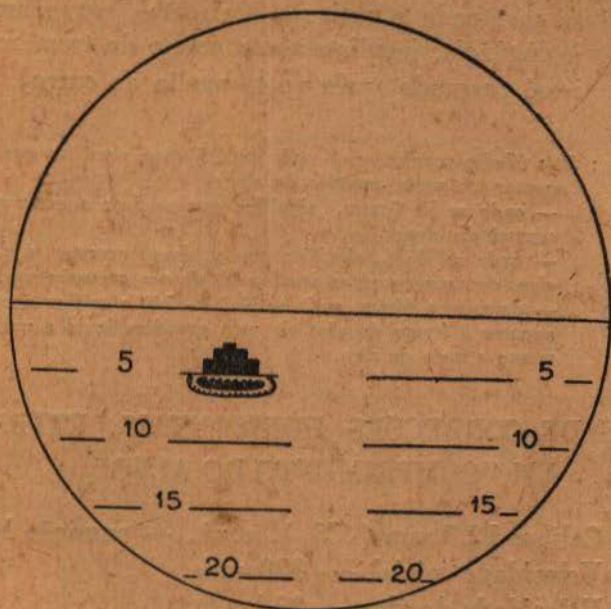
8 — Método das correções estimadas:

Baseia-se, como explicamos, na avaliação das correções, em valores de “comprimentos de alvo, que dependem da distância de tiro, ângulo de orientação e velocidade média do alvo”:

- a) — Execução da pontaria — É feita como nos mostra a Fig. 10;
- b) — Tabelas de correções — As tabelas seguintes dão a correta pontaria sobre o alvo ou a correção hor

zontal em "comprimentos de alvo" para atingir o centro do objetivo.

São destinadas ao treinamento dos apontadores.



g. 11 — Pontaria correta, mostrando como se deve introduzir o ângulo de tiro correspondente à distância de 500 metros.

Os ângulos de tiro a registrar, antes da abertura do fogo, devem ser os correspondentes à distância máxima a que vão atirar os materiais, desde que a flecha seja inferior a 4 metros, que é a altura de um carro de combate pesado. Por exemplo :

- metralhadora 12,7 mm (.50), a.aé.... 3"
- canhões de 37 mm e 40 mm, a.aé..... 6"

Os canhões de 76 mm e 90 mm, a.aé., empregam lunetas para o tiro terrestre que corrigem o valor do

ângulo de tiro, para alcances de 500 em 500 metros (T — 14 Telescope) (Fig. 11), até 2000 metros.

E' aconselhavel que a pontaria em altura seja feita mantendo o reticulo horizontal, correspondente à distância, imediatamente acima do trem rolante, istoé passando pela parte media do carro.

- (*) — Nota : Nas tabelas seguintes: — onde se lê *Frente*, significa que se deve apontar *na parte anterior do alvo*;
 — onde se lê *Centro*, significa que se deve apontar *na parte central do alvo*;
 — onde se lê $\frac{1}{4}$, significa que se deve apontar *à frente do alvo, de uma grandeza igual a $\frac{1}{4}$ de seu comprimento*.
 — da mesma fórma, onde se lê $1 - \frac{1}{2}$, significa que se deve apontar *à frente do alvo, de uma grandeza igual a um comprimento e meio de alvo*.

TABELAS DE CORREÇÕES HORIZONTAIS, EXPRESSAS EM "COMPRIMENTO DO ALVO"

Calibre 12,7 mm (.50), a. aé. — munição M —
 Velocidade inicial — 820 m/s
 Velocidade do alvo — 20 km/h.

Alvo desfilando a 90°

Distância (metros).	Comprimentos do alvo		
	4 metros	6 metros	8 metros
100	Frente	Centro	Centro
200	Frente	Frente	Frente
300	$\frac{1}{4}$	Frente	Frente
400	$\frac{1}{2}$	$\frac{1}{4}$	Frente

Alvo desfilando a 45°

Distância (metros).	Comprimentos do alvo		
	4 metros	6 metros	8 metros
100	Centro	Centro	Centro
200	Frente	Centro	Centro
300	Frente	Frente	Frente
400	$\frac{1}{4}$	Frente	Frente

Velocidade do alvo — 45 km/h.

Alvo desfilando a 90°

Distância (metros).	Comprimentos do alvo		
	4 metros	6 metros	8 metros
100	Frente	Centro	Centro
200	$\frac{1}{2}$	$\frac{1}{4}$	Frente
300	1	$\frac{1}{2}$	$\frac{1}{4}$
400	1 — $\frac{1}{2}$	$\frac{3}{4}$	$\frac{1}{2}$

Alvo desfilando a 45°

Distância (metros).	Comprimentos do alvo		
	4 metros	6 metros	8 metros
100	Frente	Centro	Centro
200	$\frac{1}{4}$	Frente	Frente
300	$\frac{1}{2}$	$\frac{1}{4}$	Frente
400	$\frac{3}{4}$	$\frac{1}{4}$	$\frac{1}{4}$

Calibre 37 — mm e 40-mm, a.aé. — Munição M — 59

Velocidade inicial — 625 m/s

Velocidade do alvo — 20 km/h.

Alvo desfilando a 90°

Distância (metros).	Comprimentos do alvo		
	4 metros	6 metros	8 metros
100	Frente	Centro	Centro
200	Frente	Frente	Frente
300	$\frac{1}{2}$	Frente	Frente
400	$\frac{3}{4}$	$\frac{1}{4}$	$\frac{1}{4}$
500	1	$\frac{1}{2}$	$\frac{1}{4}$
600	1 — $\frac{1}{2}$	$\frac{3}{4}$	$\frac{1}{2}$

Alvo desfilando a 45°

Distância (metros).	Comprimentos do alvo		
	4 metros	6 metros	8 metros
100	Centro	Centro	Centro
200	Frente	Frente	Centro
300	Frente	Frente	Frente
400	$\frac{1}{4}$	Frente	Frente
500	$\frac{1}{2}$	$\frac{1}{4}$	Frente
600	$\frac{3}{4}$	$\frac{1}{4}$	$\frac{1}{4}$

Velocidade do alvo — 45 km/h.

Velocidade do alvo — 45 km/h

Alvo desfilando a 90°

Distância (metros).	Comprimentos do alvo		
	4 metros	6 metros	8 metros
100	Frente	Frente	Frente
200	3/4	1/4	Frente
300	1 — 1/2	3/4	1/2
400	2	1 — 1/4	3/4
500	2 — 1/2	1 — 1/2	1
600	3 — 1/4	2	1 — 1/2

Alvo desfilando a 45°

Distância (metros).	Comprimentos do alvo		
	4 metros	6 metros	8 metros
100	Frente	Frente	Centro
200	1/4	Frente	Frente
300	3/4	1/4	Frente
400	1 — 1/4	3/4	1/4
500	1 — 1/2	1	1/2
600	2	1 — 1/4	3/4

Canhão de 76-mm, munição M — 79 (velocidade inicial — 760 m/s).

Canhão de 90-mm, munição M — 77 (velocidade inicial — 790 m/s).

Velocidade do alvo — 20 km/h

Alvo desfilando a 90°

Distância (metros).	Comprimentos do alvo		
	4 metros	6 metros	8 metros
200	Frente	Frente	Centro
400	1/2	Frente	Frente
600	3/4	1/2	1/4
800	1 — 1/4	3/4	1/2
1000	1 — 3/4	1	3/4

Alvo desfilando a 45°

Distância (metros).	Comprimentos do alvo		
	4 metros	6 metros	8 metros
200	Frente	Centro	Centro
400	Frente	Frente	Frente
600	1/2	Frente	Frente
800	3/4	1 — 1/4	Frente
1000	1	1/2	1/4

Velocidade do alvo — 45 km/h.

Velocidade do alvo — 45 km/h

Alvo desfilando a 90°

Distância (metros).	Comprimentos do alvo		
	4 metros	6 metros	8 metros
200	$\frac{1}{2}$	Frente	Frente
400	1 — $\frac{1}{4}$	$\frac{3}{4}$	$\frac{1}{2}$
600	2 — $\frac{1}{4}$	1 — $\frac{1}{4}$	$\frac{3}{4}$
800	3	2	1 — $\frac{1}{4}$
1000	4	2 — $\frac{1}{2}$	1 — $\frac{3}{4}$

Alvo desfilando a 45°

Distância (metros).	Comprimentos do alvo		
	4 metros	6 metros	8 metros
200	1 frente	Frente	Frente
400	$\frac{3}{4}$	$\frac{1}{4}$	Frente
600	1 — $\frac{1}{4}$	$\frac{3}{4}$	$\frac{1}{2}$
800	2	1 — $\frac{1}{4}$	$\frac{3}{4}$
1000	2 — $\frac{1}{2}$	1 — $\frac{1}{2}$	1 — $\frac{1}{4}$

c) — Características principais dos carros de combate, destinadas ao treinamento dos apontadores.

— Carros de combate — pesados (tank)

Dimensões aproximadas: 9 m. de comprimento
3 m. de largura
4 m. de altura.

Dimensões em milésimos a 1000 metros de distância

Desfila a 90°	Desfila a 45°	Vem a zero
9 "" — comprimento	9 "" — comprimento	4 "" — altura
4 "" — altura	4 "" — altura	

Dimensões em milésimos a 500 metros de distância

Desfila a 90°	Desfila a 45°	Vem a zero
17 "" — comprimento	17 "" — comprimento	8 "" — altura
8 "" — altura	8 "" — altura	

— *Carros de combate — médios.* (Tank)

Dimensões aproximadas: 5-6 m. — comprimento

2,5 m. — largura

2,5 m. — altura

Dimensões em milésimos a 1000 metros de distância

Desfila a 90°	Desfila a 45°	Vem a zero
6''' — comprimento	6''' — comprimento	2,5''' — altura
3''' — altura	3''' — altura	

Dimensões em milésimos a 600 metros de distância

Desfila a 90°	Desfila a 45°	Vem a zero
10''' — comprimento	10''' — comprimento	4''' — altura
4''' — altura	4''' — altura	

Dimensões em milésimos a 300 metros de distância

Desfila a 90°	Desfila a 45°	Vem a zero
20''' — comprimento	20''' — comprimento	8''' — altura
8''' — altura	8''' — altura	

— *Carros de combate — leves* (Tank)

Dimensões aproximadas: 3-5 m. — comprimento

2 m. — largura

2 m. — altura

Dimensões em milésimos a 600 metros de distância

Desfila a 90°	Desfila a 45°	Vem a zero
5-8''' — comprimento	6-8''' — comprimento	3''' — altura
3''' — altura	3''' — altura	

Dimensões em milésimos a 300 metros de distância

Desfila a 90°	Desfila a 45°	Vem a zero
0—16 ′′ — comprimento 6 ′′ — altura	12—16 ′′ — comprimento 6 ′′ — altura	6 ′′ — altura

Carros blindados (armored — car)

Dimensões aproximadas : 36 m — comprimento
2.3 m. — largura
2.3 m. — altura

Dimensões em milésimos a 600 metros de distância

Desfila a 90°	Desfila a 45°	Vem a zero
0—10 ′′ — comprimento 3—5 ′′ — altura	6—11 ′′ — comprimento 3—5 ′′ — altura	3—5 ′′ — altura

Dimensões em milésimos a 300 metros de distância

Desfila a 90°	Desfila a 45°	Vem a zero
0—20 ′′ — comprimento 6—10 ′′ — altura	12—22 ′′ — comprimento 6—10 ′′ — altura	6—10 ′′ — altura

A DEFESA NACIONAL

Matéria para o número de 10 de maio próximo

- 1.º — EDITORIAL.
- 2.º — A VELHICE . . . — Cel. J. B. Magalhães.
- 3.º — A OBRA MERITÓRIA DO MARECHAL HERMES —
Cel. Felício Lima.
- 4.º — A CONTRABATERIA — Trad. do Ten.-Cel. Armando
de Vasconcelos.
- 5.º — SANTA BARBARA — PADROEIRA DA ARTI
LHARIA — General Silveira de Melo.
- 6.º — “DEFENSE WILL NOT WIN THE WAR” — Trad
do Major Adalardo Fialho.
- 7.º — EM TORNO DA DEFESA DE PORTO — Major
Newton Franklin do Nascimento.
- 8.º — ABRIGOS EM GALERIA DE MINA — Major Pasto
de Almeida.
- 9.º — DEVEMOS ALTERAR O UNIFORME DE SERVIÇO
Cap. Placido da Rocha Barreto.
- 10.º — FORÇAS BLINDADAS — Trad. do Cap. Tacito d
Freitas.
- 11.º — COMO ORIENTAR A JUVENTUDE — Major Xa
vier Leal.
- 12.º — RETOMEMOS O ESPÍRITO OFENSIVO — 1.º Ter
Rui Alencar Nogueira.
- 13.º — EQUIDEOS VERSUS ESCASSEZ DE COMBUSTIVE
1.º Ten. Res. Anibal Torres Melo.
- 14.º — PONTE TARRON — 1.º Ten. Luiz Gonzaga de Melo
- 15.º — NOTICIARIO & LEGISLAÇÃO.

São Paulo, Seu Governo e o Exército de Caxias

Não esquecem os paulistas e, também, todos os brasileiros, a esplêndida parada de civismo que resultou da visita do ilustre Ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra, a Piratininga.

Indo à forja de trabalho, que é São Paulo, para assistir entrega, ao Corpo Expedicionário, das bandeiras brasileiras bordadas pelas senhoras paulistas, o ilustre militar que reorganizou o Exército pode sentir, com emoção e orgulho, todo o entusiasmo que empolga os filhos da gleba bandeirante.

Homem de poucas palavras, que prefere a ação magnífica e incessante ao torneio das frases escolhidas, o general Gaspar Dutra, na hora de magno arrebatamento patriótico que viveu na capital paulista, pronunciou o mais emocionante discurso que São Paulo, por seu governo e por seu povo, tem ouvido nestes últimos tempos. Saindo de seu mutismo, só quebrando quando algo de importante e nobremente cívico o enleia, o brilhante Ministro da Guerra do governo do Presidente Vargas disse do seu agradecimento ao labor de São Paulo, de sua admiração ao estadista que lhe norteia os destinos, do seu orgulho pelo labor extraordinário, patriótico e incomparável dos paulistas.

Tão magistral discurso, quanto fôra o pronunciado pelo distinto visitante, pródigo em fazer o elogio do trabalho bandeirante em prol do Brasil e da vitória das Nações Unidas, merecia uma resposta à altura, que traduzisse, também, a sincera gratidão do Governo e Povo de Piratininga.

Essa resposta deu-a o Interventor Fernando Costa, estadista que, identificado com seu povo e com os mais altos ideais da Nação, fala sempre com incisiva nobreza e sinceridade inimitável.

“S. Paulo todo pôs-se ao serviço da Pátria, ao lado das Nações Unidas, para a defesa do Brasil, para a defesa da América, para a defesa dos princípios universais do Direito, da Justiça e da Liberdade.

Na agricultura, na indústria, no comércio, em todos os setores da atividade e, principalmente, na preparação militar da nossa mocidade, tudo temos feito com boa vontade e com

dedicação, num movimento de inteira solidariedade ao governo federal, para satisfação de nosso problema continental. Essa solidariedade, de que participam todos os paulistas sem distinção de classes ou de cargos, revela que todos estamos integrados na grande luta pelos ideais da Liberdade.

Quando o Sr. Presidente da República, num momento tão grave para os destinos da América e do mundo, aceitou a belligerância que nos era imposta, e colocou o Brasil ao lado das Nações que defendem o patrimônio moral da humanidade, todo o país aceitou, incondicionalmente, o gesto decisivo de S. Exci-

Toda Nação pôs-se de prontidão e de guarda para atender ao mando do Chefe Supremo.

Qualquer trabalho seria uma honra; qualquer sacrifício seria uma glória.

Estava em jogo a dignidade do Brasil.

Manchadas as nossas águas com o sangue de nossos irmãos, não havia mais alternativa.

A luta se impunha para salvaguarda das tradições nacionais, para o cumprimento honroso dos imperativos pan-americanos e para a cooperação total na defesa dos ideais comuns de paz, de bem-estar para todas as nações do mundo.

As damas paulistas, representadas pela elite de nossa sociedade e pelos elementos da Legião Brasileira de Assistência, demonstraram bem os sentimentos do povo de Piratininga ofertando à brava gente de nosso Exército o pendão nacional que há de ser, como sempre foi, um penhor seguro da vitória.

Demonstraram ainda as ilustres damas paulistas todo o nosso empenho de cooperação integral para com o governo da República, para que o Brasil participe da União das nações livres que combatem o despotismo com aquela eficiência e com aquela hombridade que sempre definiram o merecimento do apoio de suas forças armadas e o patriotismo de seu povo.

Mais do que nunca é necessário que a Nação Brasileira se firme bem nos seus sentimentos patrióticos.

Divergências descabidas, ambições inoportunas, tudo isso, enfim, que pode ser fator de enfraquecimento da unidade nacional, são energias dispendidas no mau sentido, em contradição aos reais interesses da comunidade da Pátria.

A coesão, a unidade de pensamento há de ser o fator p

ordial, indispensável, para consolidação dos grandes ideais e definem os interesses superiores da Pátria”.

Aí, na beleza emocional, no ardor contagiante desses pedregalhos da oração do chefe do Executivo paulista, está contida uma esplêndida profissão de fé. Mas o consagrado admirador, que está se agigantando no conceito de todos os seus governados e, também, dos brasileiros, quis ser ainda mais claro e incisivo. E afirmou: —

“O Exército Nacional, principalmente depois do alistamento militar compulsório, tem sido um grande fator de educação e de preparação cívica do povo. A caserna transformou-se em uma grande escola, onde, ao lado da cultura física, vigorava o organismo para as lutas materiais, intensifica-se a cultura intelectual e, sobretudo, a cultura moral que fortifica e aprimora o caráter do recrutado.

Alí se ensina a “conhecer a Pátria, para melhor amá-la e melhor servi-la”.

Alí se ensina a defender a Pátria quando assim o determinarem as conveniências do seu regime e o bem-estar de sua coexistência.

S. Paulo tem concorrido e há de concorrer para essa obra patriótica que V. Excia. superintende.

A tranquilidade política que hoje gozamos, contando com a maioria das forças vivas do Estado, dá-nos possibilidade para a realização concreta e eficiente dessa cooperação que eu afirmo neste momento.

Pode V. Excia. contar, Senhor Ministro, com a dedicação do povo bandeirante, para a solução dos grandes problemas que pesam sobre a responsabilidade do Exército Nacional.

O Sr. Presidente da República poderá contar com a cooperação decidida do povo paulista, para que o Brasil satisfaça todos os seus compromissos internacionais, firmando, ainda uma vez, as suas tradições de honra e os seus merecimentos de Nação civilizada”.

Um discurso magistral, respondido por outro não menos vigoroso e sincero, tais foram as duas peças oratórias que o Brasil inteiro ouviu, naquele dia memorável, que figurará nos anais da história de Piratininga, em que São Paulo recebeu a visita do ilustre e ilustrado Ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra!

O 5.º ANIVERSÁRIO DE "NAÇÃO ARMADA"



Em comemoração do 5.º aniversário de "Nação Armada", o Ten. Cel. Alfonso de Carvalho, seu Diretor, reuniu em cordial almoço todos os que trabalham nesta revista. Desta reunião,

REVISTAS EM REVISTA

Da REVISTA MILITAR da Argentina — O oficial da Reserva na paz e na guerra — Pelo General de Divisão JORGE A. GIOVANELI — Este trabalho inscrito no numero de dezembro, da Revista Militar da Republica Argentina, vem a ser uma conferencia pronunciada no Circular de Officiais da Reserva. O General Giovaneli inicialmente estabelece os termos gerais do problema. Lembra que a guerra moderna é uma ação e imensa ação bélica integral, para cuja solução favoravel os povos que a realizam comprometem, de forma completa, o total de suas energias físicas, morais, materiais e técnicas. Todas, absolutamente todas as atividades da nação se põem ao serviço incondicional das necessidades da guerra. A nação em armas, que daí resulta, é um vasto complexo de elementos e de atividades de uma pluralidade desconcertantes. Pessoas e coisas passam a ser simples peças de um mecanismo, coordenadas, metazidas e postas em marcha com uma finalidade comum.

Uma parte do potencial humano recebe a delicada tarefa de ser, sobre o terreno, a expressão crua e direta da força: é o Exército, braço executor immediato dos altos designios que levam um povo a lutar em defesa da sua existência. Mas, o exército que luta na guerra não é nem pode ser o que nos acostumamos a conhecer do tempo de paz, pois este constitui, no conjunto, apenas uma minima parcela. Produzida à guerra, o Exército permanente do período de paz se expande, com o acréscimo consideravel das suas reservas, até alcançar proporções adequadas ao seu emprego vitorioso. Essas reservas compreendem um quadro de officiais e um efetivo de tropas, e seu valor quantitativo e qualitativo está na razão inversa dos valores semelhantes que possua o Exército permanente, isto é, quanto menor seja este, tanto mais necessitará de reservas numerosas e bem instruidas. É o caso argentino, ajunta o General Giovaneli, e é certamente o nosso próprio caso, cuja realidade já estamos vivendo agora.

São, destarte, os officiais da Reserva que, constituindo a massa do Quadro de Officiais do exército mobilizado, em especial dos quadros subalternos, terão de ocupar desde o primeiro momento os comandos inferiores das unidades de tropas. Seu numero crescerá desde o principio e sempre mais, à medida que a guerra se prolongue, para cobrir, fazer, criar outras unidades e fazer frente a novas necessidades. Como diz o General Von der Goltz, reesfrindo-se ao Exército Alemão na guerra

de 1914-1918, "a proporção que aumentava a duração da guerra, acumulavam as perdas, tanto maior era a importância assumida por oficiais da reserva. Já desde 1915 um grande numero de companhias bateriais se achava em mãos de jovens tenentes da Reserva. Até batalhões de infantaria e grupos de artilharia foram mais tarde concedidos por oficiais da Reserva".

Ora, si isso aconteceu na Alemanha, nação que vinha desde vários anos atrás preparando-se a fundo para a luta, e que possuia um exército de paz quasi em pé de guerra, podemos imaginar, sem esforço, que serão entre nós as necessidades em oficiais da Reserva, lembra o General Giovaneli, focalizando um problema que se nos apresenta em iguaes termos.

Naturalmente não se pode nem deve pretender que os oficiais da Reserva possam as mesmas condições, conhecimentos e aptidões os oficiais de carreira. Não obstante, deve aspirar-se a maior homogeneidade tecnica e sobretudo espiritual dos quadros, e, em consequencia, empreender os maiores esforços para que as diferenças inevitaveis, reduzam ao minimo. A razão é óbvia, argumenta o articulista com ironia algo convincente: uma vez em combate, o jogo inimigo, com as terriveis consequências, não nos perguntará quas são os oficiais da carreira e quais os da Reserva...

Passando a estudar a formação dos oficiais da Reserva, o General Giovaneli lembra que, segundo a velha experiência dos campos batallas, os chefes e oficiais que se acham na zona de combate ficam em condições de pensar suficientemente, nem tão pouco de executar procedimentos táticos; na generalidade dos casos se limitam a aplicar ensinamentos que adquiriram em tempo de paz, mediante uma instrução metódica, prática e bem orientada. Pode dizer-se que procede quasi por ação reflexa, o que não impede, entretanto, o exercicio mais ampla iniciativa.

Tudo isso permite, em todo caso, apreciar a importância fundamental que teria a organização de breves cursos para oficiais da reserva, a realizarem-se obrigatoriamente em unidade de unidades e nas escolas de armas. Nesses cursos, essencialmente práticos e sujeitos a programas intelligentemente preparados, os oficiais da Reserva teriam oportunidade de refrescar e aperfeiçoar sua preparação militar.

É assim que procedem os Exércitos bem organizados. Na verdade só vivendo a vida do soldado se aprende a conhecê-lo e conduzi-lo participando das atividades de combate das unidades em exercicio, pode o official formar sua personalidade e adquirir capacidade e condutor.

Mas o official da Reserva tambem deve estudar e estudar muito. Por seu esforço pessoal deve procurar manter sempre frescos os co-

dos adquiridos no aprendizado militar e concorrer a todos os cursos, estágios e exercícios ao seu alcance instituídos no Exército.

Não omitiu o articulista um dos aspectos mais sensíveis da formação dos oficiais da Reserva e assim o define, com uma recomendação ponderada mas inteiramente justa: recomendo-vos que, apesar da vossa vida no ambiente civil, e quiçá por isso mesmo, conserveis sempre presente um conceito claro e preciso acerca da hierarquia e da disciplina, que tais repousam e se afirmam não pelas penas que as leis estipulam, mas na maior capacidade profissional e no ascendente moral que o maior triunfo sobre o subalterno. Quando esta superioridade existe a disciplina é consciente, sólida, natural, incorrutível, estabelece-se quase automaticamente, sob a forma de um poder de atração que une, de modo indissolúvel, superiores e subordinados, criando a verdadeira camaraderia militar.

Ao final, o General Giovaneli estimula os oficiais da Reserva do seu país apontando-lhes o seu grande e insubstituível papel numa nação democrática; Tendes a fortuna de pertencer e formar a parte principal do Exército de uma democracia, mas, ao mesmo tempo e por este motivo, assumistes o compromisso solene de ser os guias e condutores seguros dos vossos concidadãos soldados, no instante supremo da guerra!

Exército — REVISTA DO ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO DE CUBA. — A muralha de Stalingrado.

Como parte desse excelente estudo sobre a histórica batalha, que acabou um fatal reves para as armas germânicas, vem o seguinte apêndice esquemático das causas da retirada alemã que se seguiu à batalha:

ALGUMAS CAUSAS DA RETIRADA ALEMÃ

- 1 — Paralisação do avanço ante a barreira de ferro e cimento de Stalingrado.
- 2 — Carência de grandes concentrações de artilharia; incapacidade para manejar concentrações de tanques no ataque a Stalingrado.
- 3 — Falta de concentração de reservas.
- 5 — Emprego de cavalaria, infantaria montada e tropas com equipamento especial para a neve.
- 6 — Rápido aprovisionamento das tropas que avançavam.

ALGUMAS CAUSAS NATURAIS QUE FAVORECERAM OS RUS

- 1 — Grandes reservas de territórios não afetados pela guerra.
- 2 — Grandes reservas em homens.
- 3 — Lições aprendidas na primeira campanha de inverno e aplicadas na segunda.
- 4 — O natural espírito de luta dos russos e seu amor à terra natal.
- 5 — Excessiva confiança no sistema de "ouriços" empregado no inverno anterior.

ALGUMAS CAUSAS DO ÊXITO DO EXÉRCITO RUSSO

- 1 — Grandes sacrifícios de território para fazer-se forte por trás da muralha defensiva do Volga.
- 2 — Decisão de utilizar Stalingrado como uma fortaleza e usar concentrações de artilharia em sua defesa.
- 3 — Decisão de acumular forças de contra-ataque, com riscos consideráveis.
- 4 — Utilização de métodos de "infiltração" nos flancos e na retaguarda do inimigo.

CORRIGENDA

No artigo publicado em o n.º 357 desta Revista, páginas 189 a 205, sobre a **Organização da Artilharia Anti-Aérea do Corpo do Exército Espanhol**, solicitamos sejam feitas, em tempo, as seguintes emendas:

— pag. 193, linha 4, onde se lê **fácil**, leia-se **difícil**.

— pag. 199, linha 3, onde se lê **suprimidas**, leia-se **supridas**.

LIVROS NOVOS

ap. Moacir Fayão de Abreu Gomes — O LIVRO DA JUVENTUDE —
MANUAL DE INSTRUÇÃO PRÉ-MILITAR — Liv. Ed. Julio Val-
verde.

ristoteles Xavier — JUVENTUDE BRASILEIRA — 1942.

É ponto pacífico a necessidade de organizar a juventude. Organizar, porém, pela extensão da palavra, presta-se a variadas interpretações, o que decorrem numerosas doutrinas...

Entre nós tem falhado, minadas pela incompreensão geral, pela falta de sincera convicção ou de capacidade dos organizadores, e ainda pelo falso cunho que insidiosamente lhe buscam muitas vezes imprimir, não sei quantas tentativas de organização da juventude. De fato, o problema tanto tem de importante como de delicado. Se deixarmos a juventude ao abandono, entregue a si mesma, só podemos esperar que se forme uma raça frouxa, dispersiva, incapaz de manter a Pátria unida e viril, ante as trágicas tormentas que sacodem o mundo moderno. Fazê-la, por outro lado, ao modelo dos rebanhos, uma grande massa de automatados que saibam marchar admiravelmente, mas que não sabem dirigir-se, é destruir-se, é destruir as forças criadoras do homem, é retirar-lhe a dignidade. Organizar, pois, a juventude não significa escravizá-la, não significa impôr-lhe um destino, mas prepará-la para o seu próprio destino. Isto quer dizer que cumpre aparelhar os jovens dentro de um sentido uniforme e superior, porem unicamente aparelhá-los. Eles serão postos em presença de realidades da vida corrente, de sorte a exercitarem os seus impulsos e tendencias naturais, sem vexames repressores, senão apenas canalizados numa direção determinada. Serão afastados, de vez em vez, dos embalos do lar, com o fim de adquirirem experiência pessoal das dificuldades da vida, o que equivalet a dizer, autonomia e confiança. Serão disciplinados incutindo-se-lhes reflexos profundos, segundo os tipos individuais — os racionais ensinando-os compreender os motivos lógicos da sua ação, os afetivos apresentando-lhes as razões do coração, os formalistas acenando-lhes com os prêmios, as honras, os sensoriais distribuindo-lhes castigos e recompensas — e o procedimento exterior não ficará, assim, nunca sem correspondência psicológica.

Mas, qualquer que seja organização dada à juventude, uma coisa há sempre contemplada — a instrução pré-militar.

No Brasil sobe de ponto a importância da instrução pré-militar juvenlidade. Com efeito, a nossa imensa dispersão geográfica e as reações desencontradas de uma raça em plena formação, constituem fator cuja neutralização ha de ser energica e profunda. Por outro lado, dpondo, em épocas normais, de um exercito pouco numeroso, é grande nossa dificuldade para formar reservas de primeira qualidade.

A instrução pré-militar atende, em boa parte, a todos esses imrativos. Atuando sobre um material essencialmente plástico, como s os verdes jovens sobre os quais deve incidir, fará milagres. Levará movimento, disciplina muscular, habitos de higiene, noções civicas, conhecimentos fundamentais, a respeitavel massa de brasileiros, porque cada escola será um núcleo. Assim, onde chegar o alfabeto chegará o aprendizado pré-militar, e eles se tornarão complementares. E cada menino que souber ler já se pode contar que saberá marchar, saberá manejar u fuzil, conhecerá os seus deveres militares. Isto é extraordinário. Rederá, seguramente, mais ao Exército que o atirador adulto, trabalhando de dia e exercitando-se à noite, no qual o elemento motor em vez de ser a vibração juvenil, a fascinação do uniforme e das formaturas, é a necessidade do certificado, o desencargo de um dever.

O livro do Cap. Moacir Fayão de Abreu Gomes se propõe a fixar os elementos da instrução pré-militar a serem ministrados à juvenlidade brasileira. É o primeiro trabalho nesse genero, e pode dizer-se que lhe não faltou inteligencia, método e equilibrio

Talvez seja possivel atribuir ao volume alguma hesitação na sua organização didática. Por vezes parece que os ensinamentos são antipara para fazer monitores de instrução pré-militar, porque se apresenta com um desenvolvimento e uma orientação que, positivamente, excede as necessidades do simples intruendo. Flagrante disso é, por exemplo, a materia sobre **Ordem Unida** (pgs. 52-3), subordinada às seguintes divisões: "método a seguir; como ensinar os movimentos sem armas. Já noutras ocasiões, como se constatará logo adiante (pgs. 57, 106, etc.), o que se tem é a descrição dos movimentos (descansar, se deitado, passo ordinário, posição de atirador de pé) de utilidade decisiva para o executante.

Ha, pois, uma duplicidade na organização didática, o que se fixa sem saber se seria intencional. Inclina-mo-nos; porém, a crer que não pela ausencia de um carater sistemático, nessa organização, e porque a propria índole do trabalho indica que ele foi idealizado para instruir os alunos.

Seja, porém, como fôr, não haverá dano por aí, de vez que não se trata de deficiência, mas de um acréscimo.

De passagem anotaremos alguns pontos suscetiveis de reparo.

A execução do **fora de forma** é prescrita do seguinte modo: "A' v

de "Marche!", os alunos saem vivamente de forma, sem fazer ruido de especie alguma." (pg. 74). Isto para meninos não será, seguramente, uma boa solução. Valeria a pena arejar, colocar tanto quanto possivel às normas de instrução pré-militar de acordo com a exuberancia do jovem escolar. E cremos que neste particular da ordem unida a melhor, a natural aproximação é com o Regulamento de Educação Física. Assim, o **Fora de Forma**, em vez de silencioso, rigido, quasi ainda um prolongamento da formatura, devêra marcar inteira liberdade, com todas as expansões apetecidas.

A cadência de marcha dos alunos do C.E.P.M. é estimada em 110 passos por minutos, tendo em conta que a do homem é de 120. Mas a cadência do jovem não será mais viva que a do adulto?

Dizer que a Infantaria "é a arma que conquista, ocupa e limpa o terreno, e que persegue o inimigo, para que ele não se possa fixar novamente", (pg. 83) é uma definição que não se ajusta a um rigoroso critério militar, como seria de desejar, dada a natureza do "Manual". Aliás, o mesmo se pode dizer de quasi todas as demais definições desse tipo, porque elas são em geral muito imprecisas.

Notamos tambem que os dados numéricos referentes ao Mosquetão Mauser, à Pistola Parabellum, ao Fuzil Metralhador Hothkiss, à Metralhadora pesada Hothkiss e ao Montei-ro Brandt estão repetidos, pois comparecem no capítulo intitulado — "Noticia sumaria das características de cada arma" — e logo adiante (pgs. 93 e 95) voltam a ser numerados num capítulo especial sobre dados numéricos do armamento.

O Cap. Fayão usa trasladar para o seu livro páginas cívicas de outros autores. Uma ha, entretanto, que desenganadamente não faz jus a essa honrosa utilização: é a página sobre Osório, transcrita do "O Radical". Fraca, extremamente fraca no sentido, na expressão literária, a substancia histórica, não haverá mesmo nela nada que a recomende de modo particular. E quanto se tem escrito a propósito de Osório! Seria facil escolher coisa de valor sobre o nosso cavaleiro máximo.

À página 91 tropeçamos num grave descuido de redação. O autor vinha ludindo aos "carros de combate". Dizia que "são aparelhos de propulsão mecânica", que são "dotados de metralhadoras e geralmente de um canhão" (?), que "investem contra todos os obstáculos", que "podem andar em qualquer terreno" — sempre os verbos no plural, em razão do sujeito "carros de combate". De subito, em continuação, apenas abrindo novo parágrafo, escreve: "**Atira** em marcha tão facilmente quanto em repouso". Não vai aí propriamente, bem o vemos, um deslize gramatical, mas uma desatenção no redigir. Houve, claramente, uma transposição mental do autor, que passou de uma idéia plural à uma idéia singular, sem se dar conta. Em todo caso, a redação apresenta-se defeituosa, e isso é grave quando se escreve para jovens escolares.

Ressalvadas essas observações, o trabalho do Cap. Moacir Fayão merece francos elogios. Não se deve esquecer que ele fez obra desbravadora, pois o seu livro, se não nos enganamos, é o primeiro que surge, entre nós, no genero. Dagora por diante será facil, e o próprio autor não desdenhará essa possibilidade, compôr "Manuais" de instrução pré-militar mais aperfeiçoados. Para nós a principal virtude a desenvolver em livros dessa categoria é a capacidade de interessar por si proprios. Mas que imensa dificuldade nessa exigencia!

A dificuldade quanto ao livro decorre da dificuldade da própria tarefa de organizar e instruir militarmente a juventude, interessando-a sem constrangimento, absorvendo-a sem tédio, aparelhando-a sem alarde.

Encontro ainda no "Manual" do Cap. Fayão, a propósito do "Serviço Militar", as seguintes palavras do Sr. Heitor Muniz: "A educação militar, embora incipiente, devia começar desde os bancos primários. O escotismo devia ser obrigatório. Todo aluno da escola primária devia ser um escoteiro". (p. 125).

Eis uma sugestão que vale por um rumo. Está, positivamente, no escotismo a verdadeira solução do preparo pré-militar da juventude.

O escotismo nasceu do arguto espírito do inglês Baden Powell, militar e educador, feliz associação que explica em boa parte o equilibrio do seu sistema. Ele partiu de experiencias coloniais, observando as saudaveis reações da natureza sobre os nativos, mas foi na Africa do Sul, em plena guerra, que realizou o seu primeiro ensaio "de dar uma responsabilidade aos jovens e neles confiar".

Com efeito, os fundamentos psicologicos do escotismo garantem-lhe o interesse e ao mesmo tempo resultados profundos. Em contacto com a natureza os jovens sentem necessidade de conhecer os animais e vegetais (nomeá-los, reconhecê-los, utilizá-los, evitá-los), identificam-se com os accidentes geograficos, gravam a história ligada a eles. O espírito de imitação, tão forte nas crianças, é habilmente explorado pelo escotismo. Assim, dá-se-lhes a ilusão de que participam da forma de vida dos adultos, e ei-las repletas de alegria, vencendo tarefas asperas e até perigosas. Faz-se tambem apelo à imaginação infantil. E o escoteiro investido na condição de soldado, de detetive, de indio, de bandeirante, desenvolve numerosas virtudes físicas e morais.

Em suma, como diz Claud Lenoir, "o escotismo oferece as seguintes vantagens: ser objeto de adesão livre e voluntária das crianças (ele é para elas uma atividade de ferias, de liberdade, em opposição à escola); não ser imposto mas desejado (o uniforme, o seu caracter romanesco, a vida ao ar livre); não ser permitido senão mediante um juramento (cuja rutura corresponde a um sofrimento); oferecer, em vista de determinados objetivos, técnicos que exigem a observação, o sentido do do real, um espírito religioso metódico e tenaz; enfim, supor uma escola,

uma família e uma religião que ele deve auxiliar — e isso lhe dá uma agradável independência”.

Que melhor oficina, pois, podemos desejar para trabalhar a juventude? Por meio do escotismo ela será captada em todas as camadas sociais, e trabalhada em todas as dimensões — física (higiene, exercícios, vida ao ar livre), moral (cultivo dos hábitos generosos, dos princípios sãos), intelectual (aprendizado espontâneo da geografia, das ciências naturais, da história), militar (enquadramento, atitude, treino dos acampamentos, desembaraço de comando, capacidade de observação, autonomia de ação).

Por tudo isso só podemos aplaudir francamente a iniciativa do Sr. Aristoteles Xavier, compondo um ante-projeto para a organização da “Juventude Brasileira”, ao modelo do escotismo. Consideramos a sua proposta digna de toda a atenção. As fases educacionais, as unidades (nomenclatura e sub-divisão), a hierarquia, os uniformes, tudo está previsto esquematicamente no folheto em que o Sr. Aristoteles Xavier, declinando a sua condição de “oficial administrativo do Ministério da Guerra”, publica o seu ante-projeto. Há um esforço desinteressado, concreto e inteligente naquela estrutura geral oriunda de um homem que, afinal de contas, nada tem a ver com esses problemas, a cargo de órgãos e autoridades especializadas.

Essa conjunção de circunstâncias tão simpáticas nos predispõe especialmente favoravelmente para o trabalho do Sr. Aristoteles Xavier. Basta considerar que ele perpetrou um “Hino da Juventude Brasileira”, colocou-o no volume e a gente perdoa... Não é possível, todavia, perdoá-lo quando, formulando “preceitos” morais para a Juventude Brasileira”, esquece os da gramática...

— “Diz sómente a verdade” — eis o terceiro conselho endereçado aos jovens. Eles, porém, que o não aprendam ao pé da letra... Como se vê o verbo foi maltratado, está *diz* em lugar de *dize*.

Ninharia, pois não. Mas é preciso redigir corretamente, sobretudo quando doutrinamos para jovens que podem tomar-nos por modelo...

LIVROS RECEBIDOS:

Euclides da Cunha Historiador Militar (ensaio) — Cap. Umberto Pellegrino — 1940.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A DEFESA NACIONAL”, recebeu, no período de 20 de fevereiro a 20 de Março, as seguintes publicações:

- 1 — REVISTA DE LA ESCUELA MILITAR — N.º 214
— Outubro de 1943 — Chorrillos — Perú.

- 2 — Revista de LAS FUERZAS ARMADAS — N.º —
— Agosto de 1943 — Quito — Equador.
 - 3 — REVISTA DE MEDICINA MILITAR — N.º 4 —
Outubro a Dezembro de 1943.
 - 4 — REVISTA DE CULTURA — N.º 38 — Dezembro
de 1943 — Rio.
 - 5 — REVISTA ENDEAVOUR — N.º 7 — Julho de
1943.
 - 6 — REVISTA O OBSERVADOR ECONÔMICO
FINANCEIRO — N.º 97 — Fevereiro de 1944.
 - 7 — REVISTA VISÃO BRASILEIRA — N.º 67 —
Fevereiro de 1944 — Rio.
 - 8 — BOLETIN JURIDICO MILITAR — N.º 7 e 8 —
Julio — Agosto de 1943 — México.
 - 9 — REVISTA NAÇÃO ARMADA — N.º 52 — Março
de 1944.
-

Não Desperdice!



Deposite suas Economias na
PRUDENCIA CAPITALIZAÇÃO

NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO

ATOS OFICIAIS DO MINISTÉRIO DA GUERRA

De 20 de Fevereiro a 20 de Março de 144

AFASTAMENTO DO OCUPANTE EFETIVO DO CARGO — (solução de consulta).

— Consulta o Comandante da 7.^a Região Militar em radiograma n.º 70-S. A., de 24-1-44, se ao Major que se encontra na Chefia do E. M. Regional, por ter o Coronel Chefe efetivo ido estagiar nos Estados Unidos da América do Norte, assiste direito aos vencimentos integrais do posto de Coronel.

Em solução declaro:

O detentor efetivo não se afastou definitivamente da função, por motivo de transferência, nova classificação, passagem para a reserva, reforma, falecimento ou nomeação efetiva para função estranha ao Ministério da Guerra, não se trata de um cargo vago ex-vi do parágrafo único do art. 80 do C. V. V. M. E. interpretado pelo Aviso n.º 2.825 Func. 6, de 26 de julho de 1940.

Assim a substituição de que trata a consulta, motivada pelo afastamento normal (não definitivo) do ocupante efetivo do cargo, determina apenas uma substituição automática nas condições definidas no art. 81 do Código e na letra c do Aviso citado.

Nestas condições o caso é de pagamento da diferença de gratificação e não de diferença de vencimentos.

(Aviso n. 627 de 11 — D.O. de 14-3-944).

AJUDA DE CUSTO — (solução de consulta).

— Consulta o Comandante da 9.^a R. M. se o pessoal civil e militar, cujo desligamento ou apresentação venha a ocorrer depois de 30 de novembro de 1943, em virtude de nomeação, classificação, transferência ou nomeação anterior que lhe haja assegurado direito à primeira ou à segunda parte da ajuda de custo, vencerá essa vantagem, conforme disposição final do art. 18 do Decreto-lei n.º 5.976, de 10 de novembro de 1943.

Em solução, declaro que, para o pagamento da ajuda de custo aos militares terá que prevalecer a tabela de vencimentos na data do desligamento e que, relativamente aos funcionários civis, deverá prevalecer a tabela de vencimentos em vigor na data que for a mencionada vantagem concedida e arbitrada.

(Aviso n. 550 de 28-2 — D.O. de 1-3-944).

AUTONOMIA ADMINISTRATIVA (Concessão).

— Na conformidade do que estabelece o art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por Decreto n.º 3.251, de 9 de novembro de 1938, é concedida autonomia administrativa aos 1.ºs Esquadrões dos 3.º e 4.º Corpos de Trem Motorizados —

Assinantes Atenção

Novos preços de assinaturas de «A Defesa Nacional»

Em virtude do aumento crescente de tudo o que diz respeito a publicação da Revista "A DEFESA NACIONAL", devido a guerra, tal como papel, impressão, clichêrie, etc., de há muito vinha sentindo a Diretoria que não é mais possível continuar a fornecer esta publicação aos preços de Cr\$ 2,50 para Oficiais e Cr\$ 2,50 para praças, por exemplar. Apesar disso, procurou retardar a solução do aumento, medida tomada já há bem dois anos por todas as Revistas e Jornais, não só brasileiros com estrangeiros, atuando sobre outros campos de receita que, se algumas vezes desafogava a responsabilidade da publicação, deixava no entanto a Diretoria, sempre preocupada por serem essas fontes de receita, variáveis.

Nessa contingencia e no intuito de continuar a fornecer esta Revista na sua fôrma atual, mantendo a sua alta qualidade, resolveu em sessão da Assembléia Geral, realizada em Março deste ano, que, **a partir de Abril**, vigorarão os seguintes preços para as assinaturas: Novas assinaturas e assinaturas reformadas: Para Oficiais: anual — Cr\$ 60,00 — semestral — Cr\$ 30,00. Alunos das Escolas Militares, Sub-Tenentes, Graduados e Praças: Anual — 50,00 — semestral — Cr\$ 25,00.

Estamos convictos de que nossos assinantes saberão compreender o justo motivo que nos levou a tomar esta decisão, que, apesar de ser contra ao nosso modo de pensar, virá, porém garantir a vida de "A DEFESA NACIONAL", que desde o seu número inicial se vem esforçando para trazer o Exército ao par de todos os problemas que interessam à cultura profissional e geral dos seus quadros.

Desejamos que esta decisão tenha caráter provisório, pois, cessando as causas que a motivaram, necessariamente, cessarão os efeitos.

A Gerência

Recife e Santos Dumont, respectivamente — e ao Esquadrão Hipomóvel do 3.º Corpo de Trem Mixto (Campo Grande).

(Aviso n. 644 de 13 — D.O. de 15-3-944).

— É concedida autonomia administrativa ao Depósito de Pessoal do Exército da Força Expedicionária Brasileira (Decreto-lei n.º 6.268, de 14-II-44), na conformidade do que estabelece o art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por Decreto n.º 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n.º 527 de 26 — D.O. de 29-2-944).

TONOMIA ADMINISTRATIVA (Passa a ter)

— A Escola Militar de Rezende, passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25, do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por Decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938, e na forma do disposto no art. 12, da Portaria n.º 5.890, de 12 de janeiro último.

(Aviso n.º 513 de 23 — D. O. de 25-2-944).

RIMO DE FAMÍLIA (Adiamento)

— Fica suspensa a concessão de adiamento de chamada ou de incorporação por motivo de arrimo de família.

As praças que pleitearem esse adiamento terão os respectivos processos encaminhados à Legião Brasileira de Assistência para fins de averiguações e de amparo quando for o caso.

Ficam sem efeito os Avisos n.ºs 2.184 de 22 de agosto de 1942 e 1.313, de 26 de maio de 1943.

(Aviso n.º 693 de 18 — D.O. de 21-3-944)

SENAL DE GUERRA GENERAL CAMARA (Aniversário)

— De acordo com a sugestão apresentada pelo Diretor do Arsenal de Guerra General Câmara, em Ofício n.º 120-075.15, de 17 de fevereiro último, e por não se conhecer ao certo a data da criação daquele Estabelecimento, senão provavelmente o ano de sua fundação — 1773 — determino que se considere como data aniversária do referido Arsenal e efeméride de 17 de fevereiro, que lembra o aniversário natalício de seu Patrono, o Marechal José Antônio Correia da Câmara, 2.º Visconde de Pelotas.

(Aviso n.º 667 de 14 — D.O. de 16-3-944).

LAS DAS ESCOLAS PREPARATÓRIAS — (Adiamento)

— Tendo em vista maior uniformidade no ensino das Escolas Preparatórias, as quais deverão seguir um único programa de trabalhos escolares, inclusive e conservação, quanto possível, de um só ritmo nas tarefas, por forma a que se não verifiquem grandes avanços ou retardos no desenvolvimento das mesmas matérias, e, também, em razão da permissão de novos exames aos candidatos desclassificados no último concurso de admissão, autorizo o adiamento da abertura das aulas naqueles estabelecimentos para o primeiro dia útil do mês de abril próximo.

(Nota n.º 127 de 28-2-944 — D.O. de 1-3-944).

NDAS DE MÚSICA DO EXÉRCITO — (Autorização)

— Para preenchimento de claros das bandas de música do Exército autorizo a aceitação de voluntários, que poderão ser reservistas

**"NÃO TER
SORTE"**



— muitas vezes quer dizer

*** AXILOSE!**

***AXILOSE é o cheiro desagradável, principalmente das axilas, provocado pela fermentação do suor.**

PENSE na Axilose! Talvez esteja arruinando o seu futuro. Comece desde hoje a usar o Sabonete SALUS. Que deliciosa sensação de asseio e bem estar após o banho! Desodorante enérgico e protetor da pele, SALUS assegura higiene completa — livra de preocupações!

Desodorante!
Higienizante!
Econômico!



Evite a AXILOSE —

para não ser evitado!

14.104

ou não e ter até 30 anos de idade, inclusive, satisfeitas as demais exigências constantes das disposições em vigor.
(Aviso n.º 624 de 10 — D.O. de 11-3-944).

BANDA DE MÚSICA — (Criação)

— Fica criada a Banda de Música de 1.ª Divisão de Infantaria Expedicionária que terá a seguinte constituição:

- 1 — Segundo-tenente Mestre de Música.
- 14 — Soldados músicos de 1.ª classe.
- 1 — Primeiro-sargento Músico, Contra-mestre.
- 16 — Soldados músicos de 2.ª classe.
- 22 — Soldados músicos de 3.ª classe.

II. — Na formação da nova banda será aproveitada a do 1.º Regimento de Infantaria, a qual será completada com figuras das Bandas do 6.º e 11.º Regimentos de Infantaria.

III. — Em consequência ficam consideradas extintas as bandas dos 1.º, 6.º e 11.º Regimentos de Infantaria.
(Aviso n.º 498 de 18 — D.O. de 23-2-944)

BATALHÃO DE CAÇADORES — (Criação)

— É criado, para instalação imediata, o 39.º Batalhão de Caçadores, Com séde em Rio Grande (Rio Grande do Sul), com aproveitamento dos meios já existentes do batalhão destacado do 9.º Regimento de Infantaria, ficando o Ministro da Guerra autorizado a baixar os atos administrativos que se fizeram mister para dar execução ao presente Decreto-lei.

(Decreto-Lei n.º 6.279 de 17-2-944. — D.O. de 19-2-944).

CADETES DA ESCOLA MILITAR — (Classificação)

— A classificação dos cadetes da Escola Militar promovidos para o segundo ano da mesma Escola será feita do seguinte modo, segundo as armas:

Infantaria	45%
Cavalaria	15%
Artilharia	30%
Engenharia	10%

(Nota n.º 141 de 6 — D.O. de 8-3-944)

CADERNO DE ENCARGO — (Aprovação)

— Aprovo o Caderno de Encargos para Flanela de Lã.

(Aviso n.º 23 — D.O. de 25-2-944).

CHEFIA DAS ESTAÇÕES DE RADIOS — (Solução de consulta)

— O Diretor de Transmissões consulta se a Chefia das estações de rádio das I.D. ou A.D. cabe ao Chefe da Estação ou ao Assistente. O artigo 31 letra a, do Regulamento 91, e o n.º 15 do artigo 1.º Capítulo II do Regulamento 98, ainda em vigor, atribuem à Chefia das Estações aos radiotelegrafistas.

O n.º 8 do art. 63 do Regulamento 25 atribui ao Assistente de uma I.D. ou A.D.: "Chefiar e assegurar o bom funcionamento das estações de rádio anexas ao Q. G. em harmonia com as disposições a respeito, quando fôr o caso".

Em vista do que foi exposto, dou à consulta a seguinte solução:

"A chefia da estação anexa ao Q.G. de uma I.D. ou A.D. cabe ao

COMPANHIA CIMENTO PORTLAND PARANÁ

AVISO AOS ACIONISTAS E DEMAIS INTERESSADOS

A COMPANHIA CIMENTO PORTLAND PARANÁ tem a satisfação de comunicar aos seus acionistas e demais interessados que a sua fábrica de cimento em Curitiba (Pinhaes) se encontra em adiantado estágio de construção, devendo estar pronta para a fabricação de cimento em dezembro futuro. Estão terminados a Vila Industrial e os edifícios de oficina mecânica, fundição, almoxarifado e carpintaria, casa de força e compressores, depósitos de carvão, garage e administração.

Encontram-se em franca e acelerada marcha a construção dos pavilhões de britagem, forno, depósitos de clínquer, tanques de mistura, silos, e a montagem das máquinas e edifícios já terminados.

Comunica igualmente que na primeira quinzena de junho próximo iniciará a troca dos recibos provisórios pelos títulos definitivos e, nestas condições, afim de acelerar a entrega de tais títulos e manter mais eficiente contacto com Srs. acionistas, fez cessar o procuratório e representação aqui mantinha, instalando em sua vez uma filial à Avenida Beira-Mar, 152, 11.º andar (Edificio Magnus), telefone 42-6685, onde terá o prazer de prestar-lhes as informações e esclarecimentos que desejarem.

Solicita ainda dos Srs. acionistas que estejam em atraso a fineza de regularizarem o pagamento das quotas, afim de facilitar o serviço de entrega dos títulos e o encerramento da fase de capitalização.

Os pagamentos deverão ser feitos nos escritórios da filial, no endereço acima, ou aos cobradores autorizados pelo documento assinado pelo gerente da filial, senhor Moacir Libano Soares.

Rio de Janeiro, 12 de Abril de 1944

JORGE BUENO MONTEIRO

Presidente

especialista radiotelegrafista para esse fim designado, tal como se dá com a estação rádio anexa ao Q.G. de uma Região Militar. Esse chefe da estação ou posto presta obediência direta ao Assistente da I.D. ou A.D. a quem cabe superintender e assegurar não só o bom funcionamento das estações radiotelegráficas, como também o de todos os meios de transmissões de que dispõem a I.D. ou A.D. Há de fato, como regula a legislação citada, dois chefes de escalões diferentes — um menor que chefia a estação e outro mais elevado que chefia o conjunto.

(Aviso n. 623 de 8 — D.O. de 10-3-944).

CÓDIGO PENAL MILITAR — (Retificação)

— Onde se lê (no art. 28):

Nos crimes em que ha violência de dever militar, o agente não pode invocar a coação irresistível senão quando física ou material.

Leia-se:

Nos crimes em que ha violação de dever militar, o agente não pode invocar a coação irresistível senão quando física ou material.

Onde se lê (no art. 79):

Parágrafo único. O juiz pode declarar extinta a pena, enquanto não passar em julgado a sentença em processo a que responde o liberto, por crime ou contravenção, cometidos na vigência do livramento

Leia-se:

Parágrafo único. O juiz não pode declarar extinta a pena, enquanto não passar em julgado a sentença em processo a que responde o liberto, por crime ou contravenção, cometidos na vigência do livramento.

Onde se lê:

Art. 132. Concertarem-se militares ou assemelhados para a prática de crime previsto no artigo anterior

Leia-se:

Art. 132. Concertarem-se militares ou assemelhados para a prática de crime previsto no art. 130.

Onde se lê (no art. 182):

§ 6.º No caso de lesão culposa, aumenta-se a pena de um terço se ocorre qualquer das hipóteses do artigo anterior

Leia-se:

§ 6.º No caso de lesão culposa, aumenta-se a pena de um terço se ocorre qualquer das hipóteses do § 4.º do artigo anterior.

(Decreto-lei n. 6.227 de 24-2-943 — D.O. de 15-3-944).

CÓDIGO DE VENCIMENTOS E VANTAGENS DOS MILITARES DO EXÉRCITO — (Redação)

Os n.ºs II e II do § 3.º, do art. 231, do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército (Decreto-lei n.º 2.186, de 13-5-1940), passam a ter a seguinte redação:

II — As filhas de qualquer condição, enteadas, sobrinhas e irmãs solteiras ou viúvas;

II — Os filhos de qualquer condição, os enteados, os sobrinhos e irmãos, menores e inválidos.

(Decreto-Lei n.º 6.303 de 2-3-944 — D.O. de 4-3-944).

**A PUBLICIDADE
NA
A DEFESA NACIONAL**

Comunicamos ao público, em geral, ao comércio e indústrias do país e aos nossos anunciantes do Rio de Janeiro e dos Estados, em particular, que todo o serviço de publicidade está a cargo do

BUREAU INTERESTADOAL DE IMPRENSA

com escritório à

PRAÇA MAUA, 7 — 13.º andar

Telefones: 43-9918, 23-1451 e Oficial 2-515

Caixa Postal, 365 — End. Telegr.: "Bureau"

S u c u r s a i s

São Paulo — Mario Herédia, Rua Barão de Paranapiacaba, 61 — 4.º andar.

Curitiba — Percival Loyola, Rua 15 de Novembro, 573

Porto Alegre — Arthur Gonçalves, Rua Shuller, 44

Recife — Aristofanes da Trindade, Travessa Madre de Deus, 113.

Pará — Edgar Proença, Edifício Bern (1.º andar), Avenida 15 de Agosto.

No Rio de Janeiro, só o cobrador do Bureau devidamente credenciado, com a respectiva carteira, está autorizado a receber contas, sendo vedado fazê-lo a qualquer agente ou outro auxiliar.

MANDANTES DE CORPOS e CONTINGENTES PERTENCENTES À F. E. B. — (autorização).

— Ficam os Comandantes de Corpos e Contingentes pertencentes à F.E.B. autorizados a promover as praças com o curso BI da Escola de Transmissões até a graduação de 2.º Sargento, inclusive. (Aviso n. 552 de 29-2-944 — D.O. de 2-3-944).

NSULTA — (solução de).

— O Comandante da Terceira B. I. A. C. e Forte do Imbuí, con-consulta em Ofício n.º 606-C/O, de 21 de outubro de 1943, sôbre aplicação do Aviso n.º 1.136, de 20 de setembro de 1943.

Em solução declaro:

a) o Sargento convocado só tem direito ao abono de peças de uniforme, a título gratuito, durante o primeiro ano de incorporação, na conformidade do art. 1.º, § 9.º, do Decreto-lei n.º 5.612, de 24 de junho de 1943;

b) o fardamento a ser abonado, nas condições da alínea a, é constante da tabela aprovada pelo Aviso n.º 1.136, de 20 de setembro de 1943;

c) a Portaria 8-8, de 18 de fevereiro de 1943, publicada no Boletim Reservado do Exército, n.º 2, de 25 do mesmo mês e ano, não se aplica ao Sargento convocado, durante o primeiro ano de incorporação, visto se tratar de um caso regido por dispositivo de lei especial;

d) os Sargentos promovidos, durante o primeiro ano de incorporação, fazem jus ao fardamento previsto na tabela que acompanha o aviso referido na alínea b;

e) finalmente, que o Decreto-lei n.º 4.902, de 31 de outubro de 1942, a que se refere a Diretoria de Artilharia de Costa na sua informação 215-S. I., não cogita do assunto em questão.

(Aviso n. 553 de 29-2-944 — D.O. de 2-3-944).

RPO DE TROPA — (extinto).

— E' extinto, nesta data, o 2.º Esquadrão de Trem, com sede em Campo Grande — Estado de Mato Grosso, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n. 6.310 de 3-3-944 — D.O. de 6-3-944).

— E' extinto, nesta data, o 3.º Esquadrão de Trem Automóvel, com sede em Recife — Estado de Pernambuco, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n. 6.311 de 3-3-944 — D.O. de 6-3-944).

— E' extinto, nesta data, o 4.º Esquadrão de Trem, com sede em Santos Dumont — Estado de Minas Gerais, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n. 6.312 de 3-3-944 — D.O. de 6-3-944).

RPO DE TROPA — (criação).

— E' criado o 3.º Corpo de Trem Motorizado, com sede em Santos Dumont — Estado de Minas Gerais, com efetivos a serem fixados, em tempos e oportunamente, por atos do Ministro da Guerra.

(Decreto-Lei n. 6.313 de 3-3-944 — D.O. de 6-3-944).

— E' criado o 3.º Corpo de Trem Mixto, com sede em Campo

A Defesa Nacional

em

SÃO PAULO

A representação exclusiva desta revista no Estado de São Paulo, capital e interior, está a cargo do Bureau Interestadoal de Imprensa, cuja sucursal se acha instalada na Rua Barão de Piranapiacaba, 61 - 4.º andar, — Telefone 2-5841.

Os interessados pôdem irigir-se ao endereço supra para anuncios, assinaturas, etc.

Chefe da Sucursal: — Mario Herédia.

Só podem efetuar recebimento de contas de **A DEFESA NACIONAL** os cobradores devidamente autorizados pelo chefe da Sucursal do B.I.I.



Anunciar na **A Defesa Nacional** é fazer
publicidade eficiente.

Grande — Estado de Mato Grosso, com efetivos a serem fixados, em tempo e oportunamente, por atos do Ministro da Guerra.

(Decreto-Lei n. 6.314 de 3-3-944 — D.O. de 6-3-944).

— E' criado o 4.º Corpo de Trem Motorizado, com sede em Recife

— Estado de Pernambuco, com efetivos a serem fixados por atos do Ministro da Guerra, em tempo e oportunamente.

(Decreto-Lei n. 6.315 de 3-3-944 — D.O. de 6-3-944).

SO DE MOTORISTAS — (autorização).

— Autorizo o funcionamento, no corrente ano, do Curso de Motoristas, categorias B e C, no Serviço Central de Transportes.

Fica, para isso, revalidado, para o corrente ano, o Aviso n.º 23, de 19 de abril de 1943.

(Aviso n. 664 de 13 — D.O. de 15-3-944).

ÓSITO DO PESSOAL DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA — (organização).

— E' mandado dar organização imediata e instalar nas dependências deixadas pelo 6.º Regimento de Infantaria (Caçapava, Pinda-monhangaba e Taubaté — Estado de São Paulo), o Depósito de Pessoal do Exército da Fôrça Expedicionária Brasileira (Decreto-lei n. 6.268, de 14 de fevereiro de 1944).

(Aviso n. 524 de 25 — D.O. de 28-2-944).

TACAMENTO DE EMBARQUE DE EMBARQUE — (criação).

— Fica criado o Destacamento de Embarque de Joazeiro com ação de contrôlê sôbre os portos de Joazeiro e Petrolina, administrativamente subordinado à 6.ª Região Militar e tecnicamente subordinado à Secretaria Geral do Ministério da Guerra, por intermédio do Serviço de Embarque do Pessoal do Ministério da Guerra, o qual terá a seguinte organização:

Pessoal:

1 oficial subalterno (Comandante);

1 Segundo-sargento (datilógrafo);

2 Terceiros-sargentos;

4 Cabos;

24 Soldados;

1 Barqueiro (civil).

Material:

1 caminhão.

1 barcaça.

O Segundo-sargento atenderá ao expediente interno, especialmente ao movimento de requisições.

Os Terceiros-sargentos serão encarregados dos serviços gerais de embarque e desembarque de pessoal e material, em Joazeiro e Petrolina.

Dos Cabos, três chefiarão grupos de Soldados empregados nos serviços de embarque e desembarque e um será aproveitado nos serviços internos.

Dos Soldados, 21 serão distribuídos por três grupos previstos no item anterior e os restantes ficarão nos serviços internos.

— O pessoal do Departamento terá livre trânsito — nas cidades de Joazeiro e Petrolina.

**REPRESENTAÇÃO
DE
A DEFESA NACIONAL**

Ampliando a sua rede de sucursais em vários Estados do país **A DEFESA NACIONAL** desenvolve, também, a sua circulação e habilita-se a tornar mais eficiente a propaganda em suas páginas.

Tendo, outrossim, entregue a exclusividade de sua publicidade em todo o Brasil ao

BUREAU INTERESTADUAL DE IMPRENSA

a revista por excelência do Exército acha-se habilitada a receber anuncios e toda a demais matéria respectiva através dos representantes desta prestigiosa organização abaixo discriminados:

São Paulo — Mario Herédia, Rua Barão de Parnaíba, 61 — 4.º andar.

Curitiba — Percival Loyola, Rua 15 de Novembro, 573.

Porto Alegre — Arthur Batista Gonçalves, Rua Shuller, 44.

Recife — Aristofanes da Trindade, Travessa Madre de Deus, 113.

Pará — Edgard Proença, Edifício Bern (1.º andar) Avenida 15 de Agosto).

Anuncie nas páginas de

A DEFESA NACIONAL

que fará publicidade eficiente

50.000 LEITORES EM TODO O BRASIL

— Ficam nesta data extintos os Destacamentos dos Portos de Joazeiro e Petrolina, devendo as praças dos seus contingentes ser aproveitadas para o do Destacamento de Embarque de Joazeiro, por este criado.

(Aviso n. 622 de 8 — D.O. de 10-3-944)

TINTIVO — (aprovação).

— Aprovo o distintivo para os Cursos de Artilharia Auto-Rebocados.

(Aviso n. 713 de 18 — D.O. de 21-3-944).

ESCOLA MILITAR DE RESENDE — (matrícula).

— De conformidade com o despacho exarado pelo Exmo. Sr. Presidente da República em Exposição de Motivos deste Ministério, são matriculados no 1.º ano da Escola Militar de Resende, no corrente ano, os candidatos inscritos para concurso, que possuam o curso das Escolas Preparatórias e tenham sido julgados aptos, em inspeção de saúde.

(Aviso n. 515 de 24 — D.O. de 26-2-944).

ESCOLA TÉCNICA DO EXÉRCITO — (regulamento).

— O Diário Oficial n.º 58 (página n.º 4.156) de 11 — publica, na íntegra, o Decreto-Lei n.º 14.947 de 6-3-944 — que aprova o Regulamento da Escola Técnica do Exército.

FAMÍLIA DE RESERVISTA CONVOCADOS — (solução de consulta).

— O Comandante da 9.ª R. M. consulta em radiograma n.º 288-SIR, de 20-10-43, se pessoas da família de reservistas convocados têm direito a transporte por conta do Estado.

Em solução declaro que não assiste direito ao transporte por conta do Estado de pessoas pertencentes à família de reservistas convocados.

(Aviso n. 548 de 28-2-944 — D.O. de 1-3-944).

FORMAÇÃO VETERINÁRIA DA PREFEITURA — (Criação).

— I — Fica criado, a título precário a Formação Veterinária da Prefeitura Militar a qual terá a seguinte organização:

Um tenente Veterinário — Chefe da Formação;

Um cabo Enfermeiro — Veterinário;

Um Soldado Auxiliar da Enfermeiro Veterinário;

Um Cabo Ferrador;

Dois Soldados Ferradores.

II — Nessa nova Formação devem ser aproveitados elementos das Formações Veterinárias Regimentais dos corpos que integram a 1.ª Divisão de Infantaria Expedicionária.

(Aviso n. 684 de 16 — D.O. de 18-3-944).

GABINETE DE PESQUISAS CLÍNICAS — (chefia).

— Atendendo ao que propõe o Diretor da Policlínica Militar, em Ofício n.º 330, de 25 do mês findo, declaro que a Chefia do Gabinete de Pesquisas Clínicas poderá ser exercida por Capitão Médico ou Farmacêutico.

(Aviso n. 688 de 18 — D.O. de 21-3-944).

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Educação Moral do Soldado — Cap. Frederico Trota ..	10,00
Emprego Tático das Transmissões — Cel. Paulo Bolivar Teixeira	17,00
Ensaio Sobre Instrução Militar — Cap. José Horacio Garcia	13,00
Estratégica do Terror — Trad. Cel. J. B. Magalhães (*)	15,00
Estudo sobre Granadas de Mão e Fuzil — Cap. Moacyr N. Assunção	11,00
Exercício de Combate de Companhia — Maj. Alcebiades Tamoyo	18,00
Exterior e Julgamento dos Equídeos — Walter Jardim	30,00
Fenômeno Militar Russo — Cel. J. B. Magalhães	30,00
Fenomeno Militar Russo, desconto de 10% aos Assinan- tes da Rev. "Defesa Nacional"	27,00
Fichário para Inst. de Educação Física — Cap. Jair J. Ramos	16,00
Formulário do Contador — Cap. José Salles	5,00
Guerra da Sucessão, Separata n.º 53 — Ten. Cel. Arthur Carnauba (*)	5,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".

HOSPITAL MILITAR — (criação).

— E' criado, para instalação imediata, um Hospital Militar de 2.^a classe, com sede em Ponta Grossa — Estado do Paraná.
(Decreto-Lei n. 6.318 de 6-3-944 — D.O. de 8-3-944).

INSIGNIA DE COMANDO — (aprova).

— Aprovo a insígnia de Comando e o distintivo de praça da 7.^a Companhia de Transmissões Regional.
(Aviso n.º 517 de 25 — D.O. de 28-2-944).

INTAS MILITARES DE SAÚDE — (recomendação).

— Continuando a se verificarem com frequência, casos de incapacidade física definitiva, em praças recém-incorporadas, recomendo o seguinte:

1 — As Juntas Militares de Saúde que inspecionarem conscritos, voluntários ou reservistas para incorporação, sempre que possível, lancem mão da roentgenfotografia toraxica, como elemento de propedêutica;

2 — Os médicos chefes das Formações Sanitárias Regionais iniciem o exame médico de incorporação o mais cedo possível, de modo a tê-lo pronto dentro dos primeiros 30 dias após a incorporação ou inclusão do recruta, ou da praça, no corpo;

3 — Nas guarnições em que fôr possível, será praticado o recenseamento torácico, logo depois de concluído o exame médico de incorporação;

4 — Os médicos das Formações Sanitárias Regionais com a colaboração dos Comandantes de Subunidades exercerão rigorosa observação nos casos suspeitos, bem como nos casos de comparecimento frequente a visita médica ou de pedidos de dispensa de instrução sob alegação de doença lançando mão dos exames subsidiários que sejam aconselháveis, ou mesmo de baixa ao hospital, de modo a ser positivada, no mais curto prazo possível, a existência de qualquer doença, afecção ou síndrome incompatível com o serviço militar;

5 — As praças que, por doença, baixarem às enfermarias ou hospitais militares dentro de 90 dias a contar da data da incorporação, devem ser submetidas a rigorosos exames, de sorte que, com os elementos obtidos possa ser procedida a revisão do parecer de aptidão lavrado pela Junta Militar de Saúde de incorporação, se fôr o caso.

Comprovada a incapacidade física definitiva, mediante inspeção de saúde, será considerada nula a inspeção anterior que deu lugar à incorporação, procedendo-se, incontinenti, a exclusão do Exército.

6 — Em todo o processo de reforma de praça deve constar obrigatoriamente, além da cópia de ata de inspeção de saúde que primeiro verificou sua incapacidade física, cópia autenticada do registro médico de incorporação e certidão de assentamentos em rigorosa ordem cronológica.

7 — Dos atestados sanitários de origem deve constar sempre, de acordo com o art. 3.^o das respectivas Instruções, a declaração feita na "prova de autenticidade" que não houve por parte do acidentado imperícia, imprudência, negligência ou prática de qualquer outra transgressão disciplinar, pois tais ocorrências invalidam o atestado de origem.

8 — Ao encaminharem os processos de reforma de praças, os co-

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Guia para Instrução Militar na Tropa — Major Ruy Santiago	21,0
Guia para o Cmte. do Pelotão de Fuzileiros - 2. ^a parte Maj. A. Tamoyo	13,0
Historia do Duque de Caxias — Cap. Frederico Trota	5,0
Historia Militar do Brasil — Gustavo Barrozo	11,0
Indicador Alfabético — Odon Antonio Braga	3,0
Indicador Paranhos 15-XI-928 a 31-XIII-935 — Eurico Paranhos	13,0
Indicador Paranhos de 1936 — Eurico Paranhos	7,0
Instrução de Transmissões — Cel. Lima Figueiredo ...	16,0
Instrução na Cavalaria — Major João de Deus Mena Barreto	11,0
Instrução na Cavalaria, Separata n.º 54 — Major J. Horacio Garcia	5,0
Impressão de Estagio no Ex. Francês — Cel. J. B. Ma- galhães	4,0
Instrução de Obs. Corpos de Tropa — Ten. Cel. A. B. Gonçalves	9,0
Invasão e Tomada das Ilhas Balticas — Cap. J. J. Gomes da Silva	5,0

mandante ou diretores informem nos termos do Aviso n.º 195, de 21-3-1939, fazendo constar, também, se o paciente é, ou não, associado de qualquer instituto de previdência social ou caixa de aposentadoria.

9 — As Juntas Militares de Saúde que inspecionarem militares, cujas incapacidades física para o serviço possam ser removidas mediante tratamento ou operações de pequena cirurgia indicados como meio único de cura, e não se queiram submeter aos mesmos, devem tomar por escrito estas declarações, fazendo constar tal fato em ata. (Aviso n. 571 de 3 — D.O. de 7-3-944).

OFICIAIS DA ATIVA — (montepio militar).

— Os oficiais da ativa com mais de 30 anos de serviço computável para fins de inatividade ou os que atingirem o n.º 1 da respectiva escala passam a contribuir obrigatoriamente para o montepio do posto imediato, cuja pensão fica assegurada aos seus herdeiros.

— As contribuições para o montepio militar dos oficiais do Exército, da Armada e da Aeronáutica, em serviço ativo, serão iguais a um dia de soldo da tabela de vencimentos resultantes do Decreto-lei n.º 5.976, de 10 de novembro de 1943 e o cálculo da pensão será feito de acôrdo com o § 2.º do artigo 75 do Decreto-lei n.º 3.864, de 24 de novembro de 1941 (Estatuto dos Militares).

— Aos oficiais que, após a entrada em vigor do atual Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército, foram transferidos para a Reserva ou reformados com mais de 30 ano de serviço, é facultado contribuir, nas condições vigentes na época, para o montepio do posto imediato ao que tinham ao passarem para a inatividade, ficando assegurada aos seus herdeiros a pensão respectiva.

(Decreto-Lei n. 6.280 de 17-2-944 — D.O. de 19-2-944).

OFICIAL DO CORPO EXPEDICIONÁRIO — (locação de casa).

— Em aditamento ao Aviso número 1.690-Doep. 1, de 4 de junho de 1941, declaro:

a) a todo oficial incluído em unidade do Corpo Expedicionário fica assegurada a locação da casa em que vinha residindo;

b) ao detentor de cargo novo criado nas unidades expedicionárias, deve ser dada preferência para a ocupação da casa que se vagar, dentro do espírito do Aviso Supracitado, e mediante proposta a ser aprovada pelo Ministro.

(Aviso n. 687 de 14 — D.O. de 16-3-944).

OFICIAIS DA RESERVA DE 2.ª CLASSE, DENTISTAS — (nomeação).

— Os civis que, antes do Decreto-lei n.º 36, de 1 de dezembro de 1937, concluíram, com aproveitamento o estágio para ingresso no quadro de oficiais da reserva de 2.ª classe, dentistas, poderão agora ser nomeados Segundos Tenentes da referida reserva ou do Exército de 2.ª Linha, mediante requerimento ou *ex-officio*, uma vez que fique comprovado o término daquele estágio, os documentos referidos no art. 10, parágrafo único, letra b, do Decreto-lei n.º 4.271, de 17 de abril de 1942 e no Aviso n.º 2.441, de 5 de outubro de 1943.

(Aviso n. 692 de 18 — D.O. de 21-3-944).

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Limites do Brasil — Cel. Lima Figueiredo (*).....	11,00
Manual de Orientação em Campanha — Cap. Antonio P. Lira	19,00
Manual da Socorrista de Guerra — Raul Briquet	21,00
Manoal de Nioac — Gen. Bertoldo Klinger	5,00
Memento do Artilheiro — Cap. Amir Borges Fortes (*)	11,00
Mais Uma Carga Camaradas — Gen. Benicio da Silva	21,00
Morteiro — Cap. Gutemberg Ayres de Miranda (*) ..	10,00
Moto-Mecanizados (A Defesa Contra Engenhos) — Ca- pitão Hugo M. Moura	4,50
Noções de Desenho Topográfico — Cel. Arthur Paulino de Souza	16,00
Noções de Topografia de Campanha — Gen. Paes de Andrade (*)	11,00
Notas de emprego do Batalhão no Terreno — Coman- dante Audet	2 4,00
O Livro do Observador — Cap. Paladini	11,00
O Exército Alemão — Cel. Leony de Oliveira Machado	26,00
Os Pombos Correio e A Defesa Nacional — Dr. Freitas Lima (*)	5,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".

A DEFESA NACIONAL

OFICIAIS DA RESERVA DO EXÉRCITO DA 2.^a LINHA — (inclusão).

— Os oficiais da reserva e do Exército de 2.^a Linha, das armas, quando convocados para o serviço ativo, deverão ser considerados como incluídos, transitória e, no Quadro Ordinário ou Suplementar Privativo que exerçam e as disposições que regem situações análogas referentes aos oficiais do Exército ativo.

(Aviso n. 570 de 3 — D.O. de 7-3-944).

OFICIAIS, SUB-OFFICIAIS E SARGENTOS — (aquisição de passagens)

— E' mandado estender aos oficiais, sub-tenentes e sargentos transferidos para Corpos e outros elementos pertencentes à 1.^a Divisão de Infantaria Expedicionária, o disposto no Aviso n.º 647-Resp. 1, de 13-III-42, relativamente à requisição de passagens e transporte de bagagens para as respectivas famílias de acôrdo com os destinos que optarem.

Fica entendido que, salvo nos casos normais de transferência, não serão concedidas, por conta dêste Ministério, novas passagens e transportes de bagagens para outros destinos.

(Aviso n. 525 de 26 — D.O. de 29-2-944).

OFICINA DE REPARAÇÃO DE MATERIAL BÉLICO — (criação).

— I — Fica criada no território da 10.^a Região Militar, e com sede normal em Fortaleza, Ceará, a Oficina Regional de Reparação de Material Bélico (O. R. R. M. B.) da 10.^a R. M., com o efetivo em pessoal abaixo discriminado:

II — Essa Oficina, essencialmente móvel, fica subordinada ao Chefe do S. M. B. R. da 10.^a R. M.

III — O pessoal artífice para essas Oficinas será recrutado entre sargentos, cabos e soldados artífices dos corpos de tropa, com sede no território da Região, e mediante exame de seleção, cujo programa é o mesmo estabelecido em Boletim do Exército número 478, de 20 de setembro de 1928.

IV — O exame de seleção de que trata o item anterior realizar-se-á na sede da Região em dia previamente marcado pelo respectivo Comando, que nomeará também a comissão julgadora.

V — O lugar de primeiro sargento mestre geral será preenchido pelo candidato que for melhor classificado entre os que possuírem uma profissão mecânica e tiverem, além disso, conhecimentos gerais das outras profissões.

VI — A constituição da O. R. R. M. B. da 10.^a R. M. em pessoal é a seguinte:

Pessoal:

Um primeiro sargento artífice mestre geral.

Um Primeiro-sargento torneiro mecânico.

Um Segundo-sargento limador ajustador.

Um Primeiro-sargento para serviço de escrituração.

Um Segundo-sargento limador ajustador.

Um Segundo-sargento (armas portáteis e automáticas).

Um Segundo-sargento carpinteiro coronheiro.

Um Terceiro-sargento ferreiro.

Um Terceiro-sargento eletricista.

Um Terceiro-sargento serralheiro.

LIVROS A VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
O Surto no Japão — Maj. Nicanor G. de Souza	3,00
O Tiro de Artilharia de Costa — Cap. Ary Silveira	5,00
O Tiro da Seção do Morteiro Brandt 81 — Maj. J. A. Pavel	16,00
O Tiro de Grupo I. Rapida, Separata n.º 55 — Cap. B. B. Fortes (*)	6,00
O Serviço de Campanha na Arma de Cavalaria — Capi- tão A. Pereira Lira	15,00
Pequeno Manual do S. C. da Cavalaria — Major José H. Garcia (*)	12,00
Pedagogia de Educação Fysica — José Benedito de Aqui- no	16,00
Reto. de Educação Fisica - 1.ª Parte (*)	25,00
Reto. para Instrução dos Quadros e da Tropa (*)	3,00
Serviço de Informação e de Transmissões em Campanha G. Cortes	11,00
Sinalização a braços e ótica — Cel. Lima Figueiredo ..	3,00
Três anos de Ortografia S. Brasileira — Gen. Bertoldo Klinger	16,00
Tres anos de Ortografia S. Brasileira (para assinantes da Revista "Defesa Nacional")	12,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".

Um Terceiro-sargente correeiro.
Um Cabo serralheiro.
Um Cabo pintor.
Dez Soldados auxiliares.
(Aviso n. 613 de 6 — D.O. de 8-3-944).

OS MILITARES DO EXÉRCITO E DA ARMADA — (contrair matrimônio).

Art. 1.º O art. 111 do Decreto 3.864, de 24 de novembro de 1943, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 111. Só podem contrair matrimônio os militares do Exército e da Armada em serviço ativo que preencham os seguintes requisitos:

- a) Oficiais — ter no mínimo 25 anos de idade, completos ou pôsto de 1.º Tenente;
- b) Sub-Oficiais, Sub-Tenentes ou Sargentos — ter no mínimo 25 anos de idade completos e mais de 9 de serviço;
- c) Outras Praças da Armada — ter a graduação mínima de cabo, com três anos completos de pôsto e mais de 10 anos de serviço, excetuando-se os taifeiros, cuja única exigência é o limite mínimo de 25 anos de idade.

Parágrafo 1.º Os militares da Aeronáutica — que não preencham os requisitos previstos nas alíneas a e b somente poderão contrair matrimônio com autorização do Presidente da República.

Parágrafo 2.º Os militares são considerados, para os efeitos deste artigo, como sargentos.

(Decreto-Lei n. 6.289 de 23-2 — D.O. de 25-2-944).

PAGAMENTO DE ETAPA — (solução de consulta).

— Consulta o Chefe do E. F. da 2.ª R. M. se os sargentos do 2.º R. C. D. nas funções de monitores do curso regional de graduados especialistas, fazem jus ao pagamento de etapa suplementar, visto se acharem adidos ao III/4.º R.I.

Em solução, declaro que, não deve ser concedida a etapa suplementar aos sargentos de que trata a presente consulta.

(Aviso n. 539 de 26 — D.O. de 29-2-944).

PAGAMENTO DE VENCIMENTO — (solução de consulta).

— No radiograma n.º 278-I, de 26 de outubro de 1943, o comando da 6.ª R. M. consulta quais os vencimentos que devem ser sacados para o Comandante do 19.º Batalhão de Caçadores, se os de coronel ou os de tenente-coronel.

Em solução declaro:

O art. 82 do C. V. V. M. E. estabelece que nos casos de substituição prevalecerão, para efeito de pagamento de vencimentos, os postos previstos nas leis ou regulamentos e, na falta destes, nos quadros de efetivos.

O comando do 19.º B. C. está atribuído ao pôsto de coronel.

Em consequência deve prevalecer o estabelecido pelo referido art. 82, cabendo os vencimentos de coronel ao comandante do referido B. C.

PEDIDOS DE REENGAJAMENTO — (autorização).

— Autorizo os comandantes de Região Militar a solucionar os

Cousas Práticas

ADQUIRIR livros
pelo serviço de reem-
bolso postal da secção
de publicidade de
"A Defesa Nacional".

CAIXA POSTAL N.º 32
MINISTÉRIO DA GUERRA
RIO DE JANEIRO

Serviço rápido e seguro

pedidos de reengajamento nas condições previstas no parágrafo único do art. 143 da Lei do Serviço Militar e uma vez que a situação de permanência no Exército, dos peticionários, esteja perfeitamente amparada em dispositivos legais (art. 219 do C. V. V. dos Militares do Exército).

Essa autorização é extensiva aos diretores e chefes de serviço que tenham, normalmente, atribuições para conceder engajamento e reengajamento.

(Aviso n. 630 de 11 — D.O. de 14-3-944).

PROMOÇÕES NO EXÉRCITO — (interstícios).

— Para as promoções no Exército, por qualquer princípio, durante o corrente ano, os interstícios constantes do art. 13, do Decreto-lei número 5.625, de 28 de junho de 1943, de Tenentes-Coroneis da Infantaria e de Majores do Corpo de Intendentes (extinto) fica reduzido a 18 meses, e o de 2os. Tenentes de tôdas as armas, a 12 meses.

(Decreto-Lei n. 6.287 de 19-2-944 — D.O. de 24-2-944).

PROMOÇÃO AO POSTO DE CORONEL — (interstício).

— É promovido ao posto de Coronel, respeitadas as disposições dos arts. 9.º e 10, alínea b, do Decreto-lei n.º 5.625, de 28 de junho de 1943, o Tenente-Coronel número 1 (um) do respectivo quadro de Intendentes, desde que tenha mais de 35 anos de serviço e um ano de interstício no posto.

O Coronel promovido em consequência do disposto no artigo anterior é imediatamente transferido para a reserva, com as vantagens previstas em lei.

(Decreto-Lei n. 6.300 de 29-2-944 — D.O. de 2-3-944).

REGULAMENTO PARA O QUADRO DE ENFERMEIRA DA RESERVA DO EXÉRCITO — (alteração).

— Os arts. 2.º e 3.º do Regulamento para o Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército aprovado por Decreto n.º 14.257, de 13 de dezembro de 1943, passam a ter a seguinte redação:

A matrícula no Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva far-se-á mediante requerimento da candidata ao Diretor de Saúde do Exército.

§ 1.º São condições de matrícula no referido Curso:

- a) ser brasileira nata;
- b) ser solteira ou desquitada ou viúva sem filhos;
- c) ter no mínimo 20 anos e no máximo 45 anos de idade;
- d) possuir diploma de enfermeira ou certificado de curso de samaritana ou voluntária socorrista expedido por escola de reconhecida idoneidade, ou ser enfermeira de profissão, portadora de atestado fornecido pelo Estabelecimento em que serve;
- e) ter comprovada idoneidade moral;
- f) reconhecer, mediante compromisso escrito, a obrigação de prestar serviço militar, como enfermeira, em qualquer Formação ou Organização mobilizada de Saúde do Exército, para emprego dentro ou fora do país;
- g) ter aptidão física (comprovada em inspeção de saúde) para as funções de enfermeira.

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Telemetria — Cap. Joaquim J. Gomes da Silva	16,00
Telemetros de Inversão — Cap. Joaquim J. Gomes da Silva	9,00
Tática de Infantaria (*)	3,00
Travessia de Cursos D'água — Maj. José H. Garcia (*)	6,50
Transposição de Cursos D'água — Cel. Lima Figueiredo	8,00
Tiro e emprego do Armamento da Infantaria — Major Pavel (*)	30,00
Theoria das Progressões e Logaritmos	5,50
Um Ano de Observações no Extremo Oriente — Coronel Lima Figueiredo	15,00
Vade-Mecum de Matemática Elementar — Cap. Frederico N. Dias	13,00
Tática de Infantaria nos Pequenos Escalões — Ten. Coronel Alexandre José Gomes da Silva Chaves (no prélo) (*)	16,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".

§ 2.º A mulher casada poderá matricular-se, com permissão do marido, devidamente comprovada.

Art. 3.º O ingresso no Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército (art. 1.º) far-se-á por nomeação de enfermeira de 3.ª classe, por ato do Ministro da Guerra e mediante proposta do Diretor de Saúde do Exército.

A enfermeira incluída no referido Quadro fica pertencendo à Reserva do Exército, até a idade de 48 anos, inclusive.

Enquanto pertencer à Reserva do Exército e quando em serviço ativo, por efeito de convocação, fica a enfermeira sujeita a legislação militar em vigor, no que lhe for aplicável".

O presente Decreto entra em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n. 15.031 de 14-3-944 — D.O. de 16-3-944).

RESERVISTAS DE 3.ª CATEGORIA — (solução de consulta).

— Consulta o comandante da 6.ª R.M., em radiograma 84-I, de 13-5-43, se os reservistas de 3.ª categoria, voluntários ou convocados, após aprovação nos exames do primeiro período de instrução, tem direito aos vencimentos de soldado mobilizável.

Em solução declaro:

a) O C.V.V.M.E., em seu art. 224, diz:

"Todo o reservista convocado para o serviço militar terá direito aos vencimentos e vantagens de seu posto ou graduação, como se efetivo fôsse".

b) O Aviso n.º 2.331-493, de 9 de setembro de 1942 teve por fim estabelecer os vencimentos que deveriam ter os reservistas de 3.ª categoria, enquanto não tivessem completo o seu preparo militar, pois essa categoria de reservistas não recebe instrução militar para obtenção de seu certificado.

c) Ao reservista de 3.ª categoria, depois de considerado mobilizável, devem ser atribuídos os vencimentos e vantagens desta nova situação.

(Aviso n. 682 de 15 — D.O. de 17-3-944).

SERVIDORES CIVIS — (recomendação).

— Considerando que os servidores civis dêste Ministério se dirigem constantemente às mais altas autoridades do país, fazendo solicitações de toda espécie, na maior parte inexecutíveis, sem observância dos trâmites regulamentares determinados expressamente no artigo 221 do Decreto-lei n.º 1.713, de 28 de outubro de 1939;

Considerando que esse modo de proceder acarreta prejuízos à boa marcha do serviço e fere de frente as normas adotadas para execução e encaminhamento do expediente;

Considerando, finalmente, que mesmo as autoridades militares, tais como diretores e chefes de repartições não podem dirigir-se diretamente a autoridades dependentes de outros Ministérios, conforme várias resoluções em vigor, recomendo que os servidores civis dêste Ministério, toda vez que desejarem pleitear concessões legais, encaminhem seus pedidos por intermédio das autoridades a que estiverem subordinados.

(Aviso n. 584 de 3 — D.O. de 7-3-944).

TEMPO DE ARREGIMENTAÇÃO — (cômputo).

— Para o cômputo do tempo de arregimentação é necessário o militar esteja classificado ou servindo adido como se efetivasse nas unidades ou corpos de tropa definidos pelo art. 12 do Decreto-lei n.º 5.625, de 28 de junho de 1943. Devem ser cancelados, em consequência, todos os tempos contra a partir de 28 de junho de 1943 contrariando o acima disposto (Aviso n. 567 de 1 — D.O. de 3-3-944).

TERÇO DE CAMPANHA — (solução de consulta).

— Consulta o Comandante do 1.º G. M. A. C., da Guarnição Fernando de Noronha, em Offício n.º 202-Sec. Adm., de 22 outubro de 1943, se os militares que vão ao continente em gozo de dispensa do serviço, como recompensa, perdem ou não o terço de campanha durante os dias em que estiverem em gozo dessa recompensa.

Em solução declaro:

O art. 83 do C. V. V. M. E. em seus §§ 3.º e 4.º estabelece peremptoriamente como e quando deve ser abonado o terço de campanha. A dispensa concedida aos militares da Guarnição de Fernando de Noronha, tem necessariamente que ser equiparada a uma concessão de férias por motivos especiais resultantes das próprias condições do pequeno arquipélago. Mas o gozo das férias exclui totalmente a idéia de zona de operações militares e, consequentemente, deverá acarretar a suspensão do abono do terço de campanha.

(Aviso n. 663 de 13 — D.O. de 15-3-944).

TRANSPORTE DE INFANTARIA — (Prazo).

— Fica prorrogado por prazo indeterminado, o direito a transporte por conta deste Ministério, concedido às famílias dos Oficiais e Praças, uma vez que a declaração prevista no § 6.º do art. 281, do Código de Vencimento e Vantagens dos Militares do Exército tenha sido feita, no momento oportuno, nos serviços de embarque ou nas unidades administrativas. (Reprodução).

(Aviso n. 3.191 de 29-12-943 — D.O. de 18-3-944).

TROPA DESTACADA TERRITÓRIO RIO BRANCO — (conclusão).

— É concedida à tropa destacada em Boa Vista, no Território Federal do Rio Branco, as vantagens previstas nos arts. 134 e 144 do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército (Decreto-lei n.º 2.186, de 13 de maio de 1940).

(Decreto-Lei n. 6.317 de 6-3-944 — D.O. de 8-3-944).

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Redação e Administração

Edifício do Ministério da Guerra

PRAÇA DA REPUBLICA — Telef. 43-0563

Correspondência

Para a Gerência: Caixa Postal 32, Ministério da Guerra

Colaborações: Ten. Cel. Lima Figueiredo, mesmo endereço

Publicidade

Bureau Interestadoal de Imprensa

PRAÇA MAUA, 7 — 13.º andar

Telefone 43-9918 e 23-1451

Assinaturas:

Oficiais e sub-tenentes	ano	Cr\$ 30,00
	semente	Cr\$ 15,00
Sergentos	ano	Cr\$ 25,00
	semente	Cr\$ 14,00

Os assinantes avulsos e do estrangeiro mediante Cr\$ 2,40 semestrais recebem a revista registrada.

A PUBLICIDADE NA

A DEFESA NACIONAL

Comunicamos ao público, em geral, ao comércio e indústrias do país e aos nossos anunciantes do Rio de Janeiro e dos Estados, em particular, que todo o serviço de publicidade está a cargo, desta data em diante, do

BUREAU INTERESTADOAL DE IMPRENSA

com escritório à

PRAÇA MAUA, 7 — 13.º andar

Telefones: 43-9918, 23-1451 e Oficial 2-515

Caixa Postal, 365 — End. Telegr.: "Bureau"

Sucursais

São Paulo — Mario Herédia, Rua Barão de Paranapiacaba, 61 — 4.º andar — Telefone 2-5841.

Curitiba: — Percival Loyola, Rua 15 de Novembro, 573

Porto Alegre — Arthur Batista Gonçalves, Rua Shuller, 44

Recife — Aristofanes da Trindade, Travessa Madre de Deus, 113.

Pará — Edgar Proença, Edifício Bern (1.º andar), Avenida 15 de Agosto.

Colaboram neste número:

Ten.-Cel. Lima Figueiredo

Ten.-Cel. Paulo Mac Cord

Major Newton Franklin do Nascimento

1.º Ten. Luiz Gonzaga de Mello

Ten.-Cel. Armando Ferreira de Vasconcellos

Cap. Pedro Augusto Meana Barreto

1.º Ten. Eduardo Sünões

João B. Santiago Wagner

Cap. Nelson R. Carvalho

Cap. Welt Durães Ribeiro



Cr\$ 4,00